



# UMA CIDADE, UMA RUA, UMA IGREJA

A PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA VITÓRIA NA CIDADE DO SALVADOR

TEXTO DE ANTONIO RISÉRIO



CLIQUE PARA OUVIR A INTRODUÇÃO DA AUDIODESCRIÇÃO DO LIVRO

HÆC EST VICTORIA QVÆ VINCIT  
MVNDVM, FIDES NOSTRA



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 1



[CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 2](#)



ACCEPIT PUE.  
RUM ET MATREM  
EJUS NOCTE, ET SE  
CESSIT IN EGYPTUM  
S. MARI. CA. 2.





*HAEC EST VICTORIA QVAE VINCIT  
MUNDUM, FINDES NOSTRA*

*ESSA É A VITÓRIA QUE VENCE O MUNDO, NOSSA FÉ  
THIS IS THE VICTORY THAT WINS OVER THE WORLD, OUR FAITH*



# UMA CIDADE, UMA RUA, UMA IGREJA

A PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA VITÓRIA NA CIDADE DO SALVADOR

TEXTO DE ANTONIO RISÉRIO

Patrocínio:



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

Realização:



SALVADOR, BAHIA, 2021

 CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 7





# SUMÁRIO

- Apresentações / 17  
*Presentations*
- I.** Os Movimentos Iniciais / 24  
*The initial movements*
- 2.** Aldeias, Feitorias e Póvoas / 34  
*Villages, trading posts and hamlets*
- 3.** Nasce uma Cidade / 46  
*A city is born*
- 4.** Cidade-Templo / 62  
*Temple city*
- 5.** Outros Pousos Antigos / 82  
*Other old landings*
- 6.** Um Passeio pelo Campo Grande da Vitória / 94  
*A walk through the Campo Grande da Vitória*
- 7.** Cidade de Comércio e de Serviços / 110  
*City of commerce and services*
- 8.** Uma Praça Multinacional de Comércio / 124  
*The multinational trade square*
- 9.** A Rua Multinacional da Vitória / 134  
*The multinational street of Vitória*
- 10.** Alguns Influxos Estrangeiros / 146  
*Some foreign influxes*
- 11.** A Reinvenção Burguesa da Praia / 156  
*The bourgeois reinvention of the beach*
- 12.** Algumas Casas da Bahia / 168  
*Some houses of Bahia*
- 13.** Alguns Casarões da Vitória / 186  
*Some big houses of Vitória*
- 14.** Cidade de Extremos / 202  
*City of extremes*
- 15.** Igrejas Abertas ao Padê / 214  
*Churches open to Padê*
- 16.** A Vitória Contemporânea / 226  
*The Contemporary Vitória*
- 17.** No Largo, uma Igreja / 244  
*In largo, a church*



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 8



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DO SUMÁRIO



## A VITÓRIA DA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

A Paróquia Nossa Senhora da Vitória conta uma história única da cidade de Salvador. Situada entre a Vila Velha (ou Vila Velha do Pereira) e a cidade de Salvador fundada por Tomé de Sousa, a paróquia coleciona em suas casas, passeios, árvores e memórias as marcas das épocas que transformaram e formaram a cidade da Bahia. O tempo passa e deixa as suas marcas. À medida que se toma distância do que aconteceu, um olhar abrangente e articulado se forma sobre o passado. Contudo, a realidade histórica, com toda a sua dinâmica e complexidade incessantes, sempre deixa detalhes guardados, às vezes bem escondidos, como mensagens para o futuro. São sinais, vestígios e impressões que nem sempre estão à mostra, óbvias ou evidentes, mesmo para um bom observador. Para revelar os pormenores, não menos importantes, é indispensável o trabalho da pesquisa histórica e arquivística, levantamento cuidadoso e criterioso de dados e informações do passado.

A reconstrução da memória coletiva não é tarefa trivial: requer preciso e profundo diálogo entre contextos históricos, sempre muito distintos, e evidências específicas, consistentes e coerentes que corroboram fatos e acontecimentos. Os achados são reveladores e, mesmo, surpreendentes: promovem a descoberta e o reencontro com uma história que na realidade nunca chegou a passar, que continua presente em nosso cotidiano, influenciando e conferindo legitimidade aos nossos hábitos, juízos e comportamentos.

A Global Participações em Energia (GPE) logo compreendeu a importância da história da Paróquia Nossa Senhora da Vitória para a cidade de Salvador por meio do Projeto Paróquia da Vitória, livro que reúne o resultado de detalhada pesquisa histórica, bibliográfica e documental. Primeiro, porque o projeto se articula com outras iniciativas culturais da GPE que também resgataram a história e a memória locais, como: *Parques da Bahia* (2009), *História da Energia Elétrica na Bahia* (2005), *50 Anos de Arte na Bahia* (2010), *Mestres da Gravura* (2013), *Bel Borba Aqui* (2014), *Salvador: uma iconografia através dos séculos* (2015) e *A Cidade da Bahia e a Eletricidade* (2018). Segundo porque, como os demais projetos, o livro da Paróquia da Vitória é uma obra de referência para as futuras pesquisas e interpretações da formação da identidade baiana e soteropolitana.

Contar a história da Paróquia da Vitória significa compartilhar o nosso passado comum e a incrível diversidade da nossa formação como sociedade e legado civilizatório, únicos no mundo. Aos paroquianos e devotos de Nossa Senhora da Vitória, além dos agradecimentos pela colaboração, com destaque para o padre Luís Simões, celebra-se o poder da sua fé, incansável na busca pelo bem e pela paz; decisiva força humanizadora que ampara, emancipa e transforma uma realidade social que demanda permanente vigilância e dedicação e não cessa de dizer quem fomos e quem nunca deixaremos de ser.

*Jones Aranha de Sá*

*The parish of Nossa Senhora da Vitória tells a unique story of the city of Salvador. Located between Vila Velha (Vila Velha do Pereira) and the city of Salvador, founded by Tomé de Sousa, the parish depicts, in its houses, sidewalks, trees and memories, remnants of the times that transformed and shaped this city in Bahia. Time passes and leaves its mark. As one takes distance from what happened, it is possible to establish a comprehensive and articulate look on the past. However, historical reality, with all of its incessant dynamics and complexity, always conceals details, sometimes well hidden, as messages for the future. These are the signs, traces and feelings that are not always on display, obvious or evident, even for good observers. To reveal the details, which are no less important, the work of historical and archival research is indispensable, as well as a careful and judicious survey of data and information from the past. ¶ The reconstruction of collective memory is not a trivial task: it requires a precise and deep dialogue between historical contexts, which are always very different, as well as specific, consistent and coherent evidence to corroborate facts and events. The findings are revealing and even surprising: they promote the discovery and new encounters with a story that never truly ended, which is still present in our daily lives, influencing and granting legitimacy to our habits, judgments and behaviors. ¶ Global Participações em Energia (GPE) soon understood the importance of the history of the Parish of Nossa Senhora da Vitória for the city of Salvador through the Paróquia da Vitória Project, a book that gathers the results of detailed historical, bibliographical and documentary research. Firstly, because the project is articulated with other GPE cultural initiatives that also rescued local history and memory, such as: *Parques da Bahia* (2009), *História da Energia Elétrica na Bahia* (2005), *50 Anos de Arte na Bahia* (2010), *Mestres da Gravura* (2013), *Bel Borba Aqui* (2014), *Salvador: uma iconografia através dos séculos* (2015) and *A Cidade da Bahia e a Eletricidade* (2018). Secondly, because, like the other projects, the book on Paróquia da Vitória is a reference for future research and interpretations of the formation of Bahian and Salvador's identity. ¶ Telling the history of the Parish of Vitória means to share our common past and the incredible diversity of our formation as a unique societal and civilizational legacy. To the parishioners and devotees of Nossa Senhora da Vitória, in addition to thanking them for their collaboration, with special mention of Father Luís Simões, we celebrate the power of their faith, tireless in the search for good and for peace; a decisive humanizing force that supports, emancipates and transforms a social reality that requires permanent vigilance and dedication and never ceases to state who we have been and who we will never cease to be.*



## CELEBRANDO A VIDA E A FÉ

A Paróquia de Nossa Senhora da Vitória, que faz parte desta cidade, desde os seus inícios, e tanto influenciou e influencia no universo cosmopolita soteropolitano até hoje, continua sendo uma força religiosa em busca de ser, um local de mística e promoção humana, celebrando a vida e a fé.

Como pároco desde 2002, apresento em linhas gerais o desenvolvimento que aqui aconteceu, na dinâmica do desenrolar cotidiano, que é uma consequência de uma história rica de um passado em que a cidade e a igreja eram entrelaçadas, quando a fé se expressava de modo mais atuante na rotina das pessoas.

Sem pretensão de fazer uma narrativa histórica, constata-se uma demanda por este templo situado no Largo da Vitória, ou, precisamente na Praça Rodrigues Lima, que foi o primeiro governador eleito democraticamente no ano de 1892.

Do ponto de vista religioso, existiu no século XX até nossos dias uma grande demanda para as celebrações sacramentais, quando aferimos a média de 180 (cento e oitenta) celebrações de casamentos e 400 (quatrocentos) batizados por ano!

Em meio à influência católica desde seus primórdios, evocando uma tradição tanto do ponto de vista político, social, cultural bem como religioso do bairro da Vitória, por sua posição geográfica, fez com que a paróquia, a própria Igreja de Nossa Senhora da Vitória centralizasse uma referência desde o início do século XX, com um grande número de atividades pastorais, numa movimentação sacramental, se tornando referência das famílias soteropolitanas de toda a região do Recôncavo Baiano, aonde vinham para as celebrações eucarísticas, sejam nas festas litúrgicas da igreja, como nas comemorações natalícias, bodas, formaturas, bem como celebrações fúnebres, além dos batismos, primeira eucaristia, crismas e matrimônios, realizados em grandes números. Além do tradicional “Mês de Maio” celebrando o culto Mariano, que sempre foi motivo de as famílias virem à igreja às 17 horas de cada dia do referido mês, dedicado à Nossa Senhora da Vitória, enquanto o Coral da Vitória regido, durante cinquenta anos, por Otilia Fiuza animava e ajudava nos louvores a Deus, pela intercessão da Virgem Santíssima, alegrava as tardes do bairro. Estando eternizado nas lembranças dos nossos paroquianos, nascidos e criados na Vitória, Graça, Barra, Canela, Campo Grande, Politeama e redondezas, o “mês de Maria” era também um local para o encontro dos jovens que, trocando olhares, se enamoravam e começavam ali a constituição de novas famílias sob o manto sagrado da nossa padroeira.

É sempre bom recordar que até o início do Concílio Vaticano II, as litúrgias eram na língua latina, e, a partir da publicação da “Lumen Gentium” (Igreja: Luz dos Povos), em 21 de novembro de 1964 e sen-

*The Parish of Nossa Senhora da Vitória, which has been part of this city since its early days, having greatly influenced and still influencing so many aspects in the Salvador cosmopolitan universe, continues to be a religious force in the search for being, a place of mystique and emphasis on that which is human – a celebration of life and faith. ¶ As a pastor since 2002, I will now present an overview of the developments that took place here, in the dynamics of daily life, which result from a rich past history in which the city and the church were intertwined, when faith was more actively expressed in people's daily lives. ¶ Even without attempting to establish a historical narrative, there is a high demand for this temple located in Largo da Vitória, or more precisely in Rodrigues Lima square, named after the first democratically elected governor of Bahia, whose term began in 1892. ¶ From the religious perspective, there has been a great demand for ritual sacrament celebrations from the 20th century until our times. In that period, there has been an average of one hundred and eighty (180) wedding celebrations and four hundred (400) baptisms each year! ¶ With a Catholic influence since its beginnings, evoking a political, social, cultural and religious tradition within the Vitória district, due to its geographical position, the Parish and the Church of Nossa Senhora da Vitória itself became a reference at the start of the 20th century, with a large number of pastoral and sacrament-related activities, becoming a reference for Salvador families within the Recôncavo Baiano region, where they would go to for Eucharistic celebrations, whether in the Church's liturgical celebrations or during Christmas celebrations, weddings, graduation ceremonies, as well as funerals. In addition to Baptisms, many Eucharistic celebrations, Confirmations, and Marriages were held. In addition to the traditional “Month of May” celebrating the Marian devotional cult, which has always been a reason for families to come to the church at 05:00 p.m. on each day of said month, dedicated to Nossa Senhora da Vitória, while the Coral da Vitória choir, conducted for fifty years by Otilia Fiuza, animated the proceedings and helped increase the praises for God, through the intercession of the Blessed Virgin, thus making the neighborhood's afternoons happier. Forever in the memories of our parishioners, born and raised in Vitória, Graça, Barra, Canela, Campo Grande, Politeama, and nearby areas, the “month of Mary” was also an opportunity to meet young people who would exchange glances, fall in love and start new families under the sacred mantle of Our Patron Saint. ¶ It is worth noting that the liturgies were held in Latin until the start of the Second Vatican Council, with the publication of the “Lumen Gentium” (Church: Luz dos Povos), on 11/21/1964, with the council concluded on December 8, 1965. It became possible to hold mass in vernacular languages due to a major revision of the “modus operandi” of the practice*



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 10

of the Church Pastoral. It became known as a community of the faithful, where the actions of laypeople, i.e. baptized individuals engaged with the dynamics of the parish, turned this Parish into a major reference.

¶ It is worth remembering that Canon Brito was the pastor back then, and he began to interact with and encourage lay movements: at the time, the Apostolate of Prayer, the Legion of Mary and the Brotherhood of Our Lady of the Rosary were quite influential. ¶ In 1968, the then Metropolitan Archbishop Cardinal Dom Eugênio de Araújo Sales named the Reverend Priest, Monsignor Gaspar Sadoc da Natividade, an action that accelerated evangelization projects, providing space for and valuing the laity. This was a demonstration of appreciation for parish leaders and brought them to actively participate in the church. ¶ Here, the Encontro de Casais com Cristo (Couples' Encounter with Christ) program was implemented, which had an extraordinary influence during the 70s, 80s and 90s on the Archdiocese of São Salvador, as well as on several Dioceses of the State of Bahia, where groups of couples would eventually implement said movement. ¶ This brought to the fore the need for a church focused on human promotion, placing itself together with the city and the state, enabling medical and dental care and children's education with the Nossa Senhora da Vitória daycare, located on the street Florida, at the Graça neighborhood, serving 150 children on average between the ages of 3 and 6 daily from 7:30 a.m. to 5:00 p.m. This initiative had the support from the Parish School of Vitória, in an agreement with the Salvador City Hall, with emphasis on the appreciation of children, as well as on religious education. ¶ In 1981, the pastor of the time and a group of couples, including Nelson and Mary Oliveira, Heitor and Aurora Castro, Armando and Elvira Gago, Clício and Ianê Costa, Élio and Merthe Oubinha with the support of Dr. Alexandre da Cunha Guedes and Mrs. Maria Matilde Soares da Cunha Guedes, who ceded the land currently owned by them and used to be a parking lot for the city's trams, created the Fraternity Fair with many other supporters. ¶ The Fraternity Fair takes place thanks to the voluntary work of countless couples, always on the first or second weekend of November, raising funds for the maintenance of social, religious and missionary works in the parish, with an emphasis on human promotion, which is so direly needed in our country. ¶ The Pastor Monsignor Sadoc, notable for his verbal eloquence and nationally recognized speech gifts, had good relations with the world of politics and with economic, social, artistic and other religious forces, bringing many individuals to this church, which became known as an "important parish"! This was the region of the city where dominant forces were established, with the Vitória church being a religious reference. ¶ At the start of the 21st century, I was appointed pastor at the parish by the then Cardinal Archbishop Dom Geraldo Majella Agnelo, on March 25, during the feast of the Annunciation of the Lord, and I took office on April 8, 2002. ¶ The main church of Nossa Senhora da Vitória continued with propositions inherited from the former pastor and affirmed itself in the evangelizing effort of the mis-

do o concílio concluído em 8 de dezembro de 1965, passou a ser possível a realização das missas nas línguas vernáculas. Isso foi uma grande reviravolta no *modus operandi* da prática da Pastoral da Igreja, que passou a ser concebida como comunidade de fiéis, onde os movimentos de leigos e leigas, ou seja, batizados engajados na dinâmica paroquial fizeram desta paróquia um grande referencial.

Recordando que era pároco à época o cônego Brito, que começou a interagir e a incentivar os movimentos leigos, o Apostolado da Oração, a Legião de Maria e a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário tinham muita influência.

No ano de 1968, o então arcebispo metropolitano cardeal Dom Eugênio de Araújo Sales, nomeou o reverendo padre Monsenhor Gaspar Sadoc da Natividade, e este acelerou os projetos de evangelização, dando espaço e valorizando o laicato, valorizando as lideranças da paróquia e trazendo-as, para participarem ativamente da igreja.

Aqui foi implantado o encontro de casais com Cristo, que, durante os anos 70,80 e 90, tiveram influência extraordinária na Arquidiocese de São Salvador, bem como em várias dioceses do estado da Bahia, onde os grupos de casais iam implantar o referido movimento.

Disto nasceu a necessidade de uma igreja voltada para a promoção humana, que se colocava junto à cidade e ao estado, possibilitando atendimento médico-odontológico e no processo educativo das crianças, com a creche de Nossa Senhora da Vitória, situada na rua Flórida, na Graça, atendendo pela média atual 150 crianças entre 3 e 6 anos diariamente das 7h30 às 17 horas, com apoio da escola Paroquial da Vitória, em convênio com a Prefeitura Municipal de Salvador, com destaque à valorização das crianças, bem como na formação religiosa.

Em 1981, o então pároco com grupo de casais, entre eles: Nelson e Mary Oliveira, Heitor e Aurora Castro, Armando e Elvira Gago, Clício e Ianê Costa, Élio e Merthe Oubinha com apoio de doutor Alexandre da Cunha Guedes e de dona Maria Matilde Soares da Cunha Guedes, que cederam o terreno atualmente de sua propriedade e que no passado servia como estacionamento dos bondes desta cidade. Foram os criadores da Feira da Fraternidade com outros tantos apoiadores.

Com o trabalho voluntário de inúmeros casais, sempre no primeiro ou segundo final de semana do mês de novembro acontece a Feira da Fraternidade, que vem gerando recursos para a manutenção das obras sociais, religiosas e missionárias da paróquia com ênfase para a promoção humana, tão necessária no nosso país.

O pároco Monsenhor Sadoc, de grande eloquência verbal, oratória reconhecido nacionalmente, atraiu por suas boas relações com o mundo da política, das forças econômicas, sociais, artística e religiosa de outras matizes, trouxe muitos para essa igreja, que se afirmou como "paróquia importante", pois no universo da cidade, por uma origem, nesta região aqui se estabeleceram as forças dominantes da cidade que tem na igreja da Vitória referência religiosa.

No início do século XXI, fui nomeado pároco pelo então arcebispo cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, no dia 25 de março, festa da Anunciação do Senhor, tomando posse em 8 de abril do ano de 2002.

*EM MEIO A INFLUÊNCIA CATÓLICA DESDE SEUS PRIMÓRDIOS, EVOCANDO UMA TRADIÇÃO, TANTO DO PONTO DE VISTA POLÍTICO, SOCIAL, CULTURAL BEM COMO RELIGIOSO DO BAIRRO DA VITÓRIA, POR SUA POSIÇÃO GEOGRÁFICA, FEZ COM QUE A PARÓQUIA E A PRÓPRIA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA VITÓRIA, CENTRALIZASSE UMA REFERÊNCIA DESDE O INÍCIO DO SÉCULO XX, COM, UM GRANDE NÚMERO DE ATIVIDADES PASTORAIS, NUMA MOVIMENTAÇÃO SACRAMENTAL, SE TORNANDO REFERÊNCIA DAS FAMÍLIAS SOTEROPOLITANAS DE TODA REGIÃO DO RECÔNCAVO BAIANO*



[CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 11](#)

A igreja matriz de Nossa Senhora da Vitória continuou com as proposições herdadas do antigo pároco, e, foi-se afirmando no empenho evangelizador da pastoral missionária, catequética, litúrgica bíblica, humanitária e social. Aconteciam duas missas diárias, às 7 horas, que se reza por várias intenções, registrando a presença de Solange Simões Viana, que muito colabora com todas as atividades paroquiais, e a missa das 8 horas, que era para intenções particulares. Depois da pandemia, só está sendo celebrada a missa das 8 horas com intenções coletivas.

É importante acentuar que nesta paróquia funciona o Conselho Paroquial Pastoral ajudando o pároco na gestão da evangelização e do dia a dia paroquial e nos diversos eventos, bem como funciona o Conselho Econômico Paroquial, auxiliando o pároco nas questões econômicas e financeiras para a manutenção das diversas despesas mantidas pela paróquia. Este conselho é reforçado pela Pastoral do Dízimo, que é organizada e dirigida pela incansável e dedicada Emília Maria Salles Navarro de Brito.

As Feiras da Fraternidade, hoje na 40ª edição, com coordenação e criatividade do casal Júnior Passos e Liliana Dumet assumiu um cunho mais profissional, aperfeiçoando-se ano após ano e moldando-se a novos formatos e desafios. O trabalho voluntário e dedicado de mais de mil fiéis mobiliza a cidade, trazendo pessoas de todos os lugares com atrações artísticas de várias ordens, culinária internacional e artesanato regional, tudo direcionado aos grandes pleitos de demandas para melhor atender o povo carente da cidade, parcela da população sempre marcada por crises econômicas, que muito dificulta a vida destes baianos.

*nary, catechetical, biblical liturgical, humanitarian and social pastoral world. Two daily masses were held at 7:00 a.m., with prayer for various intentions, and with Solange Simões Viana in attendance, who greatly collaborates with all parish activities. And the 8:00 a.m. mass was held for private purposes. Since the pandemic hit, however, the 8:00 a.m. mass is the only one being held with collective intentions. ¶ It is important to emphasize that the Parish Pastoral Council operates in this parish, helping the pastor manage evangelization and the daily life of the parish, as well as various events. The Parish Economic Council is also in effect, assisting the pastor in economic and financial matters for the maintenance of the various expenses incurred by the parish. This council also includes the Tithe Pastoral Office, which is organized and directed by the tireless and dedicated Emília Maria Salles Navarro de Brito. ¶ The Fraternity Fairs, now in their 40th Edition, coordinated and creatively maintained by the couple Júnior Passos and Liliana Dumet, became more professional, improving year after year and shaping itself to new formats and challenges. The voluntary and dedicated work of more than a thousand faithful, mobilizing the city, bringing people from many places with plenty of artistic attractions, international cuisine and regional crafts, all directed to the demands of better serving the needy people of the city. There is a portion of the population that always suffers during economic crises, which makes life difficult for these Bahia citizens.*

*COM A FORÇA E PROTEÇÃO DE NOSSA SENHORA DA VITÓRIA, TODAS AS ATIVIDADES SOCIAIS FORAM MANTIDAS, DE FORMA REDUZIDA, ESTANDO FOCADAS PARA DIMINUIÇÃO DA FOME E DAS NECESSIDADES DE TODOS ABATIDOS PELO LUTO, DESEMPREGO E POBREZA E TANTOS SOFRIMENTOS.*

*We faced the major challenge of a struggle of more than 10 years to make the Wildberger development come true, which was fully supported by the parish and the archbishop. In compensation, the church was restored, including an annex for the parhisional school, a multiuse hall for various catechetical and celebratory events, a parish house, as well as the re-adaptation of Largo da Vitória, and the creation of the Mirante da Vitória, which provides a unique view of the stunning Bahia de todos-os-Santos. This project was executed by the companies João Fortes Engenharia and MRM. I would like to mention the fond memory I have of its owner, Felix de Almeida Mendonça, and the dedication, commitment and genius of the architect Fernando Andreas Frank when preparing this construction. ¶ We have always faced challenges so that the parish, centered in this beloved church of Nossa Senhora da Vitória, can continue to be active with an emphasis on the personal and religious education of its parishioners. ¶ Inspired by Ivete Passos, since 2009, the thirteen-day ceremony of St. Anthony is festively celebrated, always at 5:00 pm, with great support from the parishioners. ¶ Despite the great downturn caused by the Covid-19 Pandemic at the start of 2020 (which has dragged out until the present day and substantially reduced the attendance of parishioners), with the strength and protection of Our Lady of Victory, all social activities were maintained, in a reduced capacity, focusing on reducing famine and serving the needs of all who are afflicted by mourning, unemployment and poverty and so many forms of suffering. ¶ With creativity and apostolic zeal, the parish held various "livestreams" in the form of nine and thirteen-day prayers, forming large chains of prayer to replace face-to-face meetings. Emphasis was given to the devotion to Santa Terezinha do Menino Jesus. This was encouraged by Flávia Abubakir and the Itips solidarity group. They helped out with numerous requests to promote social welfare. ¶ Through social media, we never stopped celebrating, praying, encouraging, supporting, animating, in other words, taking part in the life of parishioners, thus affirming the leading role of the Vitória church in the context of the city of Salvador.*

Tivemos grande desafio de uma luta de mais de 10 anos para conseguir a realização do empreendimento Wildberger, que foi apoiado integralmente pela paróquia e pelo arcebispado. Em compensação ocorreu a restauração da igreja, inclusão de um anexo para a escola paroquial, salão multiuso para realização de vários eventos catequéticos e celebrativos, casa paroquial, bem como a readequação do Largo da Vitória, e criação do Mirante da Vitória que possibilita a contemplação única da deslumbrante Baía de todos-os-Santos. Este empreendimento foi executado pelas empresas João Fortes Engenharia e MRM, que registro a memória saudososa de seu proprietário Dr. Felix de Almeida Mendonça, e a dedicação, empenho e genialidade do arquiteto Dr. Fernando Andreas Frank, para elaboração desta construção.

Sempre são enfrentados os desafio para que a paróquia, centralizada nesta querida igreja de Nossa Senhora da Vitória, continue sendo atuante com ênfase na formação pessoal e religiosa de seus paroquianos.

Pela inspiração de Ivete Passos, desde 2009 celebra-se festivamente a trezena de Santo Antônio, sempre às 17 horas, com grande adesão dos paroquianos.

Apesar do grande abatimento causado pela pandemia de covid-19 no início de 2020, que se arrasta até os dias atuais, reduziu substancialmente a frequência dos paroquianos, mas que, com a força e proteção de Nossa Senhora da Vitória, todas as atividades sociais foram mantidas, de forma reduzida, estando focadas para diminuição da fome e das necessidades de todos os abatidos pelo luto, desemprego e pobreza e tantos sofrimentos.

Com criatividade e zelo apostólico, a paróquia realizou diversas lives em forma de novenas e trezenas, formando grandes correntes de orações para substituir os encontros presenciais. Enfatiza-se a devoção a Santa Terezinha do Menino Jesus, estimulada por Flávia Abubakir e o grupo do Itips solidário, ajudando em inúmeras solicitações para promover o bem-estar social.

Por meio das redes sociais, nunca se deixou de celebrar, rezar, incentivar, apoiar, animar, ou seja, encorajar e participar da vida dos paroquianos afirmando assim o protagonismo da Igreja da Vitória na realidade da cidade de Salvador.

Salvador, Festa de Nossa Senhora do Rosário de 2021  
**Pe. Luís Moreira Simões de Oliveira (pároco)**





**1** OS MOVIMENTOS  
INICIAIS



*THE INITIAL MOVEMENTS*



**QUANDO A ARMADA CABRALINA INGRESSOU** na moldura tropical da atual região de Porto Seguro, no sul da Bahia, divisando a projeção do então chamado Monte Pascoal e estabelecendo as primeiras conexões com os índios tupiniquins que dominavam o lugar, deu-se o grande encontro antropológico do século XVI, abrindo a perspectiva de uma nova era para o mundo lusitano. Naquele momento, o que hoje é o Brasil fora tocado – e logo começaria a ser descoberto e revelado para Portugal, Europa, África e os reinos então existentes nas extensões asiáticas. Mas Portugal, hipnotizado pelas riquezas do Oriente, demorou a voltar seus olhos para as novas realidades dos trópicos brasílicos. Na verdade, Porto Seguro nem sequer era o objetivo a ser alcançado pelas naus do capitão Cabral. Foi somente uma breve escala na viagem com destino a Calicute, na Índia.

De início, a Coroa lusitana se limitou a enviar para cá expedições armadas. Seu propósito era patrulhar os litorais brasílicos, as costas da recém-batizada Ilha de Vera Cruz. Como a expedição de Gonçalo Coelho, que, trazendo consigo Américo Vespúcio, aterrou no atual Rio Grande do Norte e veio margeando o longo litoral. No caminho, os acidentes geográficos mais significativos foram batizados conforme o calendário cristão. Foi assim que Vespúcio batizou o Rio de São Francisco, no dia 4 de outubro de 1501. E, no primeiro de novembro, a Baía de Todos-os-Santos. Nomes que logo se gravaram na cartografia da época, a exemplos dos mapas elaborados por Cantino e pelo clérigo Waldseemüller. Houve até um deslize toponímico divertido com relação à nossa Baía de Todos-os-Santos. É que Vespúcio escreveu, em suas cartas italianas, *A baia di tutti santi*, e a cartografia norte-europeia, escrita em latim, vacilou, registrando uma *Abbatia Omnium Sanctorum*, vale dizer, “Abadia de Todos os Santos”. Afora isso, essa expedição comandada por Duarte Coelho achantou aqui uma marca de pedra numa ponta rochosa, que, por isso mesmo, passou a se chamar Ponta do Padrão, que é onde hoje fica o nosso Farol da Barra.

*When the Cabraline navy entered the tropical frame of the current region of Porto Seguro, in the south of Bahia, seeing the projection of the then called Monte Pascoal and establishing the first connections with the Tupiniquim Indians who dominated the place, the great anthropological meeting of the sixteenth century took place, opening the prospect of a new era for the Portuguese world. At that moment, what is now Brazil was touched – and soon would begin to be discovered and revealed to Portugal, Europe, Africa and the kingdoms then existing in the Asian extensions. But Portugal, mesmerized by the riches of the East, took time to turn its eyes to the new realities of the Brazilian tropics. In fact, Porto Seguro was not even the goal to be achieved by Captain Cabral's ships. It was only a brief stopover on the voyage to Calicut, India. At first, the Lusitanian crown simply sent armed expeditions here. Its purpose was to patrol the Brazilian coastlines, the coasts of the newly christened Isle of Vera Cruz. Like the expedition of Gonçalo Coelho, who, bringing with him Américo Vespúcio, landed in the current Rio Grande do Norte and came bordering the long coastline. On the way, the most significant geographical accidents were baptized according to the Christian calendar. This is how Vespúcio baptized the São Francisco River, on October 4, 1501. And on the first of November, the Bay of All Saints. Names that were soon engraved in the cartography of the time, examples of the maps prepared by Cantino and the clergyman Waldseemüller. There was even a fun toponymic slip with respect to our Bay of All Saints. It is that Vespúcio wrote, in his Italian letters, *A baia di tutti santi* – and the North-European cartography, written in Latin, faltered, registering an *Abbatia Omnium Sanctorum*, that is to say, “Abbey of All Saints”. Aside from this, this expedition led by Duarte Coelho found here a stone mark on a rocky tip, which, for this very reason, became called Ponta do Padrão, which is where our Barra Lighthouse is today.*

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 14

Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro em 1500, pintura de Oscar Pereira da Silva (1865–1939)  
The landing of Pedro Álvares Cabral in Porto Seguro in 1500, painting by Oscar Pereira da Silva (1865–1939)



O planisfério de Cantino (1502) contém informação única sobre as viagens de exploração do final do século XV e início do século XVI  
 The planisphere of Cantino (1502) contains unique information about exploration journeys from the end of the 15th century to the beginning of the 16th century

▶ **OUÇA A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 15**

E outras armadas guarda-costas se sucederam. O problema era a presença francesa, cada vez mais íntima de diversos grupos indígenas, em sua prática do escambo com a madeira corante chamada pau-brasil. Como se sabe, o então rei da França, Francisco I, se recusou a reconhecer o Tratado de Tordesilhas. Mandou dizer ao papa que queria ver a cláusula do Testamento de Adão que excluía a França da partilha do mundo. E não cessou de enviar navios, esquadras e esquadilhas para cá. Por exemplo, na incursão de Paulmier de Gonneville, comandando o navio *L'Espoir*, em 1503. Na verdade, as expedições francesas assumiram tal frequência que, ainda na segunda metade daquele século XVI, não dava para saber se o futuro Brasil pertenceria a Portugal ou à França. As coisas só ficaram realmente decididas em favor do poder lusitano depois da fundação da cidade do Rio de Janeiro e da expulsão dos franceses, décadas mais tarde, da Ilha de São Luís do Maranhão.

*And other armed bodyguards succeeded each other. The problem was the French presence, increasingly intimate of several indigenous groups, in their practice of bartering with the dye wood called pau-brasil. As is well known, the then king of France, Francis I, refused to recognize the Treaty of Tordesillas. He sent word to the pope that he wanted to see the clause in the Adam's Testament that excluded France from sharing the world. And he never stopped sending ships and squadrons here. As, for example, in the incursion of Paulmier de Gonneville, commanding the ship *L'Espoir*, in 1503. In fact, the French expeditions assumed such frequency that, even in the second half of that sixteenth century, it was not possible to know if the future Brazil would belong to Portugal or France. Things were only really decided in favor of the Portuguese power after the foundation of the city of Rio de Janeiro and the expulsion of the French, decades later, from the island of São Luís do Maranhão.*

O Mapa de Waldseemüller foi impresso pelo cartógrafo alemão Martin Waldseemüller, originalmente publicado em abril de 1507. É o primeiro mapa do mundo a utilizar o termo "América".

*The Waldseemüller Map was printed by German cartographer Martin Waldseemüller, originally published in April 1507. It is the first map in the world to use the term "America"*

Martim Afonso de Sousa (1500-1571) foi militar português, comandante da primeira expedição colonizadora, enviada ao Brasil, pelo rei de Portugal D. João III, no ano de 1530

*Martim Afonso de Sousa (1500-1571) was a Portuguese soldier, commander of the first colonizing expedition, sent to Brazil by the king of Portugal, D. João III, in the year 1530*



▶ **OUÇA A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 16**

Mas não vamos apressar o passo. Os portugueses demoraram algum tempo, mas acabaram percebendo que o envio eventual de armadas guarda-costas não seria suficiente para assegurar o domínio lusitano sobre a Índia Brasileira, para lembrar a expressão que seria cunhada pelo missionário jesuíta José de Anchieta. A mudança de orientação viria somente em inícios da década de 1530, com a expedição de Martim Afonso de Sousa, cuja peripécia conhecemos bem, graças ao *Diário da Navegação* escrito por seu irmão, Pero Lopes de Sousa.

E o fato é que a expedição afonsina de 1531 foi um marco. Por seu caráter misto. Já não se tratou meramente de uma viagem de defesa militar, mas também de caráter colonizador. Além do patrulhamento naval das costas brasileiras, Martim cuidou da exploração do litoral e do interior – e da transformação de povoados em vilas, como aconteceu em São Paulo. Começa aí, portanto, o processo de *colonização oficial* daquelas terras de ultramar, com o estabelecimento de uma burocracia urbana e a distribuição de sesmarias. Na bonita fórmula de Pero Lopes, seu irmão Martim havia afastado temores e implantado, aqui, as bases de uma *vida conversável*.

Na Baía de Todos-os-Santos, ainda segundo o diário perolopino, aqueles lusos encontraram “um homem português, que havia vinte e dois anos estava nesta terra”. Era Diogo Álvares Correia, o Caramuru, natural

*But let's not rush the pace. The Portuguese took some time, but eventually realized that the eventual sending of armed bodyguards would not be enough to ensure Lusitanian dominance over India Brasileira, to remember the expression that would be coined by the Jesuit missionary José de Anchieta. The change of orientation came only in the early 1530s, with the expedition of Martim Afonso de Sousa, whose adventure we know well, thanks to the "Diário da Navegação" written by his brother Pero Lopes de Sousa. And the fact is that the Afonsina expedition of 1531 was a milestone. For its mixed character. It was no longer merely a trip of military defense, but also of a colonizing character. In addition to the naval patrol of the Brazilian coasts, Martim took care of the exploration of the coast and the interior – and the transformation of hamlets into villages, as happened in São Paulo. There begins, therefore, the process of official colonization of those overseas lands, with the establishment of an urban bureaucracy and the distribution of sesmarias. In the beautiful formula of Pero Lopes, his brother Martim had removed fears and implanted here the foundations of a convertible life. In the Bay of All Saints, still according to the perolopine diary, those Portuguese found "a Portuguese man, who had been in this land for twenty-two years". It was Diogo Álvares Correia, the Caramuru, born*



▶ **CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 17**



in Viana do Castelo, here shipwrecked when he was not well into adolescence. And Diogo – who, after about twenty years seeing only French and Spanish ships, met with some ships that sailed in the colors of Portugal – “gave broad reason for what was in it (in Bahia)”. That is, he made a kind of report about the riches and demands of the region, in addition to bringing morubixabas and other prominent Indians to the presence of Captain Martim Afonso de Sousa. ¶ There were fairs and dances, with the commanders of Martim, as well as before the commanders of Cabral, showing themselves enchanted with the beauty of the Indians, comparable, according to them, to the most beautiful girls of Rua Nova de Lisboa, then the most important public road in the capital of the Kingdom. In addition, the Portuguese had the opportunity to witness a violent naval battle between enemy Tupinambás groups – maritime fray with fifty canoes on each side, all decorated and colorful, which ended with the victory of Caramuru’s allies and subsequent commemoration of the fact with a beautiful cannibal feast. ¶ Important fact: at that time, not only the Portuguese crown had begun to look with different eyes at India Brasília. Also a powerful social group, enriched in Asian lands and seas, turned its attention to our tropics. Until then, the initiatives regarding the Land of Brazil had only a state character. This is a new moment, a new juncture, since the private sector was willing to engage in the adventure of conquering and colonizing the new territories. The royal monopoly would be broken, with the Portuguese government bringing here an experience already successfully carried out in the colonization of the islands of Madeira, the Azores, Cape Verde and São Tomé and Príncipe. Then came the decree promulgating the regime of hereditary captaincies. It was the model of Prince D. Henrique, applied to those Atlantic islands. In short: the division of colonial space into captaincies, the institution of the figure of the donatory captain, lands donated in exchange for fees for the Crown and military defense of the territory and, last but not least, the planting of sugar cane. With this, we would move from the trading post to the captaincy – and from the barter of Brazilwood to the great slave farming. ¶ Noblemen and bureaucrats were awarded land, many land. And with many rights, too. Things such as the assembly of the mills, the enslavement and eventual export of Indians, the foundation of villages, the distribution of positions and sesmarias, the exploitation of the mines that they might find were in their hands. In addition, the captaincy was transferable by inheritance, depending only on the actual confirmation. They were pretty wide-ranging powers, that’s for sure. But they also did not fail to have their limits clearly fixed. ¶ In his book “Colonial Slavery”, Jacob Gorender correctly observes that the so-called “letters of donation” show the clear purpose of delimiting the attributions of the donatory captains. For example: they would have power of life and death over certain individuals, but they did not own the full extent of the lands donated. Moreover, they took 20% of the area of their captaincy, but were forced to distribute the remaining 80%. That said, two points deserve to be highlighted. First, military concern was evident. The donatory had to build forts or fortresses at points considered crucial, build and equip vessels for water surveillance, and organize militias. Second, economic concern was also evident. Portugal wanted to transform Brazil into a productive colony, increasing agricultural work and commercial practices.

de Viana do Castelo, aqui naufragado quando nem bem entrava na adolescência. E Diogo – que, depois de cerca de vinte anos vendo somente navios franceses e espanhóis, encontrou-se com umas naves que velejavam com as cores de Portugal – “deu razão larga do que nela [na Bahia] havia”. Isto é, fez uma espécie de relatório acerca das riquezas e demandas da região, além de ter levado morubixabas e outros índios de relevo até a presença do capitão Martim Afonso de Sousa.

Aconteceram festas e bailes, com os comandados de Martim, assim como antes os comandados de Cabral, mostrando-se encantados com a beleza das índias, comparáveis, segundo eles, à das moças mais bonitas da rua Nova de Lisboa, então a via pública mais importante da capital do Reino. Além disso, os lusos tiveram oportunidade de assistir a uma violenta batalha naval entre grupos tupinambás inimigos entre si – refrega marítima com cinquenta canoas de cada lado, todas enfeitadas e coloridas, que terminou com a vitória dos aliados de Caramuru e posterior comemoração do fato com um belo banquete canibal.

Fato importante: àquela altura, não só a Coroa lusitana passara a olhar com outros olhos a Índia Brasília. Também um grupo social poderoso, enriquecido em terras e mares asiáticos, voltou a atenção para nossos trópicos. Até então, as iniciativas com relação à Terra do Brasil tinham somente caráter estatal. Este é um novo momento, uma nova conjuntura, desde que a iniciativa privada se dispôs ao engajamento na aventura de conquista e colonização dos novos territórios. O monopólio régio seria quebrado com o governo de Portugal trazendo para cá uma experiência já realizada, exitosamente, na colonização das ilhas da Madeira, dos Açores, do Cabo Verde e de São Tomé e Príncipe. Veio então o decreto promulgando o regime das capitâneas hereditárias. Era o modelo do infante Dom Henrique, aplicado naquelas ilhas atlânticas. Em síntese: a divisão do espaço colonial em capitâneas, a instituição da figura do capitão-donatário, terras doadas em troca de taxas para a Coroa e defesa militar do território e, *last but not least*, a plantação da cana-de-açúcar. Com isso, passaríamos da feitoria para a capitania – e do escambo de pau-brasil para a grande agricultura escravista.

Fidalgos e burocratas foram premiados com terras, muitas terras. E com muitos direitos, também. Estavam em suas mãos coisas como a montagem dos engenhos, a escravização e eventual exportação de índios, a fundação de vilas, a distribuição de cargos e sesmarias, a exploração das minas que porventura viessem a encontrar. Além disso, a capitania era transmissível por herança, a depender apenas da confirmação real. Eram poderes bem amplos, com certeza. Mas que, também, não deixavam de ter seus limites fixados com nitidez.

Em seu livro *O escravismo colonial*, Jacob Gorender observa corretamente que as chamadas “cartas de doação” mostram o claro propósito de delimitar as atribuições dos capitães donatários. Por exemplo: eles teriam poder de vida e morte sobre determinados indivíduos, mas não eram donos de toda a extensão das terras doadas. Mais: ficavam com 20% da área de sua capitania, mas se viam obrigados a distribuir os 80% restantes. Dito isso, dois pontos merecem ser ressaltados. Primeiro, a preocupação militar era evidente. O donatário tinha de levantar fortes ou fortins em pontos considerados cruciais, construir e aparelhar embarcações para a vigilância das águas e organizar milícias. Segundo, evidente era também a preocupação econômica. Portugal queria transformar o Brasil numa colônia produtiva, incrementando trabalhos agrícolas e práticas comerciais.

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 18



Capitanias hereditárias em Mapa do cartógrafo português Luís Teixeira (cerca de 1574)  
Hereditary Captaincies in a Map by the Portuguese cartographer Luís Teixeira (circa 1574)

PRIMEIRO, A PREOCUPAÇÃO MILITAR ERA EVIDENTE. O DONATÁRIO TINHA DE LEVANTAR FORTES OU FORTINS EM PONTOS CONSIDERADOS CRUCIAIS, CONSTRUIR E APARELHAR EMBARCAÇÕES PARA A VIGILÂNCIA DAS ÁGUAS E ORGANIZAR MILÍCIAS. SEGUNDO, EVIDENTE ERA TAMBÉM A PREOCUPAÇÃO ECONÔMICA. PORTUGAL QUERIA TRANSFORMAR O BRASIL NUMA COLÔNIA PRODUTIVA, INCREMENTANDO TRABALHOS AGRÍCOLAS E PRÁTICAS COMERCIAIS.

As terras atualmente baianas foram então divididas em três capitâneas. A da Baía de Todos-os-Santos, que é a que de momento nos importa, foi doada a Francisco Pereira Coutinho, o Rusticão, que aqui chegou em 1536, trazendo parentes, amigos e colonos. Estendia-se ela do rio de São Francisco ao nosso grande golfo, com seus recôncavos e suas ilhas. O Rusticão – e esse apelido diz tudo, o sujeito nada tinha de diplomata – era militar treinadíssimo, servira na Índia com Vasco da Gama e, segundo Thales de Azevedo, em *O povoamento da Cidade do Salvador*, foi o comandante da nau Nossa Senhora da Ajuda, que “levou da Índia a Lisboa uma coleção de animais exóticos, entre os quais um elefante e um rinoceronte, mandados pelo rei de Gambaia ao monarca português, que por sua vez os presenteou ao Papa Leão X”.

The lands currently in Bahia were then divided into three captaincies. The one from Bay of All Saints, which is what matters to us at the moment, was donated to Francisco Pereira Coutinho, Rusticão, who arrived here in 1536, bringing relatives, friends and settlers. It extended from the São Francisco River to our great gulf, with its recesses and islands. Rusticão – and this nickname says it all, the subject had nothing to do with a diplomat – was a trained military officer, he had served in India with Vasco da Gama and, according to Thales de Azevedo, in *O Povoamento da Cidade do Salvador*, he was the commander of the ship Nossa Senhora da Ajuda, which “took from India to Lisbon a collection of exotic animals, including an elephant and a rhino, sent by the king of Gambaia to the Portuguese monarch, who in turn gave them to Pope Leo X”.

Arriving here, Rusticão settled in the vicinity of the Barra cove and ordered the construction of the village that would later be called Vila Velha, located by the sea, at the base of the hill that rises towards the current Largo da Vitória, where he built a fortress – probably where today is the Fort of São Diogo. On the economic level, he set up two mills for the planting of cotton and sugarcane. ¶ Their relations with the Indians began well, so much so that the residents of Vila Velha opened gardens outside the camp. But soon the thing decoupled. The Portuguese began to practice mischief there, without the old Rusticão being able to control them. The Indians began to react, until they turned the table in 1545: they burned sugar mills, destroyed the plantations in their surroundings, killed settlers and besieged Vila Velha. A foreseeable war. What lay ahead now was not barter, nor Europeans just passing through. The processes of invasion, conquest and colonization were designed. ¶ The Tupinambás knew very well what this meant, since they themselves had been invaders of the region, slaughtering the Tupinaés who lived there – and were then expelled away from the coast, losing their lands. The Portuguese now intended to do with the Tupinambás what they had done with the Tupinaés, their Tupi “brothers”.

NA VIAGEM DE VOLTA À VILA VELHA, SEU NAVIO ENCONTROU “MUITO VENTO E TORMENTOSO”, NAUFRAGANDO ENTÃO NOS BAIXIOS DA ILHA DE ITAPARICA. ASSIM, O RUSTICÃO E SEU ENTOURAGE CAÍRAM NAS MÃOS DOS TUPINAMBÁS ITAPARICANOS, QUE OS TRUCIDARAM.

Aqui chegando, o Rusticão se estabeleceu na vizinhança da enseada da Barra e ordenou a construção da povoação que posteriormente seria chamada Vila Velha, situada à beira-mar, na base do outeiro que se vai erguendo em direção ao atual Largo da Vitória, onde construiu uma fortaleza – provavelmente, onde hoje se acha o Forte de São Diogo. No plano econômico, montou dois engenhos para a plantação de algodão e cana-de-açúcar.

Suas relações com os índios começaram bem, tanto que os moradores da Vila Velha abriram roças fora do arraial. Mas logo a coisa degradingou. Os portugueses passaram a praticar desmandos por ali, sem que o velho Rusticão conseguisse controlá-los. Os índios principiaram a reagir, até que viraram a mesa em 1545: incendiaram engenhos de açúcar, destruíram as plantações em seus arredores, mataram colonos e sitiaram a Vila Velha. Uma guerra previsível. O que havia agora pela frente não era o escambo, nem europeus apenas de passagem. Desenhavam-se os processos de invasão, conquista e colonização.

Os Tupinambás sabiam muito bem o que isso significava, já que eles mesmos tinham sido invasores da região, chacinando os Tupinaés que ali viviam – e foram então expulsos para longe do litoral, perdendo suas terras. Os lusos pretendiam fazer agora com os Tupinambás o que estes haviam feito com os Tupinaés, seus “irmãos” tupis.

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 19



Índios Tupinambás observados por Hans Staden durante sua viagem ao Brasil (1552)  
Tupinambá Indians observed by Hans Staden during his trip to Brazil (1552)

Theodoro Sampaio situou bem o problema, em sua *História da fundação de Salvador*. Os lusos iam se apoderando de tudo, das terras aos pescadores, “numa usurpação crescente, real, iniludível que acabaria por converter em ódio entranhado aquela descuidosa indiferença e quiçá boa vontade com que ele [o índio] acolhera o donatário e seus colonos”.

Com Vila Velha sitiada, sem água e sem comida, veio a dispersão. A fuga. Uma parte de seus habitantes foi parar em Ilhéus. A outra, acompanhando o Rusticão, em terras da Capitania de Porto Seguro. Conta-se que, adiante, Diogo Caramuru funcionou como peça fundamental de uma espécie qualquer de acordo ou tratado de paz, de modo que o Rusticão se animou a regressar. Embarcou em Porto Seguro com destino à Baía de Todos-os-Santos. Mas deu um tremendo azar.

Na viagem de volta à Vila Velha, seu navio encontrou “muito vento e tormentoso”, naufragando então nos baixios da Ilha de Itaparica. Assim, o Rusticão e seu *entourage* caíram nas mãos dos Tupinambás itaparicanos, que os trucidaram. Como disse o velho Luiz Vilhena, em *A Bahia no século XVIII*, foram todos – à exceção do Caramuru – sepultados “nos ventres dos gentios que então habitavam aquela ilha”. Em dia de festa canibal, de churrasco antropofágico, com o donatário devorado pelos índios ilhéus, terminou enfim a triste (e mesmo perversa) aventura da Capitania da Bahia de Todos-os-Santos.

Em consequência do fracasso da capitania baiana, pôde o rei d. João III indenizar os herdeiros e reaver aquelas terras. A Bahia foi então reincorporada à Coroa lisboeta, tornando-se Capitania Real. E, com isso, Portugal deu um passo adiante – decisivo – no processo colonizador do Brasil.

Estava-se ali numa conjuntura de alto risco. De uma parte, a integridade territorial da América portuguesa encontrava-se duplamente ameaçada. No litoral, pela ação francesa. No interior, pelo avanço espanhol. Acrescentava-se a isso a questão interna, quando se tornara evidente que, apesar do sucesso do Pernambuco de Duarte Coelho, dificilmente as capitanias avançariam com as próprias pernas. Não é que o regime de capitanias tivesse simplesmente falido. É que faltava a peça central da nova engrenagem colonizadora. Examinando aquele momento, em seu livro *A construção do Brasil*, o historiador português Jorge Couto sintetiza: “A alternativa encontrada pelos conselheiros de D. João III consistiu na criação de uma estrutura político-administrativa, judicial, fiscal e militar diretamente subordinada a Lisboa: o governo-geral”.

Em dezembro de 1548, o rei assinou os regimentos que definiam o novo quadro institucional da colônia, fixando as atribuições de seus elementos constitutivos. Um poder sistêmico seria implantado nos trópicos brasileiros, com o objetivo de comandar, coordenar e aprofundar o processo colonial. Esvaziava-se em muito, por isso mesmo, o poder dos capitães-donatários. O governo-geral viria para capitanear as atividades militares e ordenar os movimentos econômicos, controlando ainda o que dissesse respeito à área fazendária e à distribuição da justiça. Para isso, teria sua sede numa nova cidade, que seria coração e cabeça do Brasil colônia. Uma cidade que encarnasse e impusesse a nova estrutura de poder, plantando-se na antiga capitania da Bahia de Todos-os-Santos.

Theodoro Sampaio placed the problem well in his “*História da Fundação de Salvador*”. The Portuguese were taking over everything, from the lands to the fishing grounds, “in a growing, real, unavoidable usurpation that would eventually convert into an ingrained hatred that careless indifference and perhaps good will with which he [the Indian] had welcomed the donatory and his settlers”. ¶ With Vila Velha under siege, no water and no food, came the dispersion. A part of its inhabitants ended up in Ilhéus. The other, accompanying Rusticão, in lands of the Captaincy of Porto Seguro. It is said that, later, Diogo Caramuru functioned as a fundamental piece of some kind of agreement or peace treaty, so that Rusticão was encouraged to return. He boarded in Porto Seguro bound for the Bay of All Saints. But it was a tremendous misfortune. ¶ On the trip back to Vila Velha, his ship found “very windy and stormy”, then shipwrecked in the shoals of Ilha de Itaparica. Thus, Rusticão and his *entourage* fell into the hands of the Tupinambás itaparicanos, who slaughtered them. As old Luiz Vilhena said in “*A Bahia no Século XVIII*”, they were all – with the exception of Caramuru – buried “in the wombs of the Gentiles who then inhabited that island”. On a day of cannibal feast, of anthropophagic barbecue, with the donatory devoured by the islanders, the sad (and even perverse) adventure of the Captaincy of Bay of All Saints ended at last. ¶ As a result of the failure of the Bahian Captaincy, King John III was able to indemnify the heirs and recover those lands. Bahia was then reincorporated into the Lisbon Crown, becoming the Royal Captaincy. And with that, Portugal took a decisive step forward in the colonizing process of Brazil. ¶ It was there in a high-risk situation. On the one hand, the territorial integrity of Portuguese America was doubly threatened. On the coast, by French action. Inside, for the Spanish advance. Added to this was the internal question, when it had become evident that, despite the success of Duarte Coelho’s captaincy of Pernambuco, the captaincies would hardly advance with their own legs. It is not that the captaincy regime had simply failed. It’s just that the centerpiece of the new settler gear was missing. Examining that moment, in his book “*A Construção do Brasil*”, the Portuguese historian Jorge Couto summarizes: “The alternative found by King John III’s advisors consisted in the creation of a political-administrative, judicial, fiscal and military structure directly subordinated to Lisbon: the General Government”. ¶ In December 1548, the king signed the regiments that defined the new institutional framework of the colony, establishing the attributions of its constituent elements. A systemic power would be deployed in the Brazilian tropics, with the objective of commanding, coordinating and deepening the colonial process. The power of the donatory captains was emptied to a great extent. The General Government would come to lead the military activities and order the economic movements, also controlling what related to the treasury area and the distribution of justice. For this, it would have its headquarters in a new city, which would be the heart and head of Brazil Cologne. A city that embodied and imposed the new power structure, planting itself in the old captaincy of Bay of All Saints.

2

**ALDEIAS,  
FEITORIAS  
E PÓVOAS**



VÍLLAGES,  
TRADING POSTS  
AND HAMLETS



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRÇÃO DA IMAGEM 21



Xilogravura retratando Diogo Álvares Correia, o Caramuru / Woodcut depicting Diogo Álvares Correia, the Caramuru

## QUANDO O CRESCIMENTO URBANO LEVOU A CIDADE DO SALVADOR DA BAHIA DE TODOS-OS-SANTOS ao Corredor e ao Largo da Vitória, muita coisa já tinha acontecido por aqui.

A começar pelo próprio projeto da cidade. É bem interessante a história. Tudo foi planejado nos menores detalhes. Da escolha da localização do futuro empreendimento ao desenho do plano da cidade, feito em prancheta lisboeta por Miguel de Arruda, o arquiteto-mor do Reino. Caramuru foi contactado, recebendo uma carta com a indicação de que providenciasse uma reserva de mantimentos para a armada e preparasse o espírito dos índios da região para não reagir ao desembarque da frota, que seria comandada por Tomé de Sousa (existia aqui cerca de seis mil guerreiros tupinambás, espalhando-se da foz do rio Paraguaçu à zona de Tatuapara, atual Praia do Forte). E ao próprio Tomé de Sousa o rei João III passou um “Regimento”, vale dizer, uma espécie de guia geral da governança, delimitando atribuições (judiciárias, militares etc.) e determinando ações – a principal delas, claro, a construção da capital da América portuguesa.

Até então, o que tivéramos por aqui, em matéria de focos ou núcleos de povoação, foram aldeias tupinambás, a póvoa do Caramuru e a Vila Velha, do Rusticão, que agora d. João III ordenava que fosse deixada de lado, buscando-se lugar mais apropriado – “em sítio sadio e de bons ares” – para a construção da cidade-fortaleza.

Eram belas as aldeias indígenas, com suas extensas malocas, que tinham já chamado a atenção de Pero Vaz de Caminha, em terras de Porto Seguro. Uma espécie de arquitetura vegetal, expressando-se em edificações ecológicas, tanto pelos materiais usados na construção, quanto pela adequação climática e pela inserção ambiental. Eram malocas extremamente eficazes na proteção contra o sol, as chuvas, as variações de temperatura. Casas altas, “arredondadas em cima como a abóbada de uma adega e cobertas espessamente com folhas de palmeiras”, na descrição do arcabuzeiro germânico Hans Staden, em *Duas viagens ao Brasil*. E lá dentro o conforto para o descanso, o sono ou o sexo na rede de algodão, que os índios estendiam sobre um pequeno fogo, aceso e alimentado para o aquecimento de quem ali repousasse. Na boa observação do jesuíta Fernão Cardim, em seus *Tratados da terra e gente do Brasil*, o fogo era a roupa do índio.

O espaço interno da maloca era inteiramente aberto. Livre. Não havia cômodos, repartições físicas, fossem de trançados, cipós ou outro tipo qualquer de divisória. Nenhum compartimento, nenhuma privacidade. Se alguém olhasse por uma porta ou mesmo por uma fresta, via tudo. Tinha domínio visual completo do interior da maloca. Cada família ocupava o seu canto (sempre à vista de todos), ao qual os antigos cronistas chamavam “rancho” ou “lanço”. Era no seu “lanço” que ela amarrava as redes, acendia seus pequenos fogos noturnos, guardava seus enfeites, equipamentos e apetrechos. E os “lanços” eram dispostos aos pares, um em frente do outro, dos dois lados da maloca, deixando um corredor central para a circulação de todos.

Marido e mulher dormiam nus na mesma rede. Morubixabas e grandes guerreiros, que conquistavam o direito à poligamia, variavam de rede, é claro, conforme o desejo da noite. Por fim, lembre-se de que a maloca não era uma peça isolada. Ela se erguia do chão ao lado de outras malocas – e juntas formavam a aldeia. Dispunham-se no terreno de modo a delinear um espaço central de convívio, uma praça retangular onde aqueles índios realizavam seus ritos. Não raro, a aldeia se protegia com a construção de uma cerca, a caçara, na qual muitas vezes se achavam espetadas cabeças de inimigos devorados em fogueiras antropofágicas.

When urban growth led the City of Salvador of Bay of All Saints to the Corredor and Largo da Vitória, a lot had already happened here. ¶ Starting with the city's own project. It's a very interesting story. Everything was planned in the smallest detail. From the choice of the location of the future development to the drawing of the city plan, made on a Lisbon drawing board by Miguel de Arruda, the chief architect of the kingdom. Caramuru was contacted, receiving a letter indicating that he would provide a reserve of supplies for the armada and prepare the spirit of the Indians in the region not to react to the landing of the fleet, which would be commanded by Tomé de Sousa (there were about six thousand Tupinambás warriors here, spreading from the mouth of the Paraguaçu river to the Tatuapara area, currently Praia do Forte). And to Tomé de Sousa himself, King John III passed a “Regiment”, that is, a kind of general guide to governance, delimiting attributions (judicial, military, etc.) and determining actions – the main one, of course, the construction of the capital of Portuguese America. ¶ Until then, what we had here, in terms of outbreaks or settlement centers, were Tupinambás villages, hamlet of Caramuru and Vila Velha, Rusticão's, which now King John III ordered to be left aside, seeking a more appropriate place – “in a healthy place and with good ares” – for the construction of the fortress city. ¶ The indigenous villages were beautiful, with their extensive malocas, which had already caught the attention of Pero Vaz de Caminha, in Porto Seguro lands. A kind of vegetable architecture, expressed in ecological buildings, both for the materials used in the construction, as for the climatic adequacy and for the environmental insertion. They were extremely effective malocas in protecting against the sun, the rains, the temperature variations. High houses, “rounded up like the vault of a cellar and covered thickly with palm leaves”, in the description of the Germanic arquebusier Hans Staden, in “*Duas Viagens ao Brasil*”. And inside the comfort for rest, sleep or sex in the cotton hammock, which the Indians spread over a small fire, lit and fed for the warmth of those who rested there. In the good observation of the Jesuit Fernão Cardim, in his “*Tratados da Terra e Gente do Brasil*”, fire was the clothing of the Indian. ¶ The inner space of the maloca was entirely open. Free. There were no rooms, physical divisions, whether they were braided, vines or any other type of partition. No compartment, no privacy. If someone looked through a door or even a crack, they would see everything. He had complete visual mastery of the inside of the maloca. Each family occupied its corner (always in plain sight), which the ancient chroniclers called “rancho” or “haul”. It was in her “haul” that she tied the hammocks, lit her small night fires, kept her ornaments, equipment and paraphernalia. And the “hauls” were arranged in pairs, one in front of the other, on both sides of the maloca, leaving a central corridor for the circulation of all. ¶ Husband and wife slept naked in the same hammock. Morubixabas and great warriors, who conquered the right to polygamy, varied in hammock, of course, according to the desire of the night. Finally, remember that the maloca was not an isolated piece. She rose from the ground beside other malocas – and together they formed the village. They were arranged on the ground in order to outline a central space of conviviality, a rectangular square where those Indians performed their rites. Not infrequently, the village protected itself with the construction of a fence, the caçara, in which the heads of enemies devoured in anthropophagic fires were often stuck.

*OS PORTUGUESES ERAM CRIAS DE OUTRO MUNDO SOCIOANTROPOLÓGICO. CULTIVAVAM UMA VISÃO CATÓLICA DO MUNDO. TINHAM NOÇÃO FORTE DO PECADO. JAMAIS ANDARIAM NUS POR TODO CANTO, NÃO FARIAM SEXO À VISTA DE TODOS, BUSCARIAM SEMPRE A PROTEÇÃO DA PRIVACIDADE. POR ISSO MESMO, NÃO ESTAREMOS ERRADOS EM DIZER QUE SEU CONCEITO DE MORADIA ERA DE BASE CRISTÃ.*

*Of course, the Portuguese would not live at ease in malocas. A house – architecture in general – is always the expression of a culture. Anthropologists know that very well. A house is the product of a certain vision of the world, a certain morality, etc., etc. In short: it is the materialization of a mentality, of an ideology. The Indians could live in a community space without any privacy, as a result of the way they looked at the body, nudity, family, sex. ¶ To put it in psychological terms, they had much freer conduct than Europeans in the face of sexuality. They were much less repressed. They did not recognize any virtue in modesty or virginity, for example. No Tupinambá Indian girl married a virgin – although they did so even before they reached hormonal maturity. And, as a single woman, she led an entirely free sex life, even owning small single huts in the bush, where they took their partners. Monogamous conjugal life only post-epitalamium. The Portuguese were offspring of another socio-anthropological world. They cultivated a Catholic view of the world. They had a strong sense of sin. They would never walk naked everywhere, not have sex in plain sight, always seek the protection of privacy. For this very reason, we are not wrong to say that his concept of housing was Christian in nature. ¶ Instead of open collective malocas, they would have individual houses – with separatrixes between the rooms. Unfortunately, we have no detailed description of the architectural features of the village of Caramuru or Rusticão's Vila Velha. It can be assumed that they were relatively syncretic constructions (such as those of the future Salvador City, by the way), but designed according to the pattern of Portuguese vernacular architecture, that is, Lusitanian popular architecture. But let's start at the beginning. At first, in addition to certain extra-state villages, we did not even have Portuguese or even mixed settlements – but the so-called "trading post", signs of the Portuguese official presence among us. The first was built in 1504, in the vicinity of Cabo Frio. And a few others came in his wake. As a general rule, they are usually defined as a mixture of commercial warehouse and military base. They didn't come that far. In fact, a trading post was a painfully fortified warehouse. Some kind of armed warehouse. Or a shed surrounded by stakes. The Indians took the Brazilian wood there, exchanging it for various items.*

É claro que os portugueses não viveriam à vontade em malocas. Uma casa – a arquitetura, de um modo geral – é sempre a expressão de uma cultura. Os antropólogos sabem muito bem disso. Uma casa é produto de uma determinada visão do mundo, de uma certa moral etc. Em suma: é a materialização de uma mentalidade, de uma ideologia. Os índios podiam morar num espaço comunitário sem qualquer privacidade, em consequência do modo como encaravam o corpo, a nudez, a família, o sexo.

Para falar em termos psicológicos, eles tinham uma conduta bem mais livre do que a dos europeus diante da sexualidade. Eram bem menos reprimidos. Não reconheciam virtude alguma no recato ou na virgindade, por exemplo. Nenhuma indiazinha tupinambá se casava virgem – embora o fizessem até mesmo antes de atingirem a maturidade hormonal. E, enquanto solteira, levava uma vida sexual inteiramente livre, possuindo inclusive pequenas cabanas avulsas no mato, para onde levavam seus parceiros. Vida conjugal monogâmica só pós-epitalâmio. Os portugueses eram crias de outro mundo socioantropológico. Cultivavam uma visão católica do mundo. Tinham noção forte do pecado. Jamais andariam nus por todo canto, não fariam sexo à vista de todos, buscariam sempre a proteção da privacidade. Por isso mesmo, não estaremos errados em dizer que seu conceito de moradia era de base cristã.

Em vez de malocas coletivas abertas, teriam casas individuais – com separatrizes entre os cômodos. Infelizmente, não temos descrição detalhada da fisionomia arquitetônica da aldeia do Caramuru ou da Vila Velha do Rusticão. Pode-se presumir que eram construções relativamente sincréticas (como as da futura Cidade do Salvador, por sinal), mas desenhadas de acordo com o padrão da arquitetura vernácula portuguesa, isto é, da arquitetura popular lusitana. Mas vamos começar pelo começo. De início, além de certas aldeolas extra estatais, não tivemos sequer povoações lusas ou mesmo mistas – mas as chamadas “feitorias”, signos da presença oficial portuguesa entre nós. A primeira foi construída em 1504, nas imediações do Cabo Frio. E outras poucas vieram no seu rastro. Regra geral, costuma-se defini-las como uma mescla de entreposto comercial e base militar. Não chegavam a tanto. Na verdade, uma feitoria era um depósito sofrivelmente fortificado. Uma espécie de armazém armado. Ou um barracão cercado de estacas. Os índios levavam para lá o pau-brasil, trocando-o por artigos variados.

▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 22



Dança religiosa e guerreira dos Tupinambás. Gravura de Ferdinand Denis (1846) / Religious dance and warrior of the Tupinambás. Engraving by Ferdinand Denis (1846)

*The same intersection of historical ignorance and national masochism that leads Brazilians to affirm that our history began with exiles, also prays that the Indians were deceived, exchanging valuable wood for beads. First of all, Brazilwood was nothing of value to the Indians. And there were countless trees around here. One even tells of an Indian somewhat perplexed by that European obsession with the paint stick, asking a European merchant: “There, where you come from, are there no trees?”. Secondly, the exchange was not made merely by beads, jewelry. The wood was exchanged for knives and machetes, for example. ¶ That is to say, by tools that allowed the Indians, in a fraction of a second, when putting their hand on a machete, to make a spectacular historical leap, going from the stone age to the iron age. Or: from the cast of stone age utensils to the repertoire of instruments of the metallurgical world. In that exchange, therefore, there was a leap of millennia. There were beads and mirrors, too. But so what? A mirror also means considerable cultural change. We move from the mythological state of Narcissus, contemplating ourselves in a lake, to the technological state of narcissism, with the sharpness of the image in, say, a glass lake. And it is incomprehensible that there are those who see the mirror as an insignificant thing, even though they know that everyone, even in the 21st century, makes a point of having their own. But I will not speak here of the place of the mirror in civilization. Let’s keep this in mind: like the Portuguese, the Indians were exchanging things of little or no value to them (the Brazilwood) for things that were very valuable to them. ¶ A step far beyond the trading posts, towards the construction of Brazil, was the formation of syncretic villages or Euro-American villages, such as those that sprouted in the steps and the actions of characters such as João Ramalho, Mestre Cosme and Diogo Caramuru. Little is known of Ramalho’s life. As Caramuru, perhaps he was a new Christian, since, according to Theodoro Sampaio, the sign he used as a signature was a Jewish symbol. He was married to several Indians, but mainly to Bartira (a name that perhaps means “flower” – ypotira, in Tupi), also called Mbcy, but baptized as Isabel, daughter of Tupiniquim Tibiriçá, chief of the village of Piratininga, the main indigenous settlement in those lands today in São Paulo. ¶ Ramalho gained prestige and power through these unions. He had immense mestizo descent and ancestry over thousands of Indians. In his “Relatos de la Conquista del Río de la Plata y Paraguay”, Ulrico Schmidel says that he was able to gather, in a single day, five thousand indigenous warriors. With his Mamluk descendants, he distributed points of commerce along the coast. He built a village, which would continue in the village of Santo André da Borda do Campo. And he was largely responsible for the initial alliance of Portuguese and Tupiniquins in São Paulo, thus enabling regional colonization. ¶ Still in the Vincentian sphere, we must mention the presence of Mestre Cosme, who, according to Edith Porchat, in “Informações Históricas sobre São Paulo no Século de sua Fundação”, arrived here “as an exiled accused of political crime”. Still Edith: “Living in his village between Ilha do Mudo and the tip of the Tumiaru or Santo Antonio hill, he did business, however, through the port of Ponta da Praia (Ponta da Praia) [...] By that port of Ponta da Praia, the bachelor [Cosme, an illustrated man, was also treated like this] traded slaves, sold boat or exchanged land,*

O mesmo cruzamento de ignorância histórica e masoquismo nacional que leva brasileiros a afirmarem que nossa história começou com degredados, reza também que os índios eram ludibriados, trocando madeira valiosa por miçangas. É uma tolice. Em primeiro lugar, o pau-brasil nada tinha de valioso para os índios. E suas árvores eram inumeráveis por aqui. Conta-se até de um índio algo perplexo com aquela obsessão europeia pelo pau de tinta, perguntando a um comerciante europeu: “Lá, de onde vocês vêm, não existem árvores?”. Em segundo lugar, a troca não era feita meramente por miçangas, bijuterias. Trocava-se a madeira por facas e facões, por exemplo. Vale dizer, por ferramentas que permitiam que os índios, em fração de segundo, ao botar a mão num facão, desse um salto histórico espetacular, passando da idade da pedra à idade do ferro. Ou: do elenco de utensílios da idade da pedra ao repertório de instrumentos do mundo metalúrgico. Naquela troca, portanto, dava-se um salto de milênios. Havia miçangas e espelhos, também. Mas e daí? Um espelho também significa uma considerável mudança cultural. Passamos do estado mitológico de Narciso, contemplando-se num lago, ao estado tecnológico do narcisismo, com a nitidez da imagem num, digamos, lago de vidro. E é incompreensível que haja quem veja o espelho como coisa insignificante, mesmo sabendo que todos, ainda no século XXI, fazem questão de ter o seu. Mas não vou falar aqui do lugar do espelho na civilização. Fiquemos com o seguinte: como os portugueses, os índios estavam trocando coisa de pouca ou nenhuma valia para eles (o pau-brasil) por coisas que lhes eram valiosíssimas.

Um passo muito além das feitorias, no sentido da construção do Brasil, esteve na formação de póvoas sincréticas ou aldeias euro-ameríndias, como as que brotaram nos passos e das ações de personagens como João Ramalho, Mestre Cosme e Diogo Caramuru. Pouco se sabe da vida de Ramalho. Como Caramuru, talvez fosse cristão novo, já que, segundo Theodoro Sampaio, o sinal que usava como assinatura era um símbolo judaico. Foi casado com várias índias, mas principalmente com Bartira (nome que talvez signifique “flor” – ypotira, em tupi), também chamada Mbcy, mas batizada como Isabel, filha do Tupiniquim Tibiriçá, chefe da aldeia de Piratininga, principal assentamento indígena naquelas terras hoje paulistas.

Ramalho ganhou prestígio e poder através dessas uniões. Teve imensa descendência mestiça e ascendência sobre milhares de índios. Em seus *Relatos de la Conquista del Río de la Plata y Paraguay*, Ulrico Schmidel conta que era capaz de reunir, num só dia, cinco mil guerreiros indígenas. Com seus descendentes mamelucos, distribuiu pontos de comércio pelo litoral. Ergueu uma aldeia, que se prolongaria na vila de Santo André da Borda do Campo. E foi o grande responsável pela aliança inicial de portugueses e Tupiniquins em São Paulo, viabilizando assim a colonização regional.

Ainda em âmbito vicentino, devemos mencionar a presença de Mestre Cosme, que, de acordo com Edith Porchat, em *Informações históricas sobre São Paulo no século de sua fundação*, aqui chegou “como degredado acusado de crime político”. Ainda Edith: “Vivendo no seu povoado entre a Ilha do Mudo e a ponta do morro Tumiaru ou Santo Antônio, fazia comércio, entretanto, pelo porto de São Vicente (Ponta da Praia) [...]. Por aquele porto da Ponta da Praia, o bacharel [Cosme, homem ilustrado, também era tratado assim] negociava escravos, vendia barco ou permutava gêneros da terra, e fornecia guias para a navegação do sul ou penetração das florestas, quando os aventureiros europeus começaram a interessar-se pelas riquezas do Rio da Prata. Além disso, de acordo com Theodoro Sampaio, no texto “Quem era o bacharel degredado em Cananeia?”, publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, Mestre Cosme foi o fundador do Iguape. E, voltando a Edith Porchat, “teria fundado entre 1510 e 1516 o primeiro povoado brasileiro em São Vicente”.

*O MESMO CRUZAMENTO DE IGNORÂNCIA HISTÓRICA E MASOQUISMO NACIONAL QUE LEVA BRASILEIROS A AFIRMAREM QUE NOSSA HISTÓRIA COMEÇOU COM DEGREDADOS, REZA TAMBÉM QUE OS ÍNDIOS ERAM LUDIBRIADOS, TROCANDO MADEIRA VALIOSA POR MIÇANGAS. É UMA TOLICE. EM PRIMEIRO LUGAR, O PAU-BRASIL NADA TINHA DE VALIOSO PARA OS ÍNDIOS. E SUAS ÁRVORES ERAM INUMERÁVEIS POR AQUI. CONTA-SE ATÉ DE UM ÍNDIO ALGO PERPLEXO COM AQUELA OBSESSÃO EUROPEIA PELO PAU DE TINTA, PERGUNTANDO A UM COMERCIANTE EUROPEU: “LÁ, DE ONDE VOCÊS VÊM, NÃO EXISTEM ÁRVORES?”. EM SEGUNDO LUGAR, A TROCA NÃO ERA FEITA MERAMENTE POR MIÇANGAS, BIJUTERIAS. TROCAVA-SE A MADEIRA POR FACAS E FACÕES, POR EXEMPLO.*



Exploração do Pau-Brasil em período pré-colonial

Exploration of Pau-Brasil in the pre-colonial period

**CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 23**

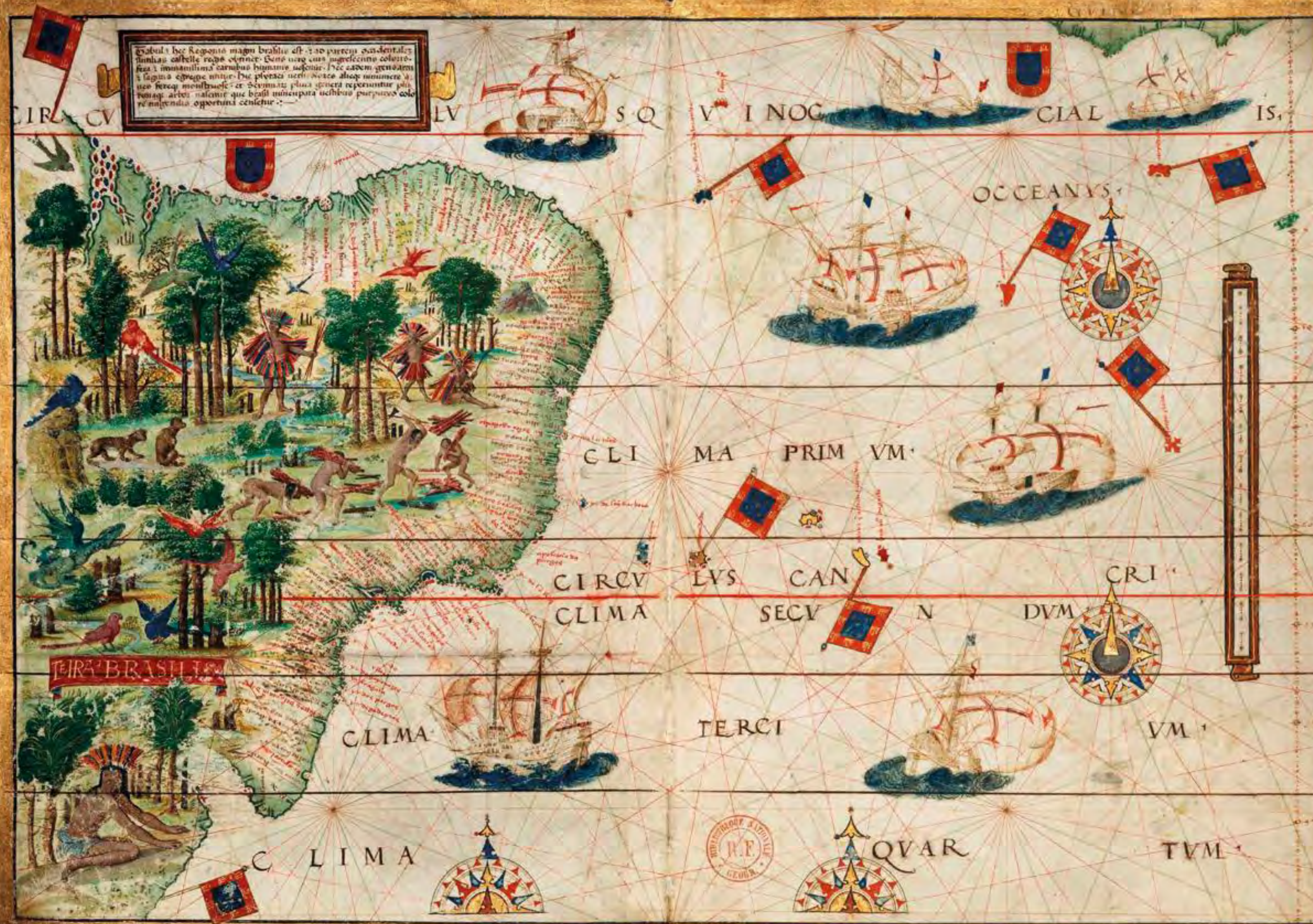
*“LÁ, DE ONDE VOCÊS VÊM, NÃO EXISTEM ÁRVORES?”. EM SEGUNDO LUGAR, A TROCA NÃO ERA FEITA MERAMENTE POR MIÇANGAS, BIJUTERIAS. TROCAVA-SE A MADEIRA POR FACAS E FACÕES, POR EXEMPLO.*

*and provided guides for southern navigation or penetration of the forests, when European adventurers began to be interested in the riches of the Rio de la Plata. In addition, according to Theodoro Sampaio, in the text “Quem Era o Bacharel Degredado em Cananeia?” (Who was the Degraded Bachelor in Cananeia?), published in the “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo”, Mestre Cosme was the founder of Iguape. And, going back to Edith Porchat, “would have founded between 1510 and 1516 the first Brazilian village in São Vicente”. ¶ In Bahia, Diogo Caramuru’s mongrel population was located.*

Na Bahia, ficava a póvoa mestiça de Diogo Caramuru. Póvoa de porte considerável, comparável a um povoado português do período, mas que logo se retrairia, em consequência do avanço do processo da colonização estatal do Brasil. Em sua *Historia General y Natural de las Índias*, Oviedo y Valdés (o autor da célebre declaração de que a pólvora está para os infieis como o incenso para o Senhor) diz que ali havia umas trezentas casas – “*caserias desparçidas pero á vista unas de otras muchas delas*” – e cerca de mil índios. Essas casas teriam sido edificadas um pouco à moda indígena, na base do cipó e do sapé, mas não eram exatamente malocas, nem, no seu conjunto, sugeririam a taba tupi. Eram casas “*desparçidas*”, espalhadas, feitas de barro, e não ocas de palha desenhando a praça da aldeia. Também não se via ali algo que lembrasse a vila natal de Diogo, Viana do Castelo, então um retângulo de seis ruas paralelas, dentro de muros de traçado.

O arraial do Caramuru era já outra coisa, apontando para futuros assentamentos brasileiros. Seus casebres avulsos, pontuando o arvoredado à beira-mar, dispersavam-se por terras onde hoje se encontram o Farol e o Porto da Barra. Ali, Diogo e Catarina Paraguaçu viviam cercado de índios e índias, de um punhado de europeus e de mestiços de ambos os sexos. No Porto da Barra, Caramuru fez sua camboa de pescar. Um pouco mais para dentro, no sopé do Outeiro Grande, sua casa e uma pequena fortificação. Neste espaço, reinava. Era um

*Hamlet of considerable size, comparable to a Portuguese settlement of the period, but which would soon retreat, as a result of the advance of the process of state colonization in Brazil. In his “Historia General y Natural de las Indias”, Oviedo y Valdés (the author of the famous declaration that gunpowder is to the infidels as incense to the Lord) says that there were about three hundred houses – “caserias desparçidas pero á vista unas de otras muchas delas” – and about a thousand Indians. These houses would have been built a little in the indigenous way, at the base of the vine and the thatch, but they were not exactly malocas, nor, as a whole, would they suggest the taba tupi. They were “bare” houses, scattered, made of clay, and not hollows of straw drawing the village square. There was also nothing there that resembled Diogo’s hometown, Viana do Castelo, then a rectangle of six parallel streets, within ovoid walls.*



caudilho, diz Oviedo y Valdés, trazendo os índios sujeitados, a lhe guardarem “tanto acatamiento, como se nasciera señor dellos”. E assim como Ramalho providenciou a aliança de portugueses e Tupiniquins, Diogo fez o encontro baiano de lusos e Tupinambás.

Repito que não há como comparar empreendimentos com os de Ramalho, Caramuru, Mestre Cosme – por sua repercussão social, cultural e genética – com meras feitorias, barracões montados em pontas de praia para administrar a extração, estocagem e embarque do pau-brasil. Ramalho, sim, era de fato um feitor, um factor, no sentido original da palavra: um fazedor. Além disso, caramurus vicentinos não deixaram de manter, eles próprios, feitorias informais. Construíam e negociavam barcos, reparavam e abasteciam embarcações, vendiam índios e gêneros alimentares, forneciam intérpretes. Diogo Caramuru também negociava. Abasteceu a nau São Pedro, da expedição de Simão de Alcazaba ao Estreito de Magalhães, quando ela ancorou na Bahia. E o fez em troca de uma chalupa e duas pipas de vinho. Mas com uma diferença que merece ressaltar: ao contrário dos caramurus de São Paulo, jamais chegou a se envolver com o comércio de gente. Nunca escravizou nem traficou índios.

*The Caramuru camp was already something else, pointing to future Brazilian settlements. Its detached huts, punctuating the trees by the sea, were dispersed by lands where today the Lighthouse and the Port of Barra are located. There, Diogo and Catarina Paraguaçu lived surrounded by Indian men and women, a handful of Europeans and mestizos of both sexes. In the Port of Barra, Caramuru made his fishing camboa. A little further in, at the foot of the Outeiro Grande, his house and a small fortification. In this space, he reigned. It was a caudillo, says Oviedo y Valdés, bringing the subject Indians, to guard him “tanto acatamiento, como se nasciera señor dellos”. And just as Ramalho provided the alliance of Portuguese and Tupiniquins, Diogo held the Bahian meeting of Portuguese and Tupinambás. I repeat that there is no way to compare projects with those of Ramalho, Caramuru, Mestre Cosme – due to their social, cultural and genetic repercussion – with mere trading posts, sheds mounted on beach tips to manage the extraction, storage and shipment of Brazilwood. Ramalho, yes, was in fact a master, a factor, in the original sense of the word: a doer. In addition, caramurus vicentinos did not fail to maintain informal trading posts themselves. They built and traded boats, repaired and supplied boats, sold Indians and foodstuffs, and provided interpreters. Diogo Caramuru also negotiated. He supplied the ship São Pedro, from the expedition of Simão de Alcazaba to the Strait of Magalhães, when she anchored in Bahia. And he did it in exchange for a sloop and two barrels of wine. But with a difference that deserves to be highlighted: unlike the caramurus of São Paulo, he never got involved with the trade of people. Never enslaved or trafficked Indians.*

[CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 24](#)

Terra Brasilis – integrante do chamado “Atlas Miller”, atribuído a Lopo Homem-Reinés, atualmente na Biblioteca Nacional de França, em Paris  
 Terra Brasilis – member of the so-called “Atlas Miller”, attributed to Lopo Homem-Reinés, currently at the National Library of France, in Paris

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 25



Caboclo, gravura francesa publicada em *Viagem pitoresca através do Brasil*, de Jean-Baptiste Debret / Caboclo, French engraving published in *A Picturesque Voyage Through Brazil*, by Jean-Baptiste Debret

*A VILA VELHA, ATACADA E SITIADA PELOS TUPINAMBÁS, ABANDONADA POR SEUS MORADORES E SAQUEADA PELOS FRANCESES, NÃO VOLTARIA A SE RECUPERAR. FOI DEIXADA DE PARTE. MAS, COMO VIMOS, A COROA LUSITANA TOMOU A CAPITANIA DE VOLTA E DECIDIU IMPLANTAR ENTÃO NO NOVO MUNDO UM PROJETO SEU DE CIDADE: A CIDADE DO SALVADOR DA BAHIA DE TODOS-OS-SANTOS, CAPITAL DA AMÉRICA PORTUGUESA, CENTRO VITAL DAS TRANSAÇÕES NO ATLÂNTICO SUL.*

Depois dessas primeiras póvoas, acontecidas no que classifico como o *período caramuru* da história do Brasil – vale dizer, tempo de aventuras e empresas feitas à revelia de qualquer programação estatal lusitana –, foi que entramos no período da colonização oficial propriamente dita, com a fundação ou a oficialização de várias vilas. Lembro sempre que d. João III, ao assumir o poder, deu outro sentido à ação lusitana no mundo. Algo tardiamente e caminhando com lentidão, é verdade. Mas tudo teria sido bem mais complicado se caramurus não tivessem preparado o terreno, ainda que involuntariamente, para o avanço colonizador oficial.

Do ponto de vista militar, as dificuldades de desembarque seriam enormes, com milhares de índios mirando navios lusos com suas flechas – enredo que teria como desfecho, muito provavelmente, espetáculos sangüinários. Complicado seria, também, sem o já fluente bilinguismo caramuru, o desempenho lusitano no campo da comunicação verbal. Assim como sem a capacidade mobilizadora dos neomorubixabas brancos, convocando indígenas para o trabalho construtivo, a execução de obras de engenharia ter-se-ia arrastado longamente no tempo. E o aprendizado ecológico da vida tropical teria de ser feito passo a passo. A sorte foi que o projeto colonial se assentou em bases preexistentes. Os caramurus se anteciparam, com suas póvoas. Não eram vilas, no sentido burocrático, político-administrativo do termo. Mas ali estava já um modo de vida que as vilas tentariam ordenar legalmente, para conhecer o êxito ou o fracasso.

A Vila Velha, atacada e sitiada pelos Tupinambás, abandonada por seus moradores e saqueada pelos franceses, não voltaria a se recuperar. Foi deixada de parte. Mas, como vimos, a Coroa lusitana tomou a capitania de volta e decidiu implantar então no Novo Mundo um projeto seu de cidade: a Cidade do Salvador da Bahia de Todos-os-Santos, capital da América portuguesa, centro vital das transações no Atlântico Sul.

*After these first hamlets, which took place in what I classify as the caramuru period in the history of Brazil – that is, time of adventures and companies made without any Lusitanian state programming – it was that we entered the period of official colonization itself, with the foundation or officialization of several villages. I always remember that when King John III took power, he gave another meaning to Portuguese action in the world. Something late and walking slowly, it's true. But everything would have been much more complicated if caramurus had not prepared the ground, albeit involuntarily, for the official colonizing advance. ¶ From a military point of view, the landing difficulties would be enormous, with thousands of Indians targeting Portuguese ships with their arrows – a plot that would most likely result in bloodthirsty spectacles. It would also be complicated, without the already fluent caramuru bilingualism, the Lusitanian performance in the field of verbal communication. Just as, without the mobilizing capacity of the white neomorubixabas, summoning indigenous people to constructive work, the execution of engineering works would have dragged on for a long time. And the ecological learning of tropical life would have to be done step by step. Fortunately, the colonial project was based on pre-existing bases. The caramurus anticipated it, with their hamlets. They were not villages, in the bureaucratic, political-administrative sense, of the term. But there was already a way of life that the villages would try to legally order, to know success or failure. ¶ Vila Velha, attacked and besieged by the Tupinambás, abandoned by its residents and plundered by the French, would never recover. It was left out. But, as we have seen, the Portuguese crown took the captaincy back and decided to deploy in the new world a project of its own: the City of Salvador of Bay of All Saints, capital of Portuguese America, vital center of transactions in the South Atlantic.*



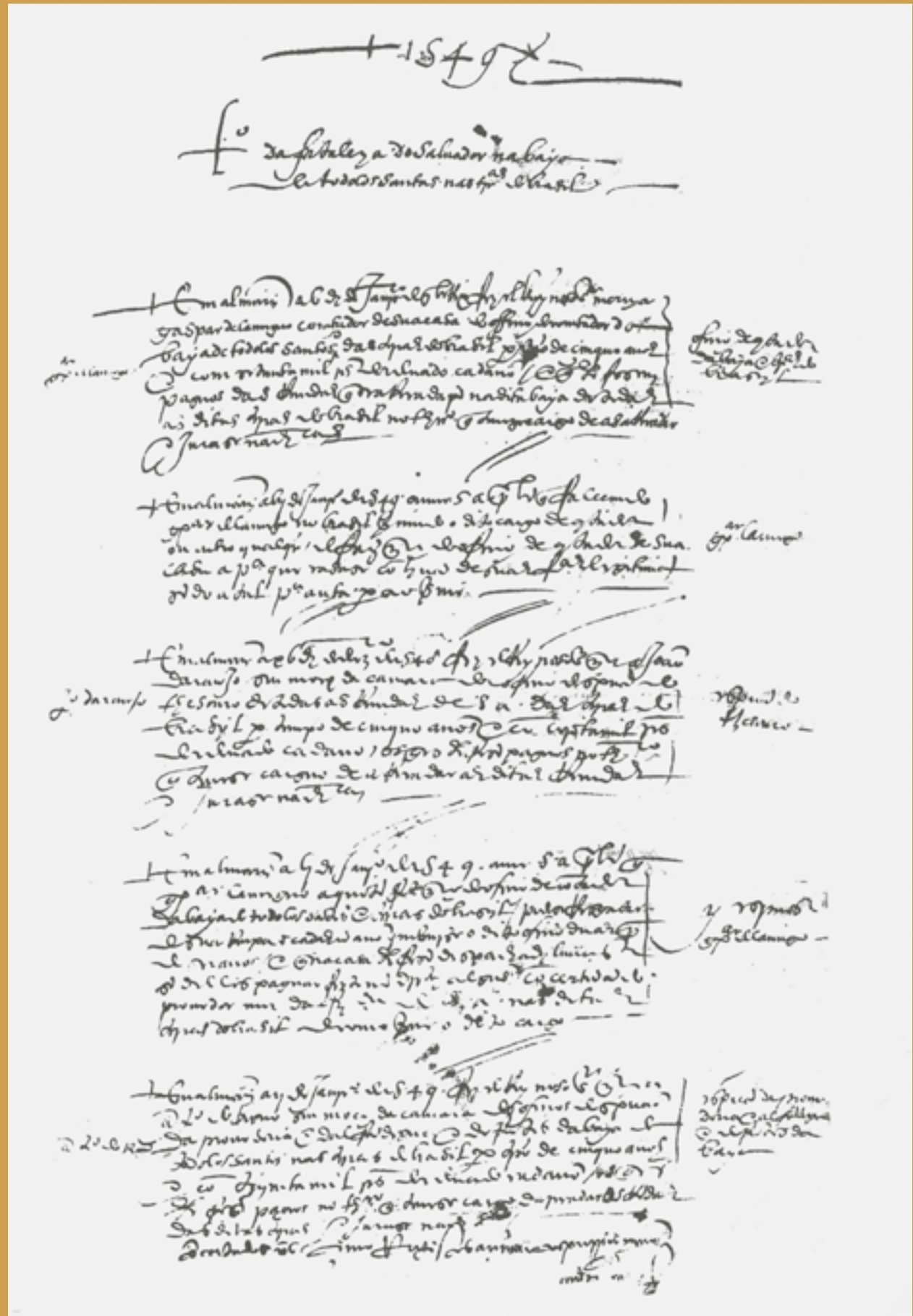


# 3 NASCE UMA CIDADE



A CITY IS BORN

 CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 26



Página do livro de registro dos atos do Governo Geral, aberto em 1º de janeiro de 1549, onde se lê “Da fortaleza do Salvador na baya de todo los Santos nas terras do brasil”

Page from the register book of the acts of the General Government, opened on January 1st, 1549, where one reads: “From the fortress of Salvador in the bay of todo los Santos in the lands of Brazil”

**QUANDO A COROA LUSITANA DECIDIU, DE FATO, COLONIZAR O BRASIL**, seu projeto não foi, em momento algum, criar uma realidade nova nos trópicos. Não: o propósito era, pura e simplesmente, reproduzir Portugal nas terras brasílicas. Um projeto inteiro de transplantação cultural, portanto. Só uma coisa a metrópole lisboeta não pensou em transplantar: o modelo ibérico de cidade.

A ideia era criar um mundo urbano totalmente distinto do que se via em terras portuguesas. Mais precisamente, e de início, era implantar uma capital colonial segundo os princípios do urbanismo renascentista. E aqui temos a grande ironia da história. O que Portugal quis transplantar não vingou. As novas circunstâncias antropológicas e ecológicas da realidade que se foi configurando nos trópicos frustraram o projeto de reproduzir Portugal aqui. Mestiçagens e sincretismos foram subvertendo e transformando tudo. Mas justamente o que Portugal não quis transplantar foi o que mais se aproximou de uma reprodução sua nos trópicos: a cidade.

Pouco antes do “achamento” (a expressão é de Pero Vaz de Caminha) do Novo Mundo, as cidades ocidentais de maior brilho foram Veneza e Florença. Ambas se realizaram como centros financeiros e comerciais, dando as cartas europeias nos negócios com o Oriente. Mas Florença foi muito mais que isso. Constituiu-se num dos mais poderosos polos de pensamento, experimentação e inovação da história da humanidade, retomando a cultura da Antiguidade clássica para mesclar o complexo greco-romano com sua própria tradição vernacular. Cidade de onde a movimentação renascentista se irradiou, revolucionando a vida europeia. Cidade que gastava seus lucros em arte. Cidade da cultura. Arquitetônica e urbanística, inclusive – em especial, a partir da redescoberta do *Tratado de Arquitetura de Vitruvius*.

Mas já no século XVI, as cidades-estados italianas foram ficando para trás. Inicia-se aí o período da supremacia ibérica. No mundo e na história das cidades. Como bem observou Joel Kotkin, em *The City: A Global History*, “o comércio mundial e o futuro das cidades caíram fora do controle de árabes, chineses e outros povos, e foram parar nas mãos dos portugueses e espanhóis”. Na Espanha, Sevilha e Madri se projetaram. E Lisboa se transformou em grande capital imperial. Ou seja: as cidades ibéricas nas Américas foram construídas e deram seus primeiros passos no tempo em que Lisboa e Madri – a Madri do Escorial e a Lisboa dos Jerônimos – resplandeciam como metrópoles mundiais. E que tipo de cidade Madri e Lisboa decidiram plantar nas Américas?

O exemplo veio da Itália antiga. Roma não foi uma cidade geométrica, ortogonal. Mas o Império Romano espalhou pelo mundo cidades em grelha ou xadrez, a partir do modelo grego hipodâmico. Era o quadriculado latino, tão distinto do dédalo islâmico. Cidades enxadrezadas. Lusos e castelhanos tinham agora uma nova visão desse *urban design*, repensado a partir do Renascimento e de Florença, que avalizou a grelha. E gerou uma série de planos geométricos da *cidade ideal*, em xadrez ou em disposição radial-concêntrica. A Espanha fez opção clara, oficial, pela grelha, determinada por Felipe II nas *Leyes Generales de los Reynos de Indias* (1573), documento tipicamente renascentista. E, na grelha, o destaque seria a *plaza mayor*, que vinha de Vitruvius (então já traduzido para o espanhol e o português), através de Alberti, o teórico “instaurador” do urbanismo, como o trata Françoise Choay, em *A regra e o modelo*: da descrição vitruviana de um *fórum*, Alberti desenvolveu a concepção de uma *piazza*. Nascia assim a ideia renascentista de praça, que faria um sucesso espetacular. A Itália se encheu dessas praças. E é nessa linha da *piazza vitruviuso-albertiana* que se situa a *plaza mayor* do planejamento urbano espanhol para o Novo Mundo.

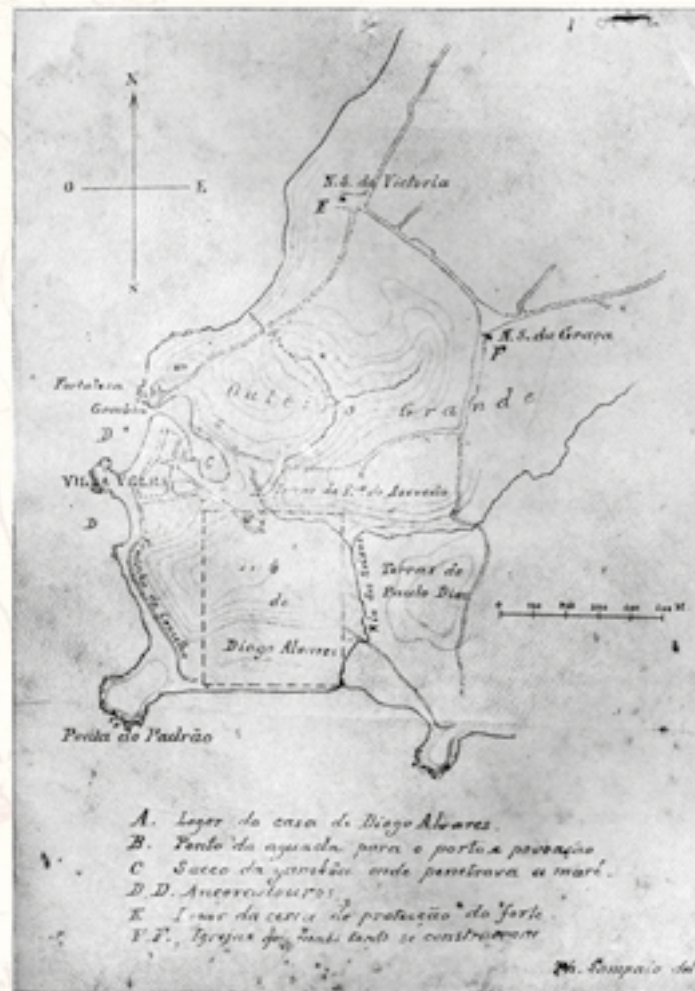
When the Portuguese crown decided, in fact, to colonize Brazil, its project was not, at any time, to create a new reality in the tropics. No: the purpose was simply to reproduce Portugal in the Brazilian lands. A whole project of cultural transplantation, therefore. Only one thing the Lisbon metropolis did not think of transplanting: the Iberian model of a city. The idea was to create an urban world totally different from what was seen in Portuguese lands. More precisely, and at first, it was to implement a colonial capital according to the principles of Renaissance urbanism. And here we have the great irony of history. What Portugal wanted to transplant did not succeed. The new anthropological and ecological circumstances of the reality that was configured in the tropics frustrated the project of reproducing Portugal here. Mixed race and syncretism were subverting and transforming everything. But precisely what Portugal did not want to transplant, was the one that came closest to its reproduction in the tropics: the city. Shortly before the “finding” (the expression is from Pero Vaz de Caminha) of the New World, the western cities of greatest brightness were Venice and Florence. Both were realized as financial and commercial centers, giving European charters in dealings with the East. But Florence was much more than that. It was one of the most powerful poles of thought, experimentation and innovation in the history of humanity, resuming the culture of classical antiquity to merge the Greco-Roman complex with its own vernacular tradition. A city from which the Renaissance movement radiated, revolutionizing European life. A city that spent its profits on art. City of culture. Architectural and urban planning, including – in particular, from the rediscovery of the “Vitruvius Treatise on Architecture”. But as early as the 16th century, Italian city-states were lagging behind. The period of Iberian supremacy begins there. In the world and in the history of cities. As Joel Kotkin rightly remarked in “The City: A Global History”, “world trade and the future of cities have fallen out of the control of Arabs, Chinese and other peoples, and ended up in the hands of the Portuguese and Spaniards.” In Spain, Seville and Madrid were projected. And Lisbon became a great imperial capital. That is: the Iberian cities in the Americas were built and took their first steps in the time when Lisbon and Madrid – the Escorial Madrid and the Jerônimos Lisbon – resplendent as world metropolises. And what kind of city did Madrid and Lisbon decide to plant in the Americas? The example came from ancient Italy. Rome was not a geometrical, orthogonal city. But the Roman Empire spread cities around the world in grids or chess, from the Greek model, hypodamic. It was the Latin checkerboard, so distinct from the Islamic daedalus. Chess cities. Luso and Castilian now had a new vision of this urban design, rethought from the Renaissance and Florence, which endorsed the grid. And it generated a series of geometric planes of the ideal city, in chess or in radial-concentric arrangement. Spain made a clear, official choice by the grid, determined by Felipe II in the “Leyes Generales de los Reynos de Indias” (1573), a typical Renaissance document. And, in the grid, the highlight would be the plaza mayor, which came from Vitruvius (then already translated into Spanish and Portuguese), through Alberti, the theorist “initiator” of urbanism, as Françoise Choay calls it, in “The Rule and the Model”: from the Vitruvian description of a forum, Alberti developed the conception of a piazza. Thus was born the Renaissance idea of a square, which would make a spectacular success. Italy has had enough of these squares. And it is in this line of the Vitruvian-Albertian “piazza” that the “plaza mayor” of Spanish urban planning for the New World is located.

Portugal didn't go the other way. And Vitruvius was the main source of inspiration for the Bahia City project. Vitruvius and the Renaissance. That is to say, at the time when Portugal and Spain decided to build urban centers in the New World, they had at their disposal two models of city: the real city and the ideal city. The real city was the one that existed in the Iberian Peninsula, with its physiognomy and medieval Islamic character. The ideal was the city thought or imagined from the writings of Vitruvius and the architects and urban planners of the Renaissance. And both the Spanish and Portuguese crowns decided on the model of the ideal city. For the Atlantic projection of the Renaissance project. ¶ See the design of the Bahian fortress city, prepared by Miguel de Arruda, chief architect of the kingdom. Salvador was born as a planned city, entirely defined on a Lisbon drawing board, in "traces and samples" whose execution, entrusted to engineer Luís Dias, should be strictly complied with. Even the name and coat of arms of the future fortress city were chosen in the overseas metropolis. For all this, Edison Carneiro, in "A Cidade do Salvador, 1549: Uma Reconstituição Histórica", made the comparison: "a 16th century Brasília". ¶ In fact, Salvador inaugurates a long and often brilliant line of planned cities in Brazil. Lineage that will pass through the reformed Mariana, as a result of its new ecclesiastical status, the Amazonian villages

Portugal não foi por outro caminho. E Vitruvío foi a principal fonte de inspiração do projeto da Cidade da Bahia. Vitruvío e os renascentistas. Vale dizer, quando Portugal e Espanha decidiram construir núcleos urbanos no Novo Mundo, tinham à sua disposição dois modelos de cidade: a cidade real e a cidade ideal. A cidade real era a que existia na Península Ibérica, de fisionomia e caráter islâmico-medieval. A ideal era a cidade pensada ou imaginada a partir dos escritos de Vitruvío e dos arquitetos e urbanistas do Renascimento. E tanto a Coroa espanhola quanto a portuguesa se decidiram pelo modelo da cidade ideal. Pela projeção atlântica do projeto renascentista.

Veja-se o projeto da cidade-fortaleza baiana, elaborado por Miguel de Arruda, arquiteto-mor do Reino. Salvador nasce como *cidade planejada*, inteiramente definida em prancheta lisboeta, em "traços e amostras" cuja execução, confiada ao engenheiro Luís Dias, deveria ser rigorosamente cumprida. Até o nome e o escudo d'armas da futura cidade-fortaleza foram escolhidos na metrópole de ultramar. Por tudo isso, Edison Carneiro, em *A Cidade do Salvador, 1549: uma reconstituição histórica* fez a comparação: "uma Brasília do século XVI".

De fato, Salvador inaugura uma longa e muitas vezes brilhante linhagem de cidades planejadas no Brasil. Linhagem que vai passar pela Mariana reformada, consequência de seu novo estatuto eclesiástico, pelas vilas



Mapas elaborados por Theodoro Sampaio, publicados em seu livro *História da Fundação da Cidade do Salvador* (1959).  
Maps created by Theodoro Sampaio, published in his book *História da Fundação da Cidade do Salvador* (1959).



Mapas elaborados por Theodoro Sampaio, publicados em seu livro *História da Fundação da Cidade do Salvador* (1959).  
Maps created by Theodoro Sampaio, published in his book *História da Fundação da Cidade do Salvador* (1959).

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRÇÃO DA IMAGEM 30



Baía de Todos-os-Santos e adjacências, 1636 / All Saints Bay and surroundings, 1636

amazônicas do período pombalino, por Aracaju, Goiânia, Belo Horizonte etc., até alcançar Brasília e se prolongar adiante. Mas, antes de examinar mais detalhadamente o assunto, já que falei que a escolha do nome também foi feita em Lisboa, cabe o esclarecimento. O nome inteiro da nossa cidade é: Cidade do Salvador da Bahia de Todos-os-Santos. E não, como ainda há quem acredite, "São Salvador" – equívoco toponímico cometido pelo papa Júlio III, na bula em que nomeou o bispo Pero Fernandes Sardinha. Equívoco que, de resto, acabou se generalizando, para ser popularizado, séculos depois, por um samba de Dorival Caymmi. Mas o "são" nunca fez parte do nome da primeira capital da América portuguesa.

Mas vamos retomar o fio da meada. Também o estudioso Luiz Walter Coelho Filho, em *A Fortaleza do Salvador na Baía de Todos os Santos*, defende a extração vitruviano-renascentista do plano da cidade: "A Fortaleza do Salvador foi construída no platô: à frente, o mar; no fundo, o pântano. Os acessos eram restritos aos limites norte e sul. O padrão de escolha foi compatível com as ideias defendidas e aceitas no século XVI. Ela era uma cidade irregular, apesar do seu traçado geométrico. Adotou o princípio da adaptação ao terreno, condição recomendada por Vitruvío e defendida por Cataneo. A geometria foi bem utilizada na obtenção da poligonal e do traçado. Nesse ponto, ela é um bom exemplo do saber renascentista: explorar ao máximo a geometria a partir da topografia", escreve.

of the Pombaline period, Aracaju, Goiânia, Belo Horizonte, etc., until reaching Brasília and extending ahead. But, before examining the matter in more detail, since I said that the choice of name was also made in Lisbon, it is worth clarifying. The whole name of our city is – City of Salvador of Bay of All Saints. And not, as there are still those who believe, "Saint Salvador" – toponymic misconception committed by Pope Julius III, in the bull in which he appointed Bishop Pero Fernandes Sardinha. A mistake that, moreover, ended up becoming widespread, to be popularized, centuries later, by a samba by Dorival Caymmi. But the "saint" was never part of the name of the first capital of Portuguese America. ¶ But let's take back the thread. Also the scholar Luiz Walter Coelho Filho, in "A Fortaleza do Salvador na Baía de Todos os Santos", defends the Vitruvian-Renaissance extraction of the city plan: "The Salvador Fortress was built on the plateau: ahead, the sea; at the bottom, the marsh. The accesses were restricted to the north and south limits. The pattern of choice was compatible with the ideas defended and accepted in the sixteenth century. It was an irregular city, despite its geometrical layout. It adopted the principle of adaptation to the terrain, a condition recommended by Vitruvius and defended by Cataneo. The geometry was well used in obtaining the polygonal and the tracing. At this point, it is a good example of Renaissance knowledge: to explore geometry as much as possible from topography", he writes.

OUÇA A AUDIODESCRÇÃO DA IMAGEM 28

OUÇA A AUDIODESCRÇÃO DA IMAGEM 29

And he insists: “Mathematics and architecture combined in open minds to the knowledge allowing the creation of the Salvador Fortress. The layout of the new city is an exercise in geometry and symmetry [...]. Geometry is expressed in the straight lines of its streets and blocks. The layout adapts to the topography, but seeks regularity, and the spatial arrangement of each part follows historical patterns where each component has its own logic. The game is complex but systemic. The Fortress was a logical whole and its parts were defined by mental unfolding”. And he insists: “The Salvador Fortress was built combining symmetry and topography. The terrain relief determined the proportion of several blocks, but the mathematical reasoning used in the project is visible. The urban layout is related to patterns that seek the symmetry developed by the Greeks and rescued in the Renaissance”. ¶ The exposition corresponds to the facts. In his book “Cidade Brasileira”, Murillo Marx wrote: “Salvador [...] was located in the traditional way on a steep rise. However, it had and keeps a reticulated center, which struggles to adapt to a rebellious relief. Within the original perimeter of the Bahian capital, the curious board can still be appreciated.” And J. B. Bury, in “The Architecture and Art of Colonial Brazil”, not only highlights the absolutely regular design of the mother spot of the Bahian capital, but also notes that Rio de Janeiro of Mem de Sá, founded in 1567 on top of Morro do Castelo, was implanted according to an orthogonal plane. ¶ The City of Bahia, the result of the geometrism of Lusitanian colonial urbanism, was in fact conceived in the larger scope of Renaissance thought, under the sign of Greco-Roman antiquity, embodied in the figure of Vitruvius. The geometric layout of the fortress city plan is clear. The symmetrical intention. The matrix spot of the city – situated on a plateau, where,

“Pranta da Cidade do Salvador”. Cópia manuscrita, incluída no códice “Livro que dá Reção”, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro (1605)

“Pranta da Cidade do Salvador”. Handwritten copy, included in the codex “Livro que dá Reção”, of the Brazilian Historical and Geographical Institute, Rio de Janeiro (1605)



▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 31

E insiste: “A matemática e a arquitetura se combinaram em mentes abertas ao saber permitindo a criação da Fortaleza do Salvador. O traçado da nova cidade é um exercício de geometria e simetria [...]. A geometria está expressa nas linhas retas das suas ruas e quarteirões. O traçado adapta-se à topografia, mas busca a regularidade, e a disposição espacial de cada parte segue padrões históricos onde cada componente tem lógica própria. O jogo é complexo, mas sistêmico. A Fortaleza era um todo lógico e suas partes foram definidas por desdobramento mental”. E torna a insistir: “A Fortaleza do Salvador foi construída combinando simetria e topografia. O relevo do terreno determinou a proporção de vários quarteirões, mas é visível o raciocínio matemático empregado no projeto. O traçado urbano está relacionado a padrões que buscam a simetria desenvolvida pelos gregos e resgatada no Renascimento”.

A exposição corresponde aos fatos. Já no seu livro *Cidade brasileira*, Murillo Marx anotava: “Salvador [...] situou-se da maneira tradicional sobre escarpada elevação. Porém, teve e guarda um centro reticulado, que luta por se adaptar a um relevo rebelde. Dentro do perímetro original da capital baiana, o tabuleiro curioso ainda pode ser apreciado”. E J. B. Bury, em “*The Architecture and Art of Colonial Brazil*”, não só ressalta o desenho absolutamente regular da mancha matriz da capital baiana, como observa que também o Rio de Janeiro de Mem de Sá, fundado em 1567 no alto do Morro do Castelo, foi implantado segundo um plano ortogonal.

A Cidade da Bahia, fruto do geometrismo do urbanismo colonial lusitano, foi de fato concebida no âmbito maior do pensamento renascentista, sob o signo da Antiguidade greco-romana, encarnada na figura de Vitruvius. É nítida a disposição geométrica da planta da cidade-fortaleza. A intenção simétrica. A mancha matriz da cidade – situada num platô, onde, ao contrário do que foi dito, o relevo não é rebelde ou caprichoso – exhibe desenho reticulado. Um tabuleiro. E a projeção da grelha é visível ainda nos movimentos iniciais da cidade

para fora do seu primeiro perímetro, para além de seus muros e portas originais, no sentido do Terreiro e do Pelourinho. Mas a cidade não se congelou aí. Prosseguiu avançando por vales e colinas. E, nesse crescimento em terreno acidentado, a grelha não se sustentou. A regularidade foi abandonada. O geométrico deu lugar ao emaranhado geomórfico.

A ordem geométrica, exigindo disciplina, precisa ser garantida por instâncias superiores. Sem determinações municipais explícitas, o mundo em construção, quando entregue a si mesmo, parece se inclinar para a descontração e a irregularidade. Antes que simetria, as pessoas buscam comodidade. E vão arrumando as coisas desarrumadamente. O projeto renascentista de Salvador ficou circunscrito ao seu primeiro espaço edificado. Não se manteve quando a cidade principiou a caminhar, despoliciada, para novas direções.

Mas vamos com mais vagar, revendo o filme desde o início. Já escrevi inúmeras vezes sobre o assunto. Foi no primeiro dia do mês de fevereiro de 1549, uma sexta-feira, que as nave comandadas por Tomé de Sousa, fidalgo luso de alguma ascendência árabe, deixaram para trás a Torre de Belém e tomaram o rumo da Bahia de Todos-os-Santos. Eram três naus – Nossa Senhora da Conceição, Salvador, Nossa Senhora da Ajuda –, duas caravelas – Leoa e Rainha – e um bergantim, o São Roque – trazendo cerca de mil homens. Nas palavras do padre Manoel da Nóbrega, superior do primeiro grupo de jesuítas que veio para o Brasil, a viagem se fez “sempre com ventos prósperos... sem que sobreviesse nenhum contratempo e antes com muitos outros favores e graças de Deus, que bem mostrava ser sua a obra que agora se principiou”.

Enfim, uma travessia transmarina tranquila, prolongando-se por apenas 56 dias. E assim, a 29 de março, também uma sexta-feira, a frota entrou em águas baianas, com Tomé de Sousa trazendo à mão o “Regimento” que o rei João III lhe entregara – uma espécie de manual da governação dos trópicos. O desembarque aconteceu na Vila Velha, onde se deu o encontro, já combinado, com o Caramuru. Os índios, atendendo ao apelo do morubixaba branco, mantiveram seus arcos em repouso. “Diogo Álvares quietou o gentio e o fez dar obediência ao governador, e oferecer-se ao servir”, informa Gabriel Soares de Sousa, escrevendo no final do século XVI.

contrary to what has been said, the relief is not rebellious or capricious – displays a reticulated design. A board. And the projection of the grid is still visible in the initial movements of the city out of its first perimeter, beyond its original walls and doors, towards Terreiro and Pelourinho. But the city didn't freeze over there. It continued advancing through valleys and hills. And, in this growth in rugged terrain, the grid did not sustain itself. Regularity has been abandoned. The geometric gave way to the geomorphic tangle. ¶ The geometric order, requiring discipline, needs to be guaranteed by higher instances. Without explicit municipal determinations, the world under construction, when given to itself, seems to lean toward relaxation and irregularity. Before symmetry, people seek convenience. And they're tidying things up messily. Salvador's Renaissance project was limited to its first built space. It did not stand when the city began to walk, unpoliced, to new directions. ¶ But let's slow it down a little bit more, reviewing the movie from the beginning. I've written countless times about it. It was on the first day of February 1549, a Friday, that the ships commanded by Tomé de Sousa, Portuguese nobleman of some Arab descent, left behind the Tower of Belém and took the course of Bay of All Saints. There were three ships – Nossa Senhora da Conceição, Salvador, Nossa Senhora da Ajuda –, two caravels – Leoa and Rainha – and a bergantim, São Roque – bringing about a thousand men. In the words of Father Manoel da Nóbrega, superior of the first group of Jesuits who came to Brazil, the trip was made “always with prosperous winds... without any setbacks surviving and before with many other favors and graces from God, which well showed that his work was now begun”. ¶ Finally, a tranquil transmarina crossing, extending for only 56 days. And so, on March 29, also on a Friday, the fleet entered Bahian waters, with Tomé de Sousa bringing to hand the “Regiment” that King John III had handed him – a kind of manual of the governance of the tropics. The landing took place in Vila Velha, where the meeting, already agreed, with Caramuru took place. The Indians, answering the appeal of the white morubixaba, kept their arches at rest. “Diogo Álvares quieted the Gentile and made him obey the governor, and offer himself to serve,” says Gabriel Soares de Sousa, writing at the end of the 16th century.

Tomé de Sousa foi um militar e político português, primeiro governador-geral do Brasil, cargo que exerceu de 1549 a 1553.

Tomé de Sousa was a Portuguese military man and politician, the first governor-general of Brazil, a position he held from 1549 to 1553



▶ OUÇA A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 32



Escolhido o sítio para a construção da cidade, uma coroa quase plana no cimo de uma colina alta e escarpada, cortada a pique sobre o mar, os trabalhos foram então iniciados. De início, uma empreitada bem sofrida. Os homens trazidos por Tomé ainda não tinham onde dormir na terra firme. “Na faina dos primeiros dias, galgava essa gente a montanha pela manhã e descia com o entardecer a pernoitar nas naus”, reconta Theodoro Sampaio em sua *História da fundação da Cidade do Salvador*. O movimento no porto improvisado fez logo brotar uma rancharia, onde se levantou a capela de Nossa Senhora da Conceição – sinal de que, informalmente, Salvador começou na Cidade Baixa, na beira da praia.

Só depois de armada uma forte cerca de pau a pique no alto da escarpa foi que o governador-geral, sentindo-se mais seguro, levou seus homens para dentro do canteiro de obras. Assinaladas as portas da cidade, definidos os alinhamentos das ruas, determinados os locais dos edifícios públicos, foi-se formando então o arraial – o vilarejo cercado com muros de taipa grossa, “com dois baluartes ao longo do mar e quatro da banda da terra”, cada um deles contando com “muito famosa artilharia”, ainda no dizer de Gabriel Soares. Em pouco tempo, a povoação começou a se configurar com suas casas de barro cobertas de palma, ao modo indígena. A Casa dos Contos, a Alfândega, os armazéns e as oficinas, a Casa da Câmara e Cadeia e o próprio Palácio do Governo, todos foram feitos de barro, madeira e palma, assim como de palha foi a cobertura da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, a primeira a ser erguida dentro dos muros da cidade.

Once the site for the construction of the city was chosen, an almost flat crown on top of a high and steep hill, cut in a pike over the sea, the work was then started. At first, a well-suffering endeavor. The men brought by Tomé still had nowhere to sleep on dry land. “In the work of the first days, these people climbed the mountain in the morning and came down with the evening to stay in the ships,” recounts Theodoro Sampaio in his *“História da Fundação da Cidade do Salvador”*. The movement in the improvised port soon gave rise to a ranchery, where the chapel of Nossa Senhora da Conceição stood up – a sign that, informally, Salvador began in the Cidade Baixa, on the edge of the beach. Only after a strong fence was set up at the top of the escarpment did the governor-general, feeling safer, take his men into the construction site. Once the city’s doors were marked, the alignment of the streets was defined, the locations of the public buildings were determined, then the camp was formed – the village surrounded by thick rampart walls, “with two bulwarks along the sea and four on the land side”, each one with “very famous artillery”, still in Gabriel Soares’ words. Before long, the village began to set up with its palm-covered clay houses, in the indigenous way. The Casa dos Contos, the Customs, the warehouses and workshops, the House of the Chamber and Jail and the Government Palace itself, all were made of clay, wood and palm, as well as of straw was the cover of the Church of Nossa Senhora da Ajuda, the first to be erected within the walls of the city.

[▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 33](#)



Não teria como ser de outra forma. Era o inevitável sincretismo arquitetônico, na edificação do pequeno núcleo urbano que sediaria o governo-geral. Projetos e materiais europeus se misturavam com técnicas e materiais ameríndios, com o uso de varas para o ripamento, cipó substituindo a pregaria, palha brasílica em desenho europeu. A mão de obra, por sinal, era majoritariamente indígena. E o processo construtivo se deu em ritmo rápido. Em quatro meses, foram construídas cerca de cem casas – “uma cidade de palha, como uma aldeia do gentio”, nas palavras de Theodoro Sampaio. E logo o padre Manoel da Nóbrega estará datando nos seguintes termos uma das suas cartas para Portugal: “deste porto e cidade do Salvador a 10 de agosto de 1549”...

É o primeiro registro que temos de que tínhamos começado a existir. É engraçado que hoje celebrem o aniversário da cidade no dia 29 de março. Mera convenção. Vinte e nove de março é apenas o dia do desembarque da armada de Tomé no atual Porto da Barra, quando ainda não se sabia sequer em que local a cidade viria a ser construída. Já com a carta de Nóbrega, ficamos sabendo que Salvador já estava de pé – e funcionando. Naquela ocasião, o superior dos jesuítas já se achava pregando na nova cidade. Às vezes entusiasmado com a obra embrionária e antevisões otimistas de frutos do trabalho catequético, de outras vezes indignado com o desregramento e a luxúria dos homens, o padre circulava já em meio às ruas e casas da nova capital.

Cercada por algumas aldeias tupinambás, tanto na direção do Carmo quanto no sentido da futura Vitória, de Vila Velha/Barra e do futuro Rio Vermelho, a cidade de Tomé de Sousa era então um arraial fortificado no alto da montanha, estirando-se entre a atual Praça Castro Alves e a Misericórdia. Fora da cidade ficava então, portanto, o atual Terreiro de Jesus, perto do qual uma aldeia ameríndia chamava a atenção dos padres da Companhia de Jesus. Núcleo urbano bem reduzido, sim, acanhado mesmo. Mas foi das experiências da aldeia eurotupinambá do Caramuru e da povoação depois chamada Vila Velha, caminhando em direção à póvoa de Tomé de Sousa, com o seu caráter de fortaleza dotada de toda uma organização político-administrativa, que se ergueu e se consolidou, a cavaleiro do Atlântico Sul, a Cidade do Salvador da Bahia de Todos-os-Santos.

A instituição do governo-geral ultimou a engenharia do avanço português nos trópicos. Num primeiro momento, tivemos a colonização individual, fragmentária, extraestatal – como costume dizer, foi o período *caramuru* da história do povo brasileiro. Adiante, com a expedição de Martim Afonso, tivemos uma tentativa de colonização tocada pelo Estado. Num terceiro momento, as fichas foram colocadas na iniciativa privada, ainda que sob as asas e a regulamentação estatal: as capitânicas hereditárias. Por fim, topamos com a intervenção estatal direta, com a criação do governo-geral. É possível então dizer, como Jorge Couto de *A construção do Brasil*, que passamos da exclusividade régia à exclusividade particular, para enfim experimentar um “modelo misto”, definido pela combinação do sistema de governo-geral e do regime das capitânicas.

Aqui chegando, voltemos à comparação com as cidades da América espanhola. Tivemos o mesmo ponto de partida, com o projeto da cidade em grelha, em esquema geométrico. Mas, desde o início, com diferenças fundamentais. Lá, a grelha se manteve. Era um construto geométrico cujo esquema de ruas e quarteirões poderia se estender, sem afetar a planta, sempre que o crescimento da cidade o exigisse. Isto é: a planta poderia se expandir indefinidamente, que o centro se manteria estável – e a cidade, morfológicamente idêntica a si mesma, em sua estrutura global.

*It couldn't have been any other way. It was the inevitable architectural syncretism, in the building of the small urban nucleus that would host the General Government. European projects and materials were mixed with Amerindian techniques and materials, with the use of sticks for ripping, vine replacing the nail shop, Brazilian straw in a European design. Labor, by the way, was mostly indigenous. And the constructive process took place at a rapid pace. In four months, about a hundred houses were built – “a city of straw, like a village of the Gentile”, in the words of Theodoro Sampaio. And soon Father Manoel da Nóbrega will be dating in the following terms one of his letters to Portugal: “from this port and city of Salvador on August 10, 1549”... ¶ It's the first record we have that we started to exist. It is funny that today they celebrate the anniversary of the city on March 29th. Mere convention. March 29 is only the day of the landing of the Tomé fleet in the current Port of Barra, when it was not even known where the city would be built. Already with Nobrega's letter, we learned that Salvador was already up and running. At that time, the superior of the Jesuits was already preaching in the new city. At times enthusiastic about the embryonic work and optimistic predictions of the fruits of catechetical work, at other times outraged by the disorder and lust of men, the priest was already circulating in the streets and houses of the new capital. ¶ Surrounded by some Tupinambás villages, both in the direction of Carmo and in the direction of the future Vitória, Vila Velha/Barra and the future Rio Vermelho, the city of Tomé de Sousa was then a fortified camp on top of the mountain, stretching between the current Castro Alves Square and Misericórdia. Outside the city was, therefore, the present Terreiro de Jesus, near which an Amerindian village drew the attention of the priests of the Companhia de Jesus. Very small urban nucleus, yes, really shy. But it was from the experiences of the Eurotupinambá village of Caramuru and the village later called Vila Velha, walking towards the hamlet of Tomé de Sousa, with its character as a fortress endowed with an entire political-administrative organization, which rose and consolidated, the knight of the South Atlantic, the City of Salvador of Bay of All Saints. ¶ The institution of the General Government completed the engineering of the Portuguese advance in the tropics. At first, we had individual, fragmentary, extra-state colonization – as I say, it was the caramuru period in the history of the Brazilian people. Later, with the expedition of Martim Afonso, we had an attempt at colonization touched by the State. Thirdly, the tokens were placed on the private initiative, albeit under the wings and state regulation: the hereditary captaincies. Finally, we came across direct state intervention, with the creation of the General Government. It is then possible to say, with Jorge Couto of “A Construção do Brasil”, that we have moved from royal exclusivity to private exclusivity, to finally experience a “mixed model”, defined by the combination of the general government system and the captaincy regime. ¶ Here, let's return to the comparison with the cities of Spanish America. We had the same starting point, with the design of the city on a grid, in a geometric scheme. But from the beginning, with fundamental differences. There, the grill remained. It was a geometric construct whose street and block scheme could extend, without affecting the plant, whenever the growth of the city required it. That is: the plant could expand indefinitely, that the center would remain stable – and the city, morphologically identical to itself, in its global structure.*

“Bahia de todos-os-Santos aufgenommen nach der Natur”, de Julius Naehrer  
 “Bahia de todos-os-Santos aufgenommen nach der Natur”, by Julius Naehrer

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 34

*In fact, this structure has spanned centuries, as in the exemplary case of Lima, Peru. Another central characteristic of Spanish establishments is that the city is horizontally organized as a kind of diagram of the social order: the government and the Church in the center, in the plaza mayor, and the rest of society distributed hierarchically around the blocks, with marginalized groups driven to the periphery. Outside the city itself, or on its always temporary shore, they could stay in temporary huts, housing Indians – and then blacks. And this distribution of the population in urban space was officially determined. What was intended with this, as José Luís Romero rightly saw in “América Latina: as Cidades e as Ideias”, was to try to avoid miscegenation. The Indians should remain isolated in their own hamlets, where whites were forbidden to live, or in restricted and circumscribed residential spaces in settlements built for Castilians. ❖ Here, on the contrary, Indians were mobilized to participate in Salvador’s own construction process. The Portuguese did not place segregation as the central principle of their colonizing project and the construction of their cities. Besides, the grill didn’t hold. Not only were some urban outbreaks formed in an unpremeditated way, but others, initially settled on a grid, did not maintain regularity, growing in terrains full of unevenness. In these cases, Lusitanian pragmatism prevailed, with the famous “measure of what is possible”. ❖ In other words, what happened in Portuguese America was the emergence of a city less subject to rules and more undisciplined, as were its predecessors in Portugal. A more relaxed and friendly urban setting. A city where masters and slaves lived together and circulated through the same spaces. Cities that, for this very reason, favored mixing, syncretism, miscegenation. Salvador is exemplary in this dimension of the flexible, winding and promiscuous city.*

De fato, esta estrutura atravessou séculos, como no caso exemplar de Lima, no Peru. Outra característica central dos estabelecimentos espanhóis é que a cidade se organiza, horizontalmente, como uma espécie de diagrama da ordem social: o governo e a igreja no centro, na *plaza mayor*, e o restante da sociedade distribuído hierarquicamente pelos quarteirões, com os grupos marginalizados enxotados para a periferia. Fora da cidade propriamente dita, ou em sua orla sempre provisória, é que podiam ficar umas cabanas temporárias, abrigando índios – e, depois, negros. E essa distribuição da população no espaço urbano era determinada oficialmente. O que se pretendia com isso, como bem viu José Luís Romero em *América Latina: as cidades e as ideias*, era tentar evitar a *mestiçagem*. Os índios deveriam permanecer isolados em suas próprias póvoas, onde os brancos eram proibidos de morar, ou em espaços residenciais restritos e circunscritos nos assentamentos construídos para castelhanos.

Aqui, ao contrário, índios foram mobilizados para participar do próprio processo de construção de Salvador. Os portugueses não colocaram a segregação como princípio central de seu projeto colonizador e da construção de suas cidades. Além disso, a grelha não se manteve. Não só alguns focos urbanos se formaram de modo não premeditado, como outros, assentados inicialmente em grelha, não mantiveram a regularidade, ao crescer em terrenos plenos de desníveis. Nesses casos, prevaleceu o pragmatismo lusitano, com a célebre “medida do possível”.

Dito de outro modo, o que aconteceu, na América portuguesa, foi a emergência de uma cidade menos sujeita a regras e mais indisciplinada, conforme o eram suas antecessoras em Portugal. Uma configuração urbana mais relaxada e convívial. Uma cidade onde senhores e escravos moravam juntos uns dos outros e circulavam pelos mesmos espaços. Cidades que, por isso mesmo, favoreciam a mistura, o sincretismo, a mestiçagem. Salvador é exemplar, nesta dimensão da cidade flexível, sinuosa e promíscua.

É claro que havia preconceito, discriminação, perseguição. Mas, ao contrário das cidades da América espanhola, aqui não se via o *apartheid* sociorracial inscrito no organismo urbano, seccionando-o ou expelindo oficialmente a gente de “sangue impuro” (judeus) ou não branca para segmentos isolados nas franjas pobres e sujas da cidade. Na verdade, a segregação espacial, montada na estratificação social, é uma característica de nossa sociedade moderna. Mas não era assim que as pessoas viviam em nossos núcleos urbanos coloniais e imperiais. A cidade barroco-escravista não segregava. É um paradoxo. O regime escravista é o que mais drasticamente distingue os indivíduos. A democracia capitalista reza que todos são iguais, em letra de lei. Mas enquanto a cidade brasileira contemporânea é ostensivamente segregacionista, na ordenação espacial das classes sociais, a cidade barroco-escravista mais agregava do que apartava.

A existência de senhores e escravos e, ao mesmo tempo, a inexistência de muros e portões separando “etnias” (como as judiarias de Lisboa), ou de uma cidade a reproduzir de modo rigorosamente diagramático a ordem social, como acontecia na América espanhola, apontava para um convívio permissivo, que de fato se realizava. Para uma existência amontoada e mesmo promíscua. De qualquer lugar, tinha-se, sempre e imediatamente, a visão do “outro”. A alteridade não estava fora, mas dentro dos limites urbanos. Dentro do sobrado senhorial, inclusive.

E tudo isso foi fundamental para que Salvador, à sua maneira, não ficasse simplesmente lusa. Fundamental para a sobrevivência e afirmação de formas africanas de cultura em nosso ambiente construído. Para a configuração, aqui, de uma sociedade simultaneamente hierárquica e informal, violenta e lúdica, desigual e gregária. Da espécie de sociedade mestiça que fomos – e que somos. E esta nossa cidade chegou bela e preservada ao final do século XIX. Ainda era a bela cidade oitocentista que hoje podemos rever num trabalho como *Retratos de um tempo*, do engenheiro-artista visual Floro Freire, com suas igrejas, suas fortalezas, suas muralhas, seus conjuntos barrocos, seus mercados.

*Of course there was prejudice, discrimination, persecution. But, unlike the cities of Spanish America, here we did not see the socio-racial apartheid inscribed in the urban organism, sectioning it or officially expelling people of “impure blood” (Jews) or not white to isolated segments in the poor and dirty fringes of the city. In fact, spatial segregation, built on social stratification, is a characteristic of our modern society. But that’s not how people lived in our colonial and imperial urban centers. The Baroque-slave town did not segregate. It’s a paradox. The slave regime is what most drastically distinguishes individuals. Capitalist democracy says that everyone is equal, in letter of law. But while the contemporary Brazilian city is ostensibly segregationist, in the spatial ordering of the social classes, the baroque-slave city aggregated more than it separated. ❖ The existence of masters and slaves and, at the same time, the absence of walls and gates separating “ethnic groups” (such as the Jewish quarters of Lisbon), or a city to reproduce in a strictly diagrammatic way the social order, as happened in Spanish America, pointed to a permissive coexistence, which in fact took place. For a huddled and even promiscuous existence. From anywhere, there was, always and immediately, the vision of the “other”. Alterity was not outside, but within urban boundaries. Inside the manor house, even. ❖ And all this was fundamental so that Salvador, in his own way, would not become simply Portuguese. Fundamental to the survival and affirmation of African forms of culture in our built environment. For the configuration, here, of a society that is both hierarchical and informal, violent and playful, unequal and gregarious. The kind of half-breed society we were – and are. And this city of ours arrived beautiful and preserved at the end of the nineteenth century. It was still the beautiful nineteenth-century city that today we can review in a work as “Retratos de um Tempo”, by the visual engineer-artist Floro Freire, with its churches, its fortresses, its walls, its baroque ensembles, its markets.*



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 35









4

CIDADE-TEMPLO

TEMPLE CITY



 CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 37

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 38



Colégio dos Salesianos [entre 1912 e 1919], de Pedro Gonsalves da Silva / College of Salesians [between 1912 and 1919], by Pedro Gonsalves da Silva

**A NOSSA ARQUITETURA RELIGIOSA** merece um livro de muitos volumes... A Cidade da Bahia nasceu católica, da espécie ibérica de catolicismo, com as torres das igrejas pontuando e dominando o espaço urbano. Sim: cidade das igrejas barrocas... Tantas igrejas que acabaram gerando a lenda da cidade de 365 igrejas, uma para cada dia do ano – cifra que, de resto, deu em samba – e bom samba – de Dorival Caymmi:

*Trezentas e sessenta e cinco igrejas  
Na Bahia tem  
Numa eu me batizei  
Na segunda eu me crismei  
Na terceira eu vou casar  
Com a mulher que eu quero bem  
  
Se depois que eu me casar  
Me nascer um bacuri  
Vou – me embora pra Bahia, vou  
Vou batizar no Bonfim  
Mas se for me parecendo  
Que os meninos vão nascendo  
Por cada uma igreja que tem lá  
Sou obrigado a comprar minha passagem  
Pra voltar pra cá...*

A sensibilidade de Caymmi é mesmo surpreendente. Ele certa vez achou que uma receita de vatapá dava samba – e deu. Virou letra de música. Mas é mais surpreendente ainda ele achar que um número – 365 – era um verso... e o verso de abertura do seu samba. Parece muito simples, mas na verdade não é coisa de todo dia alguém sacar que 365 podia ser um verso. E Caymmi sabe que está lidando com uma lenda. No seu livro *Cancioneiro da Bahia*, em nota de rodapé, ele mesmo comentou:

“Talvez não sejam realmente 365 igrejas. Com certeza não são 365. Mas o povo diz que na Bahia há uma igreja para cada dia do ano. São, em verdade, quase oitenta, umas de rara beleza, como a de São Francisco, outras célebres pelos seus milagres como a de Sinhô do Bonfim, outras mais modestas, igrejas de devoção de negros e mulatos, igrejas de pescadores. Igreja de pescadores é a de Conceição da Praia, com sua festa a 8 de dezembro; a festa dos capoeiras é na igreja do Mont’ Serrat, tão antiga e tão bonita, as palmeiras ao lado, o mar em frente. Igrejas onde se pratica aquela religião baiana tão misturada de superstição negra. Trezentas e sessenta e cinco igrejas sem contar as macumbas, u’a macumba para cada dia do ano, também...”

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 39



Igreja do Bonfim. Ilustração de Hubert Clegert, 1861 / Bonfim Church. Illustration by Hubert Clegert, 1861

*Our religious architecture deserves a book of many volumes... The City of Bahia was born Catholic, of the Iberian kind of Catholicism, with the towers of the churches punctuating and dominating the urban space. Yes: city of baroque churches... So many churches that ended up generating the legend of the city of 365 churches, one for each day of the year – a figure that, moreover, led to the samba – and good samba – of Dorival Caymmi: ¶ Three hundred and sixty-five churches / In Bahia there is / In one I was baptized / On the second one I confirmed myself / On the third I’m getting married / With the woman I love / If after I get married / I have a child / I’m leaving for Bahia, I’m going / I’ll baptize in Bonfim / But if it looks like me / That boys are being born / For every church there is / I’m obliged to buy my ticket / To come back here... [Free translation] ¶ Caymmi’s sensitivity is really surprising. He once thought that a vatapá recipe gave samba – and it did. It became music lyrics. But it’s even more surprising that he thought a number – 365 – was a verse... and the opening verse of his samba. It sounds pretty simple, but it’s actually not every day somebody gets that 365 could be a verse. And Caymmi knows he’s dealing with a legend. In his book “Cancioneiro da Bahia”, in a footnote, he himself commented: ¶ “Maybe it’s not really 365 churches. It’s definitely not 365. But the people say that in Bahia there is a church for every day of the year. There are, in fact, almost eighty, some of rare beauty, such as that of San Francisco, others famous for their miracles such as that of Sinhô do Bonfim,*

others more modest, churches of devotion of blacks and mulattos, fishermen's churches. The fishermen's church is Conceição da Praia, with its feast on December 8; the capoeiras party is in the church of Mont'Serrat, so old and so beautiful, the palm trees next door, the sea in front. Churches where you practice that Bahian religion so mixed with black superstition. 365 churches not counting the macumbas, one macumba for each day of the year, too...".  
 ¶ But let's start from the beginning. The vessels that came here from the Tower of Belém, in 1549, already came with the names of saints and brought the missionaries of the Companhia de Jesus. Arriving here, the Portuguese did not take long to erect chapels or hermitages, such as that of Nossa Senhora da Conceição da Praia, in Cidade Baixa. The Mother Church of Nossa Senhora da Vitória was also built very early, at the top of the hill, so that today it disputes, with the churches of Conceição, Ajuda and Graça, the title of the oldest church in Salvador. True, all were initially modest constructions, even simple, made with the handiest materials – straw, even. They would not distinguish themselves much, then, from the other buildings and houses of the city. It was known that there was a space of expression of the sacred – and this differentiated them. But not its dimensions or any decorative wealth within. ¶ They were little churches that did not differ from the general physiognomy of the first Soteropolitan settlement. Over time, however, the city acquired another size – and religious buildings accompanied the general movement of the city. The last decades of the sixteenth century, in particular, were a time of enrichment, both for the City of Bahia and for its Recôncavo. That is not to say that there were no serious and even terrible problems in the period. Both in the field of public health and in the military sphere. In the first case, times of hunger and epidemic. In the second, time of attacks by privateers – launching themselves into the sea in the wake of Francis Drake, the pirate-major of England – and bombings like the one promoted by the Dutch in 1599, for no less than twenty-five days. In addition, in 1580 Portugal came under Spanish rule – and, with the metropolis, also the colony. ¶ Smallpox swept the region, killing mostly blacks and Indians. It is suspected that it all began with a ship that docked in Ilhéus. From that port further south, the plague came advancing, taking “sertão and courela do mar”, in the words of the Jesuit missionary Leonardo do Valle – “and so it came very slowly, rushing here to Itaparica” (see “Cartas Jesuíticas 2”, by Azpilcueta Navarro and other priests). After the devastation caused on the largest island of the Bay of All Saints, the plague crossed the sea, towards Bahia City and the continental Recôncavo.



Eglise de la Victoria, à Bahia. [1836-1839]

Mas vamos começar do começo. As embarcações que vieram da Torre de Belém para cá, em 1549, já vinham com nomes de santos e traziam os missionários da Companhia de Jesus. Aqui chegando, os lusos não demoraram a erguer capelas ou ermidas, como a de Nossa Senhora da Conceição da Praia, na Cidade Baixa. A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória também foi construída muito cedo, no alto do morro, de modo que hoje ela disputa, com as igrejas da Conceição, da Ajuda e da Graça, o título de igreja mais antiga de Salvador. Verdade que todas foram inicialmente construções modestas, singelas mesmo, feitas com os materiais mais à mão – palha, inclusive. Não se distinguiriam muito, então, dos demais prédios e casas da cidade. Sabia-se que ali estava um espaço de expressão do sagrado – e isto as diferenciava. Mas não suas dimensões ou qualquer riqueza decorativa interior.

Eram igrejinhas que não destoavam da fisionomia geral da primeira povoação soteropolitana. Com o tempo, no entanto, a cidade foi adquirindo outro porte – e as edificações religiosas acompanharam o movimento geral da urbe. As últimas décadas do século XVI, em especial, foram um tempo de enriquecimento, tanto para a Cidade da Bahia quanto para o seu Recôncavo. O que não quer dizer que não tenham existido problemas sérios e mesmo terríveis no período. Tanto no terreno da saúde pública, quanto em plano militar. No primeiro caso, tempos de fome e epidemia. No segundo, tempo de ataques de corsários – lançando-se ao mar na esteira de Francis Drake, o pirata-mor da Inglaterra – e de bombardeios como o que foi promovido pelos holandeses em 1599, durante nada menos do que vinte e cinco dias. Além disso, em 1580 Portugal passou ao domínio espanhol – e, com a metrópole, também a colônia.

A varíola varreu a região, matando principalmente pretos e índios. Suspeita-se que tudo começou com um navio que ancorou nos Ilhéus. Daquele porto mais ao sul, a peste veio avançando, tomando “sertão e courela do mar”, no dizer do missionário jesuíta Leonardo do Valle – “e assim veio mui devagar, correndo para cá até chegar a Itaparica” (ver *Cartas Jesuíticas 2*, de Azpilcueta Navarro e outros padres). Depois da devastação causada na ilha maior Baía de Todos-os-Santos, a peste cruzou o mar, em direção à Cidade da Bahia e ao Recôncavo continental.

Na descrição do jesuíta Leonardo do Valle, testemunha dos fatos, a coisa foi mesmo assustadora. Ele fala do fedor sufocante dos corpos putrefatos, de mulheres debilitadas parindo prematuramente nas ruas e nos monturos, de crianças morrendo por não ter o que chupar nos peitos doentes das mães, de porcos comendo cadáveres. Enfim, uma epidemia que nos custou então, em poucos meses, milhares de mortes. Apesar de tudo – da fome, da grande epidemia de varíola, de ataques das artilharias inglesa e holandesa –, Salvador e o Recôncavo experimentaram décadas de crescimento, com a capital se expandindo e os engenhos se espalhando pelo massapê de sua hinterlândia.

As primeiras casas rústicas dos dias de Tomé de Sousa eram substituídas por edificações maiores e mais sólidas. As moradias dos mais ricos ganhavam alguma imponência e requintes lusitanos. Do mesmo modo, imponência começaram a ganhar os produtos da arquitetura civil de função pública e da arquitetura religiosa, tanto externa quanto internamente. Um mundo ao mesmo tempo católico e mercantil se implantava aqui. Para, no século seguinte, o século barroco de Antonio Vieira e Gregório de Mattos começar a conhecer alguns esplendores.

Vamos nos deter, mesmo que bem brevemente, por aqui. O sociólogo Roger Bastide destacou duas funções dos templos barrocos baianos. Observou ele que a igreja barroca da Bahia era um lugar de encontro, um centro ou polo de vida social, “traço de união” entre senhores de engenho. Daí, prossegue o sociólogo, a extensão de suas sacristias. Elas não se destinavam somente a guardar vestimentas litúrgicas. Eram espaços que recebiam o patriarcado escravista, oferecendo-lhes “seus bancos ornamentados e esculpidos, suas ricas poltronas, a suavidade de seus azulejos... suas salas frescas e calmas, para as conversas sobre as dificuldades em obter mão de obra, sobre as produções deficientes dos canaviais, sobre o último navio chegado de Lisboa, sobre o próximo casamento de um filho ou filha de família, sobre as doenças e sobre Deus”.



In the description of the Jesuit Leonardo do Valle, witness to the facts, the thing was really scary. He speaks of the suffocating stench of putrid bodies, of debilitated women giving birth prematurely on the streets and on the walls, of children dying from having nothing to suck on their mothers' sick breasts, of pigs eating corpses. Finally, an epidemic that cost us thousands of deaths in a few months. Despite everything – the famine, the great smallpox epidemic, attacks by the English and Dutch artillery – Salvador and the Recôncavo experienced decades of growth, with the capital expanding and the mills spreading through the massapê of their hinterland. ¶ The first rustic houses of the days of Tomé de Sousa were replaced by larger and more solid buildings. The dwellings of the richest gained some grandeur and Lusitanian refinements. In the same way, grandeur began to gain the products of civil architecture of public function and religious architecture, both externally and internally. A world both Catholic and mercantile was implanted here. To, in the following century, the baroque century of Antonio Vieira and Gregório de Mattos, to begin to know some splendors. ¶ We'll stop, if only very soon, this way. Sociologist Roger Bastide highlighted two functions of Bahian Baroque temples. He noted that the Baroque church of Bahia was a meeting place, a center or hub of social life, “a trace of union” between mill masters. Hence, the sociologist continues, the extension of his sacristy. They were not intended only for storing liturgical garments. They were spaces that received the slave patriarchy, offering them “their ornate and sculpted benches, their rich armchairs, the softness of their tiles... their cool and calm rooms, for conversations about the difficulties in obtaining labor, about the disabled production of sugarcane plantations, about the last ship arrived from Lisbon, about the next marriage of a son or daughter of a family, about diseases and about God”.

“Piédade a Bahia”. Paris. Litogravura, 1861, de Louis Aubrun

“Piédade a Bahia”. Paris. Lithogravure, 1861, by Louis Aubrun



Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos / Nossa Senhora do Rosário dos Pretos Church

Still Bastide: “Another function of these baroque churches is to be a kind of sacred theater, where the drama represented is the drama of the mass. The theater, however, maintains the difference between classes: social stratification is inscribed in the architectural structure. The Baroque was born and developed at a time when society was composed of superimposed and hierarchical layers: the nobility, the bourgeoisie enriched by the trade in spices or by the sale of fabrics and, finally, the people. And hence the existence of friezes from which the nobles can contemplate the priest who officiates, while the bourgeois, on the nave, installed in chairs, oppose, in turn, the humble who stand around the nave. But to this opposition of levels, the egalitarian church imprinted a certain unity, for the sacrifice of God is made for the whole world. That is why, although there are different places, there are no bad places: one can see, and see well, from every nook and cranny; heraldic gestures do not escape a single believer”.

Ainda Bastide: “Uma outra função dessas igrejas barrocas é a de ser uma espécie de teatro sagrado, onde o drama representado é o drama da missa. O teatro, porém, mantém a diferença entre as classes: a estratificação social se inscreve na estrutura arquitetônica. O barroco nasceu e se desenvolveu numa época em que a sociedade se compunha de camadas superpostas e hierarquizadas: a nobreza, a burguesia enriquecida pelo comércio das especiarias ou pela venda de tecidos e, por fim, o povo. E daí a existência de frisas de onde os nobres podem contemplar o padre que oficia, enquanto os burgueses, na nave, instalados em cadeiras se opõem, por sua vez, aos humildes que ficam de pé ao redor da nave. Mas, a essa oposição de níveis, a igreja igualitária imprimia uma certa unidade, pois o sacrifício de Deus é feito para todo o mundo. É por isso que, embora haja lugares diferentes, não há maus lugares: pode-se ver, e ver bem, de todos os recantos; os gestos heráldicos não escapam a um único fiel”.





No século XVIII, Salvador já não tinha nada a ver com o primitivo arraial ou acampamento militar de Tomé de Sousa. Muitíssimo pelo contrário. Havia já se transformado de fato numa cidade. E cidade senhorial, imponente, majestosa quase. A Cidade Baixa, já bem suja, alongava-se tortuosamente da Preguiça à Jequitiaia, com prédios de três a quatro andares. A Cidade Alta se estendia, em graus variáveis de beleza e elegância, do Forte de São Pedro ao Convento da Soledade. Existiam já três praças nesta extensão: a de Nossa Senhora da Piedade (onde seriam enforcados os mulatos subversivos da Revolução dos Alfaiates); a do Palácio (hoje Praça Municipal), com a Casa da Moeda e a Casa da Câmara e Cadeia; a do Terreiro de Jesus, que chegou a ser lugar de touradas. Além disso, segundo as cartas de Luiz Vilhena, havia “muitos edifícios nobres, grandes conventos e templos ricos e asseados”. Seis bairros já tinham dado o ar de sua graça, naquela época – São Bento, Praia, Santo Antônio Além do Carmo, Palma, Desterro e Saúde. Edificações religiosas e militares davam o tom da paisagem urbana.

Igrejas como as de Nossa Senhora da Vitória, da Barroquinha, de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, da Sé Catedral, de Nossa Senhora da Ajuda, de Nossa Senhora da Conceição da Praia, de São Francisco de Assis. Conventos como os de Nossa Senhora da Graça, de Nossa Senhora das Mercês, de Santa Clara do Desterro, de Nossa Senhora do Monte do Carmo, de Nossa Senhora da Soledade. Ou mosteiros como os de São Bento, de Santa Tereza, de Nossa Senhora da Piedade, de Nossa Senhora da Conceição da Lapa. Eram prédios e mais prédios construídos *ad majorem Dei gloriam*, para lembrar a divisa da Ordem dos Jesuítas. Mas não vou fazer aqui um rol completo. Lembro apenas que, naquele século XVIII, a freguesia de Nossa Senhora da Penha de Itapagipe contava já com a Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, desde cedo objeto de muita fé e devoção. E tinha sido já construída a bonita Igreja da Ordem Terceira da Beata Maria Virgem de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão.

Mas vamos aqui a um contraste. A um breve excuro comparativo entre as produções barrocas da Bahia de Todos-os-Santos e seu Recôncavo e as de Minas Gerais. O barroco baiano foi altamente inventivo e maduramente arquitetado em suas criações literárias, em sua arte verbal, com o sermão de Vieira e a sátira de Gregório, em especial. Mas, quando passamos do texto à arquitetura, o quadro não é o mesmo. E nos pede para tratar de modo algo distinto a arquitetura religiosa e a arquitetura civil das casas particulares.

O barroco religioso baiano, apesar de toda a sua beleza e capacidade construtiva, está demasiado preso ao padrão europeu. Mostra esplendor, como no prédio da Santa Casa de Misericórdia; no delírio escultural da fachada da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, com suas alegorias e sereias letradas, a lembrar o barroquismo extremo de um Churriguera, na América espanhola; ou como na Igreja de São Francisco, realização do ideal ibérico do templo de ouro, com suas folhagens e colunas retorcidas, seus anjinhos bochechudos e salientes, seus motivos sensuais. Mas não há novidade. De outra parte, foram construídas em Salvador residências maravilhosas, como a Casa dos Sete Candeeiros, embora também aqui a originalidade não se imponha. Veja-se uma apreciação de Lúcio Costa, o criador de Brasília:

“A cidade de Salvador do século XVII e primeira metade de setecentos [...] era uma cidade marcadamente aristocrática [...] e a arquitetura de suas grandes casas, de porte severo e nobre, onde avultam belas portadas e lenços de pedra, quer dizer, peitoris inteiriços de cantaria, não teve paralelo no país, salvo a imponente casa chamada ‘dos Contos’, em Ouro Preto, com o seu senhorial saguão tipicamente português. [...] Este caráter

*In the 18th century, Salvador had nothing to do with the early camp or military camp of Tomé de Sousa. On the contrary, it had already become a city. And stately city, imposing, majestic almost. The already dirty Lower City stretched tortuously from Preguiça to Jequitiaia, with buildings of three to four floors. The Upper City extended, in varying degrees of beauty and elegance, from the Fort of São Pedro to the Convent of Soledade. There were already three squares in this extension: that of Nossa Senhora da Piedade (where the subversive mulattos of the Tailors' Revolution would be hanged); that of the Palace (today, Municipal Square), with the Mint and the House of the Chamber and Jail; that of Terreiro de Jesus, which was a place of bullfighting. In addition, according to Luiz Vilhena's letters, there were “many noble buildings, great at convents and rich and clean temples”. Six neighborhoods had already given the air of his grace, at that time – São Bento, Praia, Santo Antonio Além do Carmo, Palma, Desterro and Saúde. Religious and military buildings set the tone of the urban landscape. ¶ Churches such as Nossa Senhora da Vitória, Barroquinha, Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Sé Catedral, Nossa Senhora da Ajuda, Nossa Senhora da Conceição da Praia, São Francisco de Assis. Convents such as those of Nossa Senhora da Graça, Nossa Senhora das Mercês, Santa Clara do Desterro, Nossa Senhora do Monte do Carmo, Nossa Senhora da Soledade. Or monasteries such as São Bento, Santa Tereza, Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora da Conceição da Lapa. They were buildings and more buildings built ad majorem Dei gloriam, to remember the border of the Jesuit Order. But I'm not gonna make a full list here. ¶ I only remember that, in that eighteenth century, the parish of Nossa Senhora da Penha de Itapagipe already had the Church of Nosso Senhor do Bonfim, from an early age the object of much faith and devotion. And the beautiful Church Igreja da Ordem Terceira da Beata Maria Virgem de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão had already been built. ¶ But let's do a contrast here. A brief comparative tour between the baroque productions of Bay of All Saints and its Recôncavo and those of Minas Gerais. The Bahian Baroque was highly inventive and maturely designed in his literary creations, in his verbal art, with Vieira's sermonary and Gregório's satire, in particular. But when we move from text to architecture, the picture is not the same. And he asks us to treat religious architecture and the civil architecture of private homes differently. ¶ The Bahian religious baroque, despite all its beauty and constructive capacity, is too attached to the European standard. It shows splendor, as in the building of the Santa Casa de Misericórdia; in the sculptural delirium of the façade of the Church Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, with its allegories and literate mermaids, to remember the extreme baroqueism of a Churriguera, in Spanish America; or as in the Church Igreja de São Francisco, realization of the Iberian ideal of the golden temple, with its foliage and twisted columns, its cheeky and protruding angels, its sensual motifs. But there's no news. On the other hand, wonderful residences were built in Salvador, such as the Casa dos Sete Candeeiros, although originality is not imposed here either. See an appreciation of Lúcio Costa, the creator of Brasília: ¶ “The city of Salvador of the seventeenth century and the first half of the seven hundred [...] was a markedly aristocratic city [...] and the architecture of its big houses, of severe and noble size, where there are beautiful shutters and handkerchiefs of stone, that is, whole sills of stone, had no parallel in the country, except for the imposing house called ‘dos Contos’, in Ouro Preto, with its typical Portuguese lobby. [...]”*

AS EMBARCAÇÕES QUE VIERAM DA TORRE DE BELÉM PARA CÁ, EM 1549, JÁ VINHAM COM NOMES DE SANTOS E TRAZIAM OS MISSIONÁRIOS DA COMPANHIA DE JESUS. AQUI CHEGANDO, OS LUSOS NÃO DEMORARAM A ERGUER CAPELAS OU ERMIDAS, COMO A DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA PRAIA, NA CIDADE BAIXA. A IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA VITÓRIA TAMBÉM FOI CONSTRUÍDA MUITO CEDO, NO ALTO DO MORRO, DE MODO QUE HOJE ELA DISPUTA, COM AS IGREJAS DA CONCEIÇÃO, DA AJUDA E DA GRAÇA, O TÍTULO DE IGREJA MAIS ANTIGA DE SALVADOR.

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 46

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 48



Igreja da Vitória, em 1910 / *Vitória Church, in 1910*



Igreja Nossa Senhora da Graça / *Nossa Senhora da Graça Church*



Igreja Nossa Senhora da Conceição da Praia / *Nossa Senhora da Conceição da Praia Church*



Igreja de Nossa Senhora da Ajuda / *Nossa Senhora da Ajuda Church*

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 45

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 47



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 49

próprio e inconfundível, embora ainda acentuadamente lusitano, foi aos poucos se diluindo, minado por uma crescente burguesia menos comprometida com os antigos dogmas e valores, e pela miscigenação. Assim, passo a passo, aquela solidez, aquela *carrure* foi se perdendo e a graça e o dengue crioulo se foram insinuando na feição arquitetônica das casas, não somente em Salvador, como em Cachoeira, principalmente: os vãos se alteiam e os seus enquadramentos enfeitados são decepados no encontro das tábuas extravasadas dos peitoris, com simples palmetas de remate, característica esta exclusivamente baiana que plasticamente os enfraquece; os cordões das caixilharias se entrecruzam em caprichosos e alegres arranjos e a cor intervém. [...] Tudo isso contribui para dar à cidade a sua graça, e conquanto a presença sóbria e aristocrática da casa de começo de setecentos, que sobreviveu com as suas sacadas de ferro batido, sua rica portada e seteiras, possa parecer, à primeira vista, mais rara, é precisamente esse variado e consentido convívio – esta simultaneidade – que atrai e seduz, e faz da Bahia o que ela é”.

Em Lúcio, o olhar arquitetônico se desdobra em olhar antropológico, mostrando que uma cidade é expressão do povo que a constrói, habita e vivifica. Mas ele fala do caráter “próprio e inconfundível” do casarão baiano com relação ao Brasil, não à matriz lusitana. É importante observar a mestiçagem se manifestando em modificações e filigranas de arquitetura. Mas são alterações de pormenor, desvio de elementos, leveza e cor dando graça à austeridade portuguesa. Não se trata de inovação em matéria de concepção geral, planta, partido arquitetônico.

*This own and unmistakable character, although still markedly Lusitanian, was gradually diluted, undermined by a growing bourgeoisie less committed to the old dogmas and values, and by miscegenation. Thus, step by step, that solidity, that “carrure” was lost and the grace and the Creole dengue were insinuated in the architectural aspect of the houses, not only in Salvador, but also in Cachoeira, mainly: the spans are raised and their decorated frames are cut off at the meeting of the extravasated boards of the sills, with simple finishing palms, a characteristic exclusively from Bahia that plastically weakens them; the cords of the frames are intersected in capricious and joyful arrangements and the color intervenes. [...] All this contributes to give the city its grace, and although the sober and aristocratic presence of the house of the beginning of seven hundred, which survived with its balconies of beaten iron, its rich gate and siege, may seem, at first glance, rarer, it is precisely this varied and consenting conviviality – this simultaneity – that attracts and seduces, and makes Bahia what it is”. ¶ In Lúcio, the architectural look unfolds in anthropological view, showing that a city is an expression of the people who build, inhabit and vivify it. But he speaks of the “own and unmistakable” character of the Bahian mansion in relation to Brazil, not the Lusitanian matrix. It is important to observe the miscegenation manifesting itself in modifications and filigree of architecture. But they are changes in detail, deviation of elements, lightness and color giving grace to Portuguese austerity. It is not about innovation in terms of general design, plan, architectural party.*

For Carlos Lemos, in his “História da Casa Brasileira”, “where Salvador innovated was in the manors executed on the outskirts of the city, all isolated, without commitments to the neighborhood, showing its four free facades” (until then, what we had were the twin mansions of the city centers). Like Solar do Unhão and the house of the Conde dos Arcos. What was seen in Minas was the opposite. It is still Lemos who classifies Minas as the most Portuguese of the Brazilian regions, “because it was extremely fast there the territorial occupation by gold eager reigns, which soon annulled the rarefied bandeirante presence and the scattered indigenous population”. The residential architecture of Minas Gerais presented “a certain uniformity in the appearance of Lusitanian constructions”. Contrary to what happened in Bahia, it is in religious architecture that mestizo originality will transfigure the European architectural matrix. ¶ Sylvio de Vasconcellos, in his book on Aleijadinho, proposes a sociological explanation for the fact. “In the area of mining, churches and chapels were built by popular initiative that, if on the one hand conditioned them to limited resources, on the other hand allowed and stimulated particular plastic solutions. These, in fact, informed the sudden and intense process of urbanization developed in the area, manifesting itself not only in religious but also in civil constructions. Although both had preserved the traditional Portuguese technique and schemes, expressed in the artistic styles of the time, they were subjected, in parallel, to a specific adaptation process that differentiated them greatly from Lusitanian and even Brazilian coastal”. Visible differentiation in civil architecture, but above all in religious architecture. ¶ Before that, however, let us dwell briefly here in our jewelry store of colonial and imperial times. We know that our goldsmiths did not have an easy life between the eighteenth and nineteenth centuries. Power, at least apparently, always showed the purpose of watching, controlling, repressing the practitioners of the craft. And the persecution in fact happened, with the determination of the seizure of tools and the arrest of “many mulattos and countless captives, who unduly occupy themselves in these offices”, as it is read in a gang of 1752. A decade and a half later, we had the Royal Charter of July 30, 1766, which determined to send to prison and incorporate into military regiments “all the officers and apprentices of the aforementioned office of goldsmiths of gold and silver who were single or brown liners” – and “who, after having executed it, had all the shops of the masters of those offices closed, demolishing all their forges, and kidnapping all the instruments that used to serve for foundries or for the works of gold and silver”. ¶ However, against all the persecutory tide, the goldsmiths touched their boats, carrying out followed works. Performing works of truly rare beauty, from candlesticks to crucifixes, from reliquaries to our Creole jewels. And some of their names came to us, such as those of José Gonçalves de Freitas, João dos Santos Estrelado and Pedro Alexandrino Soares. But there is one piece of data to be highlighted. We saw the decision to prevent the presence of “freed brown man” in the métier of goldsmiths. But the fact is that the jewelry industry in Bahia, faced with the scarcity of Portuguese and Portuguese-Brazilian masters, was led to employ blacks and mulattos, slaves or freedmen, in the craft – and we do not even have how, as a result of this combination, to separate where the work of the Portuguese hand ends and the work of the black hand begins. All we know is that blacks and half-breeds worked in hiding. Disguised. So that a good part (it is not known exactly which, in shape and quantity) of Bahian jewelry store happened underground, clandestinely. The creation/production of Creole jewelry, including.

Para Carlos Lemos, em sua *História da casa brasileira*, “onde Salvador inovou foi nos solares executados na periferia da cidade, todos isolados, sem compromissos com a vizinhança, mostrando suas quatro fachadas livres” (até então, o que se tinha eram as mansões geminadas dos centros citadinos). Como o Solar do Unhão e a casa do Conde dos Arcos. O que se viu em Minas foi o inverso. Ainda é Lemos quem classifica Minas como a mais portuguesa das regiões brasileiras, “porque foi extremamente rápida ali a ocupação territorial por reinóis ávidos de ouro, que logo anularam a rarefeita presença bandeirante e a espalhada população indígena”. A arquitetura residencial mineira apresentou “certa uniformidade à feição das construções lusitanas”. Ao contrário do que aconteceu na Bahia, é na arquitetura religiosa que a originalidade mestiça vai transfigurar a matriz arquitetônica europeia.

Sylvio de Vasconcellos, em seu livro sobre o Aleijadinho, propõe uma explicação sociológica para o fato. “Na área das minerações, igrejas e capelas construíram-se por iniciativa popular que, se por um lado as condicionou a limitados recursos, por outro permitiu e estimulou particulares soluções plásticas. Estas, de fato, informaram o súbito e intenso processo de urbanização desenvolvido na área, manifestando-se não só nas construções religiosas como nas civis. Embora tivessem ambas conservado a técnica e os esquemas tradicionais portugueses, expressos nos estilos artísticos da época, sujeitaram-se, paralelamente, a um processo de adaptação específico que as diferenciou sobremaneira das lusitanas e mesmo das brasileiras litorâneas”. Diferenciação visível na arquitetura civil, mas, sobretudo, na religiosa.

Antes disso, no entanto, vamos nos deter brevemente aqui em nossa ourivesaria dos tempos coloniais e imperiais. Sabemos que nossos ourives não tiveram vida fácil, entre os séculos XVIII e XIX. O poder, pelo menos aparentemente, sempre mostrou o propósito de vigiar, controlar, reprimir os praticantes do ofício. E a perseguição de fato aconteceu, com a determinação da apreensão de ferramentas e da prisão de “muitos mulatos e inúmeros cativos, que indevidamente se ocupam nos referidos ofícios”, como se lê num bando de 1752. Década e meia depois, tivemos a Carta Régia de 30 de Julho de 1766, que determinava remeter à prisão e incorporar em regimentos militares “todos os oficiais e aprendizes do referido ofício de ourives de ouro e prata que fossem solteiros ou pardos forros” – e “que, depois de o haverem assim executado, fizessem fechar todas as lojas dos mestres dos referidos ofícios, demolindo-se todas as forjas deles, e sequestrando-se-lhes todos os instrumentos que costumam servir para as fundições ou para as obras de ouro e prata”.

No entanto, contra toda a maré persecutória, os ourives tocaram seus barcos, realizando seguidos trabalhos. Executando obras de beleza realmente rara, de castiçais a crucifixos, de relicários às nossas joias de crioula. E alguns de seus nomes chegaram até nós, como os de José Gonçalves de Freitas, João dos Santos Estrelado e Pedro Alexandrino Soares. Mas há um dado a ser destacado. Vimos a decisão de impedir a presença de “pardos forros” no *métier* de ourives. Mas o fato é que a ourivesaria-joalheria baiana, diante da escassez de mestres portugueses e luso-brasileiros, foi levada a empregar pretos e mulatos, escravos ou alforriados, no ofício – e nem mesmo temos como, em decorrência dessa combinação, separar onde termina o trabalho da mão lusa e começa o trabalho da mão negra. Apenas sabemos que pretos e mestiços trabalhavam ocultos. Disfarçadamente. De modo que uma boa parte (não se sabe exatamente qual, em feitiço e quantidade) da ourivesaria-joalheria baiana aconteceu subterraneamente, em condições de clandestinidade. A criação/produção das joias de crioula, inclusive.

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 50



Mulher negra utilizando acessórios da ourivesaria colonial conhecida como joias de crioula

*Black woman using accessories from colonial jewelry known as Creole jewelry*

Na verdade, essa clandestinidade joalheira foi durante muito tempo uma característica não apenas baiana, mas de toda a ourivesaria colonial brasileira. No miniverbete da Enciclopédia Itaú Cultural, lê-se:

“O crescimento da ourivesaria no Brasil é acompanhado por tentativas de controle dessa produção. As autoridades tomam diversas medidas fiscalizadoras, como o Alvará de 1621 que determina que nenhum mulato, negro ou índio, mesmo liberto, pode exercer o cargo de ourives. Um pouco mais tarde, a Carta Régia de 30 de Julho de 1766 – que vigora até o Alvará de 1815 – proíbe o exercício da ourivesaria, na tentativa de impedir, como indica a museóloga Mercedes Rosa, ‘os abusos que os ourives praticavam, com prejuízo do Erário Real, mas também de tudo que dizia respeito à lesão do quinto do ouro’. As diversas regulamentações, entretanto, não impedem a realização clandestina do ofício, responsável pela maior parte das obras executadas. [...] Para a aferição da qualidade das peças, o procedimento padrão é a marca (ou punção), que indica a quantidade de cobre empregada na execução do objeto. Atestada a qualidade, a peça recebe então marcas [...] No Brasil, a primeira marca conhecida é uma de Salvador (a letra S), de cerca de 1693. Como boa parte da ourivesaria colonial brasileira está a cargo de negros e mulatos, que trabalham clandestinamente, muitas das peças nacionais não possuem identificação”.

*MAS O FATO É QUE A OURIVESARIA-JOALHERIA BAIANA, DIANTE DA ESCASSEZ DE MESTRES PORTUGUESES E LUSO-BRASILEIROS, FOI LEVADA A EMPREGAR PRETOS E MULATOS, ESCRAVOS OU ALFORRIADOS, NO OFÍCIO – E NEM MESMO TEMOS COMO, EM DECORRÊNCIA DESSA COMBINAÇÃO, SEPARAR ONDE TERMINA O TRABALHO DA MÃO LUSA E COMEÇA O TRABALHO DA MÃO NEGRA.*

*In fact, this clandestine jewelry store was for a long time a characteristic not only of Bahia, but of all Brazilian colonial jewelry. In the mini entry of the Itaú Cultural Encyclopedia, it reads: ¶ “The growth of the jewelry industry in Brazil is accompanied by attempts to control this production. The authorities take several supervisory measures, such as the 1621 Permit, which determines that no mulatto, black or Indian, even freed, can hold the position of goldsmith. A little later, the Royal Charter of July 30, 1766 – which runs until the 1815 Charter – forbids the exercise of goldsmithing, in an attempt to prevent, as indicated by the museologist Mercedes Rosa, ‘the abuses that the goldsmiths practiced, to the detriment of the Royal Treasury, but also of everything that concerned the injury of the fifth gold’. The various regulations, however, do not prevent the clandestine execution of the office, responsible for most of the works performed. [...] To measure the quality of the parts, the standard procedure is the mark (or puncture), which indicates the amount of copper used in the execution of the object. After attesting the quality, the piece then receives brands [...] In Brazil, the first known brand is one of Salvador (the letter S), from about 1693. As much of the Brazilian colonial goldsmithing is in charge of blacks and mulattos, who work illegally, many of the national pieces have no identification”.*





Baiana com joias, em fotografia de Rodolfo Lindemann

Baiana with jewelry, in photography by Rodolfo Lindemann

*DE MODO QUE UMA BOA PARTE (NÃO SE SABE EXATAMENTE QUAL, EM FEITIO E QUANTIDADE) DA OURIVESARIA-JOALHERIA BAIANA ACONTECEU SUBTERRANEAMENTE, EM CONDIÇÕES DE CLANDESTINIDADE. A CRIAÇÃO/PRODUÇÃO DAS JOIAS DE CRIOULA, INCLUSIVE.*



*But let us listen to Mercedes Rosa herself, in “Ourivesaria Baiana Colonial: Os Ourives e suas Obras”, speaking of the Royal Charter of July 1766: ¶ “Through this Charter, the offices of silver and gold were completely extinguished. There was no longer any art based on Portuguese tradition, with its classical canons, its rooted masters, its habits and customs, already more than centenary, in short, a whole culture, which asserted itself solid and defined, was summarily swept away. The Charter was very violent. His orders were that the masters and apprentices be incorporated into the provincial armies and that all shops be closed, the forges demolished, the instruments kidnapped and taken to the Mint, and that the slaves be returned to their masters. And, to put an end to the art of goldsmithing, it allowed the Portuguese masters who wanted it could return to the Kingdom. But if so was the Royal will, we do not believe that this had been so radically obeyed... [otherwise] no one could even fix any piece, however small, to finally give assistance to valuable assets, and no ruler could fail to pay attention to unemployment on such a large scale. [...] And the conclusion we reached is that in Brazil it has never been produced so well and admirably [as in the period of validity of the Charter, which lasted for 49 years, almost half a century of prohibition, until a license of 1815 derogated from it]. The orders of the religious brotherhoods continued to be made openly, the models of the Kingdom to be reproduced. The gentlemen of that time were not unfulfilled in their requests, the workshops continued to produce and did everything clandestinely. At this time, Bahia and Rio de Janeiro produced so much that they exported silver objects, mainly dishes, to Buenos Aires and Angola. One of the best examples of Bahian jewelry, in this period of prohibition, is the grand Custódia do Convento do Desterro, a wonderful piece of gold, studded with precious stones. This is perhaps the most impressive piece of Brazilian religious jewelry”.*

Mas ouçamos a própria Mercedes Rosa, em “Ourivesaria baiana colonial: os ourives e suas obras”, falando da Carta Régia de julho de 1766:

“Por essa Carta, extinguiam-se os ofícios de prata e ouro por completo. Deixava de existir toda uma arte baseada na tradição portuguesa, com seus cânones clássicos, seus mestres radicados, seus hábitos e costumes, já mais que centenários, enfim, toda uma cultura, que se afirmava sólida e definida, era varrida sumariamente. A Carta era violentíssima. Suas ordens eram para que os mestres e aprendizes fossem incorporados aos exércitos das províncias e que todas as lojas fossem fechadas, as forjas demolidas, os instrumentos sequestrados e levados para a Casa da Moeda, e que os escravos fossem devolvidos aos seus senhores. E, para acabar de vez com a arte da ourivesaria, permitia que os mestres portugueses que o desejassem poderiam voltar para o Reino. Mas, se assim era a vontade Real, não acreditamos que tal tivesse sido obedecida de forma tão radical... [caso contrário] ninguém poderia sequer consertar qualquer peça, por menor que fosse, dar enfim assistência a patrimônios valiosos, bem como nenhum governante poderia deixar de atentar para o desemprego em tão grande escala. [...] E a conclusão a que chegamos é que no Brasil nunca se produziu tão bem e admiravelmente [quanto no tempo de vigência da Carta, que se estendeu por 49 anos, quase meio século de proibição, até que um alvará de 1815 a derrogasse]. As encomendas das irmandades religiosas continuaram a ser feitas abertamente, os modelos do Reino a serem reproduzidos. Os senhores de então não deixaram de ser atendidos em seus pedidos, as oficinas continuaram a produzir e faziam tudo clandestinamente. Nesta época, a Bahia e o Rio de Janeiro produziram tanto que exportaram objetos de prata, baixelas principalmente, para Buenos Aires e Angola. Um dos melhores exemplos da ourivesaria baiana, neste período de proibição, é a grandiosa Custódia do Convento do Desterro, maravilhosa peça em ouro, cravejada de pedras preciosas. Esta talvez seja a mais impressionante peça de ourivesaria religiosa brasileira”.

Não sei bem o destino de tantas peças... Mas é bom lembrar que Edgard Santos, o criador e primeiro reitor da Universidade da Bahia, promoveu a recuperação física da Igreja e Convento de Santa Tereza para aí implantar o nosso Museu de Arte Sacra. Sim: Edgard tanto investiu na inovação, no experimentalismo, quanto manteve o pé nos aspectos mais sólidos e profundos de nossa tradição. No caso em tela, temos o seguinte. Edgard partiu para recuperar a bela e centenária Igreja e Convento dos Carmelitas Descalços de Santa Tereza (que haviam chegado à Cidade da Bahia na segunda metade do século XVII), de fisionomia clássica, renascentista, arquitetura a um só tempo austera e brilhante (especialistas falam de “plano típico da igreja jesuítica romana”), levando a assinatura de Frei Macário de São João, também autor do prédio do Mosteiro de São Bento. A construção do convento foi concluída em 1686. A da igreja, com seus altares barrocos, demorou mais, finalizando-se somente em 1697. Em *Bahia: signos da fé*, a arquiteta e historiadora Socorro Targino Martinez observa:

“O historiador Germain Bazin, ao analisar a sua [da igreja e convento] planta, chama a atenção para as nossas heranças portuguesas, correlacionando tanto Santa Tereza quanto São Bento, em Salvador, com a Igreja do Carmo e a do Espírito Santo, em Évora, e a dos Carmelitas Descalços de Aveiro. Penetrar no espaço sagrado dos terésios é uma bênção. O claustro transcende luz, requinte, erudição na sua pequenez e com arcos magnificamente decorados em cantaria de arenito. As celas se distribuem por corredor, que avança em corpo saliente. No subsolo constituem surpresas o refeitório, a cozinha, os azulejos e a conversa espontânea entre a área externa e a interna. Área livre, onde no passado crescia a roça, proporciona, com o caminhar, outra vez a possibilidade de se olhar a igreja dos terésios. De fixarmos sua cúpula envolvida por paredes, que na quadratura deixa dúvidas de sua função. A sineira agora se mostra em sequência de arcos e volutas eruditas, primorosamente desenhadas. Os telhados marcam. Os pináculos ascendem nos extremos, em direção à revelada antiguidade. As paredes brancas ressaltam os tufos verdes, que ora se fecham, ora se abrem em variantes contrastes. O frontão triangular se descortina em perspectiva que cruzeiros marcam, assinalam”.

Trata-se, fora de qualquer dúvida, de uma das edificações mais valiosas do acervo arquitetônico da Bahia. Na década de 1950, Edgard Santos, graças a um convênio, realizou a restauração dessas edificações, para ali instalar, no ano de 1959, o Museu de Arte Sacra da Bahia, que exhibe a maior coleção do gênero existente no país. Uma ideia mais do que feliz. Em *Vidas paralelas, 1894–1962*, Roberto Santos, que foi governador da Bahia, escreveu um longo texto, misto de relato e apreciação do assunto, que aqui transcrevo parcialmente, por seu interesse político-cultural, revelando alguma coisa de tramas da vida baiana:

“Desde 1840 até o começo da década de 1950, o antigo convento de Santa Tereza, com a sua belíssima capela, vinha abrigando o Seminário Arquidiocesano. E não era bom o seu estado de conservação. [...] Edgard imaginou criar o Museu de Arte Sacra, a ser alojado no antigo convento, após restauração. A Bahia teria a ganhar com as várias etapas do processo: pela beleza arquitetônica, tanto do convento como da capela, pela espetacular visão que proporciona sobre a Baía de Todos-os-Santos e pela urgência com que se impunha a restauração dos edifícios para não se chegar ao irreversível, a Bahia teve preservado um dos mais belos exemplos da arquitetura religiosa do Brasil colônia. De outra parte, o museu a ser instalado traria uma peculiaridade: o acervo próprio seria muito reduzido; não era fácil encontrar quem vendesse peças de arte sacra de elevada categoria a custos acessíveis à universidade, na época. Havia uma alternativa. Acumulados du-

*I don’t really know the fate of so many pieces... But it is good to remember that Edgard Santos, the creator and first dean of the University of Bahia, promoted the physical recovery of the Church and Convent of Santa Tereza to implement our Museum of Sacred Art. Yes: Edgard has both invested in innovation, in experimentalism, and has kept his foot in the most solid and profound aspects of our tradition. In this case, we have the following. Edgard set out to recover the beautiful and centenary church and convent of the Carmelitas Descalços of Santa Tereza (who had arrived in Bahia City in the second half of the seventeenth century), of classical, Renaissance physiognomy, at once austere and brilliant architecture (experts speak of “typical plan of the Roman Jesuit church”), leading to the signature of Friar Macário de São João, also author of the building of the Monastery of São Bento. Construction of the convent was completed in 1686. The church, with its baroque altars, took longer, ending only in 1697. In “Bahia: Signos da Fé”, architect and historian Socorro Targino Martinez notes: ¶ “The historian Germain Bazin, when analyzing his [church and convent] plant, draws attention to our Portuguese heritage, correlating both Santa Tereza and São Bento, in Salvador, with the Church do Carmo and do Espírito Santo, in Évora, and that of the Carmelitas Descalços de Aveiro. Penetrating the sacred space of the Teresians is a blessing. The cloister transcends light, refinement, erudition in its smallness and with arches magnificently decorated in sandstone stonework. The cells are distributed by corridor, which advances in protruding body. In the basement, the cafeteria, the kitchen, the tiles and the spontaneous conversation between the external and internal areas are surprises. Free area, where in the past grew the swidden, provides, with the walk, again the possibility of looking at the church of the Teresians. Of fixing its dome surrounded by walls, which in the quadrature leaves doubts of its function. The bell now shows itself in sequence of classical arches and volutes, exquisitely drawn. The roofs mark it. The pinnacles rise at the ends, towards the revealed antiquity. The white walls highlight the green tufts, which sometimes close, sometimes open in contrasts. The triangular pediment reveals itself in perspective that cruises mark, point out”. ¶ It is, beyond any doubt, one of the most valuable buildings in the architectural collection of Bahia. In the 1950s, Edgard Santos, thanks to an agreement, carried out the restoration of these buildings, to install, in 1959, the Museum of Sacred Art of Bahia, which exhibits the largest collection of the genre in the country. A more than happy idea. In “Vidas Paralelas, 1894–1962”, Roberto Santos, who was governor of Bahia, wrote a long text, mixed of report and appreciation of the subject, which I transcribe here partially, for his political-cultural interest, revealing something of plots of Bahian life: ¶ “From 1840 until the beginning of the 1950s, the former convent of Santa Tereza, with its beautiful chapel, had been housing the Archdiocesan Seminary. And its state of conservation was not good. [...] Edgard imagined creating the Museum of Sacred Art, to be housed in the old convent, after restoration. Bahia would have to gain from the various stages of the process: due to the architectural beauty of both the convent and the chapel, the spectacular view it provides on the Bay of All Saints and the urgency with which it was necessary to restore the buildings in order not to reach the irrecoverable, Bahia had preserved one of the most beautiful examples of religious architecture in Brazil Cologne. On the other hand, the Museum to be installed would bring a peculiarity: the collection itself would be very small; it was not easy to find anyone who sold high-class sacred art pieces at*



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 52



Antigo Convento de Santa Teresa / Former Convent of Santa Teresa

rante séculos, existiam, em Salvador e no Recôncavo, obras pertencentes a irmandades religiosas e leigas, assim como a particulares, que continuavam menos conhecidas e mal estudadas, pela falta de oportunidade e de local adequado para a sua exibição.

“[...] Era essencial o entendimento com a Cúria Metropolitana e, por seu intermédio, com o Vaticano, que resultasse na autorização da Igreja para a universidade assumir a gestão do imóvel. O cardeal dom Augusto Álvaro da Silva, aqui na Bahia... e o brasileiro Deoclécio Redig de Campos, na Cúria Romana, reconhecendo, ambos, o mérito do projeto... deram decisivo apoio ao contrato de comodato, em função do qual o convento ficou à disposição da universidade durante 60 anos, para que nele se realizassem obras de restauração e conserva, e se instalasse o museu. A planta original de parte das edificações reproduzia a de construção ainda existente em Évora. Visando à fidelidade da restauração na Bahia, conseguiu a universidade cópia do projeto erigido no sul de Portugal. Paredes levantadas fora da concepção original foram demolidas... Outras que haviam sido demolidas foram restabelecidas. O mesmo ocorreu com altares encontrados na capela, onde se encontravam peças de tremendo mau gosto, datadas do começo do século XX... Para levantamento das peças que constituiriam a primeira apresentação do museu, novamente entrou em cena o grande poder de persuasão do reitor. Os responsáveis pela guarda das obras de arte receberam, a princípio, emprestá-las à universidade, na ideia de que perderiam para sempre a sua posse. Mas tudo foi feito de modo a inspirar confiança, e a demonstrar que, no museu, as peças estariam sob rigorosas medidas de segurança, o que não vinha ocorrendo na generalidade dos ambientes onde estavam sendo guardadas. Ademais, o propósito da universidade era revelar a existência de inúmeras peças, às quais os estudiosos e o público raramente tinham acesso.

“Por incrível que pareça, este extraordinário trabalho encontrou resistências de todo tipo. Como estivesse esquecida a função cultural da universidade [coisa que de fato hoje está – e pelo próprio sistema universitário], a acusação principal era a de que havia desvio de finalidade da instituição. Ou seja, que aqueles recursos seriam melhor aplicados no aperfeiçoamento das condições do trabalho convencional da universidade... Mas tudo isso foi superado... E o museu se transformou num dos melhores repositórios de peças artísticas vinculadas à nossa formação cultural, estética e religiosa. Para dirigi-lo, o reitor convidou o monge beneditino dom Clemente da Silva Nigra, que permaneceu nessa função durante muitos anos”.

Além disso, a recuperação do convento e a implantação do museu serviram não exatamente para estancar (o que até hoje é praticamente impossível), mas para, ao menos, reduzir o sumiço dessas peças, que escoavam sem problemas da Bahia para mercados e coleções centro-sulistas. Contrabando ou comércio ilegal de peças de arte sacra que ainda hoje acontece. Não faz tempo, de resto, já neste nosso século XXI, em 2008, saquearam a velha e bela Igreja Matriz de Itaparica, construída no século XVIII. Hoje, em vez das bonitas e valiosas imagens de antigamente, o que temos são cópias vagabundas dessas mesmas imagens, feitas todas em gesso. E o que é pior: a população local não deu e nem dá a menor bola para isso... Mas este é outro assunto.

De momento, o que importa celebrar é que hoje, graças a Edgard Santos, temos um convento e um museu esplêndidos, plantados em meio às brisas atlânticas do velho sítio da rua do Sodré.

costs accessible to the University at the time. There was an alternative. Accumulated for centuries, there were, in Salvador and Recôncavo, works belonging to religious and lay, as well as private, brotherhoods, which remained less known and poorly studied, due to the lack of opportunity and adequate place for its exhibition. ¶ “[...] It was essential to understand with the Metropolitan Curia and, through it, with the Vatican, which would result in the authorization of the Church for the University to take over the management of the property. Cardinal Dom Augusto Álvaro da Silva, here in Bahia... and the Brazilian Deoclécio Redig de Campos, in the Roman Curia, recognizing both the merits of the project... gave decisive support to the lending contract, according to which the convent was at the disposal of the University for 60 years, so that restoration and conservation works could be carried out and the Museum installed. The original plan of part of the buildings reproduced the still existing construction in Évora. Aiming at the fidelity of the restoration in Bahia, the University obtained a copy of the project erected in the south of Portugal. Walls erected outside the original design were demolished... Others that had been demolished were reinstated. The same occurred with altars found in the chapel, where there were pieces of tremendous bad taste, dated from the beginning of the twentieth century... To survey the pieces that would constitute the first presentation of the Museum, the great power of persuasion of the rector again came into play. Those responsible for the custody of works of art feared, at first, to lend them to the University, in the idea that they would lose forever their possession. But everything was done in order to inspire confidence, and to demonstrate that, in the Museum, the pieces would be under strict security measures, which was not happening in most of the environments where they were being stored. In addition, the purpose of the University was to reveal the existence of numerous pieces, to which scholars and the public rarely had access. ¶ “Amazingly, this extraordinary work met resistance of all kinds. As the cultural function of the University was forgotten [which it is today – and by the university system itself], the main accusation was that there was a deviation of purpose from the institution. In other words, that these resources would be better used to improve the conditions of the conventional work of the University... But all this was overcome... And the Museum became one of the best repositories of artistic pieces linked to our cultural, aesthetic and religious formation. To direct it, the rector invited the Benedictine monk dom Clemente da Silva Nigra, who remained in this role for many years”. ¶ In addition, the restoration of the convent and the implementation of the Museum served not exactly to stagnate (which is practically impossible today), but to at least reduce the disappearance of these pieces, which flowed smoothly from Bahia to Central-South markets and collections. Smuggling or illegal trade in sacred art that still happens today. Not long ago, moreover, already in our 21st century, in 2008, they looted the old and beautiful mother church of Itaparica, built in the 18th century. Today, instead of the beautiful and valuable images of the past, what we have are vague copies of these same images, all made in plaster. And what’s worse: the local population has not given or does not give a damn about it... but this is another matter. ¶ At the moment, what is important to celebrate is that today, thanks to Edgard Santos, we have a splendid convent and museum, planted amid the Atlantic breezes of the old site of “rua do Sodré”.



**5** OUTROS POUSOS ANTIGOS



*OTHER OLD LANDINGS*

 CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 53

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 54



Capitania da Bahia de todos-os-Santos, doada a Francisco Pereira Coutinho / Captaincy of All Saints Bay, donated to Francisco Pereira Coutinho

“ANTES DE SALVADOR NASCER COMO CIDADE, a Ponta do Padrão marcava a entrada da Baía de Todos-os-Santos. Mais adiante, Pereira Coutinho estabeleceu, como donatário, sua vila nas imediações do atual Porto da Barra. Caramuru e Catarina levantaram capela em louvor a Nossa Senhora das Graças, deixada, anos depois, como legado para os beneditinos, no sítio ora bairro da Graça. A cidade nasceu sabendo da existência desse pequeno núcleo colonial. A divisão eclesiástica estabeleceu o primeiro recorte paroquial entre a cidade que se criava e esse espaço que seria seu subúrbio. Em 1561, foi criada a Freguesia da Vitória, congregando antiga gente da povoação do Pereira” – lê-se no volume *Salvador e a Baía de Todos os Santos – Guia de Arquitetura e Paisagem*.

De fato, este é um aspecto que não deve ser esquecido em nenhuma narrativa da expansão física de Salvador. Porque a Cidade da Bahia teve a sua implantação primeira, oficial, num determinado espaço a cavaleiro do Atlântico, envolvendo as atuais praças Castro Alves, Municipal e da Sé. Mas, antes da escolha daquele sítio, outros lugares, nas cercanias, já tinham conhecido uma, digamos, ocupação pós-indígena. Diogo Caramuru e Catarina Paraguaçu, por exemplo, viveram entre os atuais Porto da Barra e bairro da Graça. A póvoa do capitão donatário Francisco Pereira Coutinho, o Rusticão, ficava ali pela enseada da Barra. Etc.

E não se pode dizer que esses focos habitacionais tenham desaparecido sem deixar vestígios. Não. Deixaram vestígios, sim – e mais do que meros vestígios, da agricultura à base biológica inicial de nossa população. Podem até ter regredido à situação de quase tapera ou sobrevivido vegetativamente durante algum tempo, mas se mantiveram de pé, atravessando séculos. E é evidente que isso nunca deixou de fazer parte – e parte viva – de nossa consciência cidadina. Do desenho geral daquela urbanidade possível, que se gravou no fundo de nossas mentes.



“Before Salvador was born as a city, Ponta do Padrão marked the entrance to the Bay of All Saints. Further on, Pereira Coutinho established, as a donatory, his village in the vicinity of the current Porto da Barra. Caramuru and Catarina raised a chapel in praise of Nossa Senhora das Graças, left, years later, as a legacy for the Benedictines, on the site of the neighborhood of Graça. The city was born knowing the existence of this small colonial nucleus. The ecclesiastical division established the first parish cut between the city that was created and this space that would be its suburb. In 1561, the Freguesia da Vitória was created, congregating old people from the village of Pereira” – reads in the volume *“Salvador e a Baía de Todos os Santos – Guia de Arquitetura e Paisagem”*. “In fact, this is an aspect that should not be forgotten in any narrative of Salvador’s physical expansion. Because the City of Bahia had its first official implementation, in a certain space knight of the Atlantic, involving the current squares Castro Alves, Municipal and Sé. But, before the choice of that place, other places, in the vicinity, had already known a, say, post-Indian occupation. Diogo Caramuru and Catarina Paraguaçu, for example, lived among the current Porto da Barra and Graça neighborhood. The population of the donatory captain Francisco Pereira Coutinho, Rusticão, was located there by the Barra cove. Etc. “And it cannot be said that these housing outbreaks have disappeared without a trace. No. They left traces, yes – and more than mere traces, from agriculture to the initial biological basis of our population. They may have regressed to the situation of almost tapera or survived vegetatively for some time, but they remained standing, crossing centuries. And it is clear that this has never ceased to be part – and a living part – of our city consciousness. The general design of that possible urbanity, which was engraved in the back of our minds.

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 55

Imagem da primitiva Cidade do Salvador e seus muros originais, em desenho do irmão beneditino Paulo Lachenmayer, em 1949

Image of the primitive City of Salvador and its original walls, in a drawing by the Benedictine brother Paulo Lachenmayer, in 1949

Over time, Bahia City will walk towards these old colonial landings mentioned above, incorporating them into the urban corpus. Perhaps it is not useless to remember here that the Greeks, in their archaic and classical times, made a conceptual distinction when referring to the city: one thing was the polis, another was the ásty. Although both words concern urban reality, they are not synonyms. Polis designates the city as a civic body, legal-political complex, symbolic-ideological structuring. Ásty, in turn, designates the city in its physical aspect, in its tangible expression, in its urban and architectural materiality. ¶ In the Greek-English Lexicon, by Liddel and Scott, we read: polis is the body of citizens – ásty, their dwellings. In his book “The Ancient Greeks”, M. I. Finley observes: “The polis was not a place, a material place, although it naturally occupied a certain territory. It was, in essence, the whole of the people acting in agreement and needing, therefore, a place where to meet in assembly to discuss and seek solutions to the problems that presented themselves”. If it is possible to treat the ancient Salvador as polis, these small colonial landings that revolved around it would be, more exactly, its khôra, its rural periphery, to speak still in Greek terms. Only with time, from its annexation to the urban space itself, there in the nineteenth century, would they become part of the polis. ¶ From its original core, the Renaissance-based “matrix spot” mounted on top of the escarpment, Salvador will expand in some directions. In the high plan of the city, we will soon have the occupation of Terreiro de Jesus and Pelourinho, and then the advance towards Santo Antonio Além do Carmo, Soledade (with the Church and Convent of the Ursulinas de Nossa Senhora da Soledade, green verdant on the slopes) and Lapinha... About Terreiro de Jesus, we already have the record made by the writer, councilor and engineer Gabriel Soares de Sousa, in his “Tratado Descritivo do Brasil em 1587”:

Com o tempo, a Cidade da Bahia vai caminhar ao encontro desses antigos pousos coloniais citados acima, incorporando-os ao corpus urbano. Talvez não seja inútil lembrar aqui que os gregos, em seus tempos arcaico e clássico, faziam uma distinção conceitual ao se referir à cidade: uma coisa era a pólis, outra era a ásty. Embora ambas as palavras digam respeito à realidade urbana, não se trata de sinônimos. Polis designa a cidade enquanto corpo cívico, complexo jurídico-político, estruturação simbólico-ideológica. Ásty, por sua vez, designa a cidade em seu aspecto físico, em sua expressão tangível, em sua materialidade urbanística e arquitetônica.

No Greek-English Lexicon, de Liddel e Scott, vemos: polis é o corpo de cidadãos (body of citizens) – ásty, suas habitações (their dwellings). Em seu livro *The Ancient Greeks*, M. I. Finley observa: “A polis não era um sítio, um lugar material, ainda que ocupasse, naturalmente, um determinado território. Era, em essência, o conjunto do povo atuando de comum acordo e necessitando, por isso mesmo, de um lugar onde se reunir em assembleia para discutir e buscar soluções para os problemas que se apresentassem”. Se for possível tratar a Salvador antiga como polis, esses pequenos pousos coloniais que giravam ao seu redor seriam, mais exatamente, a sua khôra, a sua periferia rural, para falar ainda em termos gregos. Só com o tempo, a partir de sua anexação ao espaço urbano propriamente dito, ali pelo século XIX, passariam a integrar a polis.

A partir do seu núcleo original, da “mancha matriz” de base renascentista montada no cimo da escarpa, Salvador vai se expandir em algumas direções. No plano alto da cidade, logo teremos a ocupação do Terreiro de Jesus e do Pelourinho, e em seguida o avanço no sentido de Santo Antônio Além do Carmo, da Soledade (com a Igreja e Convento das Ursulinas de Nossa Senhora da Soledade, verdes verdejando nas encostas) e da Lapinha... Sobre o Terreiro de Jesus, temos já o registro feito pelo escritor, vereador e senhor de engenho Gabriel Soares de Sousa, em seu *Tratado descritivo do Brasil em 1587*:

A Cidade do Salvador [1823-1832]. Litografia de Thomas Abiel Prior, com base em desenho de Augustus Earle / *The City of Salvador [1823-1832]. Lithograph by Thomas Abiel Prior, based on a drawing by Augustus Earle*



▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 56

“Passando além da Sé pelo mesmo rumo do norte, corre outra rua mui larga, também ocupada com lojas de mercadores, a qual vai dar consigo num terreiro mui bem assentado e grande, aonde se representam as festas a cavalo, por ser maior que a praça, o qual está cercado em quadro de nobres casas. E ocupa esse terreiro a parte da rua da banda do mar um suntuoso colégio dos padres da Companhia de Jesus, com uma formosa e alegre igreja, onde serve o culto divino com mui ricos ornamentos, a qual os padres têm sempre mui limpa e cheirosa”. Virado o século, vamos encontrar esse mesmo Terreiro de Jesus na poesia de Gregório de Mattos, referido como espaço de passagem, lugar de encontro e trabalho, *point* do fuxico colonial baiano.

Salvador vai descer da Praça Castro Alves (conhecida, de início, como Largo da Quitanda, em função da feira aí existente) para a Barroquinha (que ganhará uma igreja construída provavelmente no século XVII) e a rua da Vala, antes de subir a Ladeira de São Bento, com sua “rua Direita”, atual Carlos Gomes. Da Barroquinha e da Vala (atual Baixa dos Sapateiros), abrir-se-á a perspectiva de novos bairros e logradouros, como o Gravatá, Santana, Saúde. Na verdade, a ocupação de algumas dessas zonas foi consequência da invasão holandesa de 1624, que empurrou gente para a segunda linha de colinas da cidade. Começaram a ser ocupados espaços na Palma, no Desterro, na Saúde etc. Adiante, já na segunda metade daquele século, vieram as religiosas do Desterro...

Ocupação que vai se expandir ao longo do século XVIII (quando, ao lado da abertura do Largo da Mouraria, aconteceram, entre outras coisas, a construção das igrejas de Nossa Senhora da Saúde, de Nossa Senhora de Nazaré e a matriz do Santíssimo Sacramento e Sant’Anna) e se consolidar na centúria seguinte, quando será fundada a Casa da Providência e serão construídos o Mercado de Santa Bárbara (onde são festejadas a santa católica e Oiá-Iansã, orixá nigeriana), a Pupileira e o Hospital Santa Isabel, vinculado à Santa Casa da Misericórdia. De outra parte, na Cidade Baixa, o bairro da Praia, onde a cidade de fato nasceu (informalmente), não ficará só. Conhecerá a expansão, via Jequitaia, que nos levará um dia aos Mares e à “colina sagrada” do Bonfim, à Boa Viagem, a Itapagipe.

Ladeira de São Bento / São Bento Hill



▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 57

“Passing beyond the Cathedral along the same route as the north, another very wide street runs, also occupied with merchant shops, which will find itself in a very well seated and large terreiro, where the horse parties are represented, as it is larger than the square, which is surrounded by a painting of noble houses. And this terreiro occupies a sumptuous school of the priests of the Companhia de Jesus, with a beautiful and joyful church, where it serves the divine worship with very rich ornaments, which the priests have always very clean and fragrant”. At the turn of the century, we will find this same Terreiro de Jesus in the poetry of Gregório de Mattos, referred to as a space of passage, a place of encounter and work, *point* of the colonial fuxico of Bahia. ¶ Salvador will descend from Castro Alves Square (initially known as Largo da Quitanda, depending on the market there) to Barroquinha (which will gain a church probably built in the 17th century) and Rua da Vala, before climbing the Ladeira de São Bento, with its “Rua Direita”, now Carlos Gomes. From Barroquinha and Vala (current Baixa dos Sapateiros), the perspective of new neighborhoods and places will open up, such as Gravatá, Santana, and Saúde. In fact, the occupation of some of these areas was a consequence of the Dutch invasion of 1624, which pushed people to the second line of hills in the city. Spaces began to be occupied in Palma, Desterro, Saúde, etc. Later, in the second half of that century, came Desterro’s nuns... ¶ Occupation that will expand throughout the eighteenth century (when, next to the opening of Largo da Mouraria, the construction of the churches of Nossa Senhora da Saúde, Nossa Senhora de Nazaré and the headquarters of the Santíssimo Sacramento and Sant’Anna took place) and was consolidated in the following century, when the House of Providence will be founded and the Santa Barbara Market (where the Catholic saint and Oiá-Iansã, Nigerian orixá, are celebrated), the Pupileira and the Santa Isabel Hospital, linked to the Santa Casa da Misericórdia. On the other hand, in Cidade Baixa, the Bairro da Praia, where the city was actually born (informally),

*will not be alone. You will know the expansion, via Jequitaiá, that will one day take us to the Seas and the “sacred hill” of Bonfim, to Boa Viagem, to Itapagipe. † In other words: in settecento, the city is already quite another. By the way, in “A Bahia no Século XVIII”, Luiz Vilhena wrote: “A little less than half a league into the bar, and by the foot of the mountain, which accompanies the navy, running from Northeast to South–Southwest, is the city of Salvador, starting at the beach on the site of Preguiça to the Jiquitaia, with a tortuous street, but continued, with properties of houses of three and four floors, and other large buildings... and this village, which for all its extension lay several alleys, which will die in the navy, call the Beach, or Lower City. For seven sidewalks, that go up the hill looking for the campaign for the part of the East, this communicates with the Upper City, which in the same direction of the mountain runs with a similar street, with non–small tortuosities, from the Fort of S. Pedro to the convent of Soledade, with half a league long.. its large buildings, temples and noble houses are ordinary for the old taste and risk... There are in it many noble buildings, large convents and rich and clean temples”. † And more: “It is not only in the body of the city that its greatness consists, but in six neighborhoods that circulate it; and they are the neighborhood of São Bento, the largest among all, and the most pleasant; all of it lies to the south on a plain, with spacious streets, clean temples and some noble properties. The neighborhood of Praia, opulent for the assistance that the merchants of the square do in it; it is this to the West of the city, when running of the navy, with not smaller temples, forts and better buildings. The one of Santo Antonio Além do Carmo, by the north of the city, eminent to the navy, with buildings of less assumption in number and quality. The neighborhoods of Palma, Desterro and Saúde, which are on the part of the East, are no less pleasant, for the amenity of their situations; all of them with free and untangled airs”. † We will also have, in the ottocento, the walk towards Campo Grande da Vitória and Largo da Vitória. And this is the step by step that now interests us the most, towards the old colonial landings mentioned above. If we then planted ourselves in Campo Grande from the beginning of the 19th century, in front of the fortress, we would have, on our right, Fazenda Garcia, where, with its fountain and staircase, the house of Conde dos Arcos, the future building of Colégio 2 de Julho, would rise. On the left, we would have Gamboa and Solar do Unhão, already on the beach, in the navy. If, instead of Campo Grande, we planted our feet in the current Largo da Vitória, at the entrance of the church there, we would have before us, in a straight line, the path that would lead us to the Colina da Graça. And, by a descent just to the right, the Ladeira da Barra, which could take us both, by a very uphill climb, to the Church of Santo Antonio, and, in a slightly smoother descent, to the Barra cove and to the forts of Santa Maria and São Diogo. † And here I return to the old Vilhena: “There are seven parishes in the city, most of which are extremely clean, for which the emulation of the parishioners competes a lot, who ordinarily do not want to be inferior to their neighbors: starting from the south, it is the first and oldest, because it was erected by the first inhabitants of Bahia, the Matrix of Nossa Senhora da Victória, which I believe will also be one of the first in all Brazil, despite the lapidary inscriptions... it is founded at the top of the mountain, in the cove that has been making the tip of the bar inside the bay. There are four subsidiary churches in this parish, and they are the chapel of Santo Antonio da Barra, S. Gonçalo, S. Lázaro and that of Madre de Deus, in addition to the Convent of Nossa Senhora da Graça of Benedictine religious, and that of Nossa Senhora das Mercês, of Ursuline religious, which for a little more can go through imprisonment of women, than for a convent of nuns”.*

Ou seja: no *settecento*, a cidade já é bem outra. A propósito, em *A Bahia no século XVIII*, Luiz Vilhena escreveu: “Pouco menos de meia légua para dentro da barra, e pelo pé da montanha, que acompanha a marinha, correndo de nordeste a sul–Sudoeste, fica a cidade do Salvador, começando na praia no sítio da Preguiça até a Jiquitaia, com uma rua tortuosa, mas continuada, com propriedades de casas de três e quatro andares, e outros grandes edifícios... e a esta povoação, que por toda a sua extensão deita diversos becos, que vão morrer na marinha, chamam a Praia, ou Cidade Baixa. Por sete calçadas, que sobem pela colina procurando a campanha para a parte do nascente, se comunica esta com a Cidade Alta, que na mesma direção da montanha corre com uma semelhante rua, com tortuosidades não pequenas, desde o Forte de S. Pedro até ao convento da Soledade, com meia légua de comprido... os seus grandes edifícios, templos e casas nobres são de ordinário pelo gosto e risco antigos... Há nela muitos edifícios nobres, grandes conventos e templos ricos e asseados”.

E mais: “Não é só no corpo da cidade em que consiste a grandeza dela, mas em seis bairros que a circulam; e são o bairro de São Bento, o maior entre todos, e o mais aprazível; todo ele fica ao sul sobre uma planície, com ruas espaçosas, asseados templos e algumas propriedades nobres. O bairro da Praia, opulento pela assistência que nele fazem os comerciantes da praça; fica este ao poente da cidade, ao correr da marinha, com não menores templos, fortalezas e melhores edifícios. O de Santo Antônio Além do Carmo, pelo norte da cidade, eminente à marinha, com edifícios de menos suposição em número e qualidade. Os bairros da Palma, Desterro e Saúde, que ficam pela parte do nascente, não são menos aprazíveis, pela amenidade das suas situações; todos eles com ares livres e desembaraçados”.

Teremos também, no *ottocento*, a caminhada no rumo do Campo Grande da Vitória e do Largo da Vitória. E este é o passo a passo que agora mais nos interessa, em direção aos antigos pousos coloniais antes citados. Se a gente se plantasse então no Campo Grande de inícios do século XIX, em frente à fortaleza, teríamos, à nossa direita, a Fazenda Garcia, onde se ergueria, com sua fonte e sua escadaria, a casa do Conde dos Arcos, futuro prédio do Colégio 2 de Julho. À esquerda, teríamos a Gamboa e o Solar do Unhão, já na beira da praia, na marinha. Se, em vez do Campo Grande, plantássemos nossos pés no atual Largo da Vitória, à entrada da igreja ali existente, teríamos diante de nós, em linha reta, o caminho que nos conduziria à Colina da Graça. E, por uma descida logo à direita, a Ladeira da Barra, que tanto poderia nos levar, por uma subida bem empinada, à Igreja de Santo Antônio, quanto, em descida um pouco mais suave, à enseada da Barra e aos fortes de Santa Maria e de São Diogo.

E aqui volto ao velho Vilhena: “Há na cidade sete paróquias, de que a maior parte são em extremo asseadas, para o que concorre muito a emulação dos paroquianos, que de ordinário não querem ficar, nas suas funções, inferiores aos seus vizinhos: começando pois pelo sul, é a primeira e mais antiga, por ter sido ereta pelos primeiros povoadores da Bahia, a Matriz de Nossa Senhora da Victória, que eu creio será também uma das primeiras de todo o Brasil, apesar das inscrições lapidares... está ela fundada no cimo da montanha, na enseada que vem fazendo a ponta da barra para dentro da baía. Há nesta freguesia quatro igrejas filiais, e são a capela de Santo Antonio da Barra, S. Gonçalo, S. Lázaro e a da Madre de Deus, além do Convento de Nossa Senhora da Graça de religiosos beneditinos, e o de Nossa Senhora das Mercês, de religiosas ursulinas, que por pequeno mais pode passar por prisão de mulheres, do que por convento de freiras”.

*COMO, NESTA ÉPOCA, SALVADOR SÓ TINHA MAIS UMA “FREGUESIA”, A DA SÉ, QUE FICAVA INTRAMUROS, A DA VITÓRIA, EXTRAMUROS, ESTENDER-SE-IA LIVREMENTE EM VÁRIAS DIREÇÕES PERIFÉRICAS OU SUBURBANAS. DE QUALQUER MODO, COM O TEMPO, TERÍAMOS SUCESSIVOS RECORTES TERRITORIAIS ECLESIASTICOS NO CHAMADO TERMO DA CIDADE, VALE DIZER, A ÁREA DO MUNICÍPIO, OU ÁREA SOBRE A QUAL SE EXERCIA A AUTORIDADE MUNICIPAL.*

Mas vamos colocar as coisas em perspectiva. Somente no século XIX a cidade vai dar as mãos a estes sítios até então muito mais rurais do que urbanos. Falamos já do estabelecimento da Freguesia da Vitória em 1561. Como, nesta época, Salvador só tinha mais uma “freguesia”, a da Sé, que ficava intramuros, a da Vitória, extramuros, estender–se–ia livremente em várias direções periféricas ou suburbanas. De qualquer modo, com o tempo, teríamos sucessivos recortes territoriais eclesiásticos no chamado *Termo* da cidade, vale dizer, a área do município, ou área sobre a qual se exercia a autoridade municipal. Mas, atravessando tudo, uma pergunta permanece. “É preciso dizer e repetir: Salvador e as áreas rurais de seu entorno formavam um todo. Onde, então, acabava a cidade e começava o campo?” – indaga–se Katia Mattoso, em seu estudo *Bahia século XIX – uma província no Império*.

“Todas as fontes indicam que os limites desse Termo, definido no século XVI, não foram modificados até o século XIX, tendo incluído ao longo de todo esse tempo sete paróquias rurais, habitadas basicamente por agricultores dispersos: Nossa Senhora da Conceição de Itapoã, São Bartolomeu de Pirajá, São Miguel de Cotejipe, Nossa Senhora do Ó de Paripe, Nossa Senhora da Piedade de Matuim, Sant’Anna da Ilha de Maré e Nossa Senhora da Encarnação de Passé. A estas sete paróquias, muito próximas da cidade, devem–se acrescentar, por um lado, as de São Bento do Monte Gordo e do Divino Espírito Santo (que formaram, no fim do século XVIII, o povoado de Abrantes) e as de São Pedro do Açu da Torre e do Senhor do Bonfim da Mata (que, na mesma época, formaram o povoado da Mata de São João). Até à época da Independência, esses dois povoados e suas paróquias faziam parte do Termo de Salvador, e o mesmo acontecia com as duas paróquias da Ilha de Itaparica: Santa Vera Cruz e Santo Amaro”.

Continua Katia: “Em 1757, 1800 e 1829, fizeram–se três descrições mais ou menos precisas das paróquias ditas urbanas. [...]. Consultando esse material, minha atenção recaiu particularmente sobre as respostas dos vigários de Nossa Senhora de Brotas [cujas terras iam até a Pituba], onde moravam apenas 45 pessoas, e de Nossa Senhora da Vitória [cujas terras iam até ao Rio Vermelho], onde moravam 1.500. [...]. Produtoras de mandioca e de frutas, Nossa Senhora de Brotas e Nossa Senhora da Vitória eram verdadeiras roças quase vazias, onde uma população rural tirava proveito das riquezas do solo e da abundância das águas. [...]. Não podiam ser qualificadas de centros urbanos, até porque inexistiam serviços já implantados nas outras paróquias (arruamento,

But let’s put things in perspective. Only in the nineteenth century will the city hold hands with these hitherto much more rural than urban places. We have already talked about the establishment of Freguesia da Vitória in 1561. As, at this time, Salvador only had one more “parish”, that of Sé, which was intramural, that of Vitória, extramural, would extend freely in several peripheral or suburban directions. In any case, in time, we would have successive ecclesiastical territorial clippings in the so–called Term of the city, that is, the area of the municipality, or area over which municipal authority was exercised. But, going through everything, one question remains. “It is necessary to say and repeat: Salvador and the rural areas around it formed a whole. Where, then, did the city end and the countryside begin?” – asks Katia Mattoso, in her study “Bahia Século XIX – Uma Província no Império”. † “All sources indicate that the limits of this Term, defined in the sixteenth century, were not modified until the nineteenth century, having included throughout this time seven rural parishes, basically inhabited by dispersed farmers: Nossa Senhora da Conceição de Itapoã, São Bartolomeu de Pirajá, São Miguel de Cotejipe, Nossa Senhora do Ó de Paripe, Nossa Senhora da Piedade de Matuim, Sant’Anna da Ilha de Maré and Nossa Senhora da Encarnação de Passé. To these seven parishes, very close to the city, should be added, on the one hand, those of São Bento do Monte Gordo and the Divino Espírito Santo (which formed, at the end of the 18th century, the village of Abrantes) and those of São Pedro do Açu da Torre and Senhor do Bonfim da Mata (which, at the same time, formed the village of Mata de São João). Until the time of Independence, these two villages and their parishes were part of the Term of Salvador, and the same happened with the two parishes of the Island of Itaparica: Santa Vera Cruz and Santo Amaro”. † Katia continues: “In 1757, 1800 and 1829, three more or less precise descriptions of the so–called urban parishes were made. [...]. Consulting this material, my attention was particularly focused on the responses of the vicars of Nossa Senhora de Brotas [whose lands went to Pituba], where only 45 people lived, and Nossa Senhora da Vitória [whose lands went to Rio Vermelho], where 1,500 people lived. [...]. Manioc and fruit producers, Nossa Senhora de Brotas and Nossa Senhora da Vitória were veritable almost empty swiddens, where a rural population took advantage of the richness of the soil and the

abundance of water. [...] They could not be described as urban centers, not least because there were no services already established in other parishes (streets, transport, night lighting). Why were they not considered ‘rural parishes’? [...] ...twenty years after the census of 1757, made by the vicars, the parishes of Brotas and Vitória remained very sparsely populated, keeping more similarities with the suburban than with the other urban parishes”. ¶ Katia is right. Even at the end of the eighteenth century, Brotas and Vitória could not, from any angle, be considered urban. The former district of Vitória included the Mercês, the Politeama, the Aflitos, the Garcia, the Federação, the Graça, the Barra, the Rio Vermelho. But when I say Vitória, what I have in mind is the segment that goes from Campo Grande to the square where the Mother Church of Nossa Senhora da Vitória is planted. The most remote reference that occurs to me, in the context of the history of our city, is that, when Salvador was built, Vila Velha as if it turned in a vacuum, but it did not disappear from the map. It remained a fortified focus in the suburb of the city, which was linked by the so-called Caminho do Conselho, which extended to the top of the ridge that borders the sea. We were therefore passing through the future Vitória. We have already talked about the creation of the parish, but nobody knows for sure in which year the church of the place was first built. What is said is that soon the embryo of a population was formed in its surroundings. But that’s what it’s all about. ¶ For centuries, apart from the church and the houses arranged around it, Vitória was nothing more than land and arisco bush. And so it came to the eighteenth century. The same can be said of Graça, Barra and Rio Vermelho. Also in the first half of the sixteenth century, the Indian Catarina Paraguaçu, a former Tupinambá cannibal who converted to Catholicism and became fervent devotee of Our Lady, built a hermitage on the hill of Graça. It is said that Our Lady appeared to the Indian woman and asked for the construction of the small temple. To my knowledge, this is the only apparition of Our Lady in Brazilian lands, since the narratives of Our Lady of Aparecida and the Lady of Círio de Nazaré revolve around the finding of images, not a vision of the Virgin Mary herself. Not by chance is the place of this apparition designated by the word grace. This chapel – which, in time, would become the Church of Nossa Senhora da Graça – is one of the oldest Catholic temples in Brazil, next to the churches of Vitória, Ajuda and Nossa Senhora da Conceição da Praia. And also its vicinity, already in the sixteenth century, was occupied by houses, in yet another embryo of hamlet.

transportes, iluminação noturna). Por que não eram consideradas ‘paróquias rurais’? [...] ...vinte anos depois do censo de 1757, feito pelos vigários, as paróquias de Brotas e da Vitória continuavam muito pouco povoadas, guardando mais semelhanças com as suburbanas que com as demais paróquias urbanas”.

Razão tem Katia. Ainda no final do século XVIII, Brotas e Vitória não poderiam, de ângulo algum, ser consideradas urbanas. O antigo distrito da Vitória incluía as Mercês, o Politeama, os Aflitos, o Garcia, a Federação, a Graça, a Barra, o Rio Vermelho. Mas, quando digo Vitória, o que tenho em mente é o segmento que vai do Campo Grande ao largo onde se planta a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória. A referência mais remota que me ocorre, no âmbito da história da nossa cidade, é que, quando Salvador foi edificada, a Vila Velha como que girou a vácuo, mas não sumiu do mapa. Permaneceu como um foco fortificado no subúrbio da cidade, à qual se ligava pelo chamado Caminho do Conselho, que se estendia no alto da cumeada que margeia o mar. Passávamos, portanto, pela futura Vitória. Falamos já da criação da freguesia, mas ninguém sabe ao certo em que ano a igreja do lugar foi primeiramente construída. O que se diz é que logo se formou, no seu entorno, o embrião de uma póvoa. Mas tudo ficou por isso mesmo.

Durante séculos, afora a igreja e as casas dispostas ao seu redor, a Vitória mais não foi do que terra e mato arisco. E assim chegou ao século XVIII. Isso também se pode dizer da Graça, da Barra e do Rio Vermelho. Ainda na primeira metade do século XVI, a índia Catarina Paraguaçu, ex-canibal tupinambá que se converteu ao catolicismo e se tornou devota fervorosa de Nossa Senhora, fez construir uma ermida na colina da Graça. Conta-se que Nossa Senhora apareceu à índia e pediu a construção do pequeno templo. Que eu saiba, trata-se da única aparição de Nossa Senhora em terras brasileiras, já que as narrativas da Senhora Aparecida e da Senhora do Círio de Nazaré giram em torno do achamento de imagens, não de uma visão da própria Virgem Maria. Não por acaso o local desta aparição é designado pela palavra *graça*. Esta ermida – que, com o tempo, se tornaria a Igreja de Nossa Senhora da Graça – é um dos mais antigos templos católicos do Brasil, ao lado das igrejas da Vitória, da Ajuda e de Nossa Senhora da Conceição da Praia. E, também, a sua vizinhança, já no século XVI, foi ocupada por casas, em mais um embrião de póvoa.

Embriões de póvoas brotaram também na Barra, em dias anteriores à construção da Cidade da Bahia. A aldeia ou póvoa do Caramuru ficava entre a Ponta do Padrão e a pequena enseada da Barra. Também por ali o

Rusticão fez erguer seu arraial, que viria a ser a Vila Velha. No século XVII, na subida para a Vitória, acima do Forte de São Diogo, construiu-se a ermida de Santo Antônio da Barra, num mirante de onde é possível divisar, ao longe, a Ponta de Humaitá. Mas o lugar permaneceu essencialmente rural. Por mais tempo, aliás, do que a Vitória. Por séculos, a Barra permaneceu tranquila e escassamente habitada, periferia predominantemente rural de nossa cidade. Ainda ao longo do século XIX, enquanto o Corredor da Vitória se povoava de estrangeiros elegantes, de comerciantes ricos e diplomatas, a Barra seguia sua rotina campestre.

Em *Notícias da Bahia – 1850*, Pierre Verger reproduz o seguinte anúncio de um jornal baiano, veiculado em 1846: “Vende-se uma rocinha na povoação da Barra com arvoredo que consta de 60 pés de coqueiros, mangueiras, cajueiros e com capim plantado para sustentar anualmente e com fartura dois cavalos; sofrível casa de morar toda reparada de novo, quase toda forrada e soalhada, contendo duas salas, uma varanda, quatro quartos, despensa e casinha com fogão a vapor; tendo frente da casa um pequeno jardim; cocheira, estrebaria espaçosa para três animais, e casa para pretos; fonte d’água para beber, com casa para banho de bica tudo novo e pintado recentemente; quem a quiser comprar fala com J. J. de Mello Pacheco – Troca-se também por algum prédio na cidade de igual valor”. O lugar se sente ainda tão rural que seus moradores, à maneira deste anúncio, referem-se a Salvador como “a cidade”. Do mesmo modo, o Rio Vermelho. Pesca da baleia à parte, foi por longo tempo uma área rural. Em 1817, o francês Tollenare vai descrevê-lo como um povoado de pescadores contendo “umas cem cabanas”.

Mas vamos a uma observação geral, para finalizar este capítulo. Como estamos falando de expansão da Cidade da Bahia, uma coisa não deve ser deixada de parte. Observamos já que a chamada mancha matriz da cidade buscou uma regularidade renascentista, que não conseguiria se impor nos novos espaços por onde a capital da América portuguesa se iria expandindo. A grelha original (grelha irregular, mas grelha), o centro quase reticulado, não resistiu ao crescimento urbano. Ficou circunscrita ao platô onde o burgo foi implantado. Era uma vontade de racionalidade urbanística que ainda chegou a se expressar nos primeiros passos da cidade para fora do seu perímetro inaugural, como se vê no Terreiro de Jesus. Mas Salvador avançou por vales e cumeadas. Nesse crescimento em terreno acidentado, a racionalidade geométrica foi por água abaixo.

*Hamlet embryos also sprouted in Barra, in days prior to the construction of Bahia City. The village or hamlet of Caramuru was between Ponta do Padrão and the small cove of Barra. Rusticão also raised his camp there, which would become Vila Velha. In the 17th century, on the ascent to Vitória, above the São Diogo Fort, the chapel of Santo Antonio da Barra was built, on a viewpoint from which it is possible to see, in the distance, the tip of Humaitá. But the place remained essentially rural. Longer, by the way, than Vitória. For centuries, Barra remained quiet and sparsely inhabited, a predominantly rural periphery of our city. Still throughout the nineteenth century, while the Corredor da Vitória was populated by elegant foreigners, rich merchants and diplomats, Barra followed its rural routine. ¶ In “Notícias da Bahia – 1850”, Pierre Verger reproduces the following announcement from a Bahian newspaper, published in 1846: “A rocinha is sold in the village of Barra with a grove consisting of 60 feet of coconut trees, mango trees, cashew trees and grass planted to support two horses annually; a poor house to live in repaired again, almost all lined and sunny, containing two rooms, a balcony, four bedrooms, a pantry and a house with a steam cooker; a small garden in front of the house; a barn, a spacious stable for three animals, and a house for blacks; a water fountain to drink, with a house for a freshly painted spout; anyone who wants to buy it speaks to J. J. de Mello Pacheco – It is also exchanged for a building in the city of equal value”. The place still feels so rural that its residents, in the manner of this announcement, refer to Salvador as “the city.” Likewise, the Rio Vermelho. Whale fishing aside, it was for a long time a rural area. In 1817, the Frenchman Tollenare will describe it as a fishing village containing “a hundred huts”. ¶ But let us make a general observation in order to finish this chapter. As we are talking about the expansion of Bahia City, one thing should not be left out. We have already observed that the so-called mainstay of the city sought a Renaissance regularity, which would not be able to impose itself in the new spaces where the capital of Portuguese America would expand. The original grid (irregular grid, but grid), the almost reticulated center, did not resist urban growth. It was circumscribed to the plateau where the village was implanted. It was a desire for urban rationality that even came to express itself in the first steps of the city out of its inaugural perimeter, as seen in the Terreiro de Jesus. But Salvador advanced through valleys and ridges. In this growth in rugged terrain, the geometric rationality went downhill.*

Panorama de Salvador, por Friedrich Salathé, em 1830  
Panorama of Salvador, by Friedrich Salathé, in 1830

*EMBRIÕES DE PÓVOAS BROTARAM TAMBÉM NA BARRA, EM DIAS ANTERIORES À CONSTRUÇÃO DA CIDADE DA BAHIA. A ALDEIA OU PÓVOA DO CARAMURU FICAVA ENTRE A PONTA DO PADRÃO E A PEQUENA ENSEADA DA BARRA. TAMBÉM POR ALI O RUSTICÃO FEZ ERGUER SEU ARRAIAL, QUE VIRIA A SER A VILA VELHA. NO SÉCULO XVII, NA SUBIDA PARA A VITÓRIA, ACIMA DO FORTE DE SÃO DIOGO, CONSTRUIU-SE A ERMIDA DE SANTO ANTÔNIO DA BARRA, NUM MIRANTE DE ONDE É POSSÍVEL DIVISAR, AO LONGE, A PONTA DE HUMAITÁ.*

Os portugueses e luso-brasileiros aqui residentes, antes que se preocupar em manter a regularidade formal delineada pelo poder metropolitano, trataram de ir construindo e plantando suas construções segundo os padrões das cidades lusitanas. Segundo o modelo de Lisboa e de outros núcleos urbanos portugueses, como Coimbra, o Porto e Viana do Castelo. O que eles queriam era ter, aqui nos trópicos, uma cidade como as que existiam no velho Portugal. A cidade junto ao mar, dividida em alta e baixa, numa profusão de ladeiras e ruas irregulares, numa desordem quase labiríntica de becos, esquinas, pracinhas e vielas. Com isso, Salvador, embora com um centro marcado pela intencionalidade renascentista, cresceu assumindo uma fisionomia de cidade lusitana. De cidade filiada ao modelo urbano mediterrânico, de raiz muçulmana. É assim que vemos o espaço que vem de Santo Antônio Além do Carmo ao Pelourinho, com a graça sinuosa de seu traçado luso, de base islâmico-medieval, como o do bairro da Alfama, em Lisboa.

*The Portuguese and Portuguese-Brazilians living here, before worrying about maintaining the formal regularity outlined by the metropolitan power, tried to build and plant their buildings according to the standards of the Lusitanian cities. According to the model of Lisbon and other Portuguese urban centers, such as Coimbra, Porto and Viana do Castelo. What they wanted was to have, here in the tropics, a city like the ones that existed in old Portugal. The city by the sea, divided into high and low, in a profusion of hillsides and uneven streets, in an almost labyrinthine disorder of alleys, corners, squares and alleys. Thus, Salvador, although with a center marked by Renaissance intentionality, grew up assuming a Lusitanian city face. From a city affiliated to the Mediterranean urban model, with Muslim roots. This is how we see the space that comes from Santo Antonio Além do Carmo to Pelourinho, with the winding grace of its Portuguese layout, with an Islamic-medieval base, such as the neighborhood of Alfama, in Lisbon.*







6

**UM PASSEIO PELO  
CAMPO GRANDE  
DA VITÓRIA**



*A WALK THROUGH  
THE CAMPO GRANDE  
DA VITÓRIA*



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 60

▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 61



Fotografia publicada em um postal Reis & C. Bahia, circulado em 1903. Em destaque, o Monumento ao Dois de Julho, inaugurado em 1895.  
Photograph published in a Reis & C. Bahia postcard, circulated in 1903. Highlights include the Monument to the 2nd of July, inaugurated in 1895

**AO LONGO DOS TEMPOS COLONIAIS**, a área hoje existente entre o Hotel da Bahia (infelizmente algo desfigurado por sua mais recente reforma), o edifício residencial chamado Britannia, que se ergue no local onde ficava a sede do antigo Clube Inglês (a atual fica ali perto, na rua Banco dos Ingleses, com vista para o mar), e o Teatro Castro Alves não passava de um vasto pasto para animais, conhecido como o Campo de São Pedro.

A denominação vinha de uma pequena ermida existente em sua vizinhança, derrubada para que ali se construísse ou se refizesse, em 1627, a Fortaleza de São Pedro, que não demorou a inscrever seu nome na história de nossa cidade. Informa Braz do Amaral, em nota a Vilhena: “O campo do Forte de S. Pedro ou Campo Grande, hoje Parque Duque de Caxias, foi o pasto de uma fazenda de gado vacum e cavalar que se estendia de Vila Velha até às proximidades da capelinha que havia dedicada a São Pedro no lugar onde está hoje o quartel ou onde se acha a Memória de d. João VI”.

A trajetória dessa fortaleza, como obra de arquitetura e engenharia, é mais ou menos bem conhecida, apesar da controvérsia sobre sua origem. Luiz Vilhena, por exemplo, acha, provavelmente com razão, que foi obra originalmente feita pelos holandeses, durante a ocupação de 1624-1625. Vinte anos depois de implantado, o prédio original foi reconstruído (embora ainda não em alvenaria, em pedra e cal, como afirmam alguns estudiosos, em livros badalados sobre o assunto), ganhando então, ao que parece, o seu desenho retangular. Mais tarde, em inícios do século XVIII, tivemos a construção da fortaleza atual, sob o comando do engenheiro Miguel Pereira da Costa, personagem de relevo na história da engenharia militar em nosso meio.

Em seu livro *Arquitetura militar em Salvador da Bahia – séculos XVI a XVIII*, o escritor e arquiteto Filipe Eduardo Moreau escreveu: “O início do século XVIII representa uma nova fase da engenharia militar na defesa de Salvador, com profissionais mais fixos servindo à Praça. Miguel Pereira da Costa se destacou na engenharia militar portuguesa e do Brasil, praticamente inaugurando a nova fase de fortificações na cidade. Ele participou ativamente dos principais trabalhos de defesa da primeira metade do século XVIII. O seu relatório *Extracto da Fortificação desta Praça da Bahia – estado em q se acha, remédio de q necessita*, encaminhado a Portugal em 1710, é particularmente interessante. [...] Ele veio ao Brasil com uma das maiores patentes da especialidade, já engenheiro experimentado nas campanhas do Alentejo, combatente e fortificador. Foi convocado para servir em Salvador como engenheiro fixo, por ocasião da morte do engenheiro Gregório Gomes e em meio a desentendimentos do governador com o sargento-mor Antonio Roiz Ribeiro. Ao chegar, além de passar por um choque cultural, manifestou desespero ao encontrar uma cidade completamente despreparada e sem defesas para um eventual ataque. Em 9 de novembro de 1709 foi nomeado tenente de mestre de campo da Bahia. Personagem de muitas qualidades, Miguel Pereira teve uma longa permanência na Bahia, trabalhando sempre no sistema fortificado do Morro de São Paulo, em Itaparica e nas fortalezas de Salvador. No início foi ajudado pelo então capitão engenheiro Gaspar de Abreu e depois por Nicolau Abreu de Carvalho. Só se afastou para trabalhos profissionais em Angola e no levantamento das estradas para as minas do Rio das Contas”.

Assinala ainda Felipe Eduardo Moreau que o trabalho de Miguel Pereira da Costa para as minas de Jacobina e Rio das Contas “foi elogiado pelo Conselho Ultramarino, propondo-lhe a comenda do *Hábito de Cristo* com uma *tença* e o agradecimento pessoal do rei por carta”. Mas, antes de prosseguir, chegando ao desempenho do

Throughout colonial times, the area now existing between the Hotel da Bahia (unfortunately, something disfigured by its most recent renovation), the residential building called Britannia, which stands on the site where the old English Club was headquartered (the current one is nearby, on Rua Banco dos Ingleses, overlooking the sea), and the Castro Alves Theater, was nothing more than a vast animal pasture, known as the Campo de São Pedro. ¶ The denomination came from a small chapel in its vicinity, overturned so that in 1627 the Fortress of São Pedro could be built or rebuilt, which did not take long to inscribe its name in the history of our city. Braz do Amaral informs, in a note to Vilhena: “The field of the Fort of S. Pedro or Campo Grande, today Parque Duque de Caxias, was the pasture of a cattle farm vacum and horse that extended from Vila Velha to the vicinity of the chapel that had dedicated to São Pedro in the place where the barracks are today or where the Memory of King John VI is located”. ¶ The trajectory of this fortress, as a work of architecture and engineering, is more or less well known, despite the controversy about its origin. Luiz Vilhena, for example, thinks, probably rightly so, that it was originally made by the Dutch during the occupation of 1624-1625. Twenty years after its construction, the original building was rebuilt (although not yet in masonry, in stone and lime, as some scholars claim, in popular books on the subject), thus gaining, apparently, its rectangular design. Later, in the early eighteenth century, we had the construction of the current fortress, under the command of engineer Miguel Pereira da Costa, a prominent character in the history of military engineering in our midst. ¶ In his book “Arquitetura Militar em Salvador da Bahia – Séculos XVI a XVIII”, the writer and architect Filipe Eduardo Moreau wrote: “The beginning of the 18th century represents a new phase of military engineering in the defense of Salvador, with more fixed professionals serving the Square. Miguel Pereira da Costa excelled in Portuguese and Brazilian military engineering, practically inaugurating the new phase of fortifications in the city. He actively participated in the main defense works of the first half of the eighteenth century. His report “Extracto da Fortificação desta Praça da Bahia – estado em q se acha, remédio de q necessita”, sent to Portugal in 1710, is particularly interesting. [...] He came to Brazil with one of the highest ranks of the specialty, already an engineer experienced in the campaigns of the Alentejo, a combatant and fortifier. He was summoned to serve in Salvador as a fixed engineer, on the occasion of the death of Eng. Gregório Gomes and in the midst of the governor’s disagreements with Sergeant Major Antonio Roiz Ribeiro. Upon arriving, in addition to experiencing a cultural shock, he expressed despair at finding a city completely unprepared and without defenses for an eventual attack. On November 9, 1709, he was appointed Field Master Lieutenant of Bahia. A character of many qualities, Miguel Pereira had a long stay in Bahia, always working in the fortified system of Morro de São Paulo, in Itaparica and in the fortresses of Salvador. In the beginning he was helped by the then Cap. Eng. Gaspar de Abreu and then by Nicolau Abreu de Carvalho. He only left for professional work in Angola and to survey the roads to the Rio das Contas mines”. ¶ Felipe Eduardo Moreau also points out that the work of Miguel Pereira da Costa for the mines of Jacobina and Rio das Contas “was praised by the Overseas Council, proposing the commendation of the “Habit of Christ” with a pension and the personal thanks of the king by letter”. But before proceeding, arriving at the performance of the engineer in relation to the

Fortress of São Pedro, I do not want to miss in white clouds the so-called “cultural shock” mentioned by Moreau. It was not uncommon for the Portuguese to experience shocks in their stay in Bahia City. ¶ The most illustrious case is that of the city’s founder–builder, the governor general Tomé de Sousa. When, recently, they had the unfortunate idea of wanting to transfer here the so-called “remains” of Tomé de Sousa, I protested publicly, saying that the first governor general could not stand Bahia and it was better that they left their cadaver leftovers resting in peace there in Portugal. Tomé hated it here, thought that being in Salvador was being in hell and eagerly counted the days to return to life in the Portuguese metropolis. This he did as quickly as he could, embarking towards Lisbon on the same ship that brought Duarte da Costa, his successor in office. The case of Miguel Pereira da Costa was quite different: “...coming from a small country and with rigors in military life, he found a beautiful, large, wild, free, sensual, permissive place; he had to go to Portugal to deal with the ‘illnesses’ – disease attacks, perhaps acquired in the tropics – but he asked the King to return and made a point of spending the end of life in Bahia”. ¶ But let’s stay a little more in general plan, still in the view of Filipe Eduardo Moreau: “The first major project in which [Miguel Pereira] was involved in Bahia was to continue the implementation of the fortified system of Morro de São Paulo, considered important by the experts. At that time, in Salvador, Captain Francisco Pinheiro played the works of Fort São Pedro, following the specifications of Miguel Pereira. Insecure about the progress, the governor asked for the return of Miguel Pereira, who had recommended a coat of stone (it was still a land construction). The following year, Miguel Pereira returned to Morro to inspect the works [...]. While supervising the fortifications, he was in charge of other projects, such as that of the church of Santa Cruz de Cabrdlia, showing versatility in this area. But Salvador’s defense was his priority. After the “Extracto da Forteficação...” (1710), he was assigned to make a new report (1712) on the defenses of the City and Recôncavo, observing where there were old fortifications. In the document he highlights the need to be perfect of the forts of Itaparica and the old of São Bartolomeu de Pirajá. The report probably reinforced the decision to fortify Salvador and was also included in the Brig’s consultancy script. João Massé. In defense of the Recôncavo, the small fortifications of the Paraguaçu River were remembered, such as the Santa Cruz fortress, a plant raised by Miguel Pereira [...]. Working with Massé on the fortification project, Miguel Pereira was promoted from Field Master Lieutenant to Field Master: a recognition of the king for his competence and dedication. With the fortification project, possibly completed in 1716, and its approval by the Court, the engineer’s responsibility was increased, initiating or continuing large constructions, such as the forts of S. Marcelo, S. Pedro, Barbalho and the Morro de S. Paulo system”. ¶ In passing, I note that I always find intriguing the custom of baptizing warlike units – fortresses, forts, blockhouses – with names of saints of the Catholic Church... What is at the root of this? The medieval crusader spirit? But it is still a fort with the name of a saint – in this case, that of Saint Peter – that we are going to deal with now. Miguel Pereira’s observations about this fort can be found in “O Extracto da Forteficação desta Praça da Bahia”. And the field master spares no criticism, making harsh and rigorous judgment of the strong Soteropolitans, if these deserved such a name. In fact, he’s quite ruthless.

engenheiro com relação à Fortaleza de São Pedro, não quero deixar passar em brancas nuvens o tal do “choque cultural” mencionado por Moreau. Não foi incomum que portugueses experimentassem choques em sua permanência na Cidade da Bahia.

O caso mais ilustre é o do próprio fundador–construtor da cidade, o governador–geral Tomé de Sousa. Quando, recentemente, tiveram a infeliz ideia de querer trasladar para cá os ditos “restos mortais” de Tomé de Sousa, protestei publicamente, dizendo que o primeiro governador–geral não suportava a Bahia e era melhor que deixassem suas sobras cadavéricas descansando em paz lá mesmo em Portugal. Tomé detestava isso aqui, achava que estar em Salvador era estar no inferno e contava ansiosamente os dias para voltar à vida na metrópole portuguesa. Coisa que fez com a maior presteza que pôde, embarcando em direção a Lisboa no mesmo navio que trouxe Duarte da Costa, seu sucessor no cargo. O caso de Miguel Pereira da Costa foi bem diferente: “...vindo de país pequeno e com rigores na vida militar, encontrou um lugar belo, grande, selvagem, livre, sensual, permissivo; já velho teve de ir a Portugal para tratar dos ‘achaques’ – ataques de doença, talvez adquirida nos trópicos –, mas pediu ao rei para voltar e fez questão de passar o fim da vida na Bahia”.

Mas fiquemos um pouco mais em plano geral, ainda na visão de Filipe Eduardo Moreau: “O primeiro grande projeto em que [Miguel Pereira] se envolveu na Bahia foi continuar a implantação do sistema fortificado do Morro de São Paulo, considerado importante pelos especialistas. Nessa época, em Salvador o capitão Francisco Pinheiro tocava as obras do Forte São Pedro, seguindo as especificações de Miguel Pereira. Inseguro sobre o andamento, o governador pediu o retorno de Miguel Pereira, que tinha recomendado um *encamisamento* de pedra (era ainda uma construção de terra). No ano seguinte, Miguel Pereira voltou ao Morro para vistoriar as obras [...]. Enquanto supervisionava as fortificações, era incumbido de outros projetos, como o da *Igreja de Santa Cruz de Cabrdlia*, mostrando versatilidade nessa área. Mas a defesa de Salvador era sua prioridade. Depois do *Extracto da Forteficação...* (1710), ele foi designado a fazer novo relatório (1712) sobre as defesas da Cidade e Recôncavo, observando onde havia antigas fortificações. No documento ele destaca a necessidade de estarem perfeitos os fortes de Itaparica e o antigo de São Bartolomeu de Pirajá. O relatório provavelmente reforçou a decisão de fortificar Salvador e foi também incluído no roteiro de consultorias do brigadeiro João Massé. Na defesa do Recôncavo foram lembradas as pequenas fortificações do Rio Paraguaçu, como o fortim da Santa Cruz, de planta levantada por Miguel Pereira [...]. Trabalhando com Massé, no projeto de fortificação, Miguel Pereira foi promovido de tenente de mestre de campo para mestre de campo: um reconhecimento do rei à sua competência e dedicação. Com o projeto de fortificação, possivelmente concluído em 1716, e sua aprovação na Corte, a responsabilidade do engenheiro se viu aumentada, iniciando–se ou continuando–se grandes construções, como os fortes de S. Marcelo, S. Pedro, Barbalho e o sistema do Morro de S. Paulo”.

De passagem, observo que sempre considero intrigante o costume de batizar unidades bélicas – fortalezas, fortes, fortins – com nomes de santos e santas da Igreja católica... O que está na raiz disso? O espírito cruzadista medieval? Não sei. Mas é ainda de um forte com nome de santo – no caso, o de São Pedro – que vamos ocupar agora. As observações de Miguel Pereira sobre este forte encontram–se em *O Extracto da Forteficação desta Praça da Bahia*. E o mestre de campo não economiza críticas, fazendo julgamento severo e rigoroso dos fortes soteropolitanos, se é que estes mereciam tal nome. De fato, chega a ser impiedoso.

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 62



Forte do Monte Serrat. Óleo sobre tela de Presciliano Silva, 1926 / *Fort of Monte Serrat. Oil on canvas by Presciliano Silva, 1926*

Basta lembrar o que ele diz dos fortes do bairro da Barra. Considera os fortes de Santa Maria e de São Diogo supérfluos, perfeitamente dispensáveis, recomendando que não se gaste dinheiro com eles (para o velho Vilhena, aliás, “aqueles dois fortinhos de Santa Maria e São Diogo... soam mais do que na realidade são”). E diz, muito simplesmente, que o Forte de Santo Antônio da Barra foi erguido no lugar errado. Bastava ter ali uma bateria – porque o forte deveria ter sido edificado no alto do atual Morro do Gavazza, que o domina. Se um inimigo subisse o Morro do Gavazza (o que era muito fácil) e de lá apontasse suas bocas de fogo para o Forte de Santo Antônio, este não teria saída, a não ser a rendição. Quanto ao Forte de São Pedro, era um quadrado feito de terra, com quatro baluartes regulares, bloqueando a entrada que o Dique permitia. De qualquer modo, todas as fortificações salvadorenses (ou soteropolitanas, como se prefere) se encontravam “em miserável estado... necessitando tudo de pronto remédio”.

Miguel Pereira orientou reformas no forte. O brigadeiro Jean Massé depois se envolveu no trabalho. No relatório de 1715, que Miguel Pereira escreveu juntamente com Massé e Gaspar de Abreu, “sua importância é bastante reconhecida: *dado que desembarquem* [os inimigos] *contra toda a oposição, e q da mesma sorte continuem a sua marcha; no Forte de S. Pedro acharão hua grande resistência...* Massé era seguidor de Vauban [arquiteto militar e marechal francês], procurando em seu projeto enfatizar o caráter *sistêmico* (traço característico da escola francesa) a ser dado ao forte. É provável que seja também de sua autoria a bateria de São Paulo da Gamboa, articulada ao Forte de S. Pedro como parte de um complexo de defesas ao sul da Cidade”.

*Just remember what he says about the forts of Barra neighborhood. He considers the Santa Maria and São Diogo forts superfluous, perfectly expendable, recommending that no money be spent on them (for the old Vilhena, moreover, “those two forts of Santa Maria and São Diogo... sound more than they really are”). And he says, quite simply, that the Santo Antonio da Barra Fort was erected in the wrong place. It was enough to have a battery there – because the fort should have been built on top of the current Morro do Gavazza, which dominates it. If an enemy climbed the Gavazza Hill (which was very easy) and from there pointed their mouths of fire at the Fort of Santo Antonio, this one would have no way out but to surrender. As for the Fort of São Pedro, it was a square made of land, with four regular bulwarks, blocking the entrance that the Dike allowed. In any case, all Salvadoran fortifications (or soteropolitan, as it is preferred) were “in a miserable state... needing all ready medicine”. ¶ Miguel Pereira guided reforms in the fort. Brigadier Jean Massé later became involved in the work. In the 1715 report, which Miguel Pereira wrote together with Massé and Gaspar de Abreu, “their importance is quite recognized: since they embark [the enemies] against the entire opposition, and likewise continue their march; at Fort S. Pedro they will find their great resistance... Massé was a follower of Vauban [French military architect and marshal], seeking in his project to emphasize the systemic character (characteristic feature of the French school) to be given to the fort. It is likely that the battery of São Paulo da Gamboa, articulated with the Fort of S. Pedro as part of a complex of defenses to the south of the city, is also his own.”*



Planta das fortificações de Salvador, 1638 / Plan of the fortifications of Salvador, 1638



Gamboa, de William Gore Ouseley. Início do século XVIII / Gamboa, by William Gore Ouseley. Beginning of the 18th century

About this Bateria de São Paulo, still in Moreau’s book on military architecture in Salvador, we read: “Although Gamboa, or ‘Camboa’, a port and fishing village, is old (perhaps prior to the founding of Salvador), there are no references to the Bateria da Gamboa, an advanced work of the Fort of S. Pedro, until the 18th century. Conceived in the 1715 fortifications project, it reinforced the fortress system, which according to Muniz Barreto... for the part of the Sea is little offensive, not only because it is far from the channel, but because it is both the water level knight. Shooting at sea level, it was a really efficient defense, compensating for the small limitation of the S. Pedro Fort. “ ¶ But let us leave aside the fortress and its extension in the Battery of São Paulo da Gamboa, there in the coastal neighborhood of Solar do Unhão. And let’s talk a little about a botanical garden that did not happen (by the way, even today Salvador does not have equipment worthy of that name). Because there is, historically, the information that, after implanting the Botanical Garden of Rio de Janeiro, in 1811, John VI determined the opening of branches of this Rio de Janeiro garden in Pernambuco, Minas Gerais, São Paulo and Bahia. It is known that the branches of Pernambuco and São Paulo came into existence. The botanical garden of Ouro Preto was also established, then the capital of the province of Minas Gerais.

Sobre esta Bateria de São Paulo, ainda no livro de Moreau sobre arquitetura militar em Salvador, lemos: “Embora a Gamboa, ou ‘Camboa’, porto e povoado de pescadores, seja antiga (talvez anterior à fundação de Salvador), não há referências à Bateria da Gamboa, obra avançada do Forte de S. Pedro, até o século XVIII. Concebida no projeto de fortificações de 1715, ela reforçava o sistema da fortaleza, que segundo Muniz Barreto... para a parte do Mar é pouco ofensiva, não só por ficar longe do canal, mas por estar algum tanto a cavaleiro do nível d’água. Disparando no nível do mar, era uma defesa realmente eficiente, compensando a pequena limitação do Forte de S. Pedro”.

Mas deixemos de parte a fortaleza e sua extensão na Bateria de São Paulo da Gamboa, ali na vizinhança litoral do Solar do Unhão. E vamos falar um pouco de um jardim botânico que não aconteceu (aliás, ainda hoje Salvador não conta com um equipamento digno desse nome). Porque existe, historicamente, a informação de que, depois de implantar o jardim botânico do Rio de Janeiro, em 1811, João VI determinou a abertura de filiais desse jardim carioca em Pernambuco, Minas Gerais, São Paulo e na Bahia. Sabe-se que as filiais de Pernambuco e São Paulo chegaram a existir. Implantou-se, também, o jardim botânico de Ouro Preto, então capital da província de Minas Gerais.

O caso da filial da Bahia permanece, até hoje, obscuro. Talvez uma pesquisa historiográfica em documentos de época, concentrada nesse tópico, lance alguma luz sobre o assunto. Mas, no momento, não há notícia precisa da filial baiana do jardim botânico. Não se sabe o que foi realizado aqui, neste sentido – se é que alguma coisa se realizou. O biólogo (e arquiteto) Ronan Cayres de Brito acredita que, naqueles começos do século XIX, houve a ideia de se fazer um jardim botânico no então Campo de São Pedro, depois também chamado Campo Grande da Vitória, atual Campo Grande. João VI teria, inclusive, encomendado o projeto a algum arquiteto. Diz Ronan que o projeto era tão sofisticado que contava até, no centro do parque, com um *crystal palace* para abrigar as plantas mais delicadas. De qualquer sorte, o projeto não vingou. Embora a Bahia, pela riqueza do seu mundo natural, tivesse tudo (e ainda tem) para fazer um jardim botânico esplendoroso, de caráter histórico-antropológico até, capaz de fascinar estudiosos e seduzir a todos.

Mas, enfim, vamos adiante, a falar do que realmente aconteceu. Em meados do século XIX, o antigo Campo de São Pedro deixou definitivamente de ser pasto para animais, assumindo outra fisionomia. Agora, fisionomia mais decididamente urbana. Para ser preciso, foi em 1851, quando o capelão galês George Edward Parker fez o projeto de urbanização, de nivelamento do logradouro, no qual trabalhariam 120 negros africanos tomados de navios negreiros. O lugar já vinha sendo escolhido para moradia de comerciantes e imigrantes ricos – ingleses, em especial –, que passaram a ocupar esse pedaço da cidade. Era poderosa, na época, a Comunidade Britânica da Bahia, então projetando a construção de um Cemitério dos Ingleses, que logo se materializaria na Ladeira da Barra.

De fato, a colônia construiu a Igreja Anglicana no Campo Grande e, no outro extremo, na Ladeira da Barra, o Cemitério dos Ingleses, cuja sobriedade britânica seria detonada pelo espalhamento dos túmulos da burguesia baiana. Consta, por outro lado, que ainda na década de 1850, no governo do Visconde de São Lourenço, a área se tornou ainda mais privilegiada e valiosa, desde que premiada com obras de nivelamento e plantação de árvores. Inauguraram, aliás, o local, agora oficialmente, com o nome de Praça Duque de Caxias. E a maré prosseguiu propícia ao lugar, bastante favorável mesmo. Ao longo das décadas seguintes, a caminho do final do século XIX, novas e consideráveis edificações foram implantadas por ali.

Mas vamos avançar com mais vagar. A forte presença de comerciantes estrangeiros na vida baiana, ao longo do século XIX, tem sido sublinhada por diversos historiadores. Consuelo Novais Sampaio, em *50 Anos de urbanização – Salvador da Bahia no século XIX*, chega a falar de uma “subordinação da província ao capital estrangeiro, oficialmente decretada com a abertura dos portos do Brasil ao comércio internacional em 1808”. Está bem, mas vamos matizar. O comércio da Bahia com a Inglaterra já era uma realidade – não oficial, é claro, mas clandestina. De fato, o contrabando baiano com europeus, nas costas africanas, configurava já um comércio franco, como percebeu indignado, na época, o ministro português Martinho de Melo e Castro. Dizia ele que o intercâmbio entre a Bahia e o litoral ocidental africano, tal como então se dava, era “o mesmo que acordar-se aos ingleses, franceses e holandeses um comércio franco pelos portos de África, entre aquelas nações e os domínios portugueses do Brasil, sem intervenção alguma do Reino de Portugal”.

Esse comércio clandestino não corria apenas em território africano, mas também em terras baianas. Na *História política e administrativa da Cidade do Salvador*, Affonso Ruy registrou: “A abertura dos portos, em 1808,

*The case of the Bahia branch remains unclear to this day. Perhaps a historiographical research in period documents, focused on this topic, sheds some light on the subject. But at the moment, there is no precise news of the Bahian branch of the Botanical Garden. It is not known what has been done here, in this sense – if anything has been done. The biologist (and architect) Ronan Cayres de Brito believes that, in the early nineteenth century, there was the idea of making a botanical garden in the then Campo de São Pedro, later also called Campo Grande da Vitória, now Campo Grande. John VI would have even commissioned the project from some architect. Ronan says that the project was so sophisticated that it even counted, in the center of the park, with a crystal palace to house the most delicate plants. Anyway, the project didn’t work out. Although Bahia, due to the richness of its natural world, had everything (and still has) to make a splendid botanical garden, of historical-anthropological character, capable of fascinating scholars and seducing everyone. ¶ But, anyway, let’s go ahead and talk about what really happened. In the middle of the nineteenth century, the old Campo de São Pedro was definitely no longer animal pasture, assuming another physiognomy. Now, more decidedly urban physiognomy. To be precise, it was in 1851, when the Welsh chaplain George Edward Parker made the urbanization project, leveling the street, in which 120 African blacks taken from slave ships would work. The place was already being chosen for the housing of merchants and wealthy immigrants – English, in particular – who came to occupy this part of the city. At the time, the British Community of Bahia was powerful, then designing the construction of a Cemetery of the English, which would soon materialize on the Ladeira da Barra. ¶ In fact, the colony built the Anglican Church in Campo Grande and, at the other extreme, on the Ladeira da Barra, the Cemetery of the English, whose British sobriety would be detonated by the fuss of the tombs of the Bahian bourgeoisie. It appears, on the other hand, that even in the 1850s, in the government of the Viscount of São Lourenço, the area became even more privileged and valuable, as long as it was awarded with leveling and planting works. In fact, they opened the place, now officially, with the name of Praça Duque de Caxias. And the tide continued favorable to the place, quite favorable. Over the following decades, towards the end of the nineteenth century, new and considerable buildings were built there. ¶ But let’s move on with more wandering. The strong presence of foreign traders in Bahian life throughout the nineteenth century has been underlined by several historians. Consuelo Novais Sampaio, in “50 Anos de Urbanização – Salvador da Bahia no Século XIX”, comes to speak of a “subordination of the Province to foreign capital, officially decreed with the opening of Brazilian ports to international trade in 1808”. Okay, but let’s tint. Bahia’s trade with England was already a reality – not official, of course, but clandestine. Indeed, the Bahian smuggling with Europeans, on the African coasts, was already a frank trade, as Portuguese minister Martinho de Melo e Castro realized indignantly at the time. He said that the exchange between Bahia and the West African coast, as it was then, was “the same as waking up to the English, French and Dutch a free trade through the ports of Africa, between those nations and the Portuguese domains of Brazil, without any intervention of the Kingdom of Portugal”. ¶ This illegal trade did not only run on African territory, but also on Bahian lands. In “História Política e Administrativa da Cidade do Salvador”, Affonso Ruy recorded: “The opening of ports, in 1808,*



▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 65

Campo Grande, 1870 / Campo Grande, 1870

to friendly nations did nothing more than legalize a de facto situation that England had enjoyed for a long time, introducing its goods into the Colony without collecting taxes, disembarking illegal passengers, smuggling smoke, sugar and wood”. The French also traded under the table in the Bahian square. Moreover, the Bahians did not become advocates of free trade on the day of John VI’s arrival in our city. This was a claim prior to the transfer of the Lusitanian monarchy. ¶ In fact, a number of factors have converged towards this port opening. First of all, Prince John VI’s decree was a logical response to the new situation of the Portuguese monarchy, after Napoleonic troops invaded Portugal and surrounded Lisbon. Forced to transfer to Brazil, this Portuguese monarchy had to organize its way of surviving in the tropics. In Brazil, it lacked the means and mechanisms available to it in Portugal. And here it became imperative to establish trade links with the nations of the world. ¶ In his “História Administrativa do Brasil”, Max Fleiuss touched on the central point: “The opening of ports was a logical consequence of the facts. The Court emigrated to Brazil in 1808, it would no longer be possible to keep Brazilian ports locked up for free exchange for the simple reason that, if Portugal was in the possession of France, it would be foolish to preserve privileges and monopolies, that the invading enemy would have to make profits; and the monarchy needed, more than ever, to increase its sources of revenue, since the gold of the mines was increasingly scarce and the shipping trade with the ports of the Kingdom was paralyzed, closed by the enemy to Portugal, the only indicated expedient was the free franchise of ports, the exploitation of industry and free trade, with friendly nations.” To reinforce this “logic of facts”, there was English interest and there was the incisive gesture of the Bahians. “This measure [the Opening] was taken at the request of the merchants of Bahia, when the Prince Regent passed through there, on his way to Rio, but it represented the fulfillment of commitments made to England, which had made this requirement during the negotiations of 1807,” explains José Hermano Saraiva, in “História Concisa de Portugal”.

às nações amigas não fez mais que legalizar uma situação de fato de que a Inglaterra gozava de há muito, introduzindo na colônia as suas mercadorias sem recolher impostos, desembarcando passageiros clandestinos, contrabandeando fumo, açúcar e madeira”. Também os franceses comerciavam por baixo do pano na praça baiana. Além disso, os baianos não se converteram em defensores do livre comércio no dia da chegada de João VI à nossa cidade. Tratava-se de uma reivindicação anterior à transferência da monarquia lusitana.

Na verdade, uma série de fatores convergiu para essa abertura portuária. Antes de mais nada, o decreto do príncipe João VI foi uma resposta lógica à nova situação da Monarquia lusitana, depois que tropas napoleônicas invadiram Portugal e cercaram Lisboa. Obrigada a se transferir para o Brasil, esta Monarquia lusa tinha de organizar o seu modo de sobreviver nos trópicos. Carecia de dispor, no Brasil, dos meios e mecanismos de que dispunham em Portugal. E aqui se tornava imperioso o estabelecimento de vínculos comerciais com as nações do mundo.

Em sua *História administrativa do Brasil*, Max Fleiuss tocou no ponto central: “A abertura dos portos foi uma consequência lógica dos fatos. Emigrada a Corte para o Brasil em 1808, não mais se faria possível ficarem os portos brasileiros trancados ao livre-câmbio pela simples razão de que, encontrando-se Portugal em poder da França, seria estulto conservar privilégios e monopólios, de que haveria que auferir lucros o inimigo invasor; e precisando a Monarquia, mais do que nunca, de avolumar suas fontes de receita, já que o ouro das minas escasseava cada vez mais e paralisado se via o comércio de navegação com os portos do Reino, fechados pelo inimigo a Portugal, o único expediente indicado era mesmo a livre franquia dos portos, a exploração da indústria e comércio livres, com as nações amigas”. Para reforçar essa “lógica dos fatos”, havia o interesse inglês e houve o gesto incisivo dos baianos. “Esta medida [a abertura] foi tomada a pedido dos comerciantes da Bahia, quando o príncipe regente por ali passou, a caminho do Rio, mas representava o cumprimento de compromissos assumidos para com a Inglaterra, que havia feito essa exigência durante as negociações de 1807”, esclarece José Hermano Saraiva, na *História concisa de Portugal*.



▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 66

Casarão do médico Antônio Pacifico Pereira, local onde se construirá o Teatro Castro Alves.  
Doctor Antônio Pacifico Pereira’s house, where the Castro Alves Theater will be built.

Em sua *História do Brasil*, Boris Fausto sintetiza: “A abertura dos portos foi um ato historicamente previsível, mas ao mesmo tempo impulsionado pelas circunstâncias do momento. Portugal estava ocupado por tropas francesas e o comércio não podia ser feito através dele. Para a Coroa, era preferível legalizar o extenso contrabando existente entre a colônia e a Inglaterra e receber os tributos devidos”. O que não significa que nada tenha mudado. Pelo contrário. É muito diferente operar na clandestinidade e operar sob as asas da lei. Conseguir oficializar uma prática reprimida é, obviamente, alcançar uma vitória.

Além disso – e sobretudo –, a carta régia revogava uma realidade centenária. Colocava um ponto final em nosso estatuto de colônia. Ou, por outra, deixava para trás, na prática, trezentos anos de sistema colonial. Em suma, a Abertura dos Portos, declarando a descolonização econômica do Brasil, foi o marco de um novo tempo. E não nos esqueçamos, também, de que a revolução nacional brasileira, a guerra vitoriosa do Brasil contra Portugal, acontecendo pouco mais de dez anos depois, implicou uma retração do comércio português no espaço brasileiro, deixando mais livres ainda os caminhos para investidores e empreendedores estrangeiros. E o fato é que a vida econômica baiana, no século XIX, será nítida e fundamentalmente marcada pela presença atuante e influente dos ingleses.

Mas 1808 foi de fato o *turning point*. Consuelo: “A partir dessa data, alargaram-se as vias de penetração desse capital [estrangeiro], sobretudo do inglês, que dominou o país de modo absoluto ao longo desse período. A construção de estradas de ferro, de portos, companhias de seguro e navegação, serviços urbanos básicos, sempre com o objetivo maior de facilitar o comércio de exportação, foram os principais meios de penetração do capital inglês e estrangeiro de modo geral”. E Luís Henrique Dias Tavares (*História da Bahia*), alargando a escala temporal: “Compreende-se que o domínio e a influência das casas comerciais inglesas e francesas fossem grandes na Cidade do Salvador. Tinham a vantagem básica de pertencer a súditos das duas grandes potências industriais da época, Inglaterra e França. Podiam contar com centros industriais eficientes, navios mercantes mais seguros e rápidos e taxas de cabotagem menores”. Consuelo, mais uma vez: “Para dar sus-



▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 67

Inauguração do Monumento ao 2 de julho, em 1895 / Inauguration of the Monument to the 2nd of July, in 1895

In “História do Brasil”, Boris Fausto summarizes: “The opening of ports was an historically predictable act, but at the same time driven by the circumstances of the moment. Portugal was occupied by French troops, and trade could not be made through it. For the Crown, it was preferable to legalize the extensive smuggling between the Colony and England and receive the taxes due.” Which doesn’t mean nothing’s changed. On the contrary, it is very different to operate underground and operate under the law. To be able to make a repressed practice official is, of course, to achieve a victory. ¶ In addition – and above all – the royal charter revoked a centuries-old reality. It put an end to our colony status. Or, on the other hand, it left behind, in practice, three hundred years of colonial system. In short, the Opening of Ports, declaring the economic decolonization of Brazil, was the milestone of a new time. And let us not forget, too, that the Brazilian national revolution, Brazil’s victorious war against Portugal, happening just over ten years later, implied a retraction of Portuguese trade in the Brazilian space, leaving even more freedom for foreign investors and entrepreneurs. And the fact is that Bahian economic life in the nineteenth century will be clearly and fundamentally marked by the active and influential presence of the English. ¶ But 1808 was indeed the turning point. Consuelo: “From that date, the pathways of penetration of this [foreign] capital, especially English, which dominated the country in an absolute way throughout this period, were expanded. The construction of railroads, ports, insurance and shipping companies, basic urban services, always with the greater objective of facilitating export trade, were the main means of penetration of English and foreign capital in general”. And Luís Henrique Dias Tavares (“História da Bahia”), broadening the time scale: “It is understood that the dominance and influence of English and French commercial houses were great in the City of Salvador. They had the basic advantage of belonging to subjects of the two great industrial powers of the time, England and France. They could rely on efficient industrial centers, safer and faster merchant ships and lower cabotage rates.” Consuelo, once again:

“To support the English project, from the 1860s pioneering companies were installed, such as the London and Brazilian Bank and the Great Western of Brazil Railway. In Bahia, according to Luís Henrique Dias Tavares, the New London and Brazilian Bank Limited was the most important foreign bank in the second half of the nineteenth century. In the previous decade, the construction of Bahia and San Francisco Railway, the third railroad built in the country... An office of Bahia Railway Contractor’s Offices was installed at Cais das Amarras. Bahia Gas Company, created in 1862, displaced a company established with local capitals...”. Anyway, the English used to have a field day around here. ¶ In one of the texts of the book “Bahia in Tempo de Província”, “A Rainha Vitória, Quem Diria...”, for example, the historian Cid Teixeira gives us a good idea of this: “In the eighties of the nineteenth century, the British Empire was at the height of its expansionism. The concession contracts in the independent countries, the control of the external loans of the South American countries, the pure and simple territorial conquest in India, in Africa and in the ports of the East, all made Queen Victoria an image present anywhere on the planet. It would be no different in Bahia, in the Paraguaçu Valley, in the cities of Cachoeira and São Félix”. What Cid has in mind, in this case, is that “in the old Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, the zero kilometer stake of the Bahia Central Railroad was hit, after placing its titles on the London Stock Exchange at encouraging prices, for the administrative and financial stability of Brazil”. ¶ More: “Concomitantly with the topographic works of fixing the railway layout, a metal bridge over the Paraguaçu River was soon planned. It would be like a monument to the presence of Queen Victoria in this distant South America. A bridge that, serving on trains and pedestrians, was, at the same time, complaining about the steel industry in England, one of the symbols of its power”. Named after Pedro II, the bridge was inaugurated on July 7, 1885. With a lot of speech and a vast proliferation of toasts. In the end, German businessman Gerhard Danemann, factory owner in San Felix, made a toast to Queen Victoria herself. And it was enough for the old philharmonic of the Recôncavo Baiano to attack from “God Save the Queen” there on the banks of Paraguaçu, ending the party in style. ¶ In another text of this same book, “Dias de Enterro”, the historian stops at the death, on November 11, 1887, of Henry Pellow Wilson, “a Scottish entrepreneur [Cid sometimes treats him as a native of Scotland, sometimes as English], representative, in the province, of broad capitalist interests”. And here is the note: “Henry Pellow Wilson was one of those Englishmen who, in Brazil, exercised the ‘Rule Britania’ of Victorian times in all its fullness. He was one of those who extended, throughout the nineteenth century, the privileges and franchises of the treaties of 1810. He founded and directed the firm Wilson Sons & Cia. and, from there, from Água de Meninos, as from the English house that practically imported to arm in Campo Grande (later acquired by the diocese for residence of its holders), directed much of the interests of private capital in the province, especially those related to large public works contracts. As s host, he was the one who gave his neighborhood the connotation that made him call himself the Bank of the English. Englishmen like their protégé Reverend Parker, responsible for the urbanization works of Campo Grande”. ¶ We are talking about the intervention of the Anglican George Edward Parker in that area of Campo Grande. We already saw that the reverend urbanized the square. In addition, there emerged the Anglican Church, the first in Brazil, which was simply overthrown for the construction of an apartment

tentação ao projeto inglês, a partir da década de 1860 foram instaladas empresas pioneiras, como o London and Brazilian Bank e a Great Western of Brazil Railway. Na Bahia, registra Luís Henrique Dias Tavares, o New London and Brazilian Bank Limited foi o mais importante banco estrangeiro, na segunda metade do século XIX. Na década anterior, foi iniciada a construção da Bahia and San Francisco Railway, a terceira estrada de ferro construída no país... Um escritório da Bahia Railway Contractor’s Offices foi instalado no Cais das Amarras. A Bahia Gas Company, criada em 1862, deslocou companhia estabelecida com capitais locais...”. Enfim, os ingleses deitavam e rolavam por aqui.

Num dos textos de *Bahia em Tempo de província*, “A rainha Vitória, quem diria...”, por exemplo, o historiador Cid Teixeira nos dá uma boa ideia disso: “Na década de 80 do século XIX, o Império Britânico estava no auge do seu expansionismo. Os contratos de concessão nos países independentes, o controle dos empréstimos externos dos países sul-americanos, a pura e simples conquista territorial na Índia, na África e nos portos do Oriente, tudo fazia da rainha Vitória imagem presente em qualquer ponto do planeta. Não seria diferente na Bahia, no Vale do Paraguaçu, nas cidades de Cachoeira e de São Félix”. O que Cid tem em vista, no caso, é que “na antiga Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira foi que se bateu a estaca do quilômetro zero da Estrada de Ferro Central da Bahia, depois de colocados os seus títulos na Bolsa de Londres a preços encorajadores, pela estabilidade administrativa e financeira do Brasil”.

Mais: “Concomitantemente aos trabalhos topográficos de fixação do traçado da ferrovia, logo foi planejada uma ponte metálica sobre o rio Paraguaçu. Seria como que um monumento assinalante da presença da rainha Vitória nesses longes da América do Sul. Uma ponte que, servindo a trem e a pedestres, fosse, ao mesmo tempo, reclame da indústria de aço na Inglaterra, um dos símbolos do seu poder”. Batizada com o nome de Pedro II, a ponte foi inaugurada no dia 7 de julho de 1885. Com muito discurso e vasta proliferação de brindes. No final, o empresário alemão Gerhard Danemann, dono de fábrica em São Félix, fez um brinde à própria rainha Vitória. E foi o bastante para que a velha filarmônica do Recôncavo Baiano atacasse de “*God Save the Queen*” ali às margens do Paraguaçu, encerrando a festa com chave de ouro.

Em outro texto desse mesmo livro, “Dias de enterro”, o historiador se detém no falecimento, a 11 de novembro de 1887, de Henry Pellow Wilson, “um escocês empreendedor [Cid ora o trata como natural da Escócia, ora como inglês], representante, na província, de largos interesses capitalistas”. E eis a anotação: “Henry Pellow Wilson foi daqueles ingleses que, no Brasil, exerceram em toda a plenitude o ‘Rule Britania’ dos tempos vitorianos. Foi daqueles que prolongaram, pelo século XIX afora, os privilégios e franquias dos tratados de 1810. Fundou e dirigiu a firma Wilson Sons & Cia. e, de lá, da Água de Meninos, como da casa inglesa que praticamente importou para armar no Campo Grande (mais tarde adquirida pela diocese para residência dos seus titulares), dirigiu boa parte dos interesses dos capitais privados na província, sobretudo os relativos aos grandes contratos de obras públicas. Hospedeiro e anfitrião, foi dos que mais deram ao seu bairro a conotação que o fez chamar-se Banco dos Ingleses. Ingleses como o seu protegido reverendo Parker, responsável pelas obras de urbanização do Campo Grande”.

Falamos da intervenção do anglicano George Edward Parker naquele espaço do Campo Grande. Vimos já que o reverendo urbanizou a praça. Além disso, surgiu ali a Igreja Anglicana, a primeira do Brasil, que foi simples-

▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 68



Vista da rua e casarios do Campo Grande / View of the street and houses of Campo Grande



Igreja dos Ingleses, no Campo Grande / Church of England, in Campo Grande

▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 69

building, taking the simple and more than inadequate name of Morada do Campo Grande. An article in the newspaper “A Tarde” recorded the demolition, stating: “On April 17, 1851, at a meeting of the British Community of Bahia, the need to build a religious temple was discussed. Launched the idea, the land for the construction of the church was bought from the Reverend E. G. Parker, for 4 count of réis”. ¶ But let’s go ahead. “In 1895, with the area completely urbanized, the Monument to the Heroes of Independence, popularly known as the Monument to the Caboclo, was established in the center. Based on a project by the sculptor Carlos Nicoli, the work was carried out in Genoa, by the firm Pitombo Podestá & Cia. The implementation of the monument contributed [sic] so that the traditional urban space was officially called Praça Dois de Julho.

mente derrubada para a construção de um prédio de apartamentos, levando o singelo e mais que inadequado nome de Morada do Campo Grande. Matéria do jornal *A Tarde* registrou a demolição, informando: “Em 17 de abril de 1851, numa reunião da Comunidade Britânica da Bahia, foi discutida a necessidade da construção de um templo religioso. Lançada a ideia, o terreno para construção da igreja foi comprado ao reverendo E. G. Parker, por 4 contos de réis”.

Mas vamos adiante. “Em 1895, com a área completamente urbanizada, implantou-se, no centro, o Monumento aos Heróis da Independência, conhecido popularmente como Monumento ao Caboclo. A partir do projeto do escultor Carlos Nicoli, a obra foi executada em Gênova, pela firma Pitombo Podestá & Cia. A implantação do monumento contribuiu [sic] para que o tradicional espaço urbano fosse chamado oficialmente de Praça



Monumento ao 2 de Julho, inaugurado em 1895  
Monument to the 2nd of July, inaugurated in 1895

▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 70

Dois de Julho. [...] Quando do alargamento da av. Sete de Setembro, no governo de J. J. Seabra, a praça recebeu um tratamento especial, sendo favorecida com passeios e grades de ferro, que ofereciam seis portões de acesso. Seu desenho relativamente retangular está organizado em duas aleias, no sentido norte/sul e leste/oeste, tendo, ao centro, o já citado monumento ao Dois de Julho. Os quatro canteiros, estruturados a partir desses eixos, apresentavam traçados similares aos dos jardins ingleses, com lago, ponte, grutas, pergolados, bancos, coreto e caminhos tortuosos que privilegiavam a contemplação e o lazer. A partir da segunda metade do século XX, a praça entrou em processo de degradação, perdendo o gradil, o coreto e as estátuas [levando-se em conta prática corriqueira entre os ricos da cidade, cabe a pergunta: quem será que os roubou?]. No início da década de 2000, praça e monumento ao Dois de Julho foram reformados pela Prefeitura Municipal, esta que priorizou a inserção de gradil de ferro – obra do artista plástico Carybé –, nova iluminação e obras de paisagismo” – lê-se no livro coletivo *Salvador e a Baía de Todos os Santos – Guia de Arquitetura e Paisagem*.

Para finalizar, deixo aqui duas pequenas observações. A primeira diz respeito à sabedoria do povo. Entre os ditos populares locais, encontramos pelo menos dois que remetem à data cívica e narcisicamente celebrada pelos baianos. Um deles diz “toca o carro pra Lapinha”. Isto é: leva o barco adiante, onde o carro é a carroça que carrega a imagem dos caboclos míticos, no cortejo que cruza o centro histórico da cidade, saindo exatamente do bairro da Lapinha. O outro aconselha a “chorar no pé do Caboclo”, que é mais ou menos um equivalente do “vá se queixar ao bispo”. Vale dizer, não adianta nada reclamar ou pedir, a causa é perdida – o máximo que a pessoa pode fazer é se queixar ao bispo ou se lamentar ao pé do Caboclo.

A outra observação é que o nome “2 de Julho” parece não ter a mínima vocação de marca. Nunca vingou em grandes empreendimentos locais – só em pequenos, do Largo 2 de Julho ao Colégio 2 de Julho... Mas a grandiosa avenida Dois de Julho de Seabra não deu certo e acabou virando avenida Sete de Setembro. Décadas depois, tiraram o nome Aeroporto de Ipitanga para colocar Aeroporto 2 de Julho, que também não durou.

Pois é: ninguém chama o Campo Grande de Praça Dois de Julho. Nos dias que correm (ou, ao menos, corriam – na vida baiana anterior à praga do coronavírus), por sinal, o Campo Grande se tornou espaço para manifestações políticas (ou político-religiosas, como as dos evangélicos). Na verdade, manifestações públicas naquela praça não representam novidade. Para me limitar ao século XX e dar apenas um exemplo, é suficiente lembrar as manifestações exigindo a eleição para governador, cuja tentativa de cancelamento provocara já, em 1912, o bombardeio da cidade.

No dia 25 de janeiro daquele ano, o Campo Grande entrou na roda. Luís Henrique: “Centenas de manifestantes ocuparam a praça Duque de Caxias (Campo Grande), onde cavaram trincheiras e construíram barricadas com pedras arrancadas das ruas. Soldados da PM entregaram suas armas a populares”. Bem, nossos manifestantes atuais, embora irritadiços e esbravejantes, não são lá tão destemidos (costumo dizer que hoje em dia baiano só banca o valente no trânsito, xingando seus concidadãos; no campo da política, mostram-se sempre muito tímidos e até temerosos). Além disso, a praça se fez também um dos pontos principais do carnaval ou neocarnaval de Salvador, com a montagem de camarotes e o desfile de trios, blocos e afoxés. Mais precisamente, é o lugar onde as estrelas e entidades neocarnavalescas da Bahia fazem reverência e dão adeusinhos de súditos ou cúmplices às autoridades locais, os governantes de plantão.

[...] Of Av. Sete de Setembro, in the government of J. J. Seabra, the square received special treatment, being favored with walks and iron railings, which offered six access gates. Its relatively rectangular design is organized in two aliases, in the north/south and east/west directions, having, in the center, the aforementioned monument on July 2. The four flowerbeds, structured from these axes, had similar layouts to the English gardens, with lake, bridge, caves, pergolas, benches, bandstand and tortuous paths that favored contemplation and leisure. From the second half of the twentieth century, the Square began to degrade, losing the railing, the bandstand and the statues [taking into account common practice among the rich of the city, the question is: who stole them?]. In the early 2000s, square and monument to the 2nd of July were renovated by the City Hall, which prioritized the insertion of iron railing – work of the artist Carybé –, new lighting and landscaping works” – one can read in the collective book “Salvador e a Baía de Todos os Santos – Guia de Arquitetura e Paisagem”. ¶ Finally, I would like to make two small observations. The first concerns the wisdom of the people. Among the popular local sayings, we find at least two that refer to the civic and narcissistic date celebrated by the Bahians. One of them says “toca o carro pra Lapinha”. That is: it takes the boat forward, where the car is the cart that carries the image of the mythical caboclos, in the procession that crosses the historical center of the city, leaving exactly the neighborhood of Lapinha. The other advises to “cry at the foot of the Caboclo”, which is more or less an equivalent of “go complain to the bishop”. That is to say, there is no point in complaining or asking, it’s a lost cause – the most one can do is complain to the bishop or complain at the foot of the Caboclo. ¶ The other observation is that the name “July 2” does not seem to have the slightest brand vocation. It never avenged large local enterprises – only small ones, from Largo 2 de Julho to Colégio 2 de Julho... But the great Avenida Dois de Julho de Seabra did not work out and ended up becoming Avenida Sete de Setembro. Decades later, they took the name Ipitanga Airport to put 2 de Julho Airport, which also did not last. ¶ Yeah, nobody calls Campo Grande Praça Dois de Julho. Nowadays (or at least they were – in the life of Bahia before the plague of the coronavirus), by the way, Campo Grande has become a space for political (or political-religious) demonstrations, such as those of evangelicals. In fact, public demonstrations in that square are nothing new. To limit myself to the twentieth century and give just one example, it is enough to remember the demonstrations demanding the election for governor, whose attempt to cancel had already, in 1912, caused the bombing of the city. ¶ On January 25 of that year, Campo Grande entered the circle. Luís Henrique: “Hundreds of protesters occupied Duque de Caxias square (Campo Grande), where they dug trenches and built barricades with stones torn from the streets. PM soldiers handed over their weapons to the popular.” Well, our current protesters, although irritable and loud, are not so fearless (I usually say that nowadays Bahians only plays the brave in traffic, cursing its fellow citizens; in the field of politics, they are always very shy and even fearful). In addition, the square was also one of the main points of the carnival or neo carnival of Salvador, with the assembly of cabins and the parade of trios, blocks and afoxés. More precisely, it is the place where the stars and neo-carnival entities of Bahia bow and bid farewells of subjects or accomplices to the local authorities, the rulers on duty.





7

**CIDADE  
DE COMÉRCIO  
E DE SERVIÇOS**



*CITY OF COMMERCE AND  
SERVICES*

 CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 71

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 72



Panorama da Cidade Baixa vista da Praça Municipal / Panorama of the Cidade Baixa (Lower City) seen from the Municipal Square

**A HISTÓRIA COMERCIAL DE SALVADOR** pode ser dividida em diversos capítulos, do ponto de vista temático. Mas, em termos diacrônicos, uma grande divisão logo se impõe. Nossa praça comercial foi uma antes da passagem do príncipe regente João VI – e outra, depois.

Antes, apesar de todos os contrabandos imagináveis, o que se tinha era um comércio regido pelo chamado “exclusivo colonial” – vale dizer, a Bahia não podia negociar com o mundo, mas apenas com Portugal, sua metrópole. João VI deu fim a esse regime. Permitiu que o Brasil se abrisse comercialmente para o trato com as chamadas “nações amigas”. Por isso mesmo, o grande traço distintivo do período pós-joanino é a visibilidade dos comerciantes estrangeiros entre nós. Especialmente, a forte presença de empresários e empreendimentos ingleses em nosso meio. O assunto é importante para nós, fundamental, porque, como sempre digo, a Vitória é filha do decreto da abertura dos portos. Mas vamos avançar por partes.

Pelo menos até ao século XVIII, afora o que rolava no campo da construção naval, a Cidade da Bahia não exibia qualquer produção digna de nota. Não produzia sequer cachaça para o gole do santo. Era uma cidade essencialmente comercial e de serviços. Mesmo assim, quem dava as cartas por aqui eram os senhores de engenho. A açucarocracia. Quadro que só vai se modificar, de fato, no século XVIII, quando os homens de negócios se mostram com poder suficiente para pressionar e mesmo orientar as autoridades coloniais.

É verdade que esse agrupamento socioeconômico já começa a botar as manguinhas de fora desde o século XVII. “Com o desenvolvimento da exportação do açúcar, do tabaco, dos algodões e ainda do couro e da madeira, a cidade passou de centro simplesmente administrativo a um forte núcleo de homens de negócio”, como escreveu Thales de Azevedo. E esses homens de negócio deixaram a timidez política de lado, intervindo “francamente no governo, fazendo sugestões e protestos em defesa dos seus interesses”. Era a projeção da “máquina mercante”, de que falava preconceituosamente Gregório de Mattos (membro de família proprietária de engenho e escravos), em soneto que assinala justamente a emergência dessa nova falange social e financeira.

Em *Fidalgos e Filantropos*, Russell-Wood escreve que “há todos os indícios de que no século XVIII era possível fazer fortuna [na Bahia] sem possuir gado ou cana-de-açúcar”. Assevera, ainda, que muito do esplendor setecentista da Cidade da Bahia estava ancorado em base comercial. O comércio seria a chave dessa prosperidade. E ele cita, em reforço do seu ponto de vista, William Dampier, que sublinhou o caráter ativo de nossa comunidade de negócios. “Havia sempre demanda de capital na Bahia, fosse para financiar a colheita de açúcar, a compra de escravos, a compra de gado, ou simplesmente uma casa na cidade”. E eram os comerciantes que entravam com esse capital.

Salvador aparecia, enfim, como um grande entreposto. Recebia produtos de diversos cantos do mundo – e enviava mercadorias suas para esses mesmos cantos. Trocava tabaco por preto, ouro por manufaturas inglesas, fumo e açúcar por seda. O comércio baiano-asiático, atualmente, não é muito citado. Mas teve a sua relevância. Recebíamos navios e produtos daquelas distâncias do Oriente. E para lá enviávamos nossos próprios produtos.

Havia, ainda, o comércio intracolonial. Nesse caso, aliás, o que se avolumou, no século XVIII, foi nosso comércio com o Rio Grande do Sul. Para que se tenha uma ideia da intensidade dessa parceria, lembre-se que, entre 1798 e 1807, Lisboa enviou para cá 304 navios. O Rio Grande do Sul, 464. Na mesma batida, enviamos 258 embarcações

Salvador's commercial history can be divided into several chapters, from a thematic point of view. But, in diachronic terms, a great division soon prevails. Our commercial square was one, before the passage of the Prince Regent John VI – and another, afterwards. ¶ Before, despite all the smuggling imaginable, what we had was a trade governed by the so-called “colonial exclusive” – that is to say, Bahia could not negotiate with the world, but only with Portugal, its metropolis. John VI ended this regime. It allowed Brazil to open up commercially to deal with the so-called “friendly nations”. For this very reason, the great distinctive feature of the post-joanine period is the visibility of foreign merchants among us. Especially, the strong presence of English entrepreneurs and enterprises in our midst. The matter is important to us, fundamental, because, as I always say, Victoria is the daughter of the decree of the opening of ports. But let's move forward in parts. ¶ At least until the eighteenth century, apart from what was happening in the field of shipbuilding, the City of Bahia did not exhibit any production worthy of note. It didn't even produce cachaça for the saint's gulp. It was an essentially commercial and service city. Even so, the ones who dealt the cards around here were the plantation owners. Sugar aristocracy. A situation that will only change, in fact, in the eighteenth century, when businessmen are powerful enough to pressure and even guide the colonial authorities. ¶ It is true that this socioeconomic grouping has already started to feel comfortable since the seventeenth century. “With the development of sugar, tobacco, cotton and even leather and wood exports, the city has gone from simply administrative center to a strong core of businessmen”, as Thales de Azevedo wrote. And these businessmen put aside their political shyness, intervening “frankly in the government, making suggestions and protests in defense of their interests.” It was the projection of the “merchant machine”, of which Gregório de Mattos (a family member who owns mill and slaves) spoke prejudicially, in a sonnet that signals precisely the emergence of this new social and financial phalanx. ¶ In “Fidalgos and Philanthropists”, Russell-Wood writes that “there is every indication that in the eighteenth century it was possible to make a fortune [in Bahia] without owning cattle or sugarcane”. He also asserts that much of the eighteenth-century splendor of Bahia City was anchored in a commercial base. Trade would be the key to that prosperity. And he cites, in reinforcement of his point of view, William Dampier, who stressed the active character of our business community. “There was always a demand for capital in Bahia, whether it was to finance the sugar harvest, the purchase of slaves, the purchase of cattle, or simply a house in the city.” And it was the merchants who brought in that capital. ¶ Salvador appeared, at last, as a great warehouse. It received products from different corners of the world – and sent its goods to those same corners. It traded tobacco for black, gold for English manufactures, smoke and sugar for silk. The Bahian-Asian trade, currently, is not much cited. But it had its relevance. We received ships and products from those distances in the East. And there we shipped our own products. ¶ There was also intracolonial trade. In this case, in fact, what increased in the eighteenth century was our trade with Rio Grande do Sul. In order to get an idea of the intensity of this partnership, remember that, between 1798 and 1807, Lisbon sent 304 ships here. Rio Grande do Sul, 464. In the same beat, we sent 258 vessels to the port of Lisbon and, to Rio Grande do Sul, 459. The reality and greatness of this intracolonial trade is never properly emphasized by many historians. The internal commercial fabric that moved the life of Recôncavo himself, both continental and island, was also unfolding in several lines.

*In that eighteenth-century panorama, the transatlantic slave trade must also be highlighted, of course. Black Africa knew slavery well before any European had set foot on that continent. Not only internal slavery, but also that which existed between Bantu and Nagô peoples (among which, moreover, black slaves were sacrificed ritually as offerings to our well-known orixás), such as the enslavement of blacks by Muslim Arabs, who were the first and lonely practitioners of slave trade for no less than thirteen centuries (more than three times the duration of the Atlantic trade, therefore). "Millions of Africans have been razed, massacred, captured, castrated or deported to the Arab-Muslim world," writes Senegalese anthropologist and economist Tidiane N'Diaye in *The Veiled Genocide*. That is: they were all very well trained in the art of enslavement of their fellow men. And the partnership between Portuguese and Africans, in this trade, began early.*

para o porto de Lisboa e, para o Rio Grande do Sul, 459. A realidade e a grandeza desse comércio intracolonial nunca é devidamente enfatizada por muitos historiadores. Desenrolava-se ainda, em diversas linhas, a tessitura comercial interna que movimentava a vida do próprio Recôncavo, tanto continental quanto ilhéu.

Naquele panorama setecentista, há que destacar também, obviamente, o comércio transatlântico de escravos. A África Negra conheceu a escravidão bem antes que qualquer europeu tivesse colocado os pés naquele continente. Não só a escravidão interna, como a que existia entre povos bantos e nagôs (entre os quais, de resto, escravos negros eram sacrificados ritualmente como oferendas aos nossos conhecidos orixás), como a escravização de negros por árabes muçulmanos, que foram os primeiros e solitários praticantes do tráfico negreiro durante nada menos do que treze séculos (mais do que o triplo da duração do tráfico atlântico, portanto). "Milhões de africanos foram arrasados, massacrados, capturados, castrados ou deportados para o mundo

árabo-muçulmano", escreve o antropólogo e economista senegalês Tidiane N'Diaye, em *O genocídio ocultado*. Ou seja: eram todos povos muito bem treinados na arte da escravização de seus semelhantes. E a parceria entre portugueses e africanos, nesse comércio, começou cedo.

Historiadores ensinam que, quando os portugueses toparam com ouro no litoral africano, logo encontraram dificuldade para pagar por ele. Quem controlava a região e suas minas era o povo akã, com seu poderoso estado de Denkyira (extremamente agressivo e escravista), que não tinha lá grande interesse nos bens que os lusos ofereciam em troca do metal luzente. Até que os portugueses descobriram uma mercadoria africana que os akãs aceitavam de muito bom grado em troca de seu ouro: escravos. Empenhados àquela altura num processo expansionista, esses akãs eram já *habitués* do mercado africano de escravos, que adquiriam para empregar na derrubada de florestas e em atividades agrícolas.

*Historians teach that when the Portuguese ran into gold on the African coast, they soon found it difficult to pay for it. Who controlled the region and its mines was the Akã people, with their powerful state of Denkyira (extremely aggressive and slave), who had no great interest in the goods that the Portuguese offered in exchange for the light metal. Until the Portuguese discovered an African commodity that the Akã accepted very willingly in exchange for their gold: slaves. Committed at that time in an expansionary process, these akã were already habitués of the African slave market, which they acquired to employ in the felling of forests and in agricultural activities.*

Negros no Fundo do Porão, obra do pintor alemão Johann Moritz Rugendas, 1835 / *Negros no Fundo do Porão*, by the German painter Johann Moritz Rugendas, 1835



▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRÇÃO DA IMAGEM 73

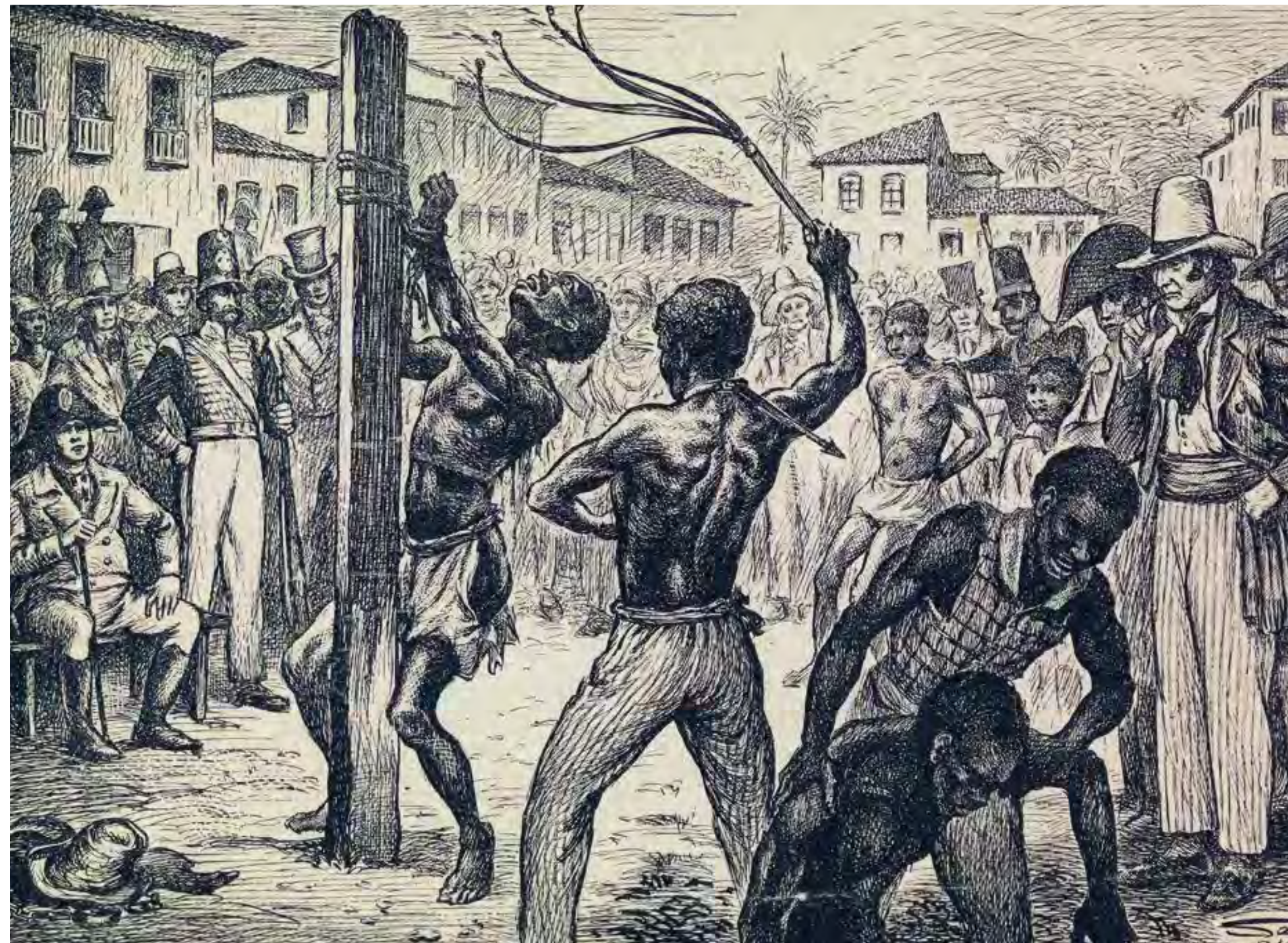
*This Afro-Portuguese partnership continued in the Atlantic trade. As has been said, Portugal has imposed a regime of commercial exclusivity on its overseas colony. Brazil could only negotiate with Lisbon. In practice, this exclusivism of commodities has never avenged in an absolute way. Bahia has never lived solely on the basis of the metropolis, in terms of its international exchanges. The slave trade is an example of this. Despite official reverences for the Portuguese crown, the slave trade was, mainly from the 18th century, a bilateral business that, involving Bahians and Africans, often passed off and away from the port of Lisbon. What's more: a commercial activity that, at times, had to measure strength with Lisbon power, resisting metropolitan pressures, especially after England entered the game to try to put an end to the business. ¶ In general, we do not usually pay much attention to this fact. In the eighteenth and nineteenth centuries, trafficking was a direct relationship between Bahians and Africans, linking, in particular, Bahia City and the Kingdom of Dahomey. And a very lucrative relationship for both parties. In summary, what happened was as follows. Black Africans enslaved black Africans to sell them (it was, as I said, a regular practice – systemic and systematic – and not a sporadic or circumstantial thing). Bahia bought these slaves because it needed them to work. And trafficking, in itself, was a big deal, demanding heavy investments and generating huge profits.*

*A ÁFRICA NEGRA CONHECEU A ESCRAVIDÃO BEM ANTES QUE QUALQUER EUROPEU TIVESSE COLOCADO OS PÉS NAQUELE CONTINENTE. NÃO SÓ A ESCRAVIDÃO INTERNA, COMO A QUE EXISTIA ENTRE POVOS BANTOS E NAGÔS (ENTRE OS QUAIS, DE RESTO, ESCRAVOS NEGROS ERAM SACRIFICADOS RITUALMENTE COMO OFERENDAS AOS NOSSOS CONHECIDOS ORIXÁS), COMO A ESCRAVIZAÇÃO DE NEGROS POR ÁRABES MUÇULMANOS, QUE FORAM OS PRIMEIROS E SOLITÁRIOS PRATICANTES DO TRÁFICO NEGREIRO DURANTE NADA MENOS DO QUE TREZE SÉCULOS*

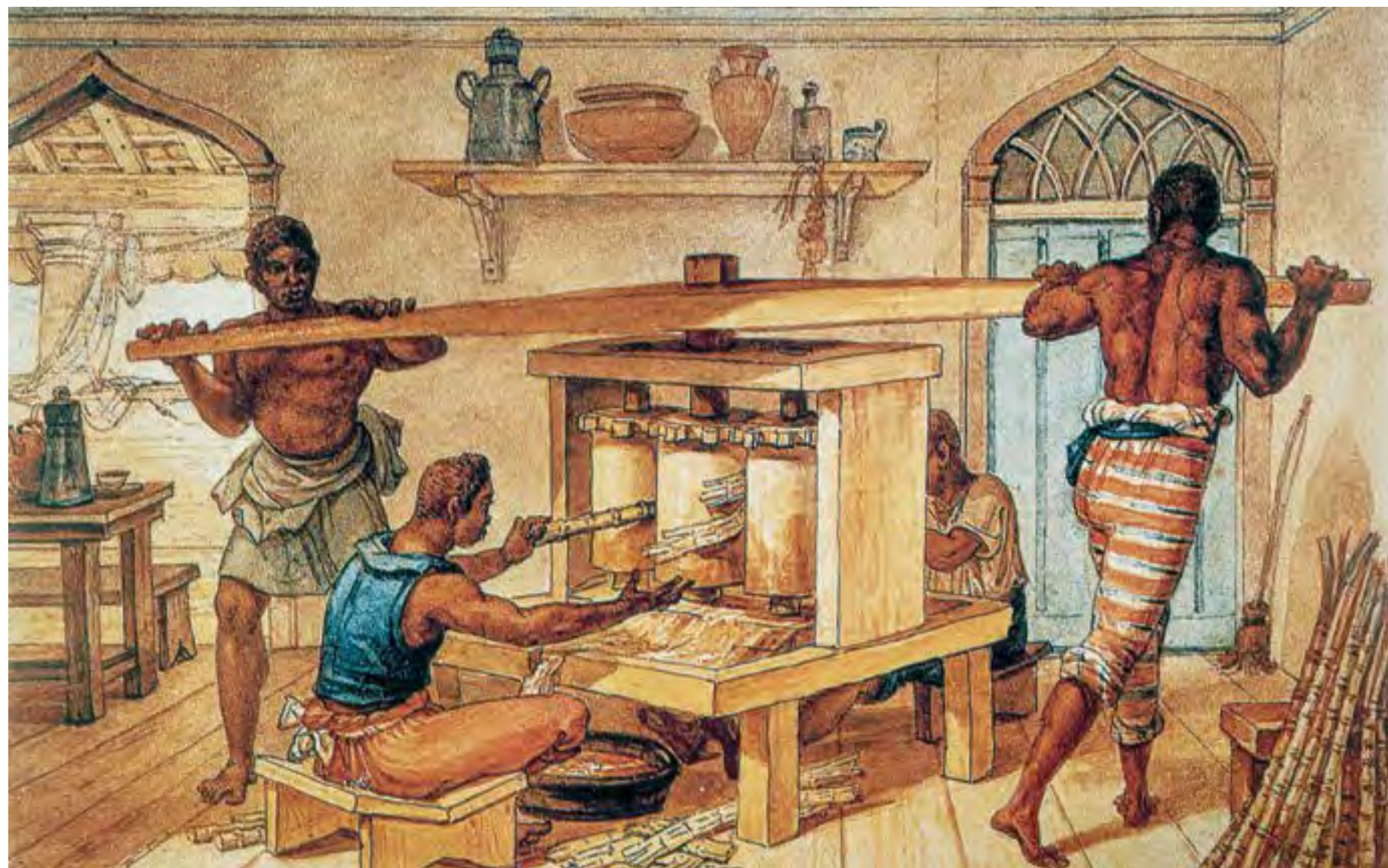
Essa parceria afro-lusa prosseguiu no comércio atlântico. Como foi dito, Portugal impôs um regime de exclusividade comercial à sua colônia ultramarina. O Brasil só podia negociar com Lisboa. Na prática, esse exclusivismo das mercancias nunca vingou de forma absoluta. A Bahia nunca viveu unicamente em função da metrópole, no plano de suas trocas internacionais. O comércio de escravos é exemplo disso. Apesar das reverências oficiais à Coroa lusitana, o tráfico escravista foi, principalmente a partir do século XVIII, um negócio bilateral que, envolvendo baianos e africanos, passava muitas vezes ao largo e ao longe do porto de Lisboa. Mais: uma atividade comercial que, em alguns momentos, teve de medir forças com o poder lisboeta, resistindo às pressões metropolitanas, especialmente depois que a Inglaterra entrou no jogo para tentar dar um basta ao negócio.

De um modo geral, não costumamos prestar muita atenção a este fato. Nos séculos XVIII e XIX, o tráfico foi uma relação direta entre baianos e africanos, vinculando, particularmente, a Cidade da Bahia e o Reino do Daomé. E uma relação muito lucrativa para ambas as partes. Em síntese, o que ocorria era o seguinte. Negros africanos escravizavam negros africanos para vendê-los (era, como disse, uma prática regular – sistêmica e sistemática – e não coisa esporádica ou circunstancial). A Bahia comprava esses escravos porque precisava deles para funcionar. E o tráfico, em si mesmo, era um grande negócio, exigindo investimentos pesados e gerando lucros imensos.

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 74



Castigos em escravos. Desenho a bico de pena de autoria do artista Seth, em 1940 / Punishments on slaves. Pen-and-ink drawing by the artist Seth, 1940



Escravos operando uma pequena moenda, obra de Jean-Baptiste Debret / Slaves operating a small mill, by Jean-Baptiste Debret

*The role of Africa in the trade of enslaved blacks was therefore not passive. Before only victims, black Africans were also agents and even partners in trafficking. In the partnership between Bahia and Dahomey, we see an example of the organic link that connected the two banks of the South Atlantic. In the book Em “Costas Negras”, Manolo Florentino says that “the consumption of slaves [in Brazil] preceded a movement typical of the African face of trafficking, that of the social production of the captive”. And Gorender notes: “Capturing prisoners for trafficking has become a priority activity of primitive tribes from remote interior regions to that of solid coastal states, with that of Dahomey, born from trafficking in the seventeenth century and founded on the royal monopoly of the slave trade.”*

*¶ The problem is that – through political manipulation, trickery, blindness or ideological strabismus – the fantasy was built in the nineteenth-century Western world and in twentieth-century Africa that blacks, essentially good, had fallen, since the fifteenth century, into the clutches of white Europeans, essentially evil beings. But this is a speech that ignores data and historical facts. Africa experienced war, social stratification, slavery, currency and torture long before Europeans showed up there.*

O papel da África, no comércio de pretos escravizados, nada teve, portanto, de passivo. Antes que somente vítimas, negros africanos foram, também, agentes e mesmo sócios do tráfico. Na parceria entre a Bahia e o Daomé, vemos um exemplo do nexo orgânico que conectava as duas margens do Atlântico Sul. No livro *Em costas negras*, Manolo Florentino fala que, “ao consumo do escravo [no Brasil] precedia um movimento típico da face africana do tráfico, o da produção social do cativo”. E Gorender observa: “Capturar prisioneiros para o tráfico tornou-se atividade prioritária de tribos primitivas de remotas regiões interioranas à de sólidos Estados litorâneos, com o de Daomé, nascido do tráfico no século XVII e fundado no monopólio real do comércio de escravos”.

O problema é que – por manipulação política, truque, cegueira ou estrabismo ideológico – construiu-se, no mundo ocidental oitocentista e na África do século XX, a fantasia de que os negros, essencialmente bons, haviam caído, desde o século XV, nas garras de europeus brancos, seres essencialmente maus. Mas este é um discurso que ignora dados e fatos históricos. A África conheceu a guerra, a estratificação social, a escravidão,

*DE UM MODO GERAL, NÃO COSTUMAMOS PRESTAR MUITA ATENÇÃO A ESTE FATO. NOS SÉCULOS XVIII E XIX, O TRÁFICO FOI UMA RELAÇÃO DIRETA ENTRE BAIANOS E AFRICANOS, VINCULANDO, PARTICULARMENTE, A CIDADE DA BAHIA E O REINO DO DAOMÉ.*

a moeda e a tortura muito antes de os europeus aparecerem por lá. Citando Frederick Cooper (*The Problem of Slavery in African Studies*), Manolo Florentino comenta: “...todo lugar e época que conheceram a concentração de riqueza e poder, como a África de antes do tráfico, e sobretudo depois de sua implementação, também testemunharam a exploração do homem pelo homem. Recusar tamanha obviedade não contribui para que se ultrapasse a tão comum associação africano/selvagem”. Achar que não havia exploração do homem pelo homem na África Negra, antes da chegada dos europeus, é considerar que os pretos africanos eram, realmente, seres inferiores.

Na África, o tráfico gerou riquezas, aprofundou divisões sociais preexistentes, produziu e/ou consolidou formações estatais. Não por acaso o Daomé e os nagôs da Iorubalândia disputaram o monopólio da exportação de escravos para o Brasil, com seus reis despachando embaixadas à Bahia e a Portugal para tratar do assunto. Em *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benim e a Bahia de Todos os Santos*, Pierre Verger informa que, de 1750 a 1811, foram enviadas à Bahia pelo menos quatro embaixadas do Daomé, duas de Onim (Lagos, Nigéria) e uma de Ardra (Porto Novo, Daomé). O objetivo era estreitar relações comerciais com a Bahia.

Por ocasião da embaixada daomeana de 1750, os enviados do rei Tegbessu presentearam o conde de Atouguia, então vice-rei do Brasil, com uma caixa de panos da Costa e quatro negras, três das quais foram parar em Lisboa, servindo no quarto da rainha de Portugal (a quarta negra ficara cega ao desembarcar em Salvador). Adiante, os dois embaixadores daomeanos de 1795, remetidos pelo rei Agonglô, deixaram os seus aposentos no Convento de São Francisco de Assis, onde estavam hospedados, para, em audiência oficial, propor ao governador da Bahia a exclusividade do comércio de escravos de Uidá. O governador rejeitou a proposta de um comércio privativo Bahia-Uidá, alegando que tal monopólio prejudicaria interesses baianos.

Em 1805, por iniciativa do rei Adandozan, os daomeanos voltaram a insistir, sem êxito, na pretensão do comércio exclusivo. Referindo-se a embaixadores encaminhados à Bahia em 1770 pelo rei de Onim, Verger nos passa a seguinte informação: “Além destes enviados e embaixadores, numerosos africanos livres iam para a Bahia, seja para entregar-se ao comércio [de escravos], seja para receber educação. Entre estes últimos, encontravam-se filhos de cabeceiras [chefes] ou mesmo de reinantes”. Por fim, alguns libertos da Bahia retornaram à África para se tornar traficantes, a exemplo do africano João de Oliveira, que passou 37 anos seguidos operando no comércio negreiro da Costa da Mina.

*Quoting Frederick Cooper (“The Problem of Slavery in African Studies”), Manolo Florentino comments: “...every place and time that knew the concentration of wealth and power, as Africa before trafficking, and especially after its implementation, also witnessed the exploitation of man by man. Refusing such obviousness does not contribute to surpassing the common African/savage association”. To think that there was no exploitation of man by man in Black Africa, before the arrival of Europeans, is to consider that black Africans were really inferior beings.*

*¶ In Africa, trafficking has generated wealth, deepened pre-existing social divisions, produced and/or consolidated state formations. It was not by chance that Dahomey and the Yorubaland nagô disputed the monopoly of slave exports to Brazil, with their kings dispatching embassies to Bahia and Portugal to deal with the matter. In “Fluxo e Refluxo do Tráfico de Escravos entre o Golfo do Benim e a Bahia de todos-os-Santos”, Pierre Verger informs that, from 1750 to 1811, at least four Dahomey embassies were sent to Bahia, two from Onim (Lagos, Nigeria) and one from Ardra (Porto Novo, Dahomey). The goal was to strengthen trade relations with Bahia. ¶ On the occasion of the 1750 Dahomey Embassy, the envoys of King Tegbessu presented the Count of Atouguia, then viceroy of Brazil, with a box of cloths from the Coast and four black women, three of whom ended up in Lisbon, serving in the Queen of Portugal’s room (the fourth black woman had gone blind when she landed in Salvador). Next, the two Dahomean ambassadors of 1795, sent by King Agonglô, left their quarters at the Convent of São Francisco de Assis, where they were staying, to, in an official hearing, propose to the governor of Bahia the exclusivity of the slave trade of Uidá. The governor rejected the proposal for a private Bahia-Uidá trade, claiming that such a monopoly would harm Bahian interests. ¶ In 1805, at the initiative of King Adandozan, the Daomeans again unsuccessfully insisted on the claim of exclusive trade. Referring to ambassadors sent to Bahia in 1770 by the king of Onim, Verger gives us the following information: “In addition to these envoys and ambassadors, many free Africans went to Bahia, either to indulge in the [slave] trade or to receive education. Among the latter, there were children of headboards [chiefs] or even reigners”. Finally, some freedmen from Bahia returned to Africa to become traffickers, such as the African João de Oliveira, who spent 37 years in a row operating in the slave trade of the Costa da Mina.*



[▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 76](#)

A Praça Marechal Deodoro após sua primeira grande urbanização, cerca de 1912 / Marechal Deodoro Square after its first major urbanization, around 1912

*VEJA-SE O CASO DOS CONJUNTOS DE PRÉDIOS GERADOS AQUI PELO URBANISMO BARROCO, A EXEMPLO DO CAIS DA FARINHA E DO CAIS DAS AMARRAS. SUA NOVIDADE NÃO FOI SOMENTE URBANÍSTICA, ARQUITETÔNICA OU PLÁSTICA. FOI, TAMBÉM, NOVIDADE SOCIAL. ASSIM COMO O ESTADO, A IGREJA E A NOBREZA INSCREVERAM CONCRETAMENTE O SEU PODER NO CORPO DA CIDADE, ERGUENDO IGREJAS E PALÁCIOS, TAMBÉM O NOVO PODER DOS MERCADORES SE EXPRESSOU MATERIALMENTE NO ESPAÇO URBANO.*

*Changing the subject, one aspect that should be emphasized is that, even during the eighteenth century, the “body of traders”, as Luiz Vilhena said, was viewed in a somewhat prejudiced way, although it constituted an especially powerful segment in our social hierarchy. Segment capable of exerting practically unavoidable pressures and even determining procedures of the political-administrative bureaucracy, including here the first echelon of the executive power, as seen in acts of general governors maneuvering for businessmen to get along. ¶ There were among us, at that time, the big traders, linked to the international market; the so-called “commissioners”, who often carried out no more than a financial operation, sufficient for them to establish themselves in another economic activity, such as farming; the “middlemen”, intermediaries between the productive sector and the retail trade of Salvador, and the retail traders. It is also important to emphasize the fact that the merchants asserted themselves as the counterpart of the social ideology that prevailed in our environment. In seventeenth-century Bahia, commerce was not seen as something capable of “ennobling” the person. It did not give status to anyone. What gave prestige, social recognition, access to nobility, was agriculture. The cultivation of the fields of the Recôncavo, not the city speculation, the game of the finances. ¶ But as trade generated wealth – and therefore power – noble people or the political-administrative elite meddled in commercial operations. Almost always, in disguise. They triggered the so-called ironheads in order to preserve themselves. When talking about the Bahian merchants, Vilhena already said: “...some started with the name only, and with upper characters to whom it would be less decent to know what they started”. Be that as it may, our merchants have become rich and powerful. They formed a demanding bloc and were aware of their importance in the articulations of the colonial system.*

*VILHENA DEFINIA A PRAÇA BAIANA, NO SÉCULO XVIII, COMO “UMA DAS MAIS COMERCIOSAS DAS COLÔNIAS PORTUGUESAS”. DE FATO, ERA. DE ACORDO COM MARIA BEATRIZ NIZZA DA SILVA, O NÚCLEO MAIS FORTE DE NEGOCIANTES, NO BRASIL COLÔNIA, SE CONCENTRAVA NA BAHIA, VINDO A SEGUIR OS GRUPOS MERCANTIS DO RIO E DE PERNAMBUCO.*

Mudando de assunto, um aspecto que importa salientar é que, ainda ao longo do século XVIII, o “corpo dos comerciantes”, como dizia Luiz Vilhena, era olhado de forma algo preconceituosa, embora constituísse um segmento especialmente poderoso em nossa hierarquia social. Segmento capaz de exercer pressões praticamente incontornáveis e mesmo de determinar procedimentos da burocracia político-administrativa, incluindo-se aqui o primeiro escalão do poder executivo, como se viu em atos de governadores-gerais manobrando para que os homens de negócio se dessem bem.

Havia entre nós, naquele tempo, os grandes comerciantes, vinculados ao mercado internacional; os chamados “comissários”, que muitas vezes não realizavam mais do que uma operação financeira, suficiente para que se estabelecessem em outra atividade econômica, como a lavoura; os “atravessadores”, intermediários entre o setor produtivo e o comércio varejista de Salvador; e os comerciantes do varejo. É importante dar relevo ainda ao fato de que os comerciantes se afirmaram como que a contrapelo da ideologia social que vigorava em nosso ambiente. Na Bahia seiscentista-setecentista, o comércio não era visto como coisa capaz de “enobrecer” a pessoa. Não conferia *status* a ninguém. O que dava prestígio, reconhecimento social, acesso à nobreza era a agricultura. O cultivo dos campos do Recôncavo, não a especulação citadina, o jogo das finanças.

Mas como o comércio gerava riqueza – e, logo, poder –, pessoas nobres ou da elite político-administrativa se imiscuíam em operações comerciais. Quase sempre, disfarçadamente. Acionavam os chamados testas de ferro, a fim de se preservarem. Ao falar dos comerciantes baianos, Vilhena já dizia: “...alguns comerceiam só com o nome, e com cabedais de personagens a quem seria menos decente o saber-se que comerceiam”. Seja como for, nossos comerciantes enriqueceram e se fizeram poderosos. Formaram um bloco exigente e ciente de sua importância nas articulações do sistema colonial.

Vilhena definia a praça baiana, no século XVIII, como “uma das mais comerciais das colônias portuguesas”. De fato, era. De acordo com Maria Beatriz Nizza da Silva, o núcleo mais forte de negociantes, no Brasil colônia, se concentrava na Bahia, vindo a seguir os grupos mercantis do Rio e de Pernambuco. Ainda segundo Maria Beatriz, “o corpo dos comerciantes atuava como um corpo coeso sempre que se tratava da defesa dos seus interesses”. Essa coesão foi fundamental para a sua afirmação na paisagem sociopolítica da Bahia setecentista. Veja-se o caso dos conjuntos de prédios gerados aqui pelo urbanismo barroco, a exemplo do Cais da Farinha e do Cais das Amarras. Sua novidade não foi somente urbanística, arquitetônica ou plástica. Foi, também, novidade social. Assim como o Estado, a Igreja e a nobreza inscreveram concretamente o seu poder no corpo da cidade, erguendo igrejas e palácios, também o novo poder dos mercadores se expressou materialmente no espaço urbano.

Em suas *Notas sobre o urbanismo barroco no Brasil*, Goulart Reis sublinhou com clareza o que havia ocorrido: “O conjunto urbano da Cidade Baixa era como um grande cenário, para quem chegasse à Bahia, por mar. Mas era também um cenário para a vida dos setores ligados ao capital comercial, na Cidade Baixa, geralmente controlada diretamente por portugueses natos. Se os palácios de portadas barrocas da Cidade Alta, construídos em fins do século XVII e início do XVIII, foram uma afirmação do poder dos grandes proprietários rurais da Bahia, o conjunto urbano da Cidade Baixa foi uma afirmação do poder de seus rivais, os comerciantes da segunda metade do século XVIII e do início do século XIX. Os primeiros se afirmavam por obras monumentais isoladas, e praças com edifícios oficiais. Os últimos por obras simples, integradas em conjuntos monumentais e praças com edifícios destinados a fins comerciais: mercado, Praça do Comércio e Alfândega”.

*Vilhena defined the Bahian square, in the eighteenth century, as “one of the most commercial of the Portuguese colonies”. In fact, it was. According to Maria Beatriz Nizza da Silva, the strongest core of traders in Brazil Colony was concentrated in Bahia, following the commercial groups of Rio and Pernambuco. Also according to Maria Beatriz, “the body of traders acted as a cohesive body whenever it came to defending their interests”. This cohesion was fundamental to its affirmation in the socio-political landscape of eighteenth century Bahia. See the case of the sets of buildings generated here by Baroque urbanism, such as Cais da Farinha and Cais das Amarras. Its novelty was not only urban, architectural or plastic. It was also a social novelty. Just as the State, the Church and the nobility concretely inscribed their power in the body of the city, erecting churches and palaces, so the new power of the merchants was expressed materially in the urban space. ¶ In his “Notas sobre o Urbanismo Barroco no Brasil”, Goulart Reis clearly underlined what had happened: “The urban complex of Cidade Baixa was like a great scenario, for those who arrived in Bahia, by sea. But it was also a scenario for the life of the sectors related to commercial capital, in the Lower City, generally controlled directly by native Portuguese. If the palaces of baroque shutters of the Upper City, built in the late seventeenth and early eighteenth centuries, were an affirmation of the power of the great landowners of Bahia, the urban complex of the Lower City was an affirmation of the power of its rivals, the merchants of the second half of the eighteenth century and the early nineteenth century. The former asserted themselves by isolated monumental works, and squares with official buildings. The latter by simple works, integrated into monumental complexes and squares with buildings intended for commercial purposes: market, Trade Square and Customs”.*



▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 77

Água de Meninos e Avenida Jequitaita, 1930 / Água de Meninos and Avenida Jequitaita, 1930



▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 78

A Casa da Alfândega recém construída, em 1860, e inaugurada no ano seguinte / Casa da Alfândega, newly built in 1860 and inaugurated the following year



**8** UMA PRAÇA  
MULTINACIONAL  
DE COMÉRCIO



THE MULTINATIONAL  
TRADE SQUARE

 CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 79





CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 80



Chegada da família real à Bahia em 1808. Óleo sobre tela de Cândido Portinari, 1952 / Arrival of the royal family in Bahia in 1808. Oil on canvas by Cândido Portinari, 1952

**JÁ FIZ REFERÊNCIA, MAIS DE UMA VEZ, À PRESENÇA DE ESTRANGEIROS** e de seus capitais na vida econômico-financeira da Bahia. Vamos, agora, ver as coisas de mais perto. Fazendo, antes de mais nada, uma distinção básica. Salvador sempre foi uma praça comercial voltada para as trocas internacionais, fosse exportando açúcar, algodão e tabaco, fosse importando escravos e produtos manufaturados, de objetos de vidro a instrumentos musicais. Mas, até então, entretinha estas relações internacionais a partir de seu estatuto colonial. E, enquanto colônia, seu comércio era monopólio de portugueses.

É esta a mesa que vai ser virada em 1808. Com a palavra, Katia Mattoso, em *Bahia século XIX – uma província no Império*: “Até a abertura dos portos os grandes negociantes eram luso-brasileiros, isto é, portugueses instalados na Bahia ou seus filhos; no geral, porém, quando o pai fazia fortuna os filhos abraçavam profissões liberais, ingressando muitas vezes na administração colonial. O grupo era sempre renovado pela chegada de novas pessoas, que com frequência tinham parentes já estabelecidos no ramo, com os quais viviam e faziam seu aprendizado. Os mais afortunados chegavam a suceder ao ex-patrão à frente dos negócios, outros chegavam a adquirir crédito suficiente para criar o próprio estabelecimento... A partir de 1808 as condições comerciais se transformaram muito: os portugueses perderam o monopólio e as grandes transações comerciais passaram a ser exercidas por gente de todas as nacionalidades”.

Em primeiríssimo lugar, pelos ingleses. E aqui podemos começar pelo começo. À aproximação das tropas napoleônicas, a Corte portuguesa fugiu para o Brasil sob a proteção de quatro navios britânicos. Em resposta, nem bem pôs os pés na Cidade da Bahia, João VI providenciou a abertura dos portos e concedeu vantagens comerciais aos ingleses. Citando a historiadora norte-americana Catherine Lugar e seu *The Merchant Community of Salvador*, ao falar de obstáculos encontrados pelos portugueses depois que perderam o monopólio comercial na Bahia, Katia enumera:

“...a rápida chegada, a Salvador, de comerciantes ingleses, representantes de casas com grande experiência no comércio anglo-português, a imigração de experientes comerciantes que transferiram sua base de operações de Lisboa para a Bahia, o diminuto mercado inglês para os produtos baianos (salvo o algodão), a organização do mercado de Londres (que, operando com sistema de corretagem, exigia contatos pessoais) e, finalmente, o apoio diplomático inglês aos comerciantes de seu país”.

Resultado: “Os negociantes ingleses ganharam então, sobre os portugueses, ampla e rápida ascendência: em 1815, os recibos alfandegários pagos por eles representavam 24% do conjunto; em 1825, chegavam a 69%. Por outro lado, entre os vinte maiores negociantes em 1815, apenas quatro eram ingleses. Em 1825 eles eram doze”. Os comerciantes portugueses, além disso, foram em parte forçados a sair daqui, expulsos no rastro da debandada da tropa comandada por Madeira de Melo, derrotada na guerra pela independência do Brasil.

São muitos os testemunhos, depoimentos e leituras que falam dos ingleses entre nós. Vamos recorrer aleatoriamente a alguns deles. A Cid Teixeira, por exemplo:

“A cada passo, na história econômica do Brasil do século XIX, encontra-se, presente e atuante, a influência inglesa. Muito mais do que nas pantomimas políticas ‘para inglês ver’, encenadas pela Corte joanina, logo depois da transferência de 1808, os negócios públicos e particulares brasileiros... passaram a ter o seu

*I have already made reference, more than once, to the presence of foreigners and their capitals in the economic and financial life of Bahia. Now, let's take a closer look at things. Making, first and foremost, a basic distinction. Salvador has always been a commercial place focused on international trade, whether exporting sugar, cotton and tobacco, or importing slaves and manufactured products, from glass objects to musical instruments. But until then, it entertained these international relations from its colonial status. And, as a colony, its trade was a monopoly of the Portuguese. ¶ This is the table that will be turned in 1808. With the word, Katia Mattoso, in “Bahia Século XIX – Uma Província no Império”: “Until the opening of the ports the big dealers were Portuguese-Brazilians, that is, Portuguese settled in Bahia or their children; in general, however, when the father made a fortune the children embraced liberal professions, often entering the colonial administration. The group was always renewed by the arrival of new people, who often had relatives already established in the field, with whom they lived and did their learning. The most fortunate came to succeed the former boss at the head of the business, others even acquired enough credit to create their own establishment... From 1808 the commercial conditions changed a lot: the Portuguese lost the monopoly and the large commercial transactions began to be exercised by people of all nationalities”. ¶ First and foremost, by the English. And here we can start at the beginning. As Napoleonic troops approached, the Portuguese court fled to Brazil under the protection of four British ships. In response, he did not set foot well in Bahia City, John VI provided for the opening of ports and granted commercial advantages to the English. Citing the American historian Catherine Lugar and her *The Merchant Community of Salvador*, when talking about obstacles encountered by the Portuguese after they lost their commercial monopoly in Bahia, Katia lists: ¶ “...the rapid arrival in Salvador of English traders, representatives of houses with great experience in Anglo-Portuguese trade, the immigration of experienced traders who transferred their base of operations from Lisbon to Bahia, the small English market for Bahian products (except cotton), the organization of the London market (which, operating with a brokerage system, required personal contacts) and, finally, English diplomatic support for traders in their country”. ¶ Result: “The English traders then won, over the Portuguese, a wide and rapid ascendancy: in 1815, the customs receipts paid by them represented 24% of the total; in 1825, they reached 69%. On the other hand, among the twenty largest traders in 1815, only four were English. In 1825 they were twelve.” The Portuguese merchants, moreover, were partly forced to leave here, expelled in the wake of the stampede of the troops commanded by Madeira de Melo, defeated in the war for the independence of Brazil. ¶ There are many testimonies, statements and readings that speak of the English among us. Let's go randomly to some of them. Cid Teixeira, for example: ¶ “At every step, in the economic history of nineteenth-century Brazil, there is, present and active, English influence. Much more than in the political pantomime ‘for English to see’, staged by the Joanine Court, shortly after the transfer of 1808, Brazilian public and private businesses... began to have their compass dictated by London bankers and investors”. More: “Here in Bahia, in more than one moment, the presence of the ‘City’ became more visible, despite its daily constancy, through ‘permanent representatives’, of which it is worth highlighting that Henry Pellow Wilson who, from his home, in Campo Grande (where, later, the Archbishop's Palace was installed), commanded what would be an atypical form of ‘holding’ of English enterprises in Bahia”.*



Antigo Cais Dourado, do Mercado do Ouro, um dos mais importantes portos comerciais a partir da segunda metade do século XIX  
Former Cais Dourado (Dorado Pier), one of the most important commercial ports from the second half of the 19th century



Banco dos Ingleses, ligação entre a Gamboa e o Campo Grande. Comerciantes ingleses fixaram residência no local no início do século XIX.  
British Bank, connection between Gamboa and Campo Grande. English merchants took up residence at the site in the early 19th century.

compasso ditado pelos banqueiros e investidores londrinos”. Mais: “Aqui na Bahia, em mais de um momento, a presença da ‘City’ se fez mais visível, sem embargo da sua constância cotidiana, através de ‘representantes permanentes’, dos quais vale destacar aquele Henry Pellow Wilson que, da sua casa, no Campo Grande (onde, mais tarde, se instalou o Palácio do Arcebispo), comandava o que seria uma forma atípica de ‘holding’ dos empreendimentos ingleses na Bahia”.

E ainda, chegando ao detalhe: no dia 11 de maio de 1846, lançava âncora no porto da Bahia, vindo de Londres, o brigue *Blucher*, “trazendo implementos mecânicos para os engenhos do Recôncavo. Daqueles que Shwind Brothers e Co., aqui estabelecidos, anunciavam ‘por preços cômodos, no grande depósito do Trapiche do Sal, máquinas econômicas de vapor de alta e baixa pressão, de 3, 4, 5 e 6 cavalos, moendas horizontais e verticais para água e animais, jogos de tambores e fôrmas para açúcar”.

Mas é claro que não foram só os ingleses que se deram bem (muito bem) por aqui. No rastro da abertura do consulado inglês, abriram-se também os consulados francês e alemão, em 1820. No ano seguinte, Maria Graham anotaria a existência de dezoito casas de comércio inglesas, mas já registrando, também, a presença de duas casas francesas e duas alemãs. (Apenas de passagem, lembre-se de que o cônsul inglês Lindeman, que viveu em Salvador entre 1811 e 1815, não tinha o menor respeito pelo Poder Judiciário local, escrevendo: “existem oito juízes desembargadores; todos recebem gorjetas abertamente e sem vergonha”). Em 1830, falando na Câmara dos Deputados, o político baiano Lino Coutinho panoramiza: “Não temos um só navio no Tâmbisa, quando na Bahia, no Rio de Janeiro e em todos os portos do Império têm subido as nossas águas com o peso dos navios da Inglaterra, outro tanto se pode dizer da França e de mais outras potências estrangeiras”.

A presença do comércio alemão era bem significativa (por falar nisso, construiu-se também aqui um Cemitério dos Alemães, fronteiro ao Campo Santo). Nesse caso, vale citar que existem três conhecidos relatos de casas comerciais alemãs que operaram largamente por aqui. Um deles é assinado por Wilhelm Overbeck (50 Anos do Club Germânia e Germanismo na Bahia), publicado originalmente em alemão. Outro é uma “Notícia”, sem indicação de autor, que veio à luz por ocasião do centenário da firma Westphalen, Bach & Krohn. E o terceiro é o da firma Wildberger, de origem suíça, que iniciou suas atividades comerciais na Bahia durante a década de 1820, realizando coisas pequenas, que incluíam conserto de relógios e colocação de vidros. Depois de conseguir um empréstimo na Alemanha, em 1830, esta empresa se voltou para o comércio de exportação–importação, ramo onde cresceu espetacularmente.

Temos um excelente levantamento geral sobre a realidade comercial baiana na segunda metade do século XIX, que é o estudo *A inserção da Bahia na evolução nacional – 1ª. etapa: 1850–1889 – Comércio*, coordenado pelo sociólogo Gustavo Falcón. Os mais interessados podem recorrer a este mesmo estudo para verificar o peso relativo de capitais provenientes de diversas nacionalidades na vida econômico–financeira da Bahia de então. Mas, de momento, como nossa preocupação central não é exatamente econômica, vejamos a leitura que o estudo faz do mencionado relato do comerciante alemão Wilhelm Overbeck.

O que nos diz o comerciante Overbeck? “O clima da Bahia possibilita uma riqueza de artigos de exportação, como nenhum outro Estado pode oferecer. O açúcar foi durante muito tempo seu principal artigo, porém o

And still, getting to the detail: on May 11, 1846, he launched an anchor in the port of Bahia, coming from London, the *Blucher* brig, “bringing mechanical implements to the mills of the Recôncavo. Of those who Shwind Brothers and Co., set forth herein, advertised ‘for roomy prices, in the great deposit of the Salt Trapiche, economical high and low pressure steam machines, 3, 4, 5 and 6 horsepower, horizontal and vertical mills for water and animals, sets of drums and molds for sugar”. ¶ But of course it wasn’t just the English who got along (very well) around here. In the wake of the opening of the English consulate, the French and German consulates also opened in 1820. The following year, Maria Graham would note the existence of eighteen English trading houses, but already registering the presence of two French and two German houses. (Just in passing, remember that the English consul Lindeman, who lived in Salvador between 1811 and 1815, had no respect for the local judiciary, writing: “there are eight judges; everyone receives tips openly and shamelessly”). In 1830, speaking in the Chamber of Deputies, the Bahian politician Lino Coutinho makes an overview: “We do not have a single ship in the Thames, when in Bahia, Rio de Janeiro and in all the ports of the Empire have risen our waters with the weight of the ships of England, another so much can be said of France and other foreign powers”. ¶ The presence of German trade was very significant (for that matter, a Cemetery of the Germans was also built here, bordering Campo Santo). In this case, it is worth mentioning that there are three well-known reports of German commercial houses that operated widely around here. One of them is signed by Wilhelm Overbeck (“50 Anos do Club Germânia e Germanismo na Bahia”), originally published in German. Another is a “News”, without indication of author, which came to light on the occasion of the centenary of the firm Westphalen, Bach & Krohn. And the third is that of the company Wildberger, of Swiss origin, which started its commercial activities in Bahia during the 1820s, performing small things, which included repairing watches and placing glass. After getting a loan in Germany in 1830, this company turned to the export–import trade, where it grew spectacularly. ¶ We have an excellent general survey on the commercial reality of Bahia in the second half of the nineteenth century, which is the study “A Inserção da Bahia na Evolução Nacional – 1ª. Etapa: 1850–1889 – Comércio”, coordinated by sociologist Gustavo Falcón. Those most interested can use this same study to verify the relative weight of capital from different nationalities in the economic and financial life of Bahia at that time. But at the moment, as our central concern is not exactly economic, let us see the study’s reading of the aforementioned account of the German merchant Wilhelm Overbeck. ¶ What does the merchant Overbeck tell us? “The climate of Bahia enables a wealth of export items, as no other state can offer. Sugar was for a long time his main article, but tobacco, coffee, cotton, piassava and cups became important export items.” Firms with headquarters in the Hanseatic capitals operated, around 1870, for example, with the export of tobacco and sugar, with import trade in general, with shipping companies, such as Hamburg–South, with insurance companies such as the Transatlantic Insurance Society, a pioneer in Bahia, with the manufacture of cigars and the export of various local products, such as the firm Lohmann & Cia. Among the various importing firms of German origin, Overbeck lists Gunter & Mundt, Oldach Um de Haase, among others, which operated mainly with fine fabrics and farms.

*“MESMO ANTES DOS TEÓRICOS DA HISTÓRIA ECONÔMICA TEREM CONSTRUÍDO OS CONCEITOS DE ECONOMIA PRIMÁRIO-EXPORTADORA, AGROEXPORTADORA E MERCANTIL, OS ESTUDOS A RESPEITO DA CIDADE-PORTO, COMO ERA CHAMADA SALVADOR, JÁ PRIVILEGIAVAM AMPLAMENTE O PAPEL DO COMÉRCIO EXPORTADOR E IMPORTADOR, PONTOS DE CONEXÃO ENTRE UMA ECONOMIA RECÉM-SAÍDA DO PERÍODO COLONIAL E SUBMETIDA ECONOMICAMENTE, NA DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO, AOS CENTROS COMERCIAIS MAIS DESENVOLVIDOS E OBRIGADA A ACEITAR OS TERMOS DE TROCAS DAÍ RESULTANTES”. (GUSTAVO FALCÓN)*

fumo, café, algodão, piaçava e coquilhos tornaram-se importantes artigos de exportação”. Firms com sedes nas capitais hanseáticas operavam, por volta de 1870, por exemplo, com exportação de fumo e açúcar, com o comércio de importação em geral, com companhias de navegação, como a Hamburgo-Sul, com sociedades seguradoras como a Sociedade Seguradora Transatlântica, pioneira na Bahia, com fabricação de charutos e exportação de diversos produtos locais, como a firma Lohmann & Cia. Entre as diversas firmas importadoras de origem germânica, Overback arrola a Gunter & Mundt, Oldach Um de Haase, entre outras, que operavam principalmente com tecidos finos e fazendas.

“Que significavam os ‘produtos da terra’ para os viajados comerciantes germânicos que deixavam suas distantes cidades para virem à Bahia ‘fazer fortuna’? Esta pergunta foi respondida em verso por um comerciante espirituoso, Ropke Meiners, e recolhida pelo seu colega Overbeck. Fala dos gêneros de exportação da Bahia e de diversos comerciantes: ‘Estavam, certa vez/ muitos comerciantes alemães na casa dos Meyers/ na esquina/ Não sou eu o senhor do mercado, disse cheio de orgulho o barão de Schleussmann/ pois trago comigo uma mina de cobre no meio do rosto/ E a vez do sr. Bley, da Lohmann & Co.: excelente está o fumo/ E com isso, maravilhosa é a nossa felicidade/ Fui bastante precavido/ pois os preços estão baixando/ Hoffmann, com seu nariz de conhaque, comenta:/ São duros os tempos/ Sustentar três garrafas de conhaque por dia não custa uma ninharia/ Heinrich, o cantor bardo, pergunta:/ Algo foi feito hoje?/ Meyer, dê-me uma cachaça/ Ah! Como

*“What did the ‘products of the land’ mean for the traveled German traders who left their distant cities to come to Bahia to ‘make a fortune’? This question was answered in verse by a witty merchant, Ropke Meiners, and collected by his colleague Overbeck. He speaks of the export genres of Bahia and several traders: ‘There were, once/ many German traders at the Meyers’ house/ on the corner/ I am not the master of the market, said the baron of Schleussmann with pride/ because I bring with me a copper mine in the middle of my face/ And Mr Bley’s turn, from Lohmann & Co.: excellent is the smoke/ And with that, wonderful is our happiness/ I was very cautious/ because prices are falling/ Hoffmann, with his brandy nose, comments:/ The times are hard/ Holding three bottles of brandy a day does not cost a pittance/ Heinrich, the bard singer, asks:/ Was something done today?/ Meyer, give me a booze/ Ah! How the man suffers/ Lyder Meyer and his beard/ The esteemed boss of the office, says:/ My house does not house treasures/ It does not house silver mines/ However, I keep a mine in secret/ Much better than Bavarian beer/ Thirty ox skins/ That make me lose my head/ And then said Mr. Bley, from Lohmann, with everyone together/ Lyder Meyer is the richest/ because his head houses precious stones’.*

▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 83

Panorama de Salvador, tirado em 1873, pela expedição do HMS Challenger / Panorama of Salvador, taken in 1873, by the expedition of the HMS Challenger





CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 84



O Porto de Salvador em 1873. Fotografia registrada pela expedição britânica do HMS Challenger / The Port of Salvador in 1873. Photograph recorded by the British expedition of the HMS Challenger

*“The irony and happiness of which the text speaks were not devoid of an inspiring source. Throughout the middle of the century, the Germans controlled an excellent slice of the Bahian export trade; the one focused on the sale of tobacco. To the nationals remained the business of buying and baling, inside, the smoke that was sent to Salvador, in order to be submitted to an institution controlled by them, called ‘tobacco inspection’. [...] In addition to the aforementioned businesses, the German firms were dedicated to the purchase of precious and semi-precious stones, exchange brokerage, brokerage and commission and consignment business. They were at the heart of Bahia’s commercial activities, with advances and resources from Bremen and Hamburg capitalists, and often engaged in manufacturing, banking, and service supplies. ¶ “The presence of German merchants is such that, in 1873, they founded the German Club in Bahia, with a large colony. In addition to Salvador, Westphalen’s traveling salesmen conduct business in Recôncavo, Chapada Diamantina, along the entire coast of Bahia, along the Alagoinhas railroad, in Nazaré, Santo Antonio de Jesus, Minas Gerais and even in the upper Amazon.” Wildberger, in turn, expanded by activating the new services available here, such as the submarine telegraph cable, the railway to Santo Antonio de Jesus, the steam to Belmonte, Canavieiras and Una, the terrestrial telegraph from Salvador to Pojuca, all implemented in the 1870s.*

o homem é sofredor/ Lyder Meyer e sua barba/ O prezado patrão do escritório, fala:/ Minha casa não abriga tesouros/ Não abriga minas de prata/ Porém, guardo uma mina em segredo/ Muito melhor do que a cerveja da Baviera/ São trinta peles de boi/ Que me fazem perder a cabeça/ E então falou o sr. Bley, da Lohmann, com todos em conjunto/ Lyder Meyer é o mais rico/ pois sua cabeça abriga pedras preciosas’.

“A ironia e a felicidade de que falam o texto não eram desprovidas de fonte inspiradora. Os germânicos controlaram ao longo da metade do século uma excelente fatia do comércio exportador baiano; aquela voltada para a venda do fumo. Aos nacionais restaram os negócios de compra e enfiamento, no interior, do fumo que era mandado para Salvador, a fim de ser submetido a uma instituição controlada por eles, chamada ‘inspeção do fumo’. [...] Além dos negócios mencionados, as firmas alemãs se dedicavam à compra de pedras preciosas e semipreciosas, à corretagem de câmbio, agenciamentos e negócios de comissão e consignação. Estavam no centro das atividades comerciais da Bahia, dispoendo de adiantamentos e recursos de capitalistas de Bremen e Hamburgo e, muitas vezes, envolveram-se com manufaturas, bancos e fornecimentos de serviços”.

“A presença dos comerciantes alemães é tal que, em 1873, eles fundam na Bahia o Club Germânia, com uma colônia ampla. Além de Salvador, os caixeiros-viajantes da Westphalen realizam negócios no Recôncavo, na Chapada Diamantina, em todo o litoral da Bahia, ao longo da estrada de ferro de Alagoinhas, em Nazaré, em Santo Antônio de Jesus, em Minas Gerais e até no alto Amazonas”. A Wildberger, por sua vez, expandiu-se acionando os novos serviços aqui disponíveis, como o cabo telegráfico submarino, a estrada de ferro até Santo Antônio de Jesus, o vapor para Belmonte, Canavieiras e Una, o telégrafo terrestre de Salvador a Pojuca, todos implantados na década de 1870.

“Os sucessivos aumentos de capitais e o progresso da firma Wildberger & Cia. ao longo do século XIX levantam sérias dúvidas em torno das alegadas ‘crises’ da economia provincial. Exatamente pelo fato de a literatura não precisar a sua definição de crise – para quais setores da economia – é que espanta o fato da Wildberger ter atravessado incólume a desorganização dos negócios advinda das lutas políticas internas, as consequências muitas vezes desastrosas das reformas dos direitos aduaneiros, as dificuldades da reforma monetária que se refletem em 1860, a contínua baixa do câmbio e outras tantas dificuldades, não propriamente econômicas, como a epidemia de cólera, em 1855, que matou 30 mil pessoas na província, e a Guerra do Paraguai, que retirou da Bahia mais de 18 mil homens em idade economicamente produtiva”.

Mas vamos abrir o foco, no sentido de ver o peso que a soma dos vários contingentes de comerciantes estrangeiros representava economicamente em nosso meio. Apesar de todas as dificuldades e de uma razoável carência de dados, o estudo supracitado faz uma avaliação objetiva do quadro. Considera que, em que pesem as possíveis distorções, a conclusão que se impõe é a de que era maciça a presença estrangeira na praça baiana: “Do ponto de vista dos capitais existentes, somadas as participações das nacionalidades portuguesa, alemã, francesa, suíça, inglesa e italiana – exclusive ‘desconhecidos’ e ‘outros’ – tem-se uma média de 67,5% de capitais estrangeiros no comércio baiano”. E o preciso comentário geral:

“A pedra filosofal dos trabalhos sobre a economia baiana do século XIX é o comércio local, sobretudo o seu mais importante ramo, aquele voltado para as atividades de exportação-importação. O espaço dedicado a eles pelos estudiosos da história econômica em suas pesquisas e ensaios é a indicação mais evidente da sua importância para a vida econômica provincial. O comércio exportador, principalmente, destinado a colocar os gêneros primários locais no mercado externo, ocupa lugar de primazia no discurso ideológico oficial veiculado nas ‘Falas dos Presidentes de Província’ encontráveis no Arquivo Público do Estado. É desse ramo comercial que se alimenta a máquina arrecadadora do Estado. É ele o termômetro que indica os bons e maus momentos da economia provincial. É ele o estímulo e o centro sobre o qual oscilam as atividades produtivas, o comércio varejista de distribuição de gêneros de subsistência e outros, e a vida das populações concentradas nas áreas voltadas para a produção de bens exportáveis.

“Mesmo antes dos teóricos da história econômica terem construído os conceitos de economia primário-exportadora, agroexportadora e mercantil, os estudos a respeito da cidade-porto, como era chamada Salvador, já privilegiavam amplamente o papel do comércio exportador e importador, pontos de conexão entre uma economia recém-saída do período colonial e submetida economicamente, na divisão internacional do trabalho, aos centros comerciais mais desenvolvidos e obrigada a aceitar os termos de trocas daí resultantes”.

E era mais do que esperável, evidentemente, que essa poderosa presença econômica de estrangeiros de procedência variada se refletisse e se expressasse em outras dimensões da vida social e cultural da Cidade da Bahia, como veremos em outros capítulos deste trabalho. Privilegiando, é claro, o fato de que o segmento urbano que vai do Campo Grande ao Largo da Vitória ter sido então, naquele século XIX, o local de moradia favorito dessa gente vinda de pontos diversos do mundo.

*“The successive capital increases and the progress of the firm Wildberger & Cia. throughout the nineteenth century raise serious doubts about the alleged ‘crises’ of the provincial economy. Precisely because the literature does not specify its definition of a crisis – for which sectors of the economy – it is astonishing that Wildberger went through the disorganization of business arising from internal political struggles, the often disastrous consequences of tariff reforms, the difficulties of monetary reform that are reflected in 1860, the continuous fall in exchange rates and so many other difficulties, not exactly economic, such as the cholera epidemic in 1855, which killed 30 thousand people in the province, and the Paraguayan War, which removed more than 18 thousand men from Bahia at an economically productive age”. ¶ But let us open the focus, in the sense of seeing the weight that the sum of the various contingents of foreign traders represented economically in our midst. Despite all the difficulties and a reasonable lack of data, the aforementioned study makes an objective assessment of the situation. It considers that, despite the possible distortions, the conclusion that is needed is that there was a massive foreign presence in the Bahian square: “From the point of view of existing capital, plus the participation of Portuguese, German, French, Swiss, English and Italian nationalities – excluding ‘unknowns’ and ‘others’ – there is an average of 67.5% of foreign capital in the Bahian trade”. And the precise general comment: ¶ “The philosopher’s stone of work on the Bahian economy of the nineteenth century is local trade, especially its most important branch, that focused on export-import activities. The space dedicated to them by scholars of economic history in their research and essays is the most evident indication of their importance for provincial economic life. The export trade, mainly destined to place the local primary genres in the foreign market, occupies a place of primacy in the official ideological discourse conveyed in the Speeches of the Provincial Presidents found in the State Public Archive. It is from this commercial branch that the state’s collecting machine is fed. It is the thermometer that indicates the good and bad times of the provincial economy. It is the stimulus and center on which the productive activities oscillate, the retail trade in the distribution of subsistence and other goods, and the lives of the populations concentrated in the areas focused on the production of exportable goods. ¶ “Even before the theorists of economic history built the concepts of primary-exporting, agro-exporting and mercantile economy, studies on the city-port, as Salvador was called, already widely privileged the role of export and import trade, points of connection between an economy that had just emerged from the colonial period and economically submitted, in the international division of labor, to the most developed commercial centers and forced to accept the resulting terms of trade”. ¶ And it was more than expected, of course, that this powerful economic presence of foreigners of varied origins would be reflected and expressed in other dimensions of social and cultural life in Bahia City, as we will see in other chapters of this work. Privileged, of course, the fact that the urban segment that goes from Campo Grande to Largo da Vitória was then, in that nineteenth century, the favorite place to live for these people coming from different parts of the world.*



9 **A RUA  
MULTINACIONAL  
DA VITÓRIA**

*THE MULTINATIONAL STREET  
OF VITÓRIA*



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 86



Corredor da Vitória por volta do final do século XIX / Corredor da Vitória around the end of the 19th century

**A VITÓRIA NÃO MERECEU SEQUER UMA BREVE DESCRIÇÃO NO LIVRO DE VILHENA** sobre a Bahia no século XVIII. Ainda não se fazia de fato notar aos olhos de alguns observadores. Mas a paisagem não demorou a mudar. Em sua *Corografia Brasílica*, redigida em 1817, Aires de Casal já inclui o local pontuando um dos limites da cidade:

“São Salvador [o equívoco toponímico de sempre], Soterópolis, mais conhecida pelo nome de Bahia, situada no lado oriental e perto da entrada da Baía de Todos-os-Santos, é cidade arquiépiscopal e uma das maiores, das mais comerciantes e florescentes da América; foi por mais de dois séculos a residência dos governadores-gerais do Estado. Tem uma légua de comprimento norte-sul, incluindo o subúrbio da Vitória na extremidade meridional, e o do Bonfim, na setentrional; e está repartida em duas partes mui desiguais, Alta e Baixa, ambas sem regularidade”.

Um pouco adiante, depois de mencionar a paróquia de Nossa Senhora da Vitória, observa: “No subúrbio da Vitória está o mencionado hospício dos beneditinos [no sentido de abrigo, não de asilo de doidos, obviamente], em cuja igreja, dedicada a Nossa Senhora da Graça, há uma campa com este epitáfio: Sepultura de D. Catarina Álvares, Senhora desta capitania da Bahia, a qual ela, e seu marido Diogo Álvares Correia, natural de Viana [do Castelo], deram aos Senhores Reis de Portugal: Fez, e deu esta capela ao Patriarca S. Bento. Ano de 1582”.

De início, os comerciantes baianos residiam principalmente no bairro da Praia, na Cidade Baixa. Mas esta função residencial do lugar se foi esvaziando ao longo do século XIX. Com relação à população branca, evidentemente, que muitos negros e mulatos continuaram por lá. Em todo caso, entre as décadas de 1830-1840, o mencionado esvaziamento já se teria consumado. Em 1844, por exemplo, em sua correspondência oficial, o cônsul francês Raybaud observa que, nos dias de semana, pela manhã, a partir das 9 horas, a Cidade Alta começa a despejar, no bairro da Praia, na Cidade Baixa, toda uma população de comerciantes e de empregados que aí passam o dia. Alguns deles, levados ainda em cadeirinhas. Mas, às quatro horas da tarde, também diariamente, “as administrações, as chancelarias e as lojas se fecham” – e toda essa gente (brancos, brancos-mestiços, mesmo mulatos) pega o caminho de volta para a Cidade Alta.

*O CORREDOR DA VITÓRIA É, PORTANTO, FILHO DA ABERTURA DOS PORTOS E FRUTO DA EXPANSÃO URBANA DE SALVADOR. DO AVANÇO DA CIDADE SOBRE A SUA PERIFERIA ATÉ ENTÃO PRATICAMENTE RURAL... COM O AUMENTO DA POPULAÇÃO, AS NOVIDADES NO SISTEMA DE TRANSPORTE E O ALARGAMENTO DAS ATIVIDADES E PRÁTICAS URBANAS, MEMBROS DOS GRUPOS SOCIAIS ECONOMICAMENTE PRIVILEGIADOS FORAM SE DESLOCANDO PARA ALÉM DOS ANTIGOS LIMITES CIDADINOS.*

Victoria did not deserve even a brief description in Vilhena's book on Bahia in the eighteenth century. It was not in fact noticed in the eyes of some observers. But the landscape didn't take long to change. In his “Corografia Brasílica”, written in 1817, Aires de Casal already includes the place punctuating one of the limits of the city. “São Salvador [the usual toponymic misconception], Soterópolis, better known by the name of Bahia, located on the eastern side and near the entrance to the Bay of All Saints, is an archiepiscopal city and one of the largest, most merchant and flourishing in America; it was for more than two centuries the residence of the governors-general of the State. It has a league of north-south length, including the suburb of Victória at the southern end, and that of Bonfim, in the north; and is divided into two very unequal parts, Upper and Lower, both without regularity”. A little further on, after mentioning the parish of Nossa Senhora da Vitória, he observes: “In the suburb of Vitória is the aforementioned madhouse of the Benedictines [in the sense of shelter, not asylum for the insane, obviously], in whose church, dedicated to Nossa Senhora da Graça, there is a grave with this epitaph: Sepultura de D. Catarina Álvares, Lady of this captaincy of Bahia, which she, and her husband Diogo Álvares Correia, born in Viana [of the Castle], gave to the Lords Kings of Portugal: Made, and gave this chapel to Patriarch S. Bento. Year 1582”. Initially, Bahian traders resided mainly in the Bairro da Praia, in Cidade Baixa. But this residential function of the place was emptied throughout the nineteenth century. In relation to the white population, of course, many blacks and mulattos continued there. In any case, between the decades of 1830-1840, the aforementioned emptying would have already been consummated. In 1844, for example, in his official correspondence, the French consul Raybaud notes that, on weekdays, in the morning, from nine o'clock, the Upper City begins to dump, in the Bairro da Praia, in the Lower City, a whole population of merchants and employees who spend the day there. Some of them, taken still in chairs. But, at four o'clock in the afternoon, also daily, “administrations, chancelleries and stores close” – and all these people (white, mestizos, even mulatto) take the path back to the Upper City.

*The Beach then remains silent and becomes la Ville noire (the expression is from Consul Raybaud), the Black City, inhabited only by blacks. They're workers who take it hard. And also lookouts that take care of the abandoned houses until the next day, when the commercial district returns to flogging. At this point, the wealthiest traders, even the Portuguese, no longer live there. They're all in Upper City. And, preferably, moving to more peripheral spaces, suburbs of the central core of Salvador. It is the movement that is designed and increased after 1808, when foreigners began to have free entry into Brazil. And they have indeed changed the face of our city. As you could see in Campo Grande and Vitória. ¶ The Corredor da Vitória is, therefore, a child of the opening of the ports and the result of the urban expansion of Salvador. From the advance of the city on its periphery until then practically rural... With the increase of the population, the novelties in the transport system and the expansion of urban activities and practices, members of economically privileged social groups were moving beyond the old city limits. ¶ They were leaving behind the most central spaces, the urban nucleus itself, and looking for more remote areas, practically deserted of buildings and empty of people. Thomas Lindley already noted in his diary of 1802 and 1803 that “some members of the upper classes... built large and elegant mansions (mostly on the outskirts of the city).” Many, like the wealthiest merchants and the highest provincial authorities, took the course of Vitória. ¶ From the corridor and the Vitória square, to which they began to give urban physiognomy and architectural profile. But the process will deepen even after John VI's decree. And here we can even play with an analogy. In the same way that the commercial square of Salvador was international and internationalized, an entirely multinational space, the neighborhood par excellence of the richest traders in the city was also configured: the multinational Corredor da Vitória. And this was immediately perceived already by the fact that almost the entire consular body was planted there, residentially. ¶ The aforementioned Raybaud comments: “The consuls generally live at the ends of the city, where the houses are more comfortable and according to European taste”. Adding: Particulierment... a Victoire. Prince Maximilian of Habsburg even mocked, amusing himself with the landscapes of the building, when he said that “in every house of Victória stands... the inevitable mast, since each of them houses any consul”. Foreigners comparatively refined in ways, in a city where the majority of the population still maintained the habit of eating with their hands. ¶ English, Germans, French... In the 1810s, most Portuguese merchants still lived in the Lower City. But foreign traders don't. They lived in Vitória. And things went on like this. In 1859, Pedro II, referring to the road to Grace, remarked: “... since Campo da Vitória [or Campo Grande da Vitória] is very beautiful because of the beautiful farms with beautiful buildings, mainly from foreigners”. Mostly English. Also in Vitória was the residence of the English consul. ¶ And we must not fail to record a detail. Alexandrina Victoria, born in London on May 24, 1819, took up the post of Queen of the United Kingdom in 1837. She was the celebrated Queen Victoria, reigning sovereign until 1901. More than 63 years of reign, therefore, the second longest in the history of the United Kingdom. And the English immigrants here began to enjoy the great coincidence: they were subjects of Queen Victoria living in a place also called Vitória. I wonder how this was talked about in the English Club of Bahia, founded in 1871, in Campo Grande, not far from the Anglican Church.*

A Praia resta então em silêncio e se torna *la Ville noire* (a expressão é do cônsul Raybaud), a Cidade Negra, habitada somente por pretos. São trabalhadores que pegam no pesado. E também vigias que tomam conta das casas abandonadas até ao dia seguinte, quando o bairro comercial volta a esfervilhar. A essa altura, os comerciantes mais ricos, mesmo os portugueses, já não moram por ali. Estão todos na Cidade Alta. E, de preferência, deslocando-se para espaços mais periféricos, subúrbios do núcleo central de Salvador. É o movimento que se desenha e se incrementa pós-1808, quando estrangeiros passaram a ter entrada livre no Brasil. E mudaram de fato a face da nossa cidade. Como se podia ver no Campo Grande e na Vitória.

O Corredor da Vitória é, portanto, filho da abertura dos portos e fruto da expansão urbana de Salvador. Do avanço da cidade sobre a sua periferia até então praticamente rural... Com o aumento da população, as novidades no sistema de transporte e o alargamento das atividades e práticas urbanas, membros dos grupos sociais economicamente privilegiados foram se deslocando para além dos antigos limites citadinos.

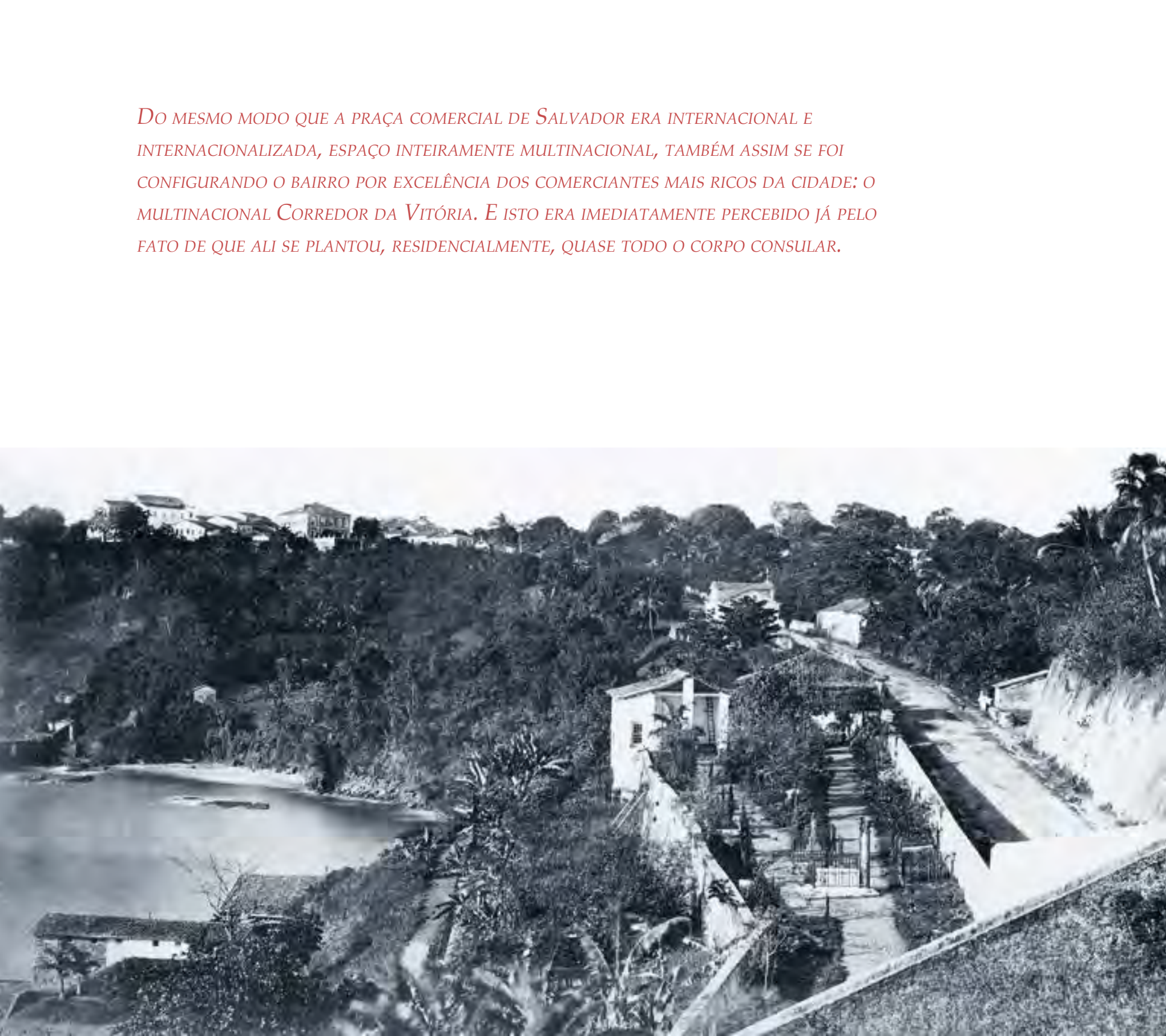
Foram deixando para trás os espaços mais centrais, o núcleo urbano propriamente dito, e buscando áreas mais afastadas, praticamente desertas de edificações e vazias de gentes. Thomas Lindley já observava, no seu diário de 1802 e 1803, que “alguns membros das classes elevadas... construíram grandes e elegantes mansões (principalmente, nos arredores da cidade)”. Muitos, como os comerciantes mais ricos e as mais altas autoridades provinciais, tomaram o rumo da Vitória.

Do Corredor e do Largo da Vitória, aos quais começaram a dar fisionomia urbana e perfil arquitetônico. Mas o processo vai se aprofundar mesmo depois do decreto de João VI. E aqui podemos até brincar com uma analogia. Do mesmo modo que a praça comercial de Salvador era internacional e internacionalizada, espaço inteiramente multinacional, também assim se foi configurando o bairro por excelência dos comerciantes mais ricos da cidade: o multinacional Corredor da Vitória. E isto era imediatamente percebido já pelo fato de que ali se plantou, residencialmente, quase todo o corpo consular.

O supracitado Raybaud comenta: “Os cônsules moram em geral nas extremidades da cidade, onde as casas são mais confortáveis e de acordo com o gosto europeu”. Acrescentando: *particulierment... a Victoire*. O príncipe Maximiliano de Habsburgo chegou a ironizar, divertindo-se com a paisagem predial, ao dizer que “em cada casa da Victória ergue-se... o mastro inevitável, já que cada uma delas abriga um cônsul qualquer”. Estrangeiros comparativamente refinados nos modos, numa cidade em que a maioria da população ainda mantinha o hábito de comer com as mãos.

Ingleses, alemães, franceses... Na década de 1810, a maioria dos comerciantes portugueses ainda vivia na Cidade Baixa. Mas os comerciantes estrangeiros, não. Moravam na Vitória. E as coisas continuaram assim. Em 1859, Pedro II, referindo-se ao caminho para a Graça, observou: “...desde o Campo da Vitória [ou Campo Grande da Vitória] é muito bonito por causa das belas chácaras com lindos edifícios, principalmente de estrangeiros”. Principalmente, de ingleses. Também na Vitória ficava a residência do cônsul inglês.

E não devemos deixar de registrar um detalhe. Alexandrina Victoria, nascida em Londres a 24 de maio de 1819, assumiu o posto de rainha do Reino Unido em 1837. Foi a célebre rainha Vitória, reinando soberana até 1901. Mais de 63 anos de reinado, portanto, o segundo mais longo da história do Reino Unido. E os imigrantes ingle-



Cemitério Inglês, por Benjamin Mulock, em 1860 / Cemitério Inglês (English Cemetery), by Benjamin Mulock, in 1860



*DO MESMO MODO QUE A PRAÇA COMERCIAL DE SALVADOR ERA INTERNACIONAL E*

*INTERNACIONALIZADA, ESPAÇO INTEIRAMENTE MULTINACIONAL, TAMBÉM ASSIM SE FOI*

*CONFIGURANDO O BAIRRO POR EXCELÊNCIA DOS COMERCIANTES MAIS RICOS DA CIDADE: O*

*MULTINACIONAL CORREDOR DA VITÓRIA. E ISTO ERA IMEDIATAMENTE PERCEBIDO JÁ PELO*

*FATO DE QUE ALI SE PLANTOU, RESIDENCIALMENTE, QUASE TODO O CORPO CONSULAR.*

But, as I said, Vitória was multinational. In his “Notas Dominicais”, Louis-François de Tollenare, himself a merchant and a resident of Vitória, noted: “The suburb of Vitória is almost exclusively occupied by foreigners and bourgeois people of Bahia... There are the city’s amenities and all the advantages of a delicious countryside under the best climate in the world”. Alongside the various foreigners, rich and/or powerful Portuguese and Brazilians also lived there. In a process, moreover, always growing. After leaving the Lower City as a residential area, they also left the central area of the Upper City. In “Salvador – Transformações e Permanências (1549–1999)”, Pedro de Almeida Vasconcelos writes: “Changes were occurring: according to Cid Teixeira, the cholera epidemic of 1855 would have started the exit of the wealthiest inhabitants of the center. By the 1872 census, the parish was no longer the most populated in the city, with its 15,111 inhabitants, in 2,112 households, and a predominantly non-white population predominated: 10,500 (69.5%) were black or brown. The slaves were 2,098 [Katia Mattoso informs], which indicates a large number of freedmen and descendants (8,402) residing in the central parish”. Vasconcelos also notes: “The Paço do Saldanha, on the street of the same name, was purchased by the Liceu de Artes e Ofícios, in 1874, indicating a change of use and the departure of wealthy families from the center”. “In the same beat, in “A Vitória na Renascença Bahiana – A Ocupação do Distrito e sua Arquitetura na Primeira República (1890–1930)”, Maria do Carmo Baltar Esnaty de Almeida writes: “The mobility of goods and people provided by the new spatial articulations, facilitated by the tram, provides the appreciation of nuclei further away from the center, kind of as dense and unhealthy. The epidemics of cholera

ses aqui passaram a curtir a grande coincidência: eram súditos da rainha Vitória morando num lugar também chamado Vitória. Imagino como se falou disso no Clube Inglês da Bahia, fundado em 1871, no Campo Grande, não longe da Igreja Anglicana.

Mas, como disse, a Vitória era multinacional. Em suas *Notas dominicais*, Louis-François de Tollenare, ele mesmo comerciante e morador da Vitória, anotou: “O arrabalde da Vitória é quase que exclusivamente ocupado por estrangeiros e burgueses da Bahia... Acham-se ali as comodidades da cidade e todas as vantagens de um campo delicioso sob o melhor clima do mundo”. Ao lado dos diversos estrangeiros, moravam ali, também, portugueses e brasileiros ricos e/ou poderosos. Num processo, de resto, sempre crescente. Depois de abandonar a Cidade Baixa como área de moradia, passaram a abandonar igualmente a zona central da Cidade Alta. Em *Salvador – transformações e permanências (1549–1999)*, Pedro de Almeida Vasconcelos escreve:

“Mudanças estavam ocorrendo: segundo Cid Teixeira, a epidemia de cólera de 1855 teria dado início à saída dos habitantes mais abastados do centro. Pelo censo de 1872, a freguesia já não era a mais povoada da cidade, com seus 15.111 habitantes, em 2.112 residências, e predominava uma população majoritariamente não branca: 10.500 (69,5%) eram negros ou pardos. Os escravos eram 2.098 [informa Katia Mattoso], o que indica um grande número de libertos e descendentes (8.402) residindo na freguesia central”. Vasconcelos também anota: “O Paço do Saldanha, na rua do mesmo nome, foi comprado pelo Liceu de Artes e Ofícios, em 1874, indicando uma mudança de uso e a saída de famílias abastadas do centro”.

Na mesma batida, em *A Vitória na Renascença Bahiana – A Ocupação do Distrito e sua Arquitetura na Primeira República (1890–1930)*, Maria do Carmo Baltar Esnaty de Almeida escreve: “A mobilidade de mercadorias e



O Corredor da Vitória em fotografia colorizada, por volta de 1925 / The Corredor da Vitória in color photography, circa 1925

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 88

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 89



Corredor da Vitória na década de 1920, em fotografia colorizada. Esse bonde fazia o percurso Rua Chile-Barra  
Corredor da Vitória in the 1920s, in color photography. This tram ran the route Rua Chile-Barra

peças proporcionada pelas novas articulações espaciais, facilitadas pelo bonde, propicia a valorização de núcleos mais afastados do centro, tipo como denso e insalubre. As epidemias de cólera e febre amarela que assolam a cidade em meados do século, as intervenções estatais no espaço urbano, respaldadas pelo discurso higienista, a difusão de novos padrões de moradia e de um modo burguês de viver favorecem o adensamento dos novos bairros, para onde se dirigem as camadas mais abastadas da população. O distrito da Vitória, zona essencialmente residencial, talvez seja o exemplo mais completo deste processo de urbanização, que atinge também outros pontos da cidade”.

E é bom lembrar que, a concorrer ainda mais para o prestígio do lugar, o Estado comprou ali, em 1878, um palacete para servir de moradia aos presidentes da província. Era o chamado Palacete da Vitória, construído originalmente, em inícios do século XIX, para servir de residência a José de Cerqueira Lima, comerciante de escravos.

Um aspecto a assinalar: os portugueses que moraram no Corredor da Vitória se comportavam como estrangeiros – o que de fato eram. Há mesmo notícia de um filho de portugueses que, tendo nascido ali no ano de 1868, foi registrado no consulado de Portugal como cidadão daquele país. Não só os portugueses já se viam há tempos como estrangeiros num país que um dia fora sua colônia, como os brasileiros os encaravam assim: eram imigrantes. Os brasileiros da Vitória jamais se sentiriam sequer remotamente lusos. E alguns deles assentaram ali suas moradias.

Ainda Pedro de Almeida Vasconcelos nos fornece um exemplo característico: “Com o fim do tráfico de escravos, em 1850, os recursos aplicados nessas atividades foram reconvertidos e aplicados em vários setores urbanos, que ganharam dinamismo. O comerciante J. Pereira Marinho é um exemplo da aplicação dos recursos investidos anteriormente no tráfico de escravos: em 1851 ele arrematou 24 casas nas Pedreiras, que tinham pertencido aos carmelitas descalços; em 1858 participou da fundação do Banco da Bahia [integrando a pri-

and yellow fever that plague the city in the middle of the century, the state interventions in the urban space, supported by the hygienist discourse, the diffusion of new patterns of housing and a bourgeois way of living, favor the densification of the new neighborhoods, where the wealthiest sections of the population are headed. The district of Vitória, an essentially residential area, is perhaps the most complete example of this urbanization process, which also affects other parts of the city”. “And it is worth remembering that, to contribute even more to the prestige of the place, the State bought there, in 1878, a palace to serve as a dwelling for the presidents of the province. It was the so-called Vitória Palace, originally built in the early nineteenth century, to serve as a residence for José de Cerqueira Lima, a slave trader. “One aspect to note: the Portuguese who lived in the Corredor da Vitória behaved like foreigners, which in fact they were. There is even news of a son of Portuguese who, having been born there in 1868, was registered at the consulate of Portugal as a citizen of that country. Not only had the Portuguese seen themselves for a long time as foreigners in a country that had once been their colony, but the Brazilians looked at them like this: they were immigrants. The Brazilians of Vitória would never feel even remotely Portuguese. And some of them dwelt there. “Still Pedro de Almeida Vasconcelos provides us with a characteristic example: “With the end of the slave trade, in 1850, the resources invested in these activities were converted and applied in various urban sectors, which gained dynamism. The merchant J. Pereira Marinho is an example of the application of the resources previously invested in the slave trade: in 1851 he bought 24 houses in Pedreiras, which had belonged to the Carmelitas Descalços; in 1858 he participated in the foundation of Banco da Bahia [integrating the first board of directors of the company], and in 1876 he presided over the Commercial Association. He was also a shareholder of Companhia de Navegação Baiana and resided in Corredor da Vitória”.



And, speaking of slave trade, let us not forget that, in “Fluxo e Refluxo do Tráfico de Escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de todos-os-Santos – dos Séculos XVII a XIX”, the anthropologist-babalaô Pierre Fatumbi Verger, who held the title of Oju Obá in the Bahian candomblé, records the existence, in 1852, of a slave depot in Vitória, whose owner was Querino Antonio, a resident of Ladeira da Barra. ¶ A few years later, while attending a reception at the Austrian consul’s residence in Vitória, Maximilian of Habsburg noted that, in front of the house, “by the light of torches, the porters of the chairs danced their primitive and wild dances, with the fanatical accompaniment of their songs”. And the Frenchman Tollenare also refers to black Africans painting the town red in the thickets of the city’s elegant neighborhood. The aforementioned Pierre Verger did not miss: “Tollenare, in 1817, delights in observing from his home the tricks of ‘ardent Africans’ to enter the small forest behind the Church of Vitória, where his imagination, no less ardent, reconstructs gallant scenes in the company of ‘his lovers who come to help their shepherds to draw water from a fountain, located lower, not far from there’”. ¶ But Tollenare knows perfectly well how to tint things, as Moema Parente Augel rightly perceived: “Tollenare’s reflection, when observing the black girls who were fetching water from the fountain near their residence, considering that ‘in all climates, under all aspects, love is the first and most dominating of all feelings’, optimally illustrates the relativism of the different conclusions that can be reached about it, being too suggestive to stop quoting it here: ‘my ardent African beauties enter the bushes perhaps a little earlier than our civilized ladies; but don’t these also always end up entering them? A little more or a little less ardor, that’s the whole difference. The bottom of the feeling is still the same as the result of the feeling.’” ¶ But let us go ahead, remembering, moreover, that not all foreign traders planted themselves there for Vitória. The Spaniards, for example, were left out. They were among the few European immigrants who did not implant their homes in Corredor da Vitória. Anthropologist Jeferson Bacelar, author of “Galegos no Paraíso Racial”, drew my attention to the fact. And the explanation for the fact is simple. Vitória appeared with a concentratedly elitist urban segment. On his street lived the most prominent members of the political, social and economic elite. And the Spaniards were not part of that select and practically closed club. It took money, power or prestige – and some had the three things together – to live in the piece. And those Spaniards didn’t have any of that. They were poor immigrants, almost all from Galicia, who arrived here between the 19th and 20th centuries. ¶ “In the port of Salvador, often alone, only with a suitcase in their hands and an address in their pockets, they leave the magnificent view of the city full of sunshine behind, being subjected to customs inspection, to the control of the power of the destination society”, in the portrait painted by Bacelar. Only little by little would they earn money, only later would some (few) become rich. “At the end of the nineteenth century the Galicians already begin to affirm their presence in the trade of Salvador. They have 25 firms, between 1882 and 1899, predominantly in the food and beverage industry. Therefore, it is already consecrated in this period a characteristic that would remain in the twentieth century, that is, most of the houses are warehouses of dry and wet things, bakeries, taverns and pastry shops. In the rest, they get involved with small factories, such as stills, and cigar manufacturing, or they have stores for crockery, glass and hardware”.

meira diretoria da empresa]; e em 1876 presidiu a Associação Comercial. Também foi acionista da Companhia de Navegação Baiana e residia no Corredor da Vitória”. E, por falar em tráfico escravista, não nos esqueçamos de que, em *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos – dos séculos XVII a XIX*, o antropólogo-babalaô Pierre Fatumbi Verger, que detinha no candomblé baiano o título de Oju Obá, registra a existência, em 1852, de um depósito de escravos na Vitória, cujo proprietário se chamava Querino Antônio, morador da Ladeira da Barra.

Alguns anos depois, ao participar de uma recepção na residência do cônsul austríaco na Vitória, Maximiliano de Habsburgo registrou que, em frente à casa, “à luz de tochas, os carregadores das cadeirinhas dançavam suas danças primitivas e selvagens, com o acompanhamento fanhoso de seus cantos”. E o francês Tollenare também faz referência a negros africanos pintando o sete nas moitas do bairro elegante da cidade. O supracitado Pierre Verger não deixou passar em branco: “Tollenare, em 1817, deleita-se em observar de sua casa as artimanhas de ‘ardentes africanos’ a entrar no pequeno bosque atrás da Igreja da Vitória, onde sua imaginação, não menos ardente, reconstitui cenas galantes em companhia de ‘seus amantes que vêm ajudar suas pastoras a tirar água de uma fonte, localizada mais baixo, não longe de lá”.

Mas Tollenare sabe perfeitamente matizar as coisas, como bem percebeu Moema Parente Augel: “A reflexão de Tollenare, ao observar as moças negras que iam buscar água na fonte próxima à sua residência, considerando que ‘em todos os climas, sob todos os aspectos, o amor é o primeiro e o mais dominador de todos os sentimentos’, ilustra otimamente o relativismo das conclusões diversas a que se pode chegar a respeito, sendo por demais sugestiva para deixarmos de citá-la aqui: ‘as minhas ardentes beldades africanas entram nas moitas talvez um pouco mais cedo do que as nossas senhoras civilizadas; mas estas também não acabam sempre entrando nelas? Um pouco mais ou um pouco menos de ardor, eis toda a diferença. O fundo do sentimento é ainda o mesmo que o resultado da sensação”.

Mas vamos adiante. Lembrando, aliás, que nem todos os comerciantes estrangeiros se plantavam ali pela Vitória. Os espanhóis, por exemplo, ficaram de fora. Foram dos poucos imigrantes europeus que não implantaram suas residências no Corredor da Vitória.



Corredor da Vitória, por volta de 1920  
Corredor da Vitória, circa 1920

*É NÃO DEVEMOS DEIXAR DE REGISTRAR UM DETALHE. ALEXANDRINA VICTORIA, NASCIDA EM LONDRES A 24 DE MAIO DE 1819, ASSUMIU O POSTO DE RAINHA DO REINO UNIDO EM 1837. FOI A CÉLEBRE RAINHA VITÓRIA, REINANDO SOBERANA ATÉ 1901. MAIS DE 63 ANOS DE REINADO, PORTANTO, O SEGUNDO MAIS LONGO DA HISTÓRIA DO REINO UNIDO. E OS IMIGRANTES INGLESES AQUI PASSARAM A CURTIR A GRANDE COINCIDÊNCIA: ERAM SÚDITOS DA RAINHA VITÓRIA MORANDO NUM LUGAR TAMBÉM CHAMADO VITÓRIA.*

## A PARTIR DO FINAL DO SÉCULO XIX, A VITÓRIA JÁ NÃO SERIA A MESMA QUE SE VIA NO PRINCÍPIO DAQUELE MESMO SÉCULO. OS BONDES ERAM TALVEZ O SIGNO MAIS OSTENSIVAMENTE VISÍVEL DA TRANSFORMAÇÃO DO LUGAR.

Finally, due to all this broad and powerful foreign presence, multinationalising the Corredor da Vitória, we must not go beyond how these foreigners saw and perceived the place where they lived. Moema Parente Augel made a detailed survey of this, in his precious book “Visitantes Estrangeiros na Bahia Oitocentista”. The quotation is certainly lengthy – but, even more certainly, indispensable. This is a true mapping of foreign views on the suburb of Vitória. With the important aspect of their dating. Before the nineteenth century, Vitória as if it did not exist for people who visited, lived and observed the City of Bahia. After that, on the contrary, the looks are many. Let’s see: ¶ “Vilhena, in 1798, does not even make reference to Vitória, in his varied and newsworthy letters. Neither in Lindley did we find any information about it, whereas, from 1815 onwards, we have a countless number of records about that part of the city. ¶ “When Ferdinand Denis was a small consular official in Bahia, the distant Vitória was already the preferred place of residence of diplomats, foreigners and businessmen, of the wealthy people who lived ‘outside the city’, seducing already at the time the European, for its privileged topographic situation. Denis sees it ‘erected on a bright promontory’, and Tollenare, at the same time, occupies a ‘humble little house’ that ‘is three quarters of a league to the south of the city’, and doubts ‘that one can find something more interesting than the romantic valleys that are approaching Vitória’”. ¶ “Dr. Dundas, a doctor at the English hospital in Bahia for so many years, describes the ‘suburb of Vitória’ as being in ‘the immediate vicinity of the city’, ‘nothing can be imagined more beautiful’, extending for about a mile, ‘going from Campo da Vitória to Graça’. In 1839, Kidder [Daniel Kidder, American Methodist missionary] claims not to know ‘nowhere’ that rivals the ‘Morro da Vitória’; there are the most beautiful gardens of Bahia, the most charming avenues, and the widest extensions of shadow. That is also where the best houses, the best climate, the best water and the best society are found. ¶ “Silva Lima recalls that, in 1840, traders, residing in Vitória, ‘came on horseback to their offices...’ The chronicler adds that the long street was not paved. If it rained, everything would turn to mud. ¶ “In 1848, [the German physician Friedrich] Asschenfeldt describes Vitória as being the ‘continuation of the upper city, a kind of suburb or new city, but which has absolutely nothing urban in it, consisting, on the contrary, of a series of cottages, gardens and charming sites and paths for walks’. Continuing, he adds that, if the Upper City is beautiful, there it is simply wonderful. ‘Nothing was spared in elegance, luxury and good taste, both outside and inside the houses.’ The gardens, with their magnificent trees, are beautiful, and there is also a wonderful view of the sea, which can be unveiled from everywhere.

O antropólogo Jeferson Bacelar, autor de *Galegos no paraíso racial*, chamou a minha atenção para o fato. E a explicação para o fato é simples. A Vitória aparecia com um segmento urbano concentradamente elitista. Viviam em sua rua os mais destacados membros da elite política, social e econômica. E os espanhóis não faziam parte desse clube seletto e praticamente fechado. Era preciso ter dinheiro, poder ou prestígio – e alguns tinham as três coisas juntas – para morar no pedaço. E aqueles espanhóis não tinham nada disso. Eram imigrantes pobres, quase todos vindos da Galícia, aqui chegados entre os séculos XIX e XX.

“No porto de Salvador, muitas vezes sozinhos, apenas com uma mala nas mãos e um endereço nos bolsos, deixam a visão magnífica da cidade cheia de sol para trás, sendo submetidos à inspeção alfandegária, ao controle do poder da sociedade de destino”, no retrato pintado por Bacelar. Só aos poucos ganhariam dinheiro, só mais tarde alguns (poucos) ficariam ricos. “Nos fins do século XIX os galegos já começam a afirmar a sua presença no comércio de Salvador. Possuem 25 firmas, entre 1882 e 1899, predominando a participação no ramo de alimentos e bebidas. Portanto, consagra-se já nesse período uma característica que iria se manter no século XX, ou seja, a maioria das casas são armazéns de secos e molhados, padarias, tavernas e pastelarias. No restante, envolvem-se com pequenas fábricas, como alambiques, e fabricação de charutos, ou então têm lojas de louças, vidros e ferragens”.

Por fim, em função de toda essa ampla e poderosa presença estrangeira, multinacionalizando o Corredor da Vitória, não devemos passar ao largo de como esses estrangeiros viam e percebiam o lugar onde moravam. Moema Parente Augel fez minucioso levantamento disso, em seu precioso *Visitantes estrangeiros na Bahia oitocentista*. A citação é certamente longa – mas, mais certamente ainda, indispensável. Trata-se de um verdadeiro mapeamento de olhares estrangeiros sobre o subúrbio da Vitória. Com o aspecto importante da sua datação. Antes do século XIX, a Vitória como que não existia para as pessoas que visitavam, moravam e observavam a Cidade da Bahia. Depois disso, ao contrário, os olhares são muitos. Vejamos:

Vilhena, em 1798, nem ao menos faz referência à Victória, em suas variadas e noticiosas cartas. Nem em Lindley encontramos tampouco alguma informação a respeito, enquanto que, a partir de 1815, temos um sem-número de registros sobre essa parte da cidade.

“Quando Ferdinand Denis era na Bahia um pequeno funcionário consular, a Vitória longínqua já era o ponto preferido de residência dos diplomatas, estrangeiros e homens de negócio, das pessoas abastadas que moravam ‘fora da cidade’, seduzindo já na época o europeu, pela sua privilegiada situação topográfica”. Denis a vê ‘erguida sobre um risonho promontório’, e Tollenare, na mesma época, ali ocupa uma ‘casinha humilde’ que ‘dista três quartos de légua ao sul da cidade’, e duvida ‘que se possa encontrar algo de mais interessante do que os vales românticos que se avizinham da Vitória’”.

“O dr. Dundas, médico do hospital inglês na Bahia por tantos anos, descreve o ‘subúrbio da Vitória’ como estando nas ‘vizinhanças imediatas da cidade’, ‘nada se podendo imaginar de mais belo’, estendendo-se por cerca de uma milha, ‘indo do Campo da Vitória até à Graça’. Em 1839, Kidder [Daniel Kidder, missionário metodista norte-americano] afirma não conhecer ‘lugar algum’ que rivalize com o ‘morro da Vitória’; ali ‘se encontram os mais belos jardins da Bahia, as mais encantadoras alamedas, e as mais vastas extensões de sombra. Aí se acham também as melhores casas, o melhor clima, a melhor água e a melhor sociedade’”.

“Silva Lima relembra que, em 1840, os negociantes, residindo na Vitória, ‘vinham a cavalo para os seus escritórios...’ Acrescenta ainda o cronista que a extensa rua não era calçada. Se chovia, tudo se transformava em lamaçal”.

“Em 1848, [o médico alemão Friedrich] Asschenfeldt descreve a Vitória como sendo a ‘continuação da Cidade Alta, uma espécie de arrabalde ou cidade nova, mas que não tem em si absolutamente nada de urbano, consistindo, pelo contrário, em uma série de casas de campo, jardins e sítios encantadores e veredas para passeios’. Continuando, acrescenta que, se a Cidade Alta é bonita, ali é simplesmente maravilhoso. ‘Nada foi poupado em elegância, luxo e bom gosto, tanto no exterior como no interior das casas’. Os jardins são, com suas magníficas árvores, belíssimos, havendo, além disso, a maravilhosa vista para o mar, que de toda parte se pode descortinar”.

“[O engenheiro alemão Julius] Naeyer, na década de 1870, vai de *tramway* até à Vitória, expressando também sua admiração. E, em 1885, o capitão do *Albatros* se refere à Vitória como ‘um longínquo subúrbio’”.

“Em 1888, a princesa Therese da Baviera vai até ao subúrbio da Vitória, onde lhe chamou a atenção o tipo de vegetação dos jardins, tendo se detido antes no Passeio Público e no Campo Grande (‘grande praça sombreada por gameleiras’). Entusiasmou-se, em todo o passeio, com a pujança da natureza tropical. Para o leitor de hoje, sobretudo um detalhe mencionado pela princesa é curioso: revela aos seus contemporâneos valer a pena fazer um passeio a pé até ao Farol de Santo Antônio, na entrada da Bahia, onde a vegetação é exuberante, a paisagem idílica, interrompida apenas por algumas solitárias palhoças de barro, cobertas com folhas de coqueiros...”

“[O alemão Henry] Schwieger, que esteve brevemente na Bahia em 1897, registra que teve apenas poucas horas ‘para uma rápida visita à Cidade Alta, a assim chamada Vitória’, onde as ruas e as praças são bem mais agradáveis do que na Cidade Baixa e protegidas por árvores bem cuidadas. Marc, na mesma época, se refere aos ‘*tramways* que conduzem à Barra, através dos mais belos bairros da cidade’, o que já mostra a integração da Vitória e talvez a perda de seu exclusivismo, uma vez que a técnica levava o homem mais depressa para mais longe e a urbanização tivesse roubado muito do ‘tropicalismo’ antes tão ardentemente admirado”.

Sim. A partir do final do século XIX, a Vitória já não seria a mesma que se via no princípio daquele mesmo século. Os bondes eram talvez o signo mais ostensivamente visível da transformação do lugar.

“[German engineer Julius] Naeyer, in the 1870s, travels from tramway to Vitória, also expressing his admiration. And in 1885, the captain of the Albatros referred to Vitória as ‘a distant suburb’. ¶ “In 1888, Princess Therese of Bavaria went to the suburb of Vitória, where she drew attention to the type of vegetation in the gardens, having previously stopped at Passeio Público and Campo Grande (‘large square shaded by gameleiras’). Throughout the tour, she was enthusiastic about the power of tropical nature. For today’s reader, above all a detail mentioned by the princess is curious: she reveals to her contemporaries that it is worthwhile to take a walk to the Santo Antonio Lighthouse, at the entrance of Bahia, where the vegetation is lush, the idyllic landscape, interrupted only by some lonely clay huts, covered with coconut trees. ¶ “[The German Henry] Schwieger, who was briefly in Bahia in 1897, records that he had only a few hours ‘for a quick visit to the upper city, the so-called Vitória’, where the streets and squares are much more pleasant than in the Lower City and protected by well-kept trees. Marc, at the same time, refers to the ‘tramways leading to Barra, through the most beautiful districts of the city’, which already shows the integration of Vitória and perhaps the loss of its exclusivism, since the technique took man faster and urbanization had stolen much of the ‘tropicalism’ previously so ardently admired”. ¶ Certainly, from the end of the nineteenth century, Vitória would no longer be the same as it was at the beginning of that century. Trams were perhaps the most ostensibly visible sign of the transformation of the place.



**10** **ALGUNS  
INFLUXOS  
ESTRANGEIROS**



*SOME FOREIGN INFLUXES*



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 91



Rua Chile por volta do início do século XX / Rua Chile around the beginning of the 20th century

**FALANDO SOBRE A CIDADE DA BAHIA EM MEADOS DO SÉCULO XIX**, no texto “Os cavalinhos correndo...”, o historiador Cid Teixeira faz uma afirmação concisa, bem ao seu estilo: “Era necessário, urgentemente necessário, ser francês nas modas e ser inglês nos modos”.

Cid, como de hábito, sabia do que estava falando. Aquele foi um período de cavalheiros se vestindo com ingleses, de mulheres se vestindo com franceses... Tempo em que a alfaiataria de John O’Dwyer vestia a elite masculina local. Mesmo que algo despropositadamente, na base de casacas e sobrecasacas, coletes e paletós. Tudo vinha da Inglaterra, assim como os tecidos que ele colocava à venda. E o contrabandista inglês Thomas Lindley, em sua *Narrativa de uma viagem ao Brasil*, já dizia: “...a Bahia está sem dúvida progredindo em civilização: vejo os trajes europeus cada dia mais generalizados entre as mulheres”.

No movimento do comércio, vendo o que os baianos compram, é possível medir com clareza o alcance da nossa reeuropeização ao longo do século XIX. Em *Notícias da Bahia – 1850*, Pierre Verger nos dá uma mostra inquestionável disso, ao citar as firmas inglesas que aqui vendiam porcelanas e lãs, por exemplo. De casas alemãs mercando ferragens, vidros da Boêmia, armas, pólvora, drogas diversas e cerveja. De italianos vendendo mármore. Etc. Depois de listar alguns grandes negociantes franceses, ele passa pelo varejo, que é o ramo mais revelador, no que aqui nos interessa:

“Os outros franceses são varejistas cujas vendas muito diversificadas tocam as raiais do comércio de pacotilha. Os artigos postos por eles no mercado da Bahia consistem em produtos alimentares, manteiga e queijo, aguardente e champanha. Os outros vinhos não chegam a fazer concorrência com os do Porto, da Madeira e de Tenerife. Vendem também berloques, bugigangas e artigos de Paris, perfumaria, livros, bijuterias, sedas, rendas e fitas, chapelaria, luvas e outros artigos da moda”. Detalhe da maior importância: “A grande massa da exportação francesa ao Brasil é a das roupas prontas”. Além disso, Verger andou vasculhando anúncios de jornais da época, onde pescou pérolas:

“Alguns anúncios publicados no *Correio Mercantil* em 1846 dão uma ideia da diversidade do comércio francês na Bahia: D. Borel acaba de receber da França em sua loja de joalheria no número 56 da rua Direita do Palácio [atual rua Chile], um grande e rico sortimento de joias, tais como adereços em ouro e todo tipo de pedrarias na última moda, braceletes, alfinetes, brincos, pequenos estojos de costura para senhoras, queima-perfumes com guarnição de prata dourada, caixas de colheres e garfos de prata cinzelada, outras com colheres de chá de prata cinzelada e dourada, timbales de prata e guizos para crianças pequenas e muitos outros artigos para homens e senhoras vendem-se a preços muito moderados”.

“No escritório de F. Duprat no número 31 da rua Direita do Comércio, estão à venda ricos vestidos de baile de diversas qualidades; fitas de seda superior de diversos comprimentos; chapéus os mais à moda para baile; lustres de três ou quatro lâmpadas para pendurar nos salões. Há também xales de seda e de outros tecidos de bom gosto, caixas de papel meio-holanda para escrever, espadas para oficiais com bainhas de imitação de prata, tudo recentemente chegado”.

“Largeau, em frente ao teatro, anuncia à sua fiel clientela que acaba de receber pelo último navio do Havre um grande sortimento de objetos diversos para presentes muito ricos e de bom gosto, tais como binóculos para o

Speaking about the City of Bahia in the middle of the nineteenth century, in the text “Os Cavalinhos Correndo...”, historian Cid Teixeira makes a concise statement, very much in his style: “It was necessary, urgently necessary, to be French in fashions and to be English in manners”. Cid, as usual, knew what he was talking about. That was a period of gentlemen dressing up with Englishmen, women dressing up with Frenchmen... a time when John O’Dwyer’s tailor shop was dressing up the local male elite. Even if something unreasonably, on the basis of coats and overcoats, vests and jackets. Everything came from England, just like the fabrics he put up for sale. And the English smuggler Thomas Lindley, in his “Narrative of a Voyage to Brazil”, already said: “... Bahia is undoubtedly progressing in civilization: I see the European costumes increasingly widespread among women”. In the trade movement, seeing what the Bahians buy, it is possible to clearly measure the scope of our re-Europeanization throughout the nineteenth century. In “Notícias da Bahia – 1850”, Pierre Verger gives us an unquestionable demonstration of this, citing the English firms that sold porcelain and wool here, for example. From German homes selling hardware, Bohemian glass, guns, gunpowder, various drugs and beer. From Italians selling marble. Etc. After listing some great French traders, he goes through retail, which is the most revealing branch, in what interests us here: “The other French are retailers whose very diverse sales touch the rays of the pacotilla trade. The items they put on the Bahia market consist of food products, butter and cheese, brandy and champagne. The other wines do not compete with those of Porto, Madeira and Tenerife. They also sell pendants, trinkets and articles from Paris, perfumery, books, jewelry, silks, lace and ribbons, headgear, gloves and other fashionable items.” Detail of the greatest importance: “The great mass of French export to Brazil is that of ready-made clothes”. In addition, Verger went through newspaper ads of the time, where he fished for pearls: “Some advertisements published in “Correio Mercantil” in 1846 give an idea of the diversity of French commerce in Bahia: D. Borel has just received from France at his jewelry store at Rua Direita do Palácio [current Rua Chile] 56, a large and rich assortment of jewelry, such as gold props and all kinds of latest fashion stones, bracelets, pins, earrings, small sewing cases for ladies, burning perfumes with a gold silver trim, boxes of spoons and chiseled silver forks, others with chiseled and gold silver teaspoons, silver timpani and bells for small children and many other items for men and ladies are sold at very moderate prices. “In the office of F. Duprat at number 31 of Rua Direita do Comércio, are on sale rich ball gowns of various qualities, upper silk ribbons of various lengths; most fashionable hats for ball; chandeliers of three or four lamps to hang in the halls. There are also chalets of silk and other tasteful fabrics, half-holland paper boxes for writing, swords for officers with silver imitation sheaths, all recently arrived.” “Largeau, in front of the theater, announces to his faithful clientele that he has just received for the last ship of Havre a large assortment of diverse objects for very rich and tasteful gifts, such as binoculars for the theater, piano music albums, richly bound and containing French songs; velvet caps and combs for ladies of the new fashion, gloves, perfumes, cologne, etc.

“In store number 32 of the Guindaste dos Padres are on sale beautiful motifs in fine porcelain to decorate tables of halls and also collections of figurines representing the mysteries of Paris and the Wandering Jew”. ¶ Well, these ads are worth more than a sociology treatise... but let’s go to more foreign influences. I return, by the way, to the historian Cid Teixeira: ¶ “Here in Salvador City, the phonograph arrived in 1892. A naturalized American Czech who would later become an important name in the history of Brazilian popular music, Frederico Figner, made South America with the ‘stupendously famous invention’. Arrived on January 19, he stayed at the best hotel in the city, Paris, corner of Ladeira de São Bento and Barroquinha and, already the next day, exhibited his device in the ‘Chalet Parisien’, which was the chic bakery of the city, corner of the Fort of São Pedro and Campo Grande. The “Jornal de Notícias” announced: “Today will premiere at the Chalet Parisien the phonograph, from 6 pm to 10 pm. We draw the attention of the public to enjoy the good ice cream with the music of phonograph’. It was the meeting place of the rich people of the land. People from the Corredor da Vitória who, at that time, were already beginning to gain, as an area of good residency, for the streets of the city center. The house, serving the other novelty that was the ice cream, should be full that summer night in Bahia”. ¶ Yes, it was. And soon the “Diário de Notícias” would report: “It is, in fact, stupendously amazing the invention of Edson, this prodigious device called phonograph. No matter how much you say or write, you will never be able to give an exact idea of what that colossal invention really is, one of the last wonders of this century. There is no one who has not gone to the Hotel Paris or the Chalet Parisien to hear such a surprising device that has not left astonished”.

teatro, álbuns de música para piano, ricamente encadernados e contendo canções francesas; toucas de veludo e pentes para senhoras da nova moda, luvas, perfumes, água de colônia etc”.

“Na loja número 32 do Guindaste dos Padres estão à venda lindos motivos em porcelana fina para decorar mesas de salões e também coleções de estatuetas representando os mistérios de Paris e o Judeu Errante”.

Bem, esses anúncios valem mais que um tratado de Sociologia... Mas vamos a mais influências estrangeiras. Volto, a propósito, ao historiador Cid Teixeira:

“Aqui na Cidade do Salvador, o fonógrafo chegou em 1892. Um tcheco naturalizado norte-americano e que viria a ser, mais tarde, nome importante na história da música popular brasileira, Frederico Figner, fazia a América do Sul com o ‘estupendamente famoso invento’. Chegou a 19 de janeiro, hospedou-se no melhor hotel da cidade, o Paris, esquina da Ladeira de São Bento com a Barroquinha e, já no dia seguinte exibia o seu aparelho no ‘Chalet Parisien’, que era a confeitaria chique da cidade, esquina do Forte de São Pedro com o Campo Grande. O *Jornal de Notícias* anunciava: ‘Hoje estreará no Chalet Parisien o phonographo, das 6 da tarde às 10 da noite. Chamamos a atenção do público para apreciar o bom sorvete com a música do phonographo’. Era o ponto de reunião da gente rica da terra. Gente do Corredor da Vitória que, àquela época, já começava a ganhar, como zona de bem residir, para as ruas do centro da cidade. A casa, servindo a outra novidade que eram os gelados, deveria estar cheia naquela noite de verão baiano”.

Esteve, sim. E logo o *Diário de Notícias* reportaria: “É, na verdade, estupendamente assombroso o invento de Edison, esse prodigioso aparelho denominado phonographo. Por mais que se diga ou se escreva, nunca se conseguirá dar uma ideia exata do que é realmente aquele colossal invento, uma das últimas maravilhas deste século. Não há quem não tenha ido ao Hotel Paris ou ao Chalet Parisien ouvir tão surpreendente aparelho que não tenha saído estupefacto”.

*NO MOVIMENTO DO COMÉRCIO, VENDENDO O QUE OS BAIANOS COMPRAM, É POSSÍVEL MEDIR COM CLAREZA O ALCANCE DA NOSSA REEUROPEIZAÇÃO AO LONGO DO SÉCULO XIX. EM NOTÍCIAS DA BAHIA – 1850, PIERRE VERGER NOS DÁ UMA MOSTRA INQUESTIONÁVEL DISSO, AO CITAR AS FIRMAS INGLÊSAS QUE AQUI VENDIAM PORCELANAS E LÃS, POR EXEMPLO. DE CASAS ALEMÃS MERCANDO FERRAGENS, VIDROS DA BOÊMIA, ARMAS, PÓLVORA, DROGAS DIVERSAS E CERVEJA. DE ITALIANOS VENDENDO MÁRMORE. ETC.*

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 93



Rua Chile por volta dos anos 1930 / Rua Chile around the 1930s

▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 94



COM TUDO ISSO, FICA MAIS DO QUE EVIDENTE O QUANTO SALVADOR FOI CIDADE BEM “AFRANCESADA” TEMPOS ATRÁS. EM ESPECIAL, A CAMINHO DOS ÚLTIMOS DIAS DO SÉCULO XIX, DOS PRIMEIROS DIAS DO SÉCULO SEGUINTE. E ESSAS FRANCESIAS TAMBÉM TINHAM O SEU ESPAÇO PRIVILEGIADO ENTRE AS MORADAS E OS MORADORES DO NOSSO CORREDOR DA VITÓRIA. AO MESMO TEMPO, TANTO O QUERER SER INGLÊS NOS MODOS QUANTO O QUERER SER FRANCÊS NAS MODAS, EXIBIA UM DESCOMPASSO EVIDENTE – ATÉ MESMO, UMA INADEQUAÇÃO FUNDAMENTAL.



▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 95

Imagem da fachada e acervo do Instituto Feminino da Bahia / Image of the facade and collection of the Instituto Feminino da Bahia (Bahia Feminine Institute)

Não por acaso, tínhamos, entre os heróis da guerra da independência do Brasil em terras baianas, um inglês e um francês: Lord Cochrane e Pierre Labatut. Bem vistas as coisas, é possível, de um modo geral, fazer a seguinte distinção: a preeminência inglesa era principalmente econômica – a preeminência francesa era principalmente cultural (já no final do século XVIII, por sinal, em 1798, a chamada Revolução dos Alfaiates se guiava por ideias francesas). E a coisa se intensificou com o passar das décadas. Cid Teixeira diz que vivíamos tempos de um “francesismo exacerbado”: “Estudava-se aritmética pelo livro de Bezout, francês pela gramática de Claude Augé e, naturalmente, lia-se o Teatro Clássico de Filo”.

Na conferência “A Francesia Baiana de Antanho”, Thales de Azevedo fala de palestra em francês no Politeama, de senhoras usando *écharpes* e homens vestindo *paletots*, das *matinéés chics* do Cinema Ideal (na Ladeira de São Bento, defronte do Hotel Paris), de plantas em *cachepots* adornados com papel *crépon*, do consumo de *petit-pois* e da novidade do *paté-au-foie-gras*, de peças de *lingerie*, de logradouros públicos designados como *boulevards* (até mesmo na orla de Itaparica), de intelectuais assinando a *Révue des Deux Mondes*, da quadrilha de São João dançada em francês (*chémín des dames*, *en arrière* etc.), de gente pintando o cabelo na cor *acajou*.

“A modernização da arquitetura introduziu [palavras como] *chalet*, *parquet*, *lambris*; mais adiante, com o cimento armado, *marquise*, *pilotis*. Com o pequeno automóvel da marca francesa Panhard-Levassor, trazido para a nossa cidade em 1901 por Henrique Lanat, começaram a ser empregados termos como *guidon*, *chauffer*, *garage*, *capot*, *coupé*, *carrosserie*, *roulement*”. E mesmo no plano dos nomes próprios das pessoas a influência francesa foi grande. “No domínio da antropônimo, a voga e a devoção à Virgem nas aparições na França explicam a frequência das Lourdes, Bernadetes, Salettes e das Terezinhas em homenagem à simpática e piedosa freirinha de Lisieux; Ivete, Odete, Simone, Gilete, Denise e Jeanete de origem também na França; motivos diversos e contraditórios levavam a adotar, como prenomes, sobrenomes como Robespierre, Renan, Lafayette, Fénélon, Didérot, Junot, Voltaire, Mirabeau, Lamartine...”.

Com tudo isso, fica mais do que evidente o quanto Salvador foi cidade bem “afrancesada” tempos atrás. Em especial, a caminho dos últimos dias do século XIX, dos primeiros dias do século seguinte. E essas francesias também tinham o seu espaço privilegiado entre as moradas e os moradores do nosso Corredor da Vitória. Ao mesmo tempo, tanto o querer ser inglês nos modos quanto o querer ser francês nas modas, exibia um descompasso evidente – até mesmo, uma inadequação fundamental.

Isso é imediatamente visível no vestuário. Havia um abismo entre o que se mostrava em público e o que se usava em casa. Ferdinand Denis observou certa vez que “as mulheres brasileiras que apareceram na igreja vestidas com nossas modas francesas reencontram no seu interior [em suas casas] o costume brasileiro. A capa, o vestido sem espartilho, as correntes ao gosto oriental, e o chinelo que calça muitas vezes o mais bonito dos pés”. E Maria Graham, a propósito de uma recepção no consulado britânico: “Nas mulheres bem-vestidas que vi à noite tive grande dificuldade em reconhecer as desmazeladas da manhã de outro dia. As senhoras estavam todas vestidas à moda francesa: corpete, xale, enfeites, tudo estava bem, mesmo elegante, e havia uma grande exibição de joias”.

E o cônsul britânico Wetherell, sobre a roupa dos homens: “Os brasileiros, quando aparecem em público, são muito requintados em sua maneira de vestir, lembrando muito os franceses em suas modas, e situam-se o mais longe possível da sociedade de gosto britânico. Quando ‘armados’ dessa maneira, oferecem uma

Not by chance, we had, among the heroes of the war of independence of Brazil in Bahian lands, an Englishman and a Frenchman: Lord Cochrane and Pierre Labatut. After all, it is possible, in general, to make the following distinction: the English preeminence was mainly economic – the French preeminence was mainly cultural (already at the end of the eighteenth century, by the way, in 1798, the so-called Tailor’s Revolution was guided by French ideas). And it intensified over the decades. Cid Teixeira says that we were living in times of an “exacerbated Frenchism”: “Arithmetic was studied by Bezout’s book, French by Claude Augé’s grammar and, of course, the Classical Theater of Filo was read”. ¶ At the conference “A Francesia Baiana de Antanho”, Thales de Azevedo speaks of a lecture in French at the Politeama, of ladies wearing echarpes and men wearing paletots, of the matinées chics of the Ideal Cinema (on the Ladeira de São Bento, in front of the Hotel Paris), of plants in cachepots adorned with crépon paper, of the consumption of petit-pois and of the novelty of the paté-au-foie-gras, of pieces of lingerie, of public places designated as boulevards (even on the edge of Itaparica), of intellectuals signing the Révue des Deux Mondes, of the gang of São João danced in French (chémín des dames, en arrière, etc.), of people coloring their hair acajou. ¶ “The modernization of architecture introduced [words like] chalet, parquet, lambris; later, with the reinforced cement, marquise, pilotis. With the small automobile of the French brand Panhard-Levassor, brought to our city in 1901 by Henrique Lanat, terms such as guidon, chauffer, garage, capot, coupé, carrosserie, roulement began to be employed”. And even in terms of people’s first names, the French influence was great. “In the domain of anthroponymy, the vogue and devotion to the Virgin in the apparitions in France explain the frequency of Lourdes, Bernadetes, Salettes and Terezinhas in honor of the friendly and pious nun of Lisieux; Ivete, Odete, Simone, Gilete, Denise and Jeanete of origin also in France; different and contradictory reasons led to adopt, as first names, surnames such as Robespierre, Renan, Lafayette, Fénélon, Didérot, Junot, Voltaire, Mirabeau, Lamartine...”. ¶ With all this, it is more than evident how much Salvador was a very “French” city long ago. In particular, on the way to the last days of the nineteenth century, the first days of the next century. And these French also had their privileged space between the addresses and the residents of our Corredor da Vitória. At the same time, both wanting to be English in manners and wanting to be French in fashions, exhibited an evident mismatch – even a fundamental inadequacy. ¶ This is immediately visible on the garment. There was a gulf between what was shown in public and what was used at home. Ferdinand Denis once remarked that “Brazilian women who appeared in church dressed in our French fashions find in their interior [in their homes] the Brazilian custom. The cape, the dress without corset, the chains to oriental taste, and the slipper that often wears the most beautiful of feet”. And Maria Graham, speaking of a reception at the British consulate: “In the well-dressed women I saw at night I had great difficulty recognizing the sloppy in mornings of another day. The ladies were all dressed French style: corset, chalet, ornaments, everything was fine, even elegant, and there was a great display of jewelry.” ¶ And the British consul Wetherell, on the clothing of men: “Brazilians, when they appear in public, are very exquisite in their way of dressing, remembering very much the French in their fashions,



Monumento ao Cristo, de Pasquale de Chirico, na Avenida Oceânica / Monument to Christ, by Pasquale de Chirico, on Avenida Oceânica



Monumento ao 2 de Julho, no Campo Grande, obra de Carlos Nicoli. Monument to the 2nd of July, in Campo Grande, by Carlos Nicoli.

*PARA FINALIZAR, NÃO DEVEMOS DEIXAR DE LEMBRAR QUE NESSA ÉPOCA E UM POUCO ADIANTE, ENTRE TANTOS ESTRANGEIROS CIRCULANDO POR AQUI, TAMBÉM ITALIANOS GRAVARAM UMA FORTE MARCA NA CIDADE DA BAHIA. INTERFERIRAM VISUALMENTE, EM LARGA ESCALA, NO PRÓPRIO ESPAÇO URBANO.*



Avenida Oceânica, projeto do engenheiro italiano Filinto Santoro / Avenida Oceânica, project by Italian engineer Filinto Santoro

aparência rija e curiosa, fácil de ser explicada: não sabem em absoluto que, na aparência, a comodidade e o “à vontade” passam antes da elegância. Ao voltar à casa, o brasileiro tira imediatamente tudo o que leva no corpo, exceto a camisa e as ceroulas, e sobre eles enfia um roupão e, calçando os seus pés nus em tamancos, permanece nesse traje caseiro o resto do dia. Um terno inteiramente preto é a roupa de praxe para visitas de cerimônia, hábito absurdo para um clima tropical e herdado do barbarismo português”.

Para finalizar, não devemos deixar de lembrar que nessa época e um pouco adiante, entre tantos estrangeiros circulando por aqui, também italianos gravaram uma forte marca na Cidade da Bahia. Interferiram visualmente, em larga escala, no próprio espaço urbano. Com a ação de arquitetos italianos como Julio Conti e Rossi Baptista e do arquiteto e engenheiro também italiano Filinto Santoro – que fez na cidade coisas tão diversas quanto a avenida Oceânica, o prédio do Corpo de Bombeiros e o prédio que então abrigou o Theatro Guarany – podemos dizer que a arquitetura que se fez na Bahia, entre o apagar das luzes do século XIX e as primeiras décadas do século XX, não foi exatamente arquitetura baiana. Mas, em boa parte, arquitetura italiana – e de cariz eclético. E a coisa não se resumiu à arquitetura. Falamos já que o Monumento ao Caboclo, erguido no Campo Grande, é obra de Carlo Nicoli, escultor italiano. Até a estátua de Castro Alves, na praça que leva o seu nome, é obra de Pasquale de Chirico, outro escultor italiano.

*and are located as far as possible from the society of British taste. When 'armed' in this way, they offer a stiff and curious appearance, easy to explain: they do not know at all that, in appearance, comfort and at ease pass before elegance. Upon returning home, the Brazilian immediately takes off everything he carries on his body, except his shirt and underpants, and over them he tucks a robe and, putting his bare feet on clogs, remains in this homemade suit for the rest of the day. An entirely black suit is the usual outfit for ceremony visits, an absurd habit for a tropical climate and inherited from Portuguese barbarism.” ¶ Finally, we must remember that at this time and a little later, among so many foreigners circulating here, Italians also recorded a strong mark in Bahia City. They visually interfered, on a large scale, in the urban space itself. With the action of Italian architects such as Julio Conti and Rossi Baptista and the Italian architect and engineer Filinto Santoro – who did in the city things as diverse as Avenida Oceânica, the building of the Fire Department and the building that then housed Theatro Guarany – we can say that the architecture that was made in Bahia, between the dimming of the lights of the nineteenth century and the first decades of the twentieth century, was not exactly Bahian architecture. But mostly Italian architecture – and eclectic in character. And it wasn't just about architecture. We have already said that the Monument to the Caboclo, erected in Campo Grande, is the work of Carlo Nicoli, Italian sculptor. Even the statue of Castro Alves, in the square that bears his name, is the work of Pasquale de Chirico, another Italian sculptor.*



# 11 A REINVENÇÃO BURGUESA DA PRAIA



THE BOURGEOIS  
REINVENTION  
OF THE BEACH



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 99



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRÇÃO DA IMAGEM 100



Praia do Farol, início do século XX / Praia do Farol, early 20th century

**A GENTE NUNCA TEM COMO PREVER NO QUE AS COISAS VÃO DAR.** Por exemplo: a escolha do local exato para a implantação de Salvador foi ditada, principalmente, por critério militar. Um sítio complicado, difícil. Hoje, aquele critério não conta para nada. Mas, com o tempo, a escolha do sítio veio a constituir, como diz Milton Santos em *O centro da Cidade do Salvador*, “uma das originalidades da cidade atual”. Com a expansão da cidade, de resto, falar de sítio se tornou inadequado. No dizer do mesmo Milton Santos, a cidade não ocupa um sítio, mas um *conjunto de sítios*: “é uma cidade de colinas, uma cidade peninsular, uma cidade de praia”.

Alguns de nossos bairros apresentam também essa fisiografia plural. Santo Antônio Além do Carmo é um bairro de colina, mas a Vitória, por sua vez, não é uma coisa só: é bairro de colina e bairro de praia. E a praia, tal como a concebemos modernamente, vai se esboçar, em modo embrionário, justamente entre estrangeiros moradores do Corredor da Vitória. Lembre-se, por sinal, de James Wetherell falando dos “muitos piqueniques” de estrangeiros na beira do mar.

Verdade que hoje não conseguimos pensar a Vitória como espaço praieiro: ali está um exemplo de orla rigorosamente privatizada, onde a população da cidade não tem como chegar e se assentar. Social e culturalmente, a Vitória não é percebida como praia. Seu uso, para fins de contemplação ou diversão, é vedado aos moradores da cidade. Mas não foi sempre assim. Maria Graham, por exemplo, registrou a existência, em Salvador, de um certo tipo de casas que eram construídas “com uma bela pedra azul retirada da praia da Vitória”. Mas vamos avançar aos poucos – e em plano geral, aberto.

Uma coisa é a linha do litoral, onde areia e onda se limitam. Outra coisa é a *praia*, como a concebemos. A praia se define no momento em que a linha litorânea, o recorte espacial que envolve areia e água ganha um determinado sentido social, que já não é somente o da reunião humana em busca do alimento das pescarias. Isto é: no momento que tal limite relativamente instável se deixa semantizar por uma certa prática humana, que não diz respeito principalmente ao trabalho, para se converter em território destinado ao exercício de uma forma específica de sociabilidade. O que significa que, antes que acidente geográfico ou dádiva ecológica, a praia é uma invenção humana. Uma criação histórica e cultural.

Por isso mesmo, observadores mais atentos costumam assinalar que, no Brasil, a praia – “enquanto sítio de ação coletiva multitudinária e específica” (Thales de Azevedo, *A praia: espaço de socialidade*) – tem somente cerca de um século de existência. É uma entidade fisiocultural que principiou a se configurar em inícios do século XX. Não é que a beira do mar não fosse visitada, percorrida ou povoada em época anterior. Era que, entre os motivos de tal frequência, não se destacava o banho de mar. Mesmo para os escravos e outros miseráveis, a franja marinha era, sobretudo, lugar de labuta, com vistas para a sobrevivência. Ninguém estava ali para, principalmente, se entregar ao banho lúdico e sensual.

O mergulho lúdico nas ondas, as braçadas gratuitas, seriam coisas secundárias. Já para os mais abastados, o lineamento costeiro poderia ser eventualmente utilizado para fins de esparecimento e prazer. Como espaço para o espasso. Ou recanto para a farrá correr solta. É o que vemos numas “décimas” em que Gregório de Mattos recria “uma jornada, que fez ao Rio Vermelho com uns amigos”, na segunda metade do século XVII.

*We can never predict how things will turn out. For example: the choice of the exact location for the deployment of Salvador was dictated mainly by military criteria. A complicated place, a difficult place. Today, that criterion counts for nothing. But, over time, the choice of site came to constitute, as Milton Santos says in “O Centro da Cidade do Salvador”, “one of the originalities of the current city”. With the expansion of the city, moreover, talking about a place became inappropriate. In the words of the same Milton Santos, the city does not occupy a place, but a set of places: “it is a city of hills, a peninsular city, a beach city”. Some of our neighborhoods also feature this plural physiography. Santo Antonio Além do Carmo is a hill neighborhood, but Vitória, in turn, is not just one thing: it is a hill neighborhood and a beach neighborhood. And the beach, as we conceive it nowadays, will be sketched, in an embryonic way, precisely among foreign residents of the Corredor da Vitória. Remember, by the way, James Wetherell talking about the “many picnics” of foreigners by the sea. It is true that today we cannot think of Vitória as a beach space: there is an example of a strictly privatized waterfront, where the population of the city cannot reach and settle. Socially and culturally, Vitória is not perceived as a beach. Its use, for contemplation or fun purposes, is forbidden to the residents of the city. But it wasn’t always like that. Maria Graham, for example, recorded the existence, in Salvador, of a certain type of houses that were built “with a beautiful blue stone removed from the beach of Vitória”. But let’s move forward slowly – and in a general, open plan. One thing is the coastline, where sand and wave are limited. Another thing is the beach, as we conceive it. The beach is defined at the moment when the coastline, the spatial area that involves sand and water, gains a certain social sense, which is no longer only that of the human meeting in search of the food of the fisheries. That is: at a time when such a relatively unstable limit allows itself to be semantized by a certain human practice, which does not mainly concern work, to become territory for the exercise of a specific form of sociability. Which means that, before geographic accident or ecological gift, the beach is a human invention. A historical and cultural creation. For this reason, more attentive observers usually point out that, in Brazil, the beach – “as a site of multitudinous and specific collective action” (Thales de Azevedo, “A Praia: Espaço de Socialidade”) – has only about a century of existence. It is a physiocultural entity that began to set up in the early twentieth century. It is not that the seashore was not visited, traveled or populated in previous times. It was that, among the reasons for such frequency, the sea bath did not stand out. Even for slaves and other wretches, the marine fringe was, above all, a place of toil, with a view to survival. No one was there to, mainly, indulge in the playful and sensual bath. The playful dip in the waves, the free strokes, would be secondary things. For the more affluent, the coastal line could eventually be used for relaxation and pleasure purposes. Like space for the thrift. Or a nook to let the party run wild. This is what we see in a “tenth” in which Gregório de Mattos recreates “a journey, which he made to the Rio Vermelho with some friends”, in the second half of the seventeenth century.*

*It is a horse excursion, with the group of revelers leaving for the sketch, a carousing of music and pasture, which will have its resting point on the sand, under the shade of some foliage, before the waves of the sea. But, although he employs words such as beach, sand and wave, Gregório makes no mention of any sea bath: ¶ We take a nap on the sand / where the sea by mazumbaia / refreshing was the beach / with crystal sprinkles; / the pyramidal wave, / which in the air unleashes, / falling into grains of cream, / I asked for good advice / that instead of Rio Vermelho / call it Rio de la Plata. [Free translation] ¶ And the same can be seen in other Gregorian texts, thematizing events in islands and villages of the Bay of All Saints. Those seventeenth-century Bahians went to the shore of the sea, without entering the tide. They were going to the coast, not the beach. The coastal game of the sea exists, for Gregório, not as something to be enjoyed pleasantly in the treatment of the body with the movement of the waters, but as an aesthetic fact. As a visual spectacle, a mobile frame for the enchantment of the look: it is the wave that unties, falling into grains of silver. ¶ In “O Território do Vazio: A Praia e o Imaginário Ocidental”, Alain Corbin wrote that the less poor Europeans of the seventeenth century, as a rule, ignored “the charm of the sea beaches, the excitement of the swimmer who faced the waves, the pleasures of maritime vilegiatura”. What prevailed then, among Descartes’ contemporaries, was a negative representation of the sea. It was a whole cast of images and ideas that made up a view of the coast as a dangerous place, infected by the putrefaction of animals, surrounded by an unhealthy air. ¶ But it is the same Corbin who signals the existence of exceptions in this general framework of insensitivity and repulsion of the elites in the face of marine nature. He recalls that, since the beginning of the 17th century, “a group of French poets, generally qualified as Baroque, speaks of the joy that the presence at the seaside awakens”. Also Gérard Genette, in *Figuras*, underlines the link between these poets and the sea. It speaks of a “reversible universe”, of the mirroring of the sky and ocean, of the identification of the fauna of the air and the sea, which enhance this textual doing. The sea attracts and seduces the Baroque soul. And that’s where the Baroque Gregório de Mattos moves. In fact, while the Ignatians in Europe abhorred and cursed the sea, the Baroque Jesuit Antonio Vieira blessed it. In one of his sermons, he even said that the sea was the best neighbor God gave to the cities he loved most. ¶ What is intriguing is that the aesthetic perception of the seaside, of the waves dancing on the coastline, will practically disappear, in socially privileged circles of Brazil, in the eighteenth century. And it will remain submerged throughout much of the nineteenth century. Roughly, between 1750 and 1850, more or less, the seafloor will disappear from the cultured horizon of our sensitivity. It won’t even exist as a landscape. His eyes closed to the clear edge of the tropics. ¶ In fact, every look is culturally and ideologically oriented. Every scenario is a socio-cultural creation. Nature itself never offers itself as a landscape. Nature exists only for itself.*

Trata-se de uma excursão a cavalo, com o grupo de farristas partindo para a esbórnica, pândega de música e pasto, que vai ter seu ponto de descanso na areia, ao abrigo sombreado de alguma folhagem, diante das ondas do mar. Mas, embora empregue palavras como praia, areia e onda, Gregório não faz menção a nenhum banho de mar:

*Sesteamos no areal  
onde o mar por mazumbaia  
refrescando estava a praia  
com borrifos de cristal;  
a onda piramidal,  
que nos ares se desata,  
descaindo em grãos de nata,  
pedia por bom conselho  
que em vez de Rio Vermelho  
lhe chamem Rio da Prata.*

E o mesmo se pode ver em outros textos gregorianos, tematizando eventos em ilhas e vilas da Baía de Todos-Santos. Aqueles baianos seiscentistas iam à orla do mar, sem adentrar a maré. Iam ao litoral, não à praia. O jogo litorâneo do mar existe, para Gregório, não como algo a ser prazerosamente usufruído no trato do corpo com o movimento das águas, mas como fato estético. Como espetáculo visual, quadro móvel para o encantamento do olhar: é a onda que se desata, descaindo em grãos de prata.

Em *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*, Alain Corbin escreveu que os europeus menos pobres do século XVII, regra geral, ignoravam “o encanto das praias de mar, a emoção do banhista que enfrentava as ondas, os prazeres da vilegiatura marítima”. O que predominava então, entre os contemporâneos de Descartes, era uma representação negativa do mar. Era todo um elenco de imagens e de ideias que compunham uma visão do litoral como lugar perigoso, infectado pela putrefação de animais, envolvido por um ar doentio.

Mas é o mesmo Corbin quem sinaliza a existência de exceções nesse quadro geral de insensibilidade e repulsa das elites diante da natureza marinha. Lembra ele que, desde inícios do século XVII, “um grupo de poetas franceses, geralmente qualificados de barrocos, fala da alegria que a presença à beira-mar desperta”. Também Gérard Genette, em *Figuras*, sublinha o vínculo desses poetas com o mar. Fala de um “universo reversível”, dos espelhamentos de céu e oceano, da identificação das faunas do ar e do mar, que realçam esse fazer textual. O mar atrai e seduz a alma barroca. E é aí que se move o barroco Gregório de Mattos. Aliás, enquanto os inacianos, na Europa, abominavam e amaldiçoavam o mar, o jesuíta barroco Antônio Vieira o abençoava. Num de seus sermões, chegou a dizer que o mar era o melhor vizinho que Deus deu às cidades que mais amou.

O intrigante é que a percepção estética da beira do mar, das ondas dançando na linha litoral, vai praticamente desaparecer, em círculos socialmente privilegiados do Brasil, no século XVIII. E permanecerá submersa ao longo de boa parte do século XIX. *Grosso modo*, entre 1750 e 1850, mais ou menos, a orla marítima vai sumir do horizonte culto de nossa sensibilidade. Não terá existência sequer como paisagem. Os olhos se fecharam para a margem clara dos trópicos.

Na verdade, todo olhar é cultural e ideologicamente orientado. Todo cenário é uma criação sociocultural. A natureza, ela mesma, nunca se oferta como paisagem. A natureza existe apenas para si mesma. A paisagem, ao contrário, é estruturada culturalmente. Só existe à medida que existe uma separação entre sujeito e objeto. A partir do momento em que o ser humano se imagina como entidade distinta do ambiente que o envolve. Em outras palavras, toda paisagem se articula como um recorte realizado pelo olhar de um animal simbólico, do *homo semioticus*. “A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural é o resultado”, sintetiza Carl Sauer, em *The Morphology of Landscape*. E a determinação do que é e do que não é paisagem sofre mutações ao longo da história.

Houve um período, na trajetória dos segmentos sociais que dominaram política e economicamente a vida brasileira, em que o mundo litoral foi excluído da categoria *paisagem*. Quando o assunto era a paisagística nacional, o que vinha à baila eram lagos, florestas, cachoeiras, bosques, colinas, rios, montanhas. A celebração do céu azul, do verde das matas, das noites estreladas. Foi nesse contexto que nasceu Petrópolis, a cidade de Pedro II – a Corte brasileira dando as costas ao Rio de Janeiro, cidade mestiça, escravista e litorânea, com seus verões de calor intenso. Petrópolis foi a expressão urbanístico-arquitetônica das aspirações europeias da elite dirigente. É a cultura de uma época e de uma classe que aí se manifestam. Lembre-se que, no hino nacional brasileiro, o mar não existe para a visão, mas para o ouvido: o Brasil está deitado ao *som* do mar e à *luz* do céu profundo. O que conta, para a sensibilidade visual, é o céu. O mar, plasticamente, não existe. “Praia” queria dizer então imundície, o rio é que era nobre”, resume Gilberto Freyre, em *Sobrados e mucambos*.



Praia da Barra, em litografia de Hubert Clerget publicada em Paris, em 1861 / Praia da Barra, in a lithograph by Hubert Clerget published in Paris, in 1861



*The landscape, on the contrary, is culturally structured. It exists only to the extent that there is a separation between subject and object. From the moment the human being imagines himself as an entity distinct from the environment that surrounds him. In other words, every landscape is articulated as a clipping made by the look of a symbolic animal, the homo semioticus. “Culture is the agent, the natural area is the medium, the cultural landscape is the result,” summarizes Carl Sauer in “The Morphology of Landscape”. And the determination of what is and what is not landscape is mutated throughout history. ¶ There was a period in the trajectory of the social segments that dominated Brazilian life politically and economically, in which the coastal world was excluded from the landscape category. When it came to national landscaping, what came up were lakes, forests, waterfalls, forests, hills, rivers, mountains. The celebration of the blue sky, the green of the woods, the starry nights. It was in this context that Petrópolis, the city of Pedro II, was born – the Brazilian Court turning its back on Rio de Janeiro, a mestizo, slave and coastal city, with its summers of intense heat. Petrópolis was the urban-architectonic expression of the European aspirations of the ruling elite. It is the culture of an age and a class that are manifested there. Remember that, in the Brazilian national anthem, the sea does not exist for the vision, but for the ear: Brazil is lying in the sound of the sea and in the light of the deep sky. What counts for visual sensitivity is the sky. The sea, plastically, does not exist. “Beach’ meant filth, the river was noble”, summarizes Gilberto Freyre, in “Sobrados e Mucambos”.*

But in that same nineteenth century, the waterfront will begin to be seen differently. Still in the wake of the change in Europe, the Brazilian seaside becomes, in the middle of that century, a therapeutic space. The marine coast becomes a source of health. Its waters can cure the most varied diseases and dysfunctions – somatic or psychic. They would be able to regulate until the menstrual cycle. And so the coast is filled not with bathers, but with patients. As a result of this medicinal use of the sea, the so-called “shower rooms” arise. But it wasn’t the sea bath yet. Marine water was not an element of pleasure, but a remedy. As a Rio journalist said, the trip to the sea, from the middle of the nineteenth century to the beginning of the twentieth century, was a doctor’s prescription. ¶ In Bahia, around the same time, we saw the emergence of health houses located on the coast or in its vicinity. At this juncture, Itaparica was seen not as a place of leisure, but as a sanatorium. That is: until then, the edge of the Bay of All Saints was a working space and a therapeutic space. It was not yet synonymous with the beach. Only people from the poorest sections of the population – mainly children, heirs of the curumins of the Tupinambás villages – would attend the coast more often, in groups and for recreational purposes. ¶ In Brazil, as in Europe, the “beach” was, first of all, a thing of poor people. Blacks and mestizos inherited, in our tropics, Tupi beach practices. Anchieta used to say: Indians are like fish when they enter the sea.

Mas, naquele mesmo século XIX, a orla marítima começará a ser vista de outro modo. Ainda no rastro da mudança ocorrida na Europa, a beira-mar brasileira se converte, nos meados daquela centúria, em espaço terapêutico. O litoral marinho se transforma em fonte de saúde. Suas águas podem curar as mais variadas doenças e disfunções – somáticas ou psíquicas. Seriam capazes de regular até o ciclo menstrual. E assim o litoral se enche não de banhistas, mas de pacientes. Em consequência desse uso medicinal do mar, surgem as chamadas “casas de banho”. Mas não era ainda o banho de mar. A água marinha não era elemento de prazer, mas remédio. Como disse um jornalista carioca, a ida ao mar, de meados do século XIX a princípios do século XX, era receita de médico.

Na Bahia, mais ou menos por essa mesma época, assistimos ao surgimento de casas de saúde localizadas no litoral ou em sua vizinhança. Nessa conjuntura, Itaparica era vista não como lugar de lazer, mas como sanatório. Ou seja: até então, a orla da Baía de Todos-os-Santos foi espaço laboral e espaço terapêutico. Não era ainda sinônimo de praia. Apenas pessoas das camadas mais pobres da população – principalmente, crianças, herdeiras dos curumins das aldeias tupinambás – frequentariam mais amiudadamente o litoral, em grupos e com propósitos lúdicos.

Sim. No Brasil, como na Europa, a “praia” foi, primeiramente, coisa de gente pobre. Pretos e mestiços herdaram, em nossos trópicos, práticas praias tupis. Anchieta dizia: os índios são como peixes, quando entram no mar. Os jesuítas, aliás, preferiam construir suas igrejas na vizinhança da praia, de modo que os índios pu-

dessem se manter com pescarias. Mas essa relação com o mar não se resumia ao círculo dos homens adultos do aldeamento catequético.

Nos *Tratados da terra e gente do Brasil*, o jesuíta Fernão Cardim fala do praieirismo infantil, dos jogos litorais dos curumins, assim como do alto desempenho feminino na natação e no remo. E o sapateiro calvinista Jean de Léry (*Viagem à terra do Brasil*): “Cabe observar que na América tanto os homens como as mulheres sabem nadar e são capazes de ir buscar a caça ou a pesca dentro d’água como um cão. Também os meninos apenas começam a caminhar já se metem pelos rios e pelas praias, mergulhando como patinhos”. Outro missionário, Antonio Blasquez (*Cartas jesuíticas*), conta de curumins que, desejando seguir caminho com os padres, enganaram seus pais, dizendo-lhes que iam nadar no mar – o que mostra o caráter rotineiro do banho marinho ameríndio. O mesmo Blasquez diz que, não raro, os catequistas tinham de ensinar orações às crianças tupis na beira do mar, enquanto elas nadavam e pescavam.

Escravos e libertos pobres também pescavam e mariscavam para sobreviver, o que se traduzia, quase inevitavelmente, em intimidade com a beira do mar. O litoral brasileiro não era apenas um lugar de onde se podia extrair alimento, mas também espaço para o banho higiênico, tiradas recreativas e mesmo encontros amorosos ou galopes sexuais. Gilberto Freyre informa que, em 1831, “no sentido de dar à vida da cidade aparência tão europeia quanto possível”, a Câmara Municipal do Recife decretou que todo indivíduo que fosse “achado

*The Jesuits, by the way, preferred to build their churches in the vicinity of the beach, so that the Indians could keep up with fishing. But this relationship with the sea was not limited to the circle of adult men of the catechetical village. ¶ In the “Tratados da Terra e Gente do Brasil”, the Jesuit Fernão Cardim talks about child beaching, the coastal games of curumins, as well as the high female performance in swimming and rowing. And the Calvinist shoemaker Jean de Léry (Viagem à Terra do Brasil): “It should be noted that in America both men and women know how to swim and are able to go hunting or fishing in the water like a dog. Also the boys just start walking already get into the rivers and beaches, diving like ducklings”. Another missionary, Antonio Blasquez (“Cartas Jesuíticas”), tells of curumins who, wishing to go on their way with the priests, deceived their parents, telling them that they were going to swim in the sea – which shows the routine character of the Amerindian marine bath. The same Blasquez says that, not infrequently, the catechists had to teach prayers to the Tupi children at the seashore, while they swam and fished. ¶ Poor slaves and freedmen also fished for survival, which almost inevitably translated into intimacy with the seashore. The Brazilian coast was not only a place from which food could be extracted, but also a space for hygienic bathing, recreational retreats and even love encounters or sexual gallops. Gilberto Freyre informs that, in 1831, “in order to give the city’s life as European as possible”, the Municipality of Recife*



decreed that any individual who was “found naked on the beach”, or “bathing with bodies uncovered without proper decency”, would be punished with prison or detention. ¶ But this and other decrees have not achieved the desired effect. The landscape on the coastlines of Rio and Bahia City would be no different. The very fact that slaves, freedmen and even poor free people (of any color) hardly had, in their homes, a place reserved for hygienic bathing, led them to bathe in rivers or marine waters. But the seashore was not used for practical purposes only. From the earliest colonial times, it was also frequented with a view to recreational tours and erotic games. ¶ In “Jana e Joel”, the beach soap opera that Xavier Marques published in the late nineteenth century, the main characters have their clandestine encounters of love at night, among boats lying on the sand, in the vicinity of the waves. And here fiction does not recreate more than what was common, among the youngest age group of poor social groups in Bahia. Esthetization aside, a sensual scene such as that of actress Luíza Maranhão lying naked on the sand of the beach, at “Barravento” of Glauber Rocha, would have nothing unusual in the life of Brazilian coastlines. ¶ In “Jana e Joel”, we see the contrast that existed in relations with the sea, of different social and cultural groups. The “bathers”, which Jana meets in Salvador, are unthinkable on Ilha dos Frades, where she was born. They are women dressed in a blue dungaree, who reach the sand as if they were attending some kind of prohibition, against the backdrop of a sea clogged with vapors. They were morning swimmers, with an appointment. And Jana, when she gets permission to bathe there, she also does it with blue baeta shorts. Feel her “voluminous pleasure”, hiding in the liquid mist of dusk. ¶ On Ilha dos Frades, the story was different. There she was the “little savage” with green eyes, who “crested, in the salty baths, like a swimming flower”. Her hair curled in the sun – and she “didn’t know nor wanted to step on anything but the sands of the shore and the harbor pots, plating around the vessels, fishing by the line and fork, swimming like a puppy”. It’s another experience of the sea. The poor half-breed girl who – before going to regular baths, punctual – liked to live on the beach, diving, getting seafood, fishing. And always with Joel, her boyfriend. Jana, who also had oblique eyes like Capitu of Machado de Assis, was, in the words of Xavier Marques, a saxifraga of the island riversides. ¶ In the beach case of Brazil, we can say that Rio imitated France and Bahia imitated Rio. Thales de Azevedo writes: “The trip to the tide, as then was said, took place very early, at dawn, sometimes in the early morning, at sunrise, for an hour or two if so, while the sea was rested and there was the inconvenience of burning the white skin of the young ladies”. Of course, this would not be a problem for poor, darker mestizos born on the coast. And those ladies and girls, of whom Thales speaks, covered themselves, full of modesty, in bathing suits, imitating Frenchwomen from Biarritz. ¶ It was a human landscape, that of the early twentieth century, which we could hardly recognize today in the field of beach life. The sea bath required of the elites, of the distingués, the use of a tremendous garment paraphernalia. Women should not offer viewers the slightest undulating cut of their anatomy. And they were not few. In “Versos a um Viajante”, Castro Alves shows himself contemplating young girls who bathed in the “nitent foam” of Tijuca, in Rio.

nu em beiras de praia”, ou “tomando banho com os corpos descobertos sem a devida decência” seria punido com prisão ou bolos.

Mas esse e outros decretos não alcançaram o efeito desejado. Não seria diferente a paisagem nos litorais do Rio e da Cidade da Bahia. O próprio fato de escravos, libertos e mesmo pessoas livres pobres (de qualquer cor) dificilmente terem, nas suas casas, um lugar reservado para o banho higiênico, conduzia-os a se banhar em rios ou águas marinhas. Mas a beira do mar não era usada apenas com fins práticos. Desde os primeiros tempos coloniais, foi frequentada, também, com vistas a digressões lúdicas e jogos eróticos.

Em *Jana e Joel*, a novela praieira que Xavier Marques publicou no final do século XIX, as personagens principais têm seus encontros clandestinos de amor à noite, entre barcos pousados na areia, na vizinhança das ondas. E aqui a ficção não recria mais do que o que era comum, em meio à faixa etária mais jovem de grupos sociais pobres da Bahia. Estetização à parte, uma cena sensual como a da atriz Luíza Maranhão deitada nua na areia da praia, no *Barravento* de Glauber Rocha, nada teria de insólita na vida dos litorais brasileiros.

Em *Jana e Joel*, vemos o contraste que existia, nas relações com o mar, de grupos sociais e culturais diversos. As “banhistas”, que Jana encontra em Salvador, são impensáveis na Ilha dos Frades, onde ela nasceu. São mulheres vestidas de baeta azul, que chegam à areia como se estivessem frequentando uma espécie qualquer de proibição, contra o pano de fundo de um mar atravancado de vapores. Eram banhistas matinais, com horário marcado. E Jana, ao conseguir permissão para tomar banho ali, também o faz com calções de baeta azul. Sente o seu “prazer volutuoso”, escondendo-se na bruma líquida do entardecer.

Na Ilha dos Frades, a história era outra. Lá ela era a “selvagenzinha” de olhos verdes, que “crestava, nos banhos salitrosos, como uma flor nadante”. Seus cabelos se encaracolavam sob o sol – e ela “não sabia nem queria pisar senão nas areias da costa e nas vasas do porto, chapejando em volta das embarcações, pescando à linha e à forquilha, nadando como um cachorrinho”. É uma outra vivência do mar. A da moça mestiça pobre que – antes que ir a banhos regulares, pontuais – gostava de viver na beira da praia, mergulhando, mariscando, pescando. E sempre com Joel, seu namorado. Jana, que também tinha olhos oblíquos como a Capitu de Machado de Assis, era, no dizer de Xavier Marques, uma saxífraga das ribanceiras ilhoas.

No caso praieiro do Brasil, podemos dizer que o Rio imitou a França e a Bahia imitou o Rio. Escreve Thales de Azevedo: “A ida à maré, como então se dizia, se dava bem cedo, de madrugadainha, às vezes de manhãzinha, ao nascer do sol, por uma ou duas horas se tanto, enquanto o mar estava descansado e não houvesse o inconveniente de queimar a pele alva das mocinhas e das senhoras”. Claro que este não seria um problema para mestiços e mestiças pobres, de tez mais escura, nascidos no litoral. E aquelas senhoras e mocinhas, de que fala Thales, cobriam-se, cheias de pudor, com roupa de banho, imitando francesas de Biarritz.

Era uma paisagem humana, aquela de começos do século XX, que dificilmente conseguiríamos reconhecer, hoje, no campo da vida praieira. O banho de mar exigia das elites, dos *distingués*, o uso de uma tremenda parafernália vestual. As mulheres não deviam oferecer, aos espectadores, o mais leve recorte ondulante de sua anatomia. E eles não eram poucos. Em “Versos a um viajante”, Castro Alves se mostra contemplando mocinhas que se banhavam na “nitente espuma” da Tijuca, no Rio.

▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 103



Barra, década de 1930 / Barra, 1930s

*AQUELE MOVIMENTO, PRINCIPIANDO NO SÉCULO XIX, VEIO DAS ELITES.*

*EM SALVADOR, PARTIU DO NÚCLEO DE ESTRANGEIROS QUE MORAVAM NO*

*CORREDOR DA VITÓRIA. E ESSA PRÁTICA DO BANHO DE MAR HEDONÍSTICO*

*SE FOI DISSEMINANDO GRADUALMENTE, EMBORA EM MARCHA RÁPIDA, PELA*

*POPULAÇÃO BAIANA. FOI SE IRRADIANDO DOS ESTRANGEIROS PARA A ELITE*

*NATIVA E DESTA PARA AS CLASSES MÉDIAS, REPERCUTINDO DE VOLTA, SE ASSIM*

*PODEMOS DIZER, SOBRE AS CAMADAS POPULARES. PARA DESEMBOLCAR NUM*

*MUNDO PRAIEIRO PLURAL, HETEROGÊNEO, MULTICOLORIDO E MULTICLASSISTA.*

**A PRAIA BRASILEIRA COMEÇOU COMO UMA PRÁTICA DE GRUPOS DOMINADOS NUMA SOCIEDADE ESCRAVISTA. CAMINHAMOS DO MAR INDÍGENA PARA O MAR MESTIÇO. PARA UMA ORLA PREDOMINANTEMENTE MULATA. MAS FOI NECESSÁRIO OUTRO MOVIMENTO, JÁ ENTRADO O SÉCULO XX, PARA QUE ESTA PRAIA SE DEFINISSE TAL COMO HOJE A CONHECEMOS. ISTO É, COMO ESPAÇO LÚDICO COLETIVO, FREQUENTADO PELO CONJUNTO DA SOCIEDADE, AINDA QUE COM AS DIVERSAS CLASSES E GRUPOS GUARDANDO DISTÂNCIAS E DISTINÇÕES ENTRE SI.**

*But as parents and husbands are often blind, young ladies count on professional bathers to keep them at sea. They were muscular, “reliable” subjects, in charge of carrying sinhazinhas to the waves. The girls shivered, shouted, near the cold water, the supposedly threatening waves. Until a Portuguese or a stronger Turk threw them into the sea. At that point, moreover, no one seemed more concerned with the therapeutic virtue of seawater. What predominates is pleasure. And the women begin to disinhibit, becoming more and more naked. ¶ “Around 1910 or so, those [feminine] robes are already briefer and more open,” says old Thales. And the bathing suit didn’t take long to emerge, affecting ways of walking – and looking. In Bahia, from the 1920s to the 1930s, in the wake of what was happening in Rio, Barra beach was already a point dedicated to the parade of cars and swimsuits. Women exhibited their bodily forms there – and, for their appreciation, they moved curious from various corners of the city. The Companhia Circular de Carris itself announced excursions to the neighborhood, attracting interested in enjoying the bathers. That’s when Barra turned. ¶ Even in the nineteenth century, while the Corredor da Vitória was populated by elegant foreigners, diplomats, Barra remained a country town. Suddenly, as had happened in Rio, then plummeting towards Copacabana, the urban stain advanced over the neighboring countryside. In short, Barra, before the advent of the Bahian beach, was a semi-rural locality. But it was soon achieved. This means – also – the following: the beach meant to the Bahians, from the beginning, an urban movement, gradually predatory, to the north coast and to the islands. And just as, long ago, the construction of the port ended any shade of beach life in the neighborhood of Comércio, one day the construction of buildings would also end any shade of beach life in Vitória... ¶ But let’s wrap up. The Brazilian beach began as a practice of dominated groups in a slave society. We walked from the Indian sea to the mestizo sea. For a predominantly mulatto waterfront. But it took another movement, since the twentieth century, for this beach to be defined as we know it today. That is, as a collective play space, frequented by society as a whole, although with the various classes and groups keeping distances and distinctions from each other – no beach, in the space of Brazilian cities, is really egalitarian; nor is João Ubaldo Ribeiro’s fictional beach on Pavão Island. ¶ That movement, beginning in the nineteenth century, came from the elites. In Salvador, he left the nucleus of foreigners who lived in the Corredor da Vitória.*

Mas, como pais e maridos costumam ser cegos, contavam elas, mocinhas e senhoras, com banhistas profissionais para mantê-las no mar. Eram sujeitos musculosos, “de confiança”, encarregados de carregar as sinhazinhas até as ondas. As moças se arpejavam, davam gritinhos, à proximidade da água fria, das ondas supostamente ameaçadoras. Até que um português ou um turco mais forte as atirasse ao mar. Àquela altura, de resto, ninguém parecia mais preocupado com a virtude terapêutica da água marinha. O que predomina é o prazer. E as mulheres principiam a se desinibir, ficando cada vez mais desnudas.

“Cerca de 1910 ou pouco mais adiante, aquelas vestes [femininas] já são mais sumárias e abertas”, comenta o velho Thales. E o maiô não demorou a surgir, afetando modos de andar – e de olhar. Na Bahia, passagem da década de 1920 para a de 1930, no rastro do que ocorria no Rio, a praia da Barra era já um ponto consagrado ao desfile de automóveis e maiôs. Mulheres exibiam lá suas formas corporais – e, para a apreciação delas, moviam-se curiosos de diversos recantos da cidade. A própria Companhia Circular de Carris anunciava excursões ao bairro, atraindo interessados em curtir as banhistas. Foi quando a Barra se transformou.

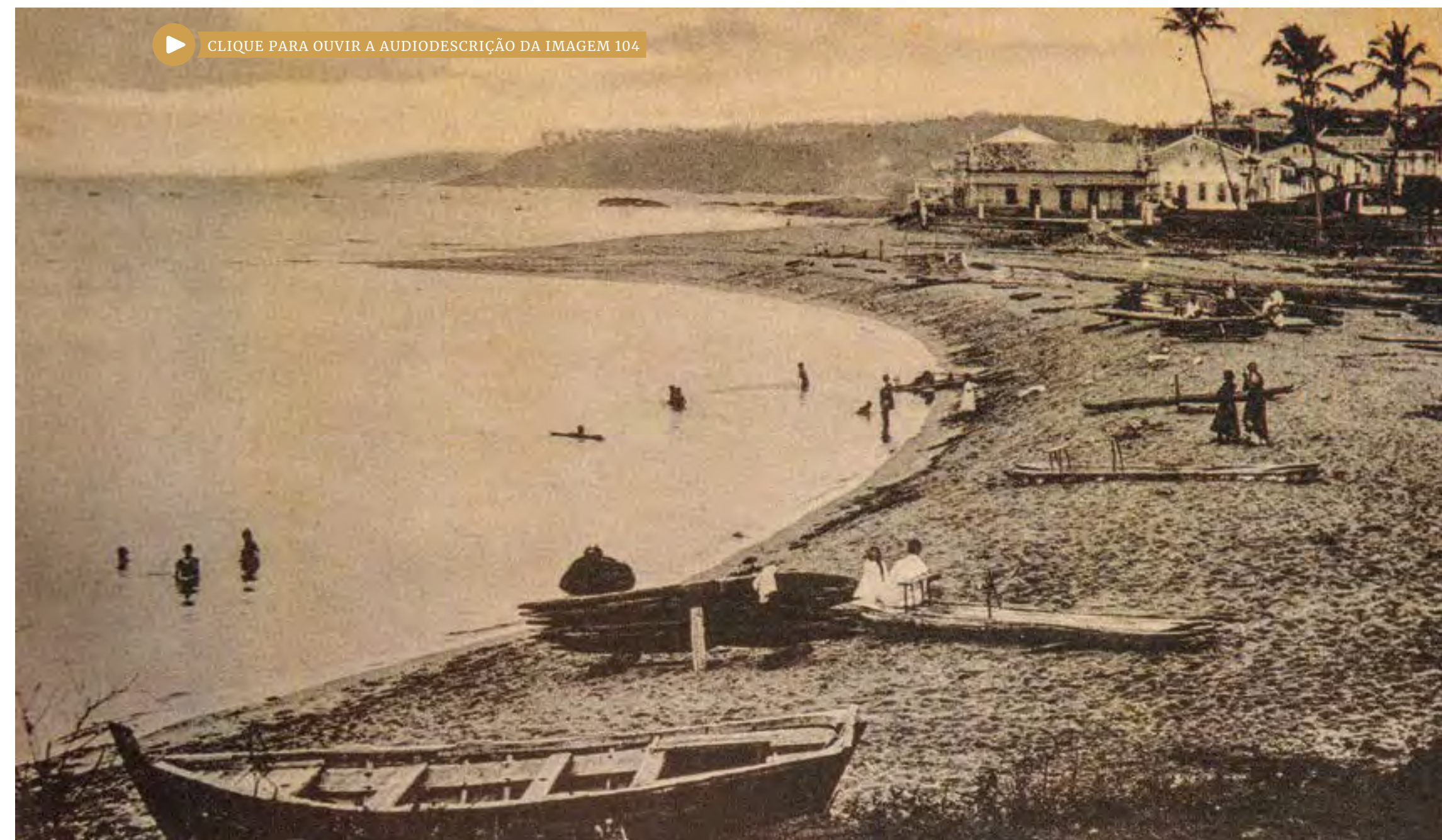
Ainda no século XIX, enquanto o Corredor da Vitória se povoava de estrangeiros elegantes, de diplomatas, a Barra permanecia campestre. De repente, como acontecera no Rio, então se despencando em direção a Copacabana, a mancha urbana avançou sobre o campo vizinho. Em resumo, a Barra, antes do advento da praia baiana, era uma localidade semirrural. Mas logo foi alcançada. O que quer dizer – também – o seguinte: a praia significou para os baianos, desde o início, um movimento urbano, gradualmente predatório, para o litoral norte e para as ilhas. E assim como, tempos atrás, a construção do porto acabou com qualquer sombra de vida praieira no bairro do Comércio, um dia a construção de prédios acabaria também com qualquer sombra de vida praieira na Vitória...

Mas vamos encerrar. A praia brasileira começou como uma prática de grupos dominados numa sociedade escravista. Caminhamos do mar indígena para o mar mestiço. Para uma orla predominantemente mulata. Mas foi necessário outro movimento, já entrado o século XX, para que esta praia se definisse tal como hoje a conhecemos. Isto é, como espaço lúdico coletivo, frequentado pelo conjunto da sociedade, ainda que com as diversas classes e grupos guardando distâncias e distinções entre si – nenhuma praia, no espaço das cidades brasileiras, é realmente igualitária; nem a praia fictícia de João Ubaldo Ribeiro na Ilha do Pavão.

Aquele movimento, principiando no século XIX, veio das elites. Em Salvador, partiu do núcleo de estrangeiros que moravam no Corredor da Vitória. E essa prática do banho de mar hedonístico se foi disseminando gradualmente, embora em marcha rápida, pela população baiana. Foi se irradiando dos estrangeiros para a elite nativa e desta para as classes médias, repercutindo de volta, se assim podemos dizer, sobre as camadas populares. Para desembocar num mundo praieiro plural, heterogêneo, multicolorido e multiclassista.

E já que começamos com o cônsul Wetherell, encerremos este capítulo com o francês Tollennare, tal como ele é visto por Moema Parente Augel, em *Visitantes estrangeiros na Bahia oitocentista* (itálicos meus): “Tollennare sabe tirar partido da vivência exótica que lhe está sendo, malgrado ele mesmo, talvez, proporcionada, e não deixa de percorrer os mais diferentes e distantes pontos da região, interessando-se vivamente pelo lugar onde reside, procurando interpretar e penetrar na mentalidade do povo, seus gostos e seus desgostos, suas fraquezas e predileções, fazendo a um tempo trabalho de etnólogo e sociólogo, historiador e cronista do cotidiano. Não se limita a observar. *Quer viver o mundo tropical, tomando banho na sua baiazinha da Vitória*, provando a carne de baleia, pegando bicho de pé, por enchafurdar-se nos charcos de Itaparica, durante uma caçada”.

Enseada da Mariquita, Rio Vermelho, em 1908 / *Enseada da Mariquita, Rio Vermelho, in 1908*



▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 104

*And this practice of hedonistic sea bathing was gradually disseminated, albeit in rapid march, by the Bahian population. It was radiating from foreigners to the native elite and from this to the middle classes, reverberating back, if we can say so, on the lower classes. To end up in a plural, heterogeneous, multicolored and multi-class beach world. ¶ And since we started with Consul Wetherell, let us close this chapter with the French Tollennare, as he is seen by Moema Parente Augel, in “Visitantes Estrangeiros na Bahia Oitocentista” (italics mine): “Tollennare knows how to take advantage of the exotic experience that is being given to him, despite the fact that he himself, perhaps, is proportionate, and does not fail to go through the most different and distant points of the region, taking a keen interest in the place where he resides, seeking to interpret and penetrate the mentality of the people, their tastes and their dislikes, their weaknesses and predilections, doing at a time the work of ethnologist and sociologist, historian and chronicler of everyday life. He doesn’t just watch. He wants to experience the tropical world, taking a bath in his little bay of Vitória, tasting whale meat, catching jigger flea, for pouring himself into the ponds of Itaparica, during a hunt”.*



12

ALGUMAS  
CASAS DA  
BAHIA



SOME HOUSES  
OF BAHIA



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 105



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 106



Palhoças de pescadores no Morro Ipiranga. Foto de G. Gaensly e R. Lindemann / Fisherman's huts in Morro Ipiranga. Photo by G. Gaensly and R. Lindemann

## É CLARO QUE NÃO PRETENDO FAZER AQUI NENHUMA TIPOLOGIA DAS CASAS CONSTRUÍDAS NA BAHIA.

Vou apenas me referir a alguns modelos ou tipos de abrigo-moradia. Hoje, temos extremos que podem ir dos “sem teto” à cobertura de luxo no Corredor da Vitória – atualmente, o metro quadrado mais caro da cidade, para lembrar o clichê das empresas imobiliárias e seus corretores. Mas não é disso que vou falar. Abordarei, nos próximos parágrafos, dois modelos de implantação de moradias no tecido da cidade: o do sobrado, como os que vemos no Pelourinho, por exemplo; e o da quinta, de que é exemplar o Solar do Unhão.

Entre um ponto e outro, iremos encontrar os casarões construídos no Corredor da Vitória, tal como existiam ali entre o final do século XIX e primórdios da centúria seguinte. Ou seja: altos sobrados urbanos, palacete ou solar de sítio e casarões de gente também economicamente privilegiada. De membros da elite econômica local. Antes disso, no entanto, não gostaria de simplesmente passar ao largo das unidades residenciais mais pobres – da cabana às casas térreas que se espalhavam pela cidade. Até para sublinhar que a casa é o objeto físico em que as desigualdades sociais se expressam da forma mais gritante, escandalosa mesmo.

A cabana, o mocambo da arraia miúda, se disseminou por todo o espaço territorial brasileiro, atravessando séculos. Era a forma mais frágil de moradia, da qual descendem os barracos das imensas favelas baianas, com seu risco de doenças contrabalançado por sua virtude ecológica. Se, numa ponta, tínhamos construções de pedra e cal, na outra o que havia eram arranjos de barro, madeira e palha. Quanto mais vegetal a casa, mais pobre o proprietário. Quanto mais mineral, mais rico. São armações rudes que se filiam às mais toscas cabanas indígenas (“tapuias”, obviamente – e não as belas malocas tupis) e a casebres africanos. Começaram a se plantar no espaço brasílico desde os primeiros dias da colonização individual-informal, colonização *caramurua*, como costumam dizer, tempos de Diogo Álvares Correia e João Ramalho habitando, respectivamente, o litoral hoje baiano e a serra hoje paulista. E atravessaram todos os períodos de nossa história, para chegar aos dias que voam. Do século XVI em diante, obviamente.

Lembre-se do tempo em que o Rio Vermelho era um arraial de pescadores. Em seu *Diário de uma viagem ao Brasil*, a inglesa Maria Graham descreveu o lugar, ainda na primeira metade do século XIX: “...as cabanas dos pobres são feitas de estacas verticais com galhos de árvores trançados entre elas, cobertos e revestidos seja com folhas de coqueiros, seja com barro. Os tetos são também cobertos de palha”. Fotografias em preto e branco nos mostram casebres das últimas décadas do século XIX, como na foto de uma palhoça de pobres no Morro do Ipiranga (que depois se tornou reduto de ricos), estampada em *Bahia: velhas fotografias*, de G. Ferrez.

Com relação ao século XX, no episódio “A invasão do Morro do Mata Gato ou os amigos do povo”, do livro *Os pastores da noite*, Jorge Amado nos fala do personagem Pé de Vento, que construiu sua cabana “com palhas de coqueiros dali mesmo, com pedaços de ripas, tábuas de caixão e outros materiais gratuitos”. Entre as décadas de 1970-1980, eu mesmo me hospedava num casebre de chão de barro batido, para fazer observações antropológicas, consultas astrais e assistir às festas dos eguns (ancestrais nagôs, mas também incluindo um caboclo, o Babá Iaô, com seu diadema de penas coloridas) em Amoreiras, na Ilha de Itaparica. Ainda hoje, na terceira década do século XXI, as casas vegetais populares (às vezes mescladas com materiais novos, do plástico ao zinco) não desapareceram da paisagem brasileira. E há uma dimensão fundamental aqui, a ser realçada: a

*Of course, I do not intend to make here any typology of the houses built in Bahia. I'll just refer to some models or types of shelter-housing. Today, we have extremes that can range from "homeless" to luxury coverage in the Corredor da Vitória – currently, the most expensive square meter in the city, to remember the cliché of real estate companies and their brokers. But that's not what I'm talking about. I will address, in the following paragraphs, two models of housing implantation in the fabric of the city: that of the two-story house, such as those we see in Pelourinho, for example; and that of the farm, of which Solar do Unhão is an example. ¶ Between one point and another, we will find the mansions built in the Corredor da Vitória, as they existed there between the end of the nineteenth century and the beginning of the next century. In other words: high urban squares, palace or farmhouse and houses of people also economically privileged. From members of the local economic elite. Before that, however, I would not like to simply go off to the poorest residential units – from the hut to the ground houses that spread throughout the city. Even to underline that the house is the physical object in which social inequalities are expressed in the most stark, scandalous way. ¶ The hut, the small stingray mocambo, spread throughout the Brazilian territorial space, spanning centuries. It was the most fragile form of housing, from which the shacks of the immense slums of Bahia descend, with their risk of diseases counterbalanced by their ecological virtue. If, at one end, we had stone and lime constructions, at the other, what we had were arrangements of clay, wood and straw. The more vegetable the house, the poorer the owner. The more mineral, the richer. They are rude frames that join the crudest indigenous huts ("tapuias", obviously – and not the beautiful Tupi malocas) and African huts. They began to plant in the Brazilian space since the first days of individual-informal colonization, caramurua colonization, as I usually say, times of Diogo Álvares Correia and João Ramalho inhabiting, respectively, the coast today in Bahia and the mountain range today in São Paulo. And they went through all the periods of our history, to reach the days that fly. From the 16th century onwards, obviously. ¶ Remember the time when the Rio Vermelho was a fishermen's camp. In her journal of a "Voyage to Brazil", the Englishwoman Maria Graham described the place, still in the first half of the nineteenth century: "...the huts of the poor are made of vertical stakes with branches of trees braided between them, covered and coated either with coconut leaves or with clay. The ceilings are also covered with straw." Black and white photographs show us huts of the last decades of the nineteenth century, as in the photo of a shack of the poor in Morro do Ipiranga (which later became a stronghold of the rich), printed in "Bahia: Velhas Fotografias", by G. Ferrez. ¶ Regarding the twentieth century, in the episode "A Invasão do Morro do Mata Gato ou os Amigos do Povo", from the book "Os Pastores da Noite", Jorge Amado tells us about the character Pé de Vento, who built his hut "with coconut straws from right there, with pieces of slats, coffin boards and other free materials". Between the 1970s and 1980s, I myself stayed in a hut of beaten clay floor, to make anthropological observations, astral consultations and watch the parties of the eguns (Nagô ancestors, but also including a caboclo, the Nanny Iaô, with his diadem of colorful feathers) in Amoreiras, on the Island of Itaparica.*

*Even today, in the third decade of the 21st century, popular vegetable houses (sometimes mixed with new materials, from plastic to zinc) did not disappear from the Brazilian landscape. And there is a fundamental dimension here, to be highlighted: the hut or mocambo, in addition to appearing with the most persistent housing form in the history of housing in Brazil, is an example of total Afro-Portuguese-Amerindian syncretism. ¶ I must also mention the ground floor of the middle stratum of our population, since colonial times. Here, as in the case of the two-story house, the Lusitanian influence is clear. People not only reproduced Portuguese urbanism, Islamic-medieval, in a city like Salvador. They also wanted houses built in the manner of the overseas matrix. In this case, what was needed was the technical and stylistic repertoire of vernacular architecture, a redundant and limited repertoire and simple solutions. Let's see the manifestation of this architecture, especially in the most modest rural houses. But also on the ground floor of urban centers. In the typical home of smaller merchants and junior civil servants. Craftsmen in general – apothecaries, carpenters, tailors, potters, etc. ¶ But it is interesting to point out the following. The ground floor house became synonymous with housing for those who were not rich, but only remedied. It just wasn't always like that. Brazil started on the ground floor. When Salvador was built, all its houses were on the ground floor, regardless of the resident's social position. It is gradually that the buildings have been raised and sophisticated, with more complex constructions and the use of more durable materials, such as stone and brick. And so housing units were differentiated, with the richest and most powerful people living in two-story houses – a process that was accentuated from the restoration of the Portuguese Crown, which was free from Spanish rule in 1640, and the expulsion of the Dutch, almost immediately. ¶ On the way to the end of the seventeenth century, the houses are imposed in the frame of the City of Bahia and spread through urban centers of the Recôncavo, housing the most affluent. It was there that the ground house was constituted in the basic form of residential unit of those who did not belong to the ruling class, nor lived in poverty or were slaves. And his plan was schematic: a room in the front and another in the back, connected by a longitudinal corridor, along which the bedrooms were distributed. The architect Carlos Lemos is precise in this regard:*

*A CABANA, O MOCAMBO DA ARRAIA MIÚDA, SE DISSEMINOU POR TODO O ESPAÇO TERRITORIAL BRASILEIRO, ATRAVESSANDO SÉCULOS. ERA A FORMA MAIS FRÁGIL DE MORADIA, DA QUAL DESCENDEM OS BARRACOS DAS IMENSAS FAVELAS BAIANAS, COM SEU RISCO DE DOENÇAS CONTRABALANÇADO POR SUA VIRTUDE ECOLÓGICA. SE, NUMA PONTA, TÍNHAMOS CONSTRUÇÕES DE PEDRA E CAL, NA OUTRA O QUE HAVIA ERAM ARRANJOS DE BARRO, MADEIRA E PALHA.*

cabana ou mocambo, além de aparecer com a forma habitacional mais persistente da história da moradia no Brasil, é um exemplo de total sincretismo afro-luso-ameríndio.

Não devo deixar de falar também da casa térrea do estrato intermediário de nossa população, desde os tempos coloniais. Aqui, como no caso do sobrado, é nítido o influxo lusitano. As pessoas não só reproduziam o urbanismo luso, islâmico-medieval, numa cidade como Salvador. Queriam, também, casas construídas à maneira da matriz d'além-mar. No caso, o que se impunha era o repertório técnico e estilístico da arquitetura vernacular, repertório redundante e limitado e de soluções simples. Vamos ver a manifestação dessa arquitetura, principalmente, nas casas rurais mais modestas. Mas igualmente em casas térreas dos centros urbanos. Na casa típica dos comerciantes menores e dos funcionários públicos subalternos. Dos artífices de um modo geral – boticários, marceneiros, alfaiates, oleiros etc.

Mas é interessante salientar o seguinte. A casa térrea se tornou sinônimo de moradia de quem não era rico, mas apenas remediado. Só que não foi sempre assim. O Brasil começou térreo, ao rés do chão. Quando Salvador foi construída, todas as suas casas eram térreas, pouco importando a posição social do morador. Gradualmente é que as edificações foram se alteando e se sofisticando, com construções de caráter mais complexo e o emprego de materiais mais duráveis, como a pedra e o tijolo. E assim as unidades habitacionais se foram diferenciando, com as pessoas mais ricas e poderosas passando a morar em sobrados – processo que se acentuou a partir da restauração da Coroa portuguesa, que se vê livre do domínio espanhol em 1640, e da expulsão dos holandeses, quase em seguida.

A caminho do final do século XVII, os sobrados se impõem na moldura da Cidade da Bahia e se espalham por núcleos urbanos do Recôncavo, abrigando os mais abastados. Foi aí que a casa térrea se constituiu na forma básica de unidade residencial daqueles que não pertenciam à classe dirigente, nem viviam na pobreza ou eram escravos. E sua planta era esquemática: uma sala na frente e outra no fundo, ligadas por um corredor longitudinal, ao longo do qual se distribuía os quartos de dormir. O arquiteto Carlos Lemos é preciso a este respeito:

Caseirão do médico Antônio Pacífico Pereira. Campo Grande, 1890. Foto de Rodolfo Lindemann  
Dr. Antônio Pacífico Pereira's house. Campo Grande, 1890. Photo by Rodolfo Lindemann

 CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 107





“The urban popular house of colonial times practically had the same plant in Brazil in general, although the construction techniques have been diversified, and this for a very simple reason: the buildings were twinned and raised on narrow and deep terrain. Thus, all the houses had lined rooms. The one in front, with a window in the street alignment, was almost always the reception room, when it did not house any craft workshop or even a store. The intermediate rooms, accessible by side corridor, were the dormitories, at that time called bedrooms, alcoves or ‘sleeping houses’. In the back, the kitchen closed the line, the porch that gave access to the yard, where there was always a toilet installation. In places where the water table was deep, there was the possibility of ‘sinks’, holes on top of which was installed the ‘little house’, also called ‘secret’ or sentinel... Such houses could be ‘door and window’, but also two or more windows according to the situation of the owner and, when such facades were more generous, the access hall to the back room (in this case the kitchen was always in a side pull) divided the alcoves into two symmetrical blocks.”‡ Beside the mocambo, the two-story houses appear as the most characteristic buildings of our civil architecture with residential function already in the seventeenth century and advancing to the eighteenth century. In the already mentioned “Salvador e a Baía de Todos os Santos: Guia de Arquitetura e Paisagem”, coordinated by Eugênio de Ávila Lins, we read:‡ “In general, the units are implanted in narrow and deep lands, occupying them throughout the width from the alignment of the street, without any kind of distance, whether frontal or lateral. They were commonly built in a current, taking advantage of the side walls, one after the other. The volumes, proportions and rhythm of the spans – windows and doors – were similar. Because they occupy the entire tested of the lot, the constructions had coverage in two waters, with a ridge parallel to the facade, covered with clay tile of the type cover-channel, with eaves that threw the rainwater directly over the patio. In the composition of the facades, the full ones (walls) predominated over the empty ones (windows and doors), the white tone, result of the whitewashing [the multicolored Pelourinho post-reform of the 1990s is a fantasy without historical basis, a “neocolonial” entertainment], and the spans in straight stick, with wooden frames in green, blue, ochre and wine colors and simple modenature in sandstone”.‡ More: “The two-story houses are the most found buildings in the cities of Bahia and, structurally, had the ground floors destined to shops, warehouses, slave dormitories and less noble uses, as the stables. The upper floors were reserved for the family’s residence... From the first floor, the residence itself was developed, which, safeguarding minor modifications due to the presence of the stairs, reproduces in plan the same distribution of the rooms of the ground floor houses... Eventually, in Salvador, the presence of recessed floors was registered in relation to the facades, configuring viewpoints or bedrooms, which gave dynamism to the volume of the buildings”.‡ In the “Quadro da Arquitetura no Brasil”, Nestor Goulart Reis Filho already stressed the structural identity between the two-story house and the ground floor: “Its fundamental differences consisted of the type of floor: floored in the house and ‘ground beaten’ in the ground floor house”. But let’s go ahead, remembering, in passing, that the word “house”, at the time, was also synonymous with “room” (sleeping room, bathroom, etc.). This is how it was said that Gregório de Mattos’ family had “houses” (housing with more than one floor, with several rooms) in the vicinity of Terreiro de Jesus. Or, as we read in Claudio Manoel da Costa’s inventory, in the “Autos da Devassa da Inconfidência Mineira”:

“A casa popular urbana dos tempos coloniais praticamente teve a mesma planta pelo Brasil em geral, embora as técnicas construtivas tenham sido diversificadas, e isso por um motivo muito simples: as construções eram geminadas e levantadas em terrenos estreitos e profundos. Assim, todas as moradias possuíam cômodos encarreirados. O da frente, com janela no alinhamento da rua, quase sempre era a sala de recepção, quando não abrigava alguma oficina de artesanato ou mesmo uma loja. Os cômodos intermediários, acessíveis por corredor lateral, eram os dormitórios, naquele tempo chamados de camarinhas, alcovas ou ‘casas de dormir’. Nos fundos, fechava a fila a cozinha, a varanda alpendrada que dava acesso ao quintal, onde sempre havia um arremedo de instalação sanitária. Nos locais onde o lençol freático era profundo, havia a possibilidade de ‘sumidouros’, buracos em cima dos quais era instalada a ‘casinha’, também chamada de ‘secreta’ ou sentina... Tais moradias podiam ser de ‘porta e janela’, mas também de duas ou mais janelas conforme a situação do proprietário e, quando tais fachadas eram mais generosas, o corredor de acesso à sala dos fundos (nesse caso a cozinha estava sempre num puxado lateral) dividia as alcovas em dois blocos simétricos”.

Ao lado do mocambo, os sobrados surgem como as edificações mais características de nossa arquitetura civil com função residencial já no século XVII e avançando para o XVIII. No já citado *Salvador e a Baía de Todos-os-Santos: Guia de Arquitetura e Paisagem*, coordenado por Eugênio de Ávila Lins, lemos:

“Em geral, as unidades estão implantadas em terrenos estreitos e profundos, ocupando-os em toda a largura a partir do alinhamento da rua, sem qualquer tipo de afastamento, seja frontal ou lateral. Eram, comumente, edificadas em correnteza, aproveitando-se as paredes laterais, uma após a outra. Os volumes, as proporções e o ritmo dos vãos – janelas e portas – eram semelhantes. Por ocuparem toda a testada do lote, as construções possuíam cobertura em duas águas, com cumeeira paralela à fachada, recoberta com telha de barro do tipo capa-canal, com beirais que lançavam as águas das chuvas diretamente sobre o logradouro. Na composição das fachadas, predominavam os cheios (paredes) sobre os vazios (janelas e portas), o tom branco, resultado da caiação [o Pelourinho multicolorido pós-reforma da década de 1990 é uma fantasia sem base histórica; um entretenimento “neocolonial”], e os vãos em verga reta, com esquadrias de madeira nas cores verde, azul, ocre e vinho e modenatura simples em arenito”.

Mais: “Os sobrados são as construções mais encontradas nas cidades baianas e, estruturalmente, tinham os andares térreos destinados a lojas, depósitos, dormitórios de escravos e a usos menos nobres, como as estrebarias. Os pavimentos superiores eram reservados à residência da família... A partir do primeiro pavimento se desenvolvia a residência propriamente dita que, resguardando pequenas modificações em decorrência da presença da escada, reproduz em planta a mesma distribuição dos cômodos das casas térreas... Eventualmente, em Salvador, se registrava a presença de pavimentos recuados em relação às fachadas, configurando mirantes ou camarinhas, que conferiam dinamismo à volumetria das edificações”.

Em *Quadro da Arquitetura no Brasil*, Nestor Goulart Reis Filho já salientava a identidade estrutural entre o sobrado e a casa térrea: “Suas diferenças fundamentais consistiam no tipo de piso: assoalhado no sobrado e de ‘chão batido’ na casa térrea”. Mas vamos adiante, lembrando, de passagem, que a palavra “casa”, na época, era também sinônimo de “cômodo” (casa de dormir, casa de banho etc.). Era assim que se dizia que a família de Gregório de Mattos tinha “casas” (habitação com mais de um andar, com vários aposentos) na vizinhança

do Terreiro de Jesus. Ou, como se lê no inventário de Claudio Manoel da Costa, nos *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira*: o poeta possuía “morada de casas com seu quintal cercado de pedra e dentro do mesmo com suas árvores de espinho”.

E já que nos vemos em terreno lexical, vejamos o que Carlos Lemos nos diz da própria palavra *sobrado*: “O termo primitivamente designava o *espaço sobrado* ou ganho devido a um *soalho* suspenso. Portanto, o *sobrado* tanto podia estar acima desse piso como embaixo dele, dependendo das circunstâncias. Por exemplo, se numa casa térrea construímos forros assoalhados que permitam espaços para usos variados, temos o sobrado na acepção vulgar da palavra, que vai desde o sótão (cômodo diretamente embaixo do telhado e de pés-direitos variáveis) até o pavimento regular circundado por paredes e que pode ser repetido várias vezes. Dizia-se, mesmo, casa de *um, dois* ou *três* sobrados”.

Bem. Na introdução de uma peça teatral de Gil Vicente, a moça Lediça, listando suas tarefas do dia, diz: “Muito tenho por fazer/ e não tenho feito nada:/ esta loja por varrer / os meninos por erguer/ e minha mãe ensobrada-da” – onde “ensobradada” remete à parte de cima da casa, isto é: a mãe de Lediça ainda não desceu a escada, ou encontra-se confinada no alto. Mas vamos empregar a palavra *sobrado*, aqui, no sentido de casarão senhorial, senso que o vocábulo assumiu em nossos tempos coloniais.

Os sobrados de Salvador e do Recife, por sinal, eram altos. Cinco, seis andares. Muitos deles, no Recife, bem esguios. Sobrados altos e estreitos. Esses sobrados são de origem evidentemente lusitana, a exemplo do que se vê na cidade do Porto. Sobrados “magros”, de muitos andares, que, entre nós, funcionavam graças aos escravos – fato que leva alguns estudiosos da história da arquitetura no Brasil a sempre lembrar, a seu respeito, um comentário tão correto quanto pesado de Lúcio Costa, quando ele disse que, nos trópicos brasileiros, o negro escravizado foi elevador, guindaste, esgoto e ventilador. E é *ver*o. Sem ele, o sobrado urbano não teria como ver realizadas suas operações diárias. E este sobrado não só funcionou como seu modelo alcançou êxito indiscutível, atravessando séculos da existência urbana brasileira.

Mas é claro que tal espécie de construção não teria como perdurar. Ali estava um tipo de residência que indispensava escravos. E, com o fim do escravismo, o sobrado viu-se convertido em espécime residencial datado. A mudança na ordem social decretou sua superação como “máquina de morar”. O supracitado Nestor Goulart expôs com clareza o nexo essencial entre sistema escravista, tecnologia construtiva e uso da casa no Brasil. Ou, por outra, sublinhou um modo de a escravidão se expressar nas técnicas de construção e no uso da cidade e de seus prédios.

É evidente a relação entre “o primitivismo tecnológico de nossa sociedade colonial” e o sistema escravista de trabalho. A escravidão não tem a menor necessidade do aprimoramento e da invenção técnicas. Com força de trabalho sobrando e o escravo servindo de “pau-pra-toda-obra” (sexual, inclusive), não há exigência de avanços tecnológicos. E não apenas com relação à cidade, mas também ao campo, como nos mostrou e demonstrou José Augusto Pádua, em *Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil (1786-1888)*.

Pádua chama a nossa atenção para o fato de que alguns intelectuais desse período – como José Bonifácio e Joaquim Nabuco – sublinharam a relação entre escravismo, atraso tecnológico e devastação ambiental. Enquanto houvesse escravos, a técnica poderia ser rudimentar. Predatória. E essa mistura de acomodação e primarismo

the poet had “an address of houses with his backyard surrounded by stone and within it with his thorn trees”.‡ And since we see ourselves on lexical ground, let’s see what Carlos Lemos tells us about the word two-story house itself: “The term primitively designated the two-story house space left or gained due to a suspended floor. Therefore, the two-story house could be both above this floor and below it, depending on the circumstances. For example, if in a single-story house we build floored ceilings that allow spaces for various uses, we have the two-story house in the common sense of the word, which goes from the attic (room directly under the roof and variable ceilings) to the regular pavement surrounded by walls and which can be repeated several times. It was said, even, house of one, two or three two-story houses”.‡ Well. In the introduction to a play by Gil Vicente, the young lady Lediça, listing her tasks for the day, says: “I have a lot to do/ and I have done nothing:/ this store has not been swept,/ the boys have not been lifted/ and my mother is on the top floor” – where “on the top floor” refers to the top of the house, that is: Lediça’s mother has not yet come down the stairs, or is confined at the top. But let’s use the word two-story house, here, in the sense of manor house, a sense that the word assumed in our colonial times.‡ The mansions of Salvador and Recife, by the way, were high. Five, six floors. Many of them, in Recife, very slender. Tall, narrow two-story houses. These two-story houses are of Portuguese origin, as seen in the city of Porto. “Thin” story houses, of many floors, which, among us, worked thanks to slaves – a fact that leads some scholars of the history of architecture in Brazil to always remember, about it, a comment as correct as heavy by Lúcio Costa, when he said that, in the Brazilian tropics, the enslaved black man was an elevator, a crane, a sewer and a fan. That’s vero. Without it, the two-story house would have no way of seeing its daily operations carried out. And this house not only worked as its model achieved indisputable success, crossing centuries of Brazilian urban existence.‡ But of course, such a kind of construction would have no way of lasting. There was a kind of residence that required slaves. And, with the end of slavery, the two-story house was converted into a dated residential specimen. The change in the social order decreed its overcoming as a “living machine”. The aforementioned Nestor Goulart clearly exposed the essential link between the slave system, constructive technology and the use of the house in Brazil. Or, on the other hand, he emphasized a way for slavery to express itself in the construction techniques and in the use of the city and its buildings.‡ The relationship between “the technological primitivism of our colonial society” and the slave labor system is evident. Slavery does not have the slightest need for technical improvement and invention. With a surplus workforce and the slave serving as a jack-of-all-trades (including sexual), there is no requirement for technological advances. And not only in relation to the city, but also to the countryside, as José Augusto Pádua showed us in “Um Sopro de Destruição: Pensamento Político e Crítica Ambiental no Brasil (1786-1888)”.‡ Padua draws our attention to the fact that some intellectuals of this period – such as José Bonifácio and Joaquim Nabuco – stressed the relationship between slavery, technological backwardness and environmental devastation. As long as there were slaves, the technique could be rudimentary. Predatory. And this mixture of accommodation and technical primarism also reigned in the cities, also marking the use of buildings. That is to say, from the modus faciendi to the modus operandi, we bore the consequences of slavery. Nestor Goulart:



Casa de fazenda do Recôncavo baiano / Farmhouse in the Recôncavo Baiano

técnicos reinava também nas cidades, marcando ainda o uso das construções. Vale dizer, do *modus faciendi* ao *modus operandi*, arcávamos com as consequências do escravismo. Nestor Goulart:

“O uso dos edifícios também estava baseado na presença e mesmo na abundância da mão de obra. Para tudo servia o escravo. É sempre a sua presença que resolve os problemas de bilhas d’água, dos barris de esgoto (os ‘tigres’) ou do lixo, especialmente nos sobrados mais altos das áreas centrais... Era todo um sistema de uso da casa que, como a construção, estava apoiado sobre o trabalho escravo e, por isso mesmo, ligava-se a nível tecnológico bastante primitivo. Esse mesmo nível tecnológico era apresentado pelas cidades, cujo uso, de modo indireto, estava baseado na escravidão. A ausência de equipamentos adequados nos centros urbanos, quer para o fornecimento de água, quer para o serviço de esgoto e, mesmo, a deficiência do abastecimento, eram situações que pressupunham a existência de escravos no meio doméstico; a permanência dessas falhas até à abolição poderia ser vista, até certo ponto, como uma confirmação dessa relação”.

Só não entendo muito bem por que Goulart diz que o uso da cidade se baseava “de modo indireto” na realidade do sistema escravista. Apoiava-se de modo *direto*, objetivamente, no segmento social de escravos e mesmo libertos. Qual era a situação do transporte em nossas cidades seiscentistas, setecentistas e mesmo nos primeiros tempos oitocentistas? Ou a pessoa andava a cavalo ou era carregada numa rede ou cadeirinha de arruar, apoiada diretamente no ombro de pretos. E não somente pessoas eram carregadas assim. Cargas caseiras e mercadorias também. Fardos os mais diversos eram levados ao seu destino, muitas vezes, por grupos de pretos que subiam cantando pelas ladeiras de nossas cidades de feitura lusitano.

O fato impressionou quase todos os viajantes estrangeiros que por aqui passaram, ainda no período escravista de nossa história. O médico Avé-Lallemant falando da Cidade da Bahia em *Viagem pelo Norte do Brasil no Ano de 1859*, anota: “Tudo que corre, grita, trabalha, tudo que transporta e carrega é negro”. E o que se via na cidade escravista brasileira se reproduzia, em escala menor, mas não menos intensa, no interior dos sobrados ricos de nossos

“The use of buildings was also based on the presence and even abundance of labor. The slave was good for everything. It is always their presence that solves the problems of water tanks, sewage barrels (the ‘tigers’) or garbage, especially in the highest houses of the central areas... It was a whole system of house use that, like construction, was supported by slave labor and, therefore, was linked at a very primitive technological level. This same technological level was presented by the cities, whose use, indirectly, was based on slavery. The absence of adequate equipment in urban centers, both for the supply of water and for the service of sewage and even the deficiency of supply, were situations that presupposed the existence of slaves in the domestic environment; the permanence of these failures until abolition could be seen, to a certain extent, as a confirmation of this relationship”. ¶ I just don’t quite understand why Goulart says that the use of the city was based “indirectly” on the reality of the slave system. It relied directly, objectively, on the social segment of slaves and even freedmen. What was the transport situation in our seventeenth-century, eighteenth-century and even early nineteenth-century cities? Either the person rode a horse or was carried in a hammock or ruining chair, leaning directly on the shoulder of blacks. And not only people were carried like that. Homemade cargoes and merchandise too. The most diverse bales were taken to their destination, often by groups of blacks who went up singing on the slopes of our Lusitanian cities. ¶ The fact impressed almost all foreign travelers who passed through here, still in the slave period of our history. The doctor Avé-Lallemant, speaking of the City of Bahia on a “Journey through Northern Brazil in 1859”, notes: “Everything that runs, screams, works, everything that transports and carries, is black”. And what was seen in the Brazilian slave town was reproduced, on a smaller scale, but no less intense, inside the rich squares of our urban centers. You couldn’t move a straw without the black muscle contest. But there were also other social distinctions. ¶ In “Bahia, Século XIX – Uma Província no Império”, Katia Mattoso gives us relevant information about the presence of the two-story houses in the urban landscape and the occupation of its various floors, in the nineteenth-century plot of Salvador. On the other hand, the historian emphasizes the “social promiscuity” in which those Bahians lived, in a city situation quite different from the socio-spatial segregationism that will prevail in our modern agglomerations. ¶ It was in the Upper City, she says, “that the bulk of the Bahian population was concentrated, living in the most complete social promiscuity: free artisans, freedmen, slaves, employees, bourgeois and noblemen lived side by side, in a ‘babel of houses, churches, convents, a tangle of paths, squares, alleys and platters that go up and down and whose connections escape the newcomer’. Alongside modest rammed huts, many of which exhibited only one door and one window, there were pretentious noble mansions, such as the Casa dos Sete Candeeiros, the Paço do Saldanha and the Solar do Ferrão, or buildings with two, three or four floors. Some were entirely occupied by bourgeois families of mill owners, large traders and liberal professionals; others, divided into dwellings, were shared by all kinds of people: from ‘gain’ slaves to small civil servants”.

*That is: in the nineteenth century, the upper house was no longer inhabited exclusively by the richest. The social distinctions were then given by the mode and spatial extent of the occupation. "Most of the middle class inhabited buildings of two, three or four floors. [...] In the buildings of several floors, the second and third were occupied by families of the same socioeconomic level; the others, to which access was had by abrupt stairs, with very high steps, were intended for poorer families or students. [...] On the other hand, the wealthy families, of the big merchants or owners, occupied all the floors of a house, preferably in the parishes of Sé, São Pedro or Vitória". ¶ Even in the squares entirely occupied by rich people, where slaves lived and slaves did not cease to enter and leave, it was very difficult for anyone to be alone. Slaves, relatives and aggregates occupied a lot of space, with their movements and their voice. There was a lack of privacy in the manor houses, as in the houses and castles of medieval Europe. ¶ Still in nineteenth-century Bahia – and unlike what was seen in Recife, for example – the owners circulated very little around the city. It was a sign of distinction, of nobility, to go out on the street as little as possible. Hardly seen. And if it was so with men, imagine the situation of women. They lived locked up in the rural big houses and locked up in the urban two-story houses, even if pitting their cigarettes with straw and even smoking cigars.*

centros urbanos. Não se movia uma palha, sem o concurso de músculos negros. Mas havia, também, outras distinções sociais.

Em *Bahia, século XIX – uma província no Império*, Katia Mattoso nos dá informações relevantes sobre a presença dos sobrados na paisagem urbana e a ocupação de seus vários pavimentos, na trama oitocentista de Salvador. De saída, a historiadora sublinha a “promiscuidade social” em que viviam aqueles baianos, em situação citadina bem diversa do segregacionismo socioespacial que vai vigorar adiante em nossos aglomerados modernos.

Era na Cidade Alta, diz ela, “que se concentrava o grosso da população baiana, vivendo na mais completa promiscuidade social: artesãos livres, alforriados, escravos, funcionários, burgueses e nobres moravam lado a lado, numa ‘babel de casas, igrejas, conventos, um emaranhado de caminhos, praças, becos e travessas que sobem e descem e cujas ligações escapam ao recém-chegado’. Ao lado de modestas casinhas de taipa, muitas das quais exibiam apenas uma porta e uma janela, erguiam-se pretensiosos palacetes nobres, como a Casa dos Sete Candeeiros, o Paço do Saldanha e o Solar do Ferrão, ou ainda prédios de dois, três ou quatro pavimentos. Alguns eram inteiramente ocupados por famílias burguesas de senhores de engenho, grandes comerciantes e profissionais liberais; outros, divididos em alojamentos, eram partilhados por toda espécie de gente: de escravos ‘de ganho’ a pequenos funcionários públicos”.

Ou seja: no século XIX, o alto sobrado já não era habitado exclusivamente pelos mais ricos. As distinções sociais eram dadas, então, pelo modo e pela extensão espacial da ocupação. “A maior parte da classe média



Solar Amado Bahia, no Porto dos Tainheiros, construído no final do século XIX / *Solar Amado Bahia, in Porto dos Tainheiros, built at the end of the 19th century*

 CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 109

habitava prédios de dois, três ou quatro andares. [...] Nos prédios de vários pavimentos, o segundo e o terceiro eram ocupados por famílias de um mesmo nível socioeconômico; os demais, a que se tinha acesso por escadas abruptas, de degraus altíssimos, se destinavam a famílias mais pobres ou a estudantes. [...] Já as famílias abastadas, dos grandes comerciantes ou proprietários, ocupavam todos os pavimentos de um sobrado, de preferência nas paróquias da Sé, de São Pedro ou da Vitória”.

Mesmo nos sobrados inteiramente ocupados por gente rica, em que escravos moravam e escravos não cessavam de entrar e sair, era muito difícil alguém conseguir ficar só. Escravos, parentes e agregados ocupavam muito espaço, com seus movimentos e seu vozerio. Faltava privacidade nos sobrados senhoriais, assim como ocorria nas casas e nos castelos da Europa medieval.

Ainda na Bahia oitocentista – e diversamente do que se via no Recife, por exemplo –, os senhores circulavam muito pouco pela cidade. Era sinal de distinção, de fidalguia, sair à rua o menos possível. Quase não ser visto. E se era assim com os homens, imagine-se a situação das mulheres. Elas viveram trancadas nas casas-grandes rurais e trancafiadas nos sobrados urbanos, ainda que pitando seus cigarros de palha e até mesmo fumando charutos. Ao longo de todo o século XVIII e parte do XIX. O enclausuramento muçulmano persistiu nos casarões ricos das cidades. Moças e senhoras de sobrados chegaram a ser até mais solitárias do que as iaiás dos engenhos de açúcar. Mas nunca houve um pingão de privacidade naqueles casarões. O movimento de pessoas e de coisas parecia não arrefecer nunca. E o número de escravos domésticos não foi reduzido na passagem da habitação rural à moradia urbana. Escravos sobravam nos sobrados. Um inferno de gente. Excesso de corpos, de gestos, de vozes, de olhos, que asfixiava.

Um outro tipo ou modelo característico de habitação do período colonial-imperial foi a chácara. No já citado *Quadro da Arquitetura no Brasil*, Nestor Goulart comenta:

“Situando-se nas periferias dos centros urbanos, as chácaras conseguiam reunir às vantagens dessa situação as facilidades de abastecimento e dos serviços das casas rurais. Solução preferida pelas famílias abastadas, ainda no Império e mesmo na República, a chácara denunciava, no seu caráter rural, a precariedade das soluções da habitação urbana da época. O principal problema que solucionava era o do abastecimento. Durante todo o período colonial e, em parte, até os dias atuais, as tendências monocultoras de nosso mundo rural contribuíram para a existência de uma permanente crise de abastecimento nas cidades. Assim sendo, as casas urbanas tentavam resolver em parte o problema, por meio de pomares, criação de aves e porcos ou do cultivo da mandioca e de um ou outro legume. Soluções satisfatórias eram, porém, conseguidas somente nas chácaras, as quais aliavam a tais vantagens as da presença de cursos d’água, substitutos eficientes para os equipamentos hidráulicos inexistentes nas moradias urbanas. Por tais razões, tornaram-se as chácaras habitações características de pessoas abastadas, que utilizavam as casas urbanas em ocasiões especiais. Mesmo os funcionários mais importantes e os comerciantes abastados, acostumados ao convívio social estreito e permanente, característicos de suas atividades, cuidavam de adquirir, sempre que possível, chácaras ou sítios, um pouco afastados, para onde transferiam suas residências permanentes. Porém, o afastamento espacial em que ficavam os moradores das chácaras em relação às cidades e vilas era considerado como medida de conforto e não como um desligamento daqueles centros. Pelo contrário, o tipo de

*Throughout the eighteenth century and part of the nineteenth. The Muslim enclosure persisted in the rich houses of the cities. Ladies and gentlemen of the two-story houses were even more lonely than the iaiás of sugar mills. But there was never a spot of privacy in those big houses. The movement of people and things never seemed to cool down. And the number of domestic slaves was not reduced in the transition from rural housing to urban housing. Slaves were left in the two-story houses. Hell of a lot of people. Excessive bodies, gestures, voices, eyes, which suffocated. ¶ Another characteristic type or model of habitation of the colonial-imperial period was the farm. In the aforementioned “Quadro da Arquitetura no Brasil”, Nestor Goulart comments: ¶ “Situating on the outskirts of urban centers, the farms were able to combine the advantages of this situation with the facilities of supply and services of rural houses. A preferred solution by wealthy families, still in the Empire and even in the Republic, the farm denounced, in its rural character, the precariousness of the solutions of urban housing of the time. The main problem it solved was that of supply. Throughout the colonial period and, in part, to the present day, the monoculture trends of our rural world have contributed to the existence of a permanent supply crisis in cities. Thus, urban houses tried to solve the problem in part, through orchards, poultry and pig farming or the cultivation of cassava and one or other vegetable. Satisfactory solutions were, however, achieved only in the farms, which combined, to such advantages, those of the presence of watercourses, efficient substitutes for hydraulic equipment that did not exist in urban dwellings. For these reasons, the cottages became characteristic dwellings of wealthy people, who used urban houses on special occasions. Even the most important employees and the wealthy merchants, accustomed to the close and permanent social life, characteristic of their activities, took care to acquire, whenever possible, farms, a little apart, where they transferred their permanent residences. However, the spatial distance in which the residents of the farms were in relation to the cities and towns was considered as a measure of comfort and not as a shutdown of those centers. On the contrary, the type of economic activity they develop should characterize them as participants in the urban economy. In addition, the sometimes larger areas of those properties did not correspond to specifically rural economic activities.” ¶ We were then in the process of “re-Europeanization” of Brazil, after an eighteenth century when things happened relatively autonomously among us (there are scholars who talk about setecento as a more “Brazilian” period in our colonial history). And re-Europeanization would reach the housing dimension. The very taste for mansions surrounded by trees on the outskirts of the city is seen, by several scholars, in the terrain of this re-Europeanization, as a tropical reflection of the suburban mansions that were erected in English cities, along the unfolding of the Industrial Revolution. ¶ An exception, at this point, is Goulart Reis, who saw in the nineteenth-century farm a continuation of the old practice of colonial times – and the beautiful Solar do Unhão, in Bahia, would give him a solid argument for such an assertion. But, if perhaps the choice of the cottage model came now under English influence, this house, internally, tended to be french in decoration.*

The competition between English and French furniture was fierce at the time – by the way, the word then used to designate furniture was “frets”; for example, the beautiful frets of a house were spoken of. Maria Beatriz Nizza da Silva: “It is mainly from 1816 that European fashions begin to impose themselves in Rio de Janeiro in terms of furniture and decoration. Freycinet [Voyage Autour du Monde] comments on the introduction of elegant furniture such as consoles, pianos, gaming tables, and the use of chandeliers and candlesticks in opulent houses.” ¶ Outside, the lush vegetation. Huge gardens, almost private parks, as Gilberto Freyre of “Sobrados e Mucambos” says, “fraternizing with the vegetable garden, mending with the low grass, with the fish pond, with the vast vegetable proletariat of jackfruit trees, Cattley guava, cashew trees, oiti trees, papaya trees, Genipa americana trees”. Hence, the scholar glimpses an outline of Brazilian landscape architecture. To what we can add: this would be the soil from which Burtle Marx’s landscape would sprout in the future, with its rough burst of colors. ¶ But let’s not rush the pace. What triumphed first, in Rio’s rich farms, was not a vegetable aesthetic of the tropics. They were French gardeners, with their then exotic plants, like the rose bushes, for example. Nestor Goulart: “It is in this process [of re-Europeanization] that the first gardens originate, where one sought, by all means, to reproduce the landscape of temperate countries. Delivered in general to the care of French gardeners, they contained only European trees and flowers. Exception was made only to the imperial palm trees, always arranged in wings, copying those of the Botanical Garden of Rio de Janeiro, through which a true symbol of identification with the Court and participation in the so-called nobility of the Empire was created”. There, of course, the hierarchical separation between garden, orchard and vegetable garden was imposed. The flowers were placed in regular flowerbeds – flowers that seemed to be “afraid of the police”, as Fernando Pessoa says, in one of his best-known verses. ¶ The Solar do Unhão was something else. Ribeira do Gabriel – this seems to have been, in reference to the owner of the place, the first name given to the lands on whose perimeter the Quinta do Unhão sprouted. Access to that piece of sea, for those who were in the Upper City, was through Gabriel, the slope or downtown of Gabriel, where the Fonte do Gabriel was, one of our first public sources, still existing today, despite the ruinous state in which it is. In 1584, Gabriel (Soares de Sousa) donated that area to the monks of the Monastery of São Bento. Going forward, the site became the property of Judge Pedro de Unhão Castelo Branco, a professor in the Order of Christ, who lived on the farm until the end of the 17th century – and so we passed from Ribeira do Gabriel to the times of Fazenda do Unhão.

atividade econômica por eles desenvolvida deveria caracterizá-los como participantes da economia urbana. Além disso, as áreas, às vezes maiores, daquelas propriedades, não correspondiam a atividades econômicas especificamente rurais”.

Estávamos então em pleno processo de “reeuropeização” do Brasil, depois de um século XVIII em que as coisas rolaram de forma relativamente autônoma entre nós (há estudiosos que falam do *settecento* como período mais “brasileiro” de nossa história colonial). E a reeuropeização alcançaria a dimensão habitacional. O próprio gosto por mansões cercadas de árvores na periferia da cidade é visto, por diversos estudiosos, no terreno dessa reeuropeização, como reflexo tropical dos casarões de subúrbio que se foram erguendo em cidades inglesas, ao longo dos desdobramentos da Revolução Industrial.

Exceção, nesse ponto, é Goulart Reis, que via na chácara oitocentista uma continuação de velha prática dos tempos coloniais – e o belo Solar do Unhão, na Bahia, lhe daria um sólido argumento para tal afirmação. Mas, se porventura a escolha do modelo *casa de chácara* vinha agora por influência inglesa, esta casa, internamente, tendia a se afrancesar na decoração. Foi acirrada na época a concorrência entre móveis ingleses e franceses – por falar nisso, a palavra então usada para designar móveis era “trastes”; falava-se, por exemplo, dos belos trastes de uma casa. Maria Beatriz Nizza da Silva: “É sobretudo a partir de 1816 que as modas europeias começam a se impor no Rio de Janeiro em matéria de mobiliário e decoração. Freycinet [Voyage Autour du Monde] comenta a introdução de móveis elegantes, como consoles, pianos, mesas de jogo, e o uso de lustres e candelabros nas casas opulentas”.

Do lado de fora, a vegetação exuberante. Jardins imensos, quase parques particulares, como diz o Gilberto Freyre de *Sobrados e mucambos*, “confraternizando com a horta, emendando com a baixa de capim, com o viveiro de peixe, com o vasto proletariado vegetal de jaqueiras, araçazeiros, cajueiros, oitizeiros, mamoeiros, jenipapeiros”. Daí que o estudioso vislumbre ali um esboço da arquitetura paisagista brasileira. Ao que podemos acrescentar: aquele seria o solo do qual brotaria no futuro, com sua áspera explosão de cores, a paisagística de Burtle Marx.

Mas não vamos apressar o passo. O que triunfou primeiramente, nas chácaras ricas do Rio, não foi uma estética vegetal dos trópicos. Foram jardineiros franceses, com suas plantas então exóticas, como as roseiras, por exemplo. Nestor Goulart: “É nesse processo [de reeuropeização] que têm origem os primeiros jardins, onde se procurava, por todos os meios, reproduzir a paisagem dos países de clima temperado. Entregues em geral aos cuidados de jardineiros franceses, continham apenas árvores e flores europeias. Exceção fazia apenas às palmeiras imperiais, sempre dispostas em alas, copiando as do jardim botânico do Rio de Janeiro, por intermédio das quais se criava um verdadeiro símbolo de identificação com a Corte e de participação na chamada nobreza do Império”. Impôs-se aí, é claro, a separação hierárquica entre jardim, pomar e horta. Dispuseram-se as flores em canteiros regulares – flores que pareciam ter “medo da polícia”, como diz Fernando Pessoa, num de seus versos mais conhecidos.

O Solar do Unhão era outra coisa. Ribeira do Gabriel – parece ter sido este, em referência ao dono do lugar, o primeiro nome dado às terras em cujo perímetro brotou a quinta do Unhão. O acesso àquele pedaço de mar, para quem se encontrava na Cidade Alta, era pelo Gabriel, pela ladeira ou pela baixa do Gabriel, onde ficava a

***E A REEUROPEIZAÇÃO ALCANÇARIA A DIMENSÃO HABITACIONAL. O PRÓPRIO GOSTO POR MANSÕES CERCADAS DE ÁRVORES NA PERIFERIA DA CIDADE É VISTO, POR DIVERSOS ESTUDIOSOS, NO TERRENO DESSA REEUROPEIZAÇÃO, COMO REFLEXO TROPICAL DOS CASARÕES DE SUBÚRBIO QUE SE FORAM ERGUENDO EM CIDADES INGLESAS, AO LONGO DOS DESDOBRAMENTOS DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL.***

Fonte do Gabriel, uma das nossas primeiras fontes públicas, ainda hoje existente, apesar do estado ruinoso em que se encontra. Em 1584, Gabriel (Soares de Sousa) doou aquela área aos monges do Mosteiro de São Bento. Adiante, o sítio passou a ser propriedade do desembargador Pedro de Unhão Castelo Branco, professo na Ordem do Cristo, que morou na quinta até ao final do século XVII – e assim passamos da Ribeira do Gabriel para os tempos da Fazenda do Unhão.

Fonte do Gabriel, uma das nossas primeiras fontes públicas, ainda hoje existente, apesar do estado ruinoso em que se encontra. Em 1584, Gabriel (Soares de Sousa) doou aquela área aos monges do Mosteiro de São Bento. Adiante, o sítio passou a ser propriedade do desembargador Pedro de Unhão Castelo Branco, professo na Ordem do Cristo, que morou na quinta até ao final do século XVII – e assim passamos da Ribeira do Gabriel para os tempos da Fazenda do Unhão.

Interessante assinalar que o desembargador e o poeta Gregório de Mattos estabeleceram alguma relação de amizade. Encontramos, na obra gregoriana, um poema que é uma louvação desmedida à figura do então senhor da quinta. Didascália: “Ao provedor dos ausentes e da Santa Casa o desembargador Pedro de Unhão Castelo Branco, achando-se com o poeta no seu retiro da Praia Grande”, Mas a amizade durou pouco. Em outro poema (“À cidade e alguns pícaros, que havia nela”), Gregório aplica uma ferroada no desembargador. O texto é uma receita para quem quer se dar bem na Bahia, na base do uso privado do poder, do moralismo de fachada, da transgressão acobertada pela Justiça, da arrogância e da ladroagem. Como exemplo de quem fez tudo isso, afivelando a máscara do “homem de bem”, Gregório cita o desembargador.

Entre o final do século XVII e início do século XVIII, a quinta do Unhão se tornou propriedade de José Pires de Carvalho, filho de um dos homens ricos que ajudaram a construir a igreja da Ordem Terceira de São Francisco. Uma família de comerciantes, senhores de engenho, doutores em cânones, escritores, sacerdotes e sacerdotisas, mulheres exiladas no Convento de Santa Clara do Desterro. Mas vamos em frente, na descrição–comentário de Vilhena, numa de suas missivas socioliterárias sobre a Bahia setecentista:

“Pouco adiante quebra a montanha no sítio chamado Unhão, onde à beira-mar tem o secretário do Estado José Pires de Carvalho e Albuquerque uma grande propriedade da sua assistência, deliciosíssima pelas muitas águas, que para aí fez encanar de um olho dela, de que o povo se servia. Os dois morros que lhe ficam ao lado, e eminentes, são coroados; o do sul com a capela do Senhor Jesus dos Aflitos e diversas propriedades de casas; e o do norte com o hospício dos Leigos da Terra Santa, o qual tem uma dilatadíssima e agradável vista eminente ao grande golfo da Bahia”.

It is interesting to note that the judge and the poet Gregório de Mattos established some relationship of friendship. We find, in the Gregorian work, a poem that is an excessive praise to the figure of the then lord of the farm. Didascália: “To the provider of the absentees and of the Santa Casa the judge Pedro de Unhão Castelo Branco, meeting with the poet in his retreat from Praia Grande”, but the friendship did not last long. In another poem (“À cidade e alguns pícaros, que haviam nela”), Gregório applies a sting to the judge. The text is a recipe for those who want to do well in Bahia, based on the private use of power, facade moralism, transgression covered by justice, arrogance and thievery. As an example of who did all this, buckling the mask of the “good man”, Gregório quotes the judge. ¶ Between the end of the 17th century and the beginning of the 18th century, the Quinta do Unhão became the property of José Pires de Carvalho, son of one of the rich men who helped build the church of the Third Order of São Francisco. A family of merchants, plantation owners, doctors in canons, writers, priests and priestesses, women exiled in the Convent of Santa Clara do Desterro. But let’s go ahead, in Vilhena’s commentary description, in one of his socioliterary missives on eighteenth-century Bahia: ¶ “A little further on breaks the mountain in the place called Unhão, where the secretary of the State José Pires de Carvalho e Albuquerque has a great property of his assistance, delightful by the many waters, which there plumbed from her eye, from which the people used. The two hills that are next to it, and eminent, are crowned; the one in the south with the chapel of Senhor Jesus dos Aflitos and several properties of houses; and the one in the north with the asylum of Leigos da Terra Santa, which has a very long and pleasant view of the great Gulf of Bahia”.

[▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 111](#)



Gamboa de Baixo, 1870, em foto de Guilherme Gaensly  
*Gamboa de Baixo, 1870, in a photo by Guilherme Gaensly*



Casario do Rio Vermelho, em 1885, em foto de Rodolfo Lindemann  
*Rio Vermelho houses, in 1885, in a photo by Rodolfo Lindemann*

[▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 110](#)

[▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 113](#)



Casa de Thomaz Pereira Geremoabo, onde foi instalada a Escala Normal. 1906  
*House of Thomaz Pereira Geremoabo, where the Normal Scale was installed. 1906*

[▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 112](#)



Sede do Clube Euterpe. Década de 1920  
*Headquarters of the Euterpe Club. 1920s*



Aguadeiro, em um chafariz público. Coleção Ewald Hackler  
Aguadeiro, in a public fountain. Ewald Hackler Collection

*Symptomatically, Vilhena speaks of aquatic delight precisely in a letter in which he denounces the low quality of the waters of the Bahian public sources at that time. Dirty and thick waters such as Fonte Nova, Fonte dos Padres, Fonte das Pedras or Fonte do Gravatá – “the filthiest and worst of all”. At that time, there was no general service in the city for the supply of so-called “piped” water. There wasn’t even any hydraulic equipment in the houses. You had to get water from some well, some pond, some water eye. In a river, in a fountain, in a spout. Hence the referential character of the sources and fountains in the colonial urban space. Its importance in the life of the city, even generating the profession of water carrier or waterboy. ¶ Today a thing of the past, fountains were crowded places, agitated, where there was no lack of flirting, intrigues, disputes and fights. The main reason for the public disorder of the small stingray, according to Vilhena: “the depletion of water in this city for the use of the population, where it is rare that does not take more than one bath a day, and especially women”. Were the bulk of the population formed at that time by proverbially unsanitary Europeans, the problem of lack of water would have been less complicated – but the Brazilians, what the hell!, inherited the strange indigenous practice of daily bathing. And even showering more than once a day. In addition, the city waters were already polluted at that time. Like those of the Tripas River, which received viscera from cattle slaughtered on its banks. In contrast, Unhão’s farm. The manor and its waters. ¶ And the Unhão really was a unique farm. Not just because it’s a wonderful residence, with the sea licking its feet. But for its architectural configuration. After all, the boundaries of a farm can house the most varied types of houses or buildings in general. It is what is built in its space that will define its character and its physiognomy. That will locate the farm culturally. And what was done in the Unhão is surprising. ¶ “Although located practically within the city, this complex was an agro-industrial complex of the same genre as sugar mills, with a big house, chapel and slave quarters. Its extensive pier and warehouses suggest that its function was to collect and export the production*

Sintomaticamente, Vilhena fala de delícia aquática justamente numa carta em que denuncia a baixa qualidade das águas das fontes públicas baianas, naquele período. Águas sujas e grossas como as da Fonte Nova, da Fonte dos Padres, da Fonte das Pedras ou da Fonte do Gravatá – “a mais imunda e pior de todas”. Naquela época, inexistia na cidade um serviço geral de fornecimento da água dita “encanada”. Nem havia equipamento hidráulico nas casas. Era preciso buscar água em algum poço, alguma lagoa, algum olho d’água. Num rio, numa fonte, numa bica. Daí o caráter referencial das fontes e dos chafarizes no espaço urbano colonial. A sua importância na vida da cidade, gerando inclusive a profissão de carregador de água ou aguadeiro.

Hoje coisa do passado, fontes e chafarizes foram lugares concorridos, agitados, onde não faltavam paqueras, intrigas, disputas e brigas. Motivo principal da desordem pública da arraia miúda, ainda segundo Vilhena: “a mingua d’água que nesta cidade há para o uso da população, onde é raro o que não toma mais de um banho por dia, e muito principalmente as mulheres”. Fosse o grosso da população formado, naquele tempo, por europeus proverbialmente pouco higiênicos, o problema da falta de água teria sido menos complicado – mas os brasileiros, que diabo!, herdaram a estranha prática indígena do banho diário. E até de tomar banho mais de uma vez por dia. Além disso, as águas citadinas, àquela altura, já andavam poluídas. Como as do rio das Tripas, que recebia vísceras do gado abatido à sua margem. Em contraste, a quinta do Unhão. O solar e suas águas.

E o Unhão era mesmo uma quinta singular. Não só por ser uma residência maravilhosa, com o mar lambendo seus pés. Mas por sua configuração arquitetônica. Afinal, os limites de uma quinta podem abrigar os mais variados tipos de casa ou de prédios em geral. É o que se constrói em seu espaço que vai definir seu caráter e sua fisionomia. Que vai situar a chácara culturalmente. E o que se fez no Unhão surpreende.

“Embora situado praticamente dentro da cidade, esse conjunto era um complexo agroindustrial do mesmo gênero dos engenhos de açúcar, com casa-grande, capela e senzala. Seu extenso cais e armazéns fazem supor que sua função fosse a de recolher e exportar a produção de engenhos do Recôncavo” – é a tese que encontramos no *Inventário de proteção do acervo cultural da Bahia*, organizado por Paulo Ormindó de Azevedo e Vivian Correia de Lima. Verdade que Cid Teixeira, no seu *Histórico do Solar do Unhão*, considera que não é certo



Aguadeiros no chafariz do Largo 2 de Julho. Final do século XIX  
Water fountains at the Largo 2 de Julho. Late 19<sup>th</sup> century

*NAQUELA ÉPOCA, INEXISTIA NA CIDADE UM SERVIÇO GERAL DE FORNECIMENTO DA ÁGUA DITA “ENCANADA”. NEM HAVIA EQUIPAMENTO HIDRÁULICO NAS CASAS. ERA PRECISO BUSCAR ÁGUA EM ALGUM POÇO, ALGUMA LAGOA, ALGUM OLHO D’ÁGUA. NUM RIO, NUMA FONTE, NUMA BICA. DAÍ O CARÁTER REFERENCIAL DAS FONTES E DOS CHAFARIZES NO ESPAÇO URBANO COLONIAL. A SUA IMPORTÂNCIA NA VIDA DA CIDADE, GERANDO INCLUSIVE A PROFISSÃO DE CARREGADOR DE ÁGUA OU AGUADEIRO.*

falar de “senzala”, a propósito do Unhão. Afirma que o que ali se via não era uma senzala, mas barracões – e barracões instalados no século XIX, quando a quinta foi transformada em fábrica de rapé por um empresário suíço. De qualquer modo, o conjunto chegou a contar com dependências para escravos. E certamente integra o horizonte histórico-cultural da Bahia açucareira. Não é por outro motivo que, no supracitado *Inventário*, o solar aparece classificado no campo da arquitetura industrial ou agrícola.

À primeira vista, a definição pode parecer estranha. Mas a aproximação é óbvia. A estranheza vem talvez do fato de a quinta se achar engastada na tessitura da Cidade da Bahia. Mas o que está ali, naquela margem de mar, logo abaixo dos arcos que sustentam a Avenida de Contorno, é um construto onde se expressa a espécie arquitetural que o Brasil desenvolveu em sua “Idade do Açúcar”. Implantado entre praia e encosta, de rosto para a Ilha de Itaparica, o Unhão pertence àquele ramo da produção arquitetônica que se cristalizou no conjunto agro-cultural do engenho.

Erguendo-se na vizinhança de estaleiros e trapiches, próximo ao bairro da Praia, o Unhão pode ser visto, em sua materialidade arquitetônica, como fruto semiurbano da monocultura latifundiária do Recôncavo. Como um quase engenho extraído de seu contexto usual. Porque o que chamamos “engenho” não foi apenas uma unidade econômica produtiva. Nunca se resumiu ao estatuto de fábrica. O engenho foi uma unidade cultural formada por casa-grande, capela e senzala. Espaços para morar, orar e produzir. É claro que o Unhão não estava cercado de canaviais, nem produzia açúcar. Não é disso que estamos falando. Mas de um modelo construtivo. De um tipo de complexo arquitetural.

*of mills in the Recôncavo” – it is the thesis we found in “Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia”, organized by Paulo Ormindó de Azevedo and Vivian Correia de Lima. It is true that Cid Teixeira, in his “Histórico do Solar do Unhão”, considers that it is not right to speak of “slave quarters”, regarding Unhão. He states that what was seen there was not a slave quarters, but sheds – and sheds installed in the nineteenth century, when the farm was transformed into a snuff factory by a Swiss businessman. In any case, the group even relied on dependencies for slaves. And certainly integrates the historical-cultural horizon of the sugar Bahia. It is for no other reason that, in the aforementioned Inventário, the manor appears classified in the field of industrial or agricultural architecture. ¶ At first glance, the definition may seem odd. But the approach is obvious. The strangeness comes perhaps from the fact that the farm is embedded in the fabric of Bahia City. But what is there, on that sea bank, just below the arches that support the Avenida de Contorno, is a construct that expresses the architectural species that Brazil developed in its Sugar Age. Implanted between the beach and the slope, facing the Island of Itaparica, the Unhão belongs to that branch of architectural production that has crystallized in the agro-cultural set of the mill. ¶ Rising in the vicinity of shipyards and trappings, near the Bairro da Praia, Unhão can be seen, in its architectural materiality, as a semi-urban fruit of the Recôncavo land-downer monoculture. Like a quasi-mill drawn from its usual context. Because what we call “mill” was not just a productive economic unit. It was never just about factory status. The mill was a cultural unit formed by Big house, chapel and slave quarters. Spaces to live, pray and produce. Of course, Unhão was not surrounded by sugarcane fields, nor did it produce sugar. That’s not what we’re talking about. But a constructive model. Some kind of architectural complex.*



13

ALGUNS  
CASARÕES  
DA VITÓRIA



SOME BIG HOUSES  
OF VITÓRIA



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 116



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 117



Corredor da Vitória, próximo ao Largo da Vitória, 1885. Foto de Rodolfo Lindemann / Corredor da Vitória, near Largo da Vitória, 1885. Photo by Rodolfo Lindemann

### A MEIO CAMINHO ENTRE O SOBRADO DO PELOURINHO E O SOLAR DA QUINTA DO UNHÃO, vamos encontrar os casarões construídos no Corredor da Vitória. Casarões que não tinham uma

área como a do Unhão, claro. Mas também não se contentavam com um simples quintal nos fundos, como os sobrados do atual centro antigo de Salvador, fosse no Pelourinho ou na Ladeira dos Aflitos. Não são casarões em largas chácaras campestres, com os que vemos em romances de Machado de Assis, mas prédios urbanos implantados em terrenos bem amplos para os padrões citadinos. E aqui a influência europeia é um fato, diferentemente do que podemos dizer com relação ao Solar do Unhão. São casas ajardinadas à inglesa, afastadas do limite da rua, produzidas no âmbito da arquitetura dita “neoclássica”.

No terreno estético-arquitetônico, tivemos dois acontecimentos relevantes no Brasil, depois do desembarque da Corte. Um foi a chegada da Missão Cultural Francesa em 1816, trazendo personalidades como o arquiteto Grandjean de Montigny, o outro foi a criação da Imperial Academia de Belas Artes, dez anos depois. Nas principais cidades e nos meios mais ricos da sociedade, impôs-se então um movimento internacional: a arquitetura classificada como “neoclássica”. Ok. Mas, bem vistas às coisas, neoclássica foi, na verdade, a arquitetura renascentista. O que se vê, nos séculos XVIII e XIX, de um modo geral, ao lado de raras obras realmente admiráveis, é uma espécie de neoclassicismo *Kitsch* – ou, mais precisamente, um “neorrenascentismo”.

No Brasil, por sinal, a história começa bem curiosa. João VI fugiu de Lisboa para o Rio em consequência de um avanço militar francês sobre a capital portuguesa. Mas, chegando aos trópicos e com intuito de nos “civilizar”, tratou logo de importar uma “missão cultural” francesa, que para cá traria a chamada arquitetura napoleônica. Em nosso ambiente, embora nunca ultrapassando o estatuto da imitação e da cópia, o “neoclássico” alcançou elevado padrão de sistema construtivo e acabamento formal, para marcar o *ottocento* em nossos principais centros urbanos.

Uma arquitetura cara, feita com materiais importados. Arquitetura para prédios públicos, bancados pelo Estado, e palacetes particulares – daí, talvez, que algumas mansões da época tenham cara de enormes repartições burocráticas. Arquitetura de nítida distinção de *status*. Grandjean e seus discípulos operavam num raio rigorosamente seletivo, trabalhando para uma clientela bastante restrita, na realização de obras de alto nível no Rio de Janeiro, a exemplo do Palácio do Itamaraty, concluído em 1855. Nestor Goulart Reis Filho sintetiza:

“A arquitetura elaborada sob a influência da Academia era caracterizada pela clareza construtiva e simplicidade de formas. Apenas alguns elementos construtivos como cornijas e platibandas eram explorados como recursos formais. Em geral, as linhas básicas da composição eram marcadas por pilastras, sobre as quais, nas platibandas dispunham-se objetos de louça do Porto, como compoteiras ou figuras representando as quatro estações do ano, os continentes, as virtudes etc. As paredes, de pedra ou de tijolo, eram revestidas e pintadas de cores suaves, como branco, rosa, amarelo ou azul-pastel, e sobre esse fundo se destacavam janelas e portas, enquadradas em pedra aparelhada e arrematadas em arco pleno, em cujas bandeiras dispunham-se rosáceas mais ou menos complicadas, com vidros coloridos. Os corpos de entrada, salientes, compunham-se de escadarias, colunatas e frontões de pedra aparente, formando conjuntos, cujas linhas severas evidenciavam um rigoroso atendimento às normas vitruvianas”.

Halfway between the Pelourinho house and the manor house of Quinta do Unhão, we will find the mansions built in Corredor da Vitória. Big houses that didn't have an area like the Unhão, of course. But they also did not settle for a simple backyard, such as the houses of the current old center of Salvador, whether on the Pelourinho or on the Ladeira dos Aflitos. They are not big houses in large country houses, with those we see in Machado de Assis's novels, but urban buildings implanted in very large land by city standards. And here the European influence is a fact, unlike what we can say about Solar do Unhão. They are English-style garden houses, far from the edge of the street, produced within the scope of so-called “neoclassical” architecture. ¶ In the aesthetic-architectural terrain, we had two relevant events in Brazil, after the landing of the Court. One was the arrival of the French Cultural Mission in 1816, bringing personalities such as the architect Grandjean de Montigny, the other was the creation of the Imperial Academy of Fine Arts, ten years later. In the main cities and in the richest environments of society, an international movement was imposed: architecture classified as “neoclassical”. But after all, neoclassical was actually Renaissance architecture. What is seen, in the eighteenth and nineteenth centuries, in general, alongside rare really admirable works, is a kind of Kitsch neoclassicism – or, more precisely, a “neo-Renaissance”. ¶ In Brazil, by the way, the story begins very curious. John VI fled Lisbon to Rio as a result of a French military advance on the Portuguese capital. But, arriving in the tropics and in order to “civilize” the people, he soon tried to import a French “cultural mission”, which would bring here the so-called Napoleonic architecture. In our environment, although never exceeding the statute of imitation and copying, the “neoclassical” reached a high standard of constructive system and formal finish, to mark the *ottocento* in our main urban centers. ¶ An expensive architecture, made with imported materials. Architecture for public buildings, state-funded buildings, and private mansions – hence, perhaps, some mansions of the time have the face of huge bureaucratic divisions. Architecture of clear distinction of status. Grandjean and his disciples operated in a strictly selective radius, working for a very restricted clientele, in the execution of high-level works in Rio de Janeiro, such as the Itamaraty Palace, completed in 1855. Nestor Goulart Reis Filho summarizes: ¶ “The architecture elaborated under the influence of the Academy was characterized by constructive clarity and simplicity of forms. Only some constructive elements such as cornices and platibands were exploited as formal resources. In general, the basic lines of the composition were marked by pilasters, on which, in the platibands, were available objects of Port crockery, such as casserole dish or figures representing the four seasons of the year, the continents, the virtues, etc. The walls, of stone or brick, were coated and painted in soft colors, such as white, pink, yellow or pastel blue, and on this background stood out windows and doors, framed in gemstone and auctioned in full arch, whose flags had more or less complicated roses, with colored glasses. The entrance bodies, protruding, consisted of staircases, colonnades and pediments of apparent stone, forming sets, whose severe lines evidenced a strict compliance with Vitruvian norms”.



*PODEMOS MESMO DIZER QUE, A PARTIR DA CHEGADA DE JOÃO VI, AS CIDADES MUDAM – E AS CASAS, TAMBÉM. POR FORA E POR DENTRO. MUDANÇA NA CONCEPÇÃO ARQUITETÔNICA GERAL, NOS USOS DA SEGMENTAÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL DA EDIFICAÇÃO, NA EXECUÇÃO DAS NOVAS INCLINAÇÕES DECORATIVISTAS VIGENTES EM ESFERAS SOCIAIS RICAS DE CIDADES EUROPEIAS – PRINCIPALMENTE, FRANCESAS.*

*Constructive clarity, formal simplicity, soft colors, harsh lines. And, if the exterior and the surface changed, the interior order of the buildings also changed. We can even say that, from the arrival of John VI, the cities change – and the houses, too. Outside and inside. Change in the general architectural conception, in the uses of the spatial-temporal segmentation of the building, in the execution of the new decorative inclinations in force in social spheres rich in European cities – mainly French. ¶ Nestor Goulart is absolutely right when he teaches us that the development of our main cities implied “a change in the ways of living and in the mechanisms for the relationship of family life with the whole of society”, all under the then irresistible influence of the European bourgeoisie, in a process also irresistible of ascension and progressive economic, social and cultural preeminence. Among us, in the rich houses of the country, is the time of tapestries, colorful wallpapers, increasingly diverse furniture, expanding – and/or reworking – the cast of objects and homemade artifacts, the repertoire of household furniture. Rich Brazilians then sought, as they had never done before, to live in a more comfortable and organized way. ¶ With regard to Bahia, we cannot go beyond a historical detail, in the field of public service architecture, as they say. The star here is the beautiful building of our Trade Association. And the interesting thing is this. In fact, the so-called neoclassical architecture in Bahia predates the arrival of the French Artistic Mission in Brazil – and is, according to experts, English-inspired. It is, as has been said, in this architectural masterpiece that is the Palace of the Commercial Association of Bahia, a project of the Portuguese architect Cosme Damião da Cunha Fidié, whose construction works unfolded from 1814 to 1816. ¶ In “O Patrimônio Construído – As 100 mais Belas Edificações do Brasil”, the scholar Augusto da Silva Telles covers precisely these points, in addition to expressing his aesthetic appreciation: “This building, which preceded the coming to Brazil of the French Artistic Mission, was prematurely conceived in the panorama of neoclassicism, clearly affiliated with English neoclassicism... The Palace of the Commercial Association of Salvador is a jewel of the architecture of the beginnings of neoclassicism in the Brazilian collection”.*

Clareza construtiva, simplicidade formal, cores suaves, linhas severas. E, se o exterior e a superfície mudavam, mudava também a ordenação interior das construções. Podemos mesmo dizer que, a partir da chegada de João VI, as cidades mudam – e as casas, também. Por fora e por dentro. Mudança na concepção arquitetônica geral, nos usos da segmentação espaço-temporal da edificação, na execução das novas inclinações decorativistas vigentes em esferas sociais ricas de cidades europeias – principalmente, francesas.

Nestor Goulart está certíssimo quando nos ensina que o desenvolvimento de nossas principais cidades implicou “alteração das formas de habitar e dos mecanismos de relacionamento da vida familiar com o conjunto da sociedade”, tudo sob o influxo então irresistível da burguesia europeia, em processo também irresistível de ascensão e progressiva preeminência econômica, social e cultural. Entre nós, nas casas ricas do país, é o tempo das tapeçarias, dos papéis de parede coloridos, do mobiliário cada vez mais diversificado, ampliando – e/ou retrabalhando – o elenco dos objetos e artefatos caseiros, o repertório dos móveis domésticos. Os brasileiros ricos buscavam então, como nunca o tinham feito antes, viver de forma mais confortável e organizada.

Com relação à Bahia, não temos como passar ao largo de um detalhe histórico, no campo da arquitetura de função pública, como se costuma dizer. A estrela, aqui, é o lindo prédio da nossa Associação Comercial. E o aspecto interessante é o seguinte. Na verdade, a arquitetura dita neoclássica, na Bahia, é anterior à chegada da Missão Artística Francesa no Brasil – e é, segundo os especialistas, de inspiração inglesa. Encontra-se, como foi dito, nessa obra-prima arquitetural que é o Palácio da Associação Comercial da Bahia, projeto do arquiteto português Cosme Damião da Cunha Fidié, cujas obras de edificação se desdobraram de 1814 a 1816.

Em *O patrimônio construído – as 100 mais belas edificações do Brasil*, o estudioso Augusto da Silva Telles toca justamente nesses pontos, além de emitir sua apreciação estética: “Esse edifício, que precedeu a vinda para o Brasil da Missão Artística Francesa, foi concebido prematuramente no panorama do neoclassicismo, filiando-se claramente ao neoclassicismo inglês... O Paço da Associação Comercial de Salvador é uma joia da arquitetura dos primórdios do neoclassicismo no acervo brasileiro”.



Palácio da Associação Comercial da Bahia, em 1860. Foto de Benjamin R. Mulock / *Palace of the Commercial Association of Bahia, in 1860. Photo by Benjamin R. Mulock*

Falamos já, também, da matriz neoclássica do Clube Inglês e da Igreja Anglicana, erguida para o culto dominical da colônia. Também de feito neoclássico era a capela do Cemitério dos Ingleses. Mas o neoclássico se espalhou igualmente através das moradias de comerciantes ingleses, instalados entre o Campo Grande e o Largo da Vitória. Foram casas concebidas e realizadas na pauta dessa estética arquitetural. “Suas casas, dentro dos recursos oferecidos pelas técnicas construtivas locais, procuram adotar uma linguagem clássica, próxima ao aristocrático estilo neoclássico, em voga em sua terra natal”, informa Maria do Carmo Baltar Esnaty de Almeida.

É bem verdade que, hoje, já não vejo os belos casarões que via na minha adolescência, tempo em que gostava de andar a pé do Colégio 2 de Julho, onde estudava, à casa de minha família na Barra, atravessando gostosamente o Corredor da Vitória, mesmo quando chovia. Entre os raros que sobraram, está a chamada Casa Cunha Guedes (ainda assim, objeto de algumas reformas), sobre a qual lemos, no citado “guia de arquitetura”, coordenado por Eugênio de Ávila Lins:

“A edificação, em estilo neoclássico florentino, é cercada por amplos jardins, com frondosas árvores, entre as quais a secular mangueira em sua calçada... Possui dois pavimentos sobre porão alto, com acesso por escadarias lateral e frontal, onde se destacam dois lampadários de ferro, sustentados por leões. No interior, amplo saguão com escadaria interliga diversos salões, como o de visita, com mobiliário dourado francês, de música, com piano alemão Blüthner, de Leipzig, e de jantar, com mobiliário assinado pela empresa carioca Leandro Martins. No pavimento superior, chamam a atenção a mobília da suíte do casal, de influência neoclássica, e o banheiro, que ainda conserva todas as suas peças originais no estilo *déco*”.

*We have also talked about the neoclassical matrix of the English Club and the Anglican Church, erected for the Sunday worship of the colony. Also of neoclassical shape was the chapel of the Cemetery of the English. But the neoclassical also spread through the homes of English merchants, installed between Campo Grande and Largo da Vitória. They were houses conceived and made on the agenda of this architectural aesthetic. “Their homes, within the resources offered by local construction techniques, seek to adopt a classical language, close to the aristocratic neoclassical style, in vogue in their homeland,” says Maria do Carmo Baltar Esnaty de Almeida. ¶ It is true that, today, I no longer see the beautiful mansions I saw in my adolescence, a time when I liked to walk from Colégio 2 de Julho, where I studied, to my family’s house in Barra, pleasantly crossing the Corredor da Vitória, even when it rained. Among the few that remain is the so-called Casa Cunha Guedes (still the object of some reforms), about which we read, in the aforementioned “guia de arquitetura”, coordinated by Eugênio de Ávila Lins: ¶ “The building, in Florentine neoclassical style, is surrounded by large gardens, with leafy trees, among which, the secular hose on its sidewalk... It has two floors on a high basement, with access by side and front stairs, where two iron lamps stand out, supported by lions. Inside, a large lobby with staircase connects several halls, such as the visitor’s, with French gold furniture, music’s, with German piano Blüthner, Leipzig, and dinner’s, with furniture signed by the Rio company Leandro Martins. On the upper floor, the furniture of the couple’s suite, of neoclassical influence, and the bathroom, which still preserves all its original pieces in the *déco* style, stand out.”*



▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 119

Casa com arquitetura com influência inglesa no Campo Grande, em 1890. Foto de G. Gaensly e R. Lindemann  
House with English-influenced architecture in Campo Grande, in 1890. Photo by G. Gaensly and R. Lindemann

But the neoclassicist succeeded not only in the construction of public buildings, such as Abrigo Pedro II, on Avenida Luiz Tarquínio, or in its renovation, as in the case of the Faculdade de Medicina da Bahia, in Terreiro de Jesus, and private residences. He also interfered – and strongly – in the field of religious architecture. The Igreja dos Quinze Mistérios was born predominantly neoclassical, for example. Other buildings had models or architectural types succeeding each other in the diachronic axis, as in the case of the Rio Branco Palace, which was colonial-baroque, became neoclassical and ended eclectic. But most of the time, what we find is the mix. ¶ The Church of Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, in Pelourinho, has a lot of rococo on its façade and a lot of neoclassical inside. The Church of Nossa Senhora do Pilar has traces of rococo as much as the neoclassical. The Brotherhood Cemetery, in a contiguous building, is totally neoclassical – with the right to a Doric colonnade, even. Neoclassicism also guided the reform of the Church of Nossa Senhora da Vitória in 1809. In this reform, the temple lost its clean and austere frontispiece, of more colonial aspect, to gain the new neoclassical façade. ¶ Immediately after the wave of the neoclassical, we will see the landing of the so-called architectural “eclecticism”, which will also imprint a strong mark on our urban space. The “school” was nothing more than a total salad, mixed terrain and more mixtures, where they even pontificated “neo-Gothic” architects. What happened was that the “pure” neoclassicism of Grandjean de Montigny (or even prior to him, as in the aforementioned case of our Trade Association) was merged with other and many “historical” styles.

Mas o neoclássico vingou não apenas na construção de prédios públicos, a exemplo do Abrigo Pedro II, na avenida Luiz Tarquínio, ou em sua reforma, como no caso da Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus, e residências particulares. Interferiu também – e fortemente – no campo da arquitetura religiosa. Nasceu já predominantemente neoclássica, por exemplo, a Igreja dos Quinze Mistérios. Outros prédios tiveram modelos ou tipos arquiteturais se sucedendo no eixo diacrônico, como no caso do Palácio Rio Branco, que foi colonial-barroco, virou neoclássico e terminou eclético. Mas, no mais das vezes, o que encontramos é a mescla.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, no Pelourinho, tem muito de rococó na sua fachada e muito de neoclássico no seu interior. A Igreja de Nossa Senhora do Pilar apresenta traços do rococó tanto quanto do neoclássico. Já o Cemitério da Irmandade, em prédio contíguo, é totalmente neoclássico – com direito a colunata dórica, inclusive. O neoclassicismo pautou também a reforma da Igreja de Nossa Senhora da Vitória, em 1809. Nessa reforma, o templo perdeu seu frontispício limpo e austero, de aspecto mais colonial, para ganhar a nova fachada neoclássica.

Imediatamente em seguida à onda do neoclássico, assistiremos ao desembarque do chamado “ecletismo” arquitetônico, que também vai imprimir forte marca em nosso espaço urbano. A “escola” não passou de uma salada total, terreno de misturas e mais misturas, onde pontificavam até arquitetos “neogóticos”. O que aconteceu foi que o neoclassicismo “puro” de Grandjean de Montigny (ou mesmo anterior a ele, como no caso supracitado de nossa Associação Comercial) se foi mesclando com outros e muitos estilos “históricos”.

Se o neoclássico se dedicava a copiar arquiteturas grega e romana (e nossa classe dirigente, no rastro de suas matrizes estrangeiras, chegaria ainda ao ridículo de considerar o chamado “neogrego” como a roupagem obrigatória de seus palácios públicos, assembleias e tribunais), o ecletismo tinha estômago de avestruz, aceitando sem discutir tudo que vinha nas bandejas do passado. E, no fim das contas, tudo foi caber e se amalgamar sob o rótulo de “ecletismo histórico” (hoje, pelo menos em boa parte, a arquitetura dita “pós-moderna” não deixa de ser uma espécie de neoecletismo –, conjunto heteróclito de estilos e elementos arquitetônicos originários de épocas e lugares diversos; colagem tantas vezes disparatada de coisas e conceitos heterogêneos).

Um registro empafiado do sucesso do ecletismo e de seu correspondente decorativismo, em meio às elites brasileiras, pode ser encontrado no romance de Júlio Ribeiro, *A carne*, num discurso de Lenita, a personagem principal, tentando compensar, com a descrição da casa de seus sonhos, o que sente como uma humilhação amorosa, no tempo em que se torna amante do herdeiro da fazenda onde se acha hospedada. É a cara do imbróglcio *Kitsch* da época. O Brasil de então não criava nada de próprio. Penso mesmo que, em matéria de mesmice e mediocridade arquitetônicas, esse período deve ser comparado ao que vem acontecendo entre nós do século XX para cá, quando viramos um país de prédios repetitivos, tão caros quanto arquitetonicamente irrelevantes – e prejudiciais à dimensão estética de nossas paisagens urbanas.

*If the neoclassical was dedicated to copying Greek and Roman architectures (and our ruling class, in the wake of their foreign matrices, would still reach the ridicule of considering the so-called “neo-Greek” as the mandatory clothing of their public palaces, assemblies and courts), eclecticism had an ostrich stomach, accepting without discussing everything that came in the trays of the past. And, in the end, everything was fitting and amalgamating under the label of “historical eclecticism” (today, at least in large part, the so-called “post-modern” architecture is still a kind of neo-eclecticism – a heterocyclic set of styles and architectural elements originating from different times and places; collage so often nonsensical of heterogeneous things and concepts). ¶ An emphatic record of the success of eclecticism and its corresponding decorativism, among the Brazilian elites, can be found in the novel by Júlio Ribeiro, “A Carne”, in a speech by Lenita, the main character, trying to compensate, with the description of the house of her dreams, what she feels like a loving humiliation, at the time she becomes the lover of the heir of the farm where she is staying. It is the face of the Kitsch imbroglcio of the time. Brazil then did not create anything of its own. I really think that, in terms of architectural sameness and mediocrity, this period should be compared to what has been happening between us since the 20th century, when we became a country of repetitive buildings, as expensive as they are architecturally irrelevant – and harmful to the aesthetic dimension of our urban landscapes.*



▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 120

Palacete Comendador Bernardo Martins Catharino. Construção histórica, datada de 1912  
Comendador Bernardo Martins Catharino Palacete. Historic building, dated 1912

*In this terrain of architectural eclecticism, houses were built in the Corredor da Vitória and Graça. A majestic example of this is the former “Villa Catharino”, now occupied by the Rodin Bahia Museum. Speaks Eugênio de Ávila Lins: ¶ “Its project was commissioned to the Italian architect Rossi Baptista, in 1911... presenting strong influence of the standards of eclecticism in force at the time. The palace was built on large land, a short distance from the tested street, surrounded by iron railing, with large surrounding space and leafy trees. With four floors, the high basement housed a library, billiard room, study room, laundry, servants’ apartment and garage. The noble or social floor, with access by staircase and side balcony, features lobby and lounges, banquet and music, dining and sewing rooms, office, chapel and service dependence. ¶ The spaces are lined with murals on walls and ceilings, decorated with rich furniture. The upper floor, of an intimate character, had eleven bedrooms, in addition to the couple’s suite with three rooms and a bathroom. The attic is a large hall. It stands out, in its volumetry, a small turret, terraces and two eagles that crown its façade”. ¶ Here too, as in the case of the neoclassical, eclectic soi disant architecture extended in several directions. We had, for example, the so-called eclectic sets of Rua Chile, between Rua do Tira Chapéu and Rua das Vassouras, and Rua da Misericórdia, facing the beautiful Santa Casa building. In 1923, Igreja da Ajuda was reformed into an eclectic “style.” And eclectic was born the Igreja Matriz de São Pedro, at Praça da Piedade. Finally, we had (and have) even a “neo-Gothic” temple: Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Mares. ¶ In short, the thing, between “neoclassical” and “eclectic”, was to leave behind the lack or rusticity that characterized the internal environments of Brazilian patriarchal houses so long. And these interiors, already more bourgeois than anything else, were to be seen and frequented. The houses were opening more, allowing extrafamiliar visitors to step into spaces that the old patriarchy forbade, such as the dining room, for example. People were also now entering music halls and homemade chapels. But the dorms remained inaccessible to strangers. And an old promiscuity was ended: now, slaves were kept at a distance, in those theatrical spaces in which the dwellings of the ruling class were converted, where rich families daily staged a play of living in European residences. Not by chance, Friar Miguel do Sacramento Lopes Gama wrote around this time the article “Nosso Gosto por Macaquear”, published in “O Carapuceiro”. ¶ But not only the city and the house were modernized. The woman, too. In the early 19th century, traditional yayah began to be replaced by a less servile and more mundane type of woman. “Much less religious devotion than before. Less confessional. Less talking to the maids. Less of the old nigger’s old wives’ tale. And more romance. The family doctor more powerful than the confessor. The theater seducing the elegant woman more than the Church. The very ‘masked ball’ attracting housewives,” writes Gilberto Freyre. And the aforementioned friar Lopes Gama, in “A Mesa de Nossos Avós”: “Many people, especially the ladies of the great tone, change the night for the day. They attend the departure or ball until one o’clock in the evening, they retreat to their homes not less tired of the dances etc. than from the corset, they throw themselves on the bed, they sleep until eleven and a half hours”.*

Nesse terreno do ecletismo arquitetônico foram construídas casas no Corredor da Vitória e na Graça. Exemplo majestoso disso é a antiga “Villa Catharino” , hoje ocupada pelo Museu Rodin Bahia. Fala Eugênio de Ávila Lins:

“Seu projeto foi encomendado ao arquiteto italiano Rossi Baptista, em 1911... apresentando forte influência dos padrões do ecletismo vigente na época. O palacete foi edificado em grande terreno, a pouca distância da testada da rua, cercado por gradil de ferro, com grande espaço circundante e frondosas árvores. Com quatro pavimentos, o porão alto abrigava biblioteca, sala de bilhar, sala de estudos, lavanderia, apartamento para criados e garagem. O pavimento nobre ou social, com acesso por escadaria e varanda lateral, apresenta vestíbulo e salões de visita, banquete e música, salas de refeição e de costura, gabinete, capela e dependência de serviço. Os espaços são revestidos com pinturas murais em paredes e tetos, decorados com rico mobiliário. O pavimento superior, de caráter íntimo, possuía onze quartos, além da suíte do casal com três cômodos e um banheiro. O sótão é um amplo salão. Destaca-se, na sua volumetria, um pequeno torreão, terraços e duas águias que coroam sua fachada”.

Também aqui, como no caso do neoclássico, a arquitetura *soi disant* eclética se estendeu em diversas direções. Tivemos, por exemplo, os chamados conjuntos ecléticos da rua Chile, entre a rua do Tira Chapéu e a rua das Vassouras, e o da rua da Misericórdia, fronteiro ao belo edifício da Santa Casa. Em 1923, a Igreja da Ajuda foi reformada em “estilo” eclético. E eclética já nasceu a Igreja Matriz de São Pedro, na Praça da Piedade. Enfim, tivemos (e temos) até mesmo um templo “neogótico”: a Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Mares.

Em resumo, o lance, entre “neoclássico” e o “eclético”, era deixar para trás a carência ou a rusticidade que caracterizaram tão longamente os ambientes internos das casas patriarcais brasileiras. E esses interiores, já mais burgueses do que qualquer outra coisa, eram para ser vistos e frequentados. As casas se iam abrindo mais, permitindo que visitantes extrafamiliais pisassem em espaços que o velho patriarcalismo vedava, como a sala de jantar, por exemplo. Ingressava-se também agora em saletas de música e capelas caseiras. Mas os dormitórios permaneciam inacessíveis a estranhos. E dava-se fim a uma antiga promiscuidade: agora, os escravos eram mantidos a distância, naqueles espaços teatrais em que se converteram as moradias da classe dominante, onde famílias ricas encenavam diariamente peça de estar vivendo em residências europeias. Não por caso, frei Miguel do Sacramento Lopes Gama escreveu por essa época o artigo “Nosso gosto por macaquear” , publicado em *O Carapuceiro*.

Mas não só a cidade e a casa se modernizavam. A mulher, também. Em princípios do século XIX, a iaiá tradicional começou a ser substituída por um tipo de mulher menos servil e mais mundana. “Muito menos devoção religiosa do que antigamente. Menos confessorário. Menos conversa com as mucamas. Menos história da carochinha contada pela negra velha. E mais romance. O médico de família mais poderoso que o confessor. O teatro seduzindo a mulher elegante mais que a Igreja. O próprio ‘baile mascarado’ atraindo senhoras de sobrado” , escreve Gilberto Freyre. E o já citado frei Lopes Gama, em “A mesa de nossos avós”: “Muitas pessoas, mormente as senhoras do grande tom, trocam a noite pelo dia. Assistem à partida ou baile até 1 hora da noite, recolhem-se às suas casas bem fatigadas não menos das danças etc. que do espartilho, lançam-se na cama, dormem até onze horas e meio-dia”.

Novas personalidades masculinas e novas situações institucionais foram minando o poder patriarcal do senhor e de sua casa-grande e, por isso mesmo, franqueando perspectivas novas às mulheres ricas. Mais Freyre, o grande estudioso brasileiro do assunto:

“O absolutismo do *pater familias* na vida brasileira... foi se dissolvendo à medida que outras figuras de homem criaram prestígio na sociedade escravocrática: o médico, por exemplo; o mestre-régio; o diretor de colégio; o presidente de província; o chefe de polícia; o juiz; o correspondente comercial. À medida que outras instituições cresceram em torno da casa-grande, diminuindo-a, desprestigiando-a, opondo-lhe contrapesos à influência: a Igreja, pela voz mais independente dos bispos, o Governo, o Banco, o Colégio, a Fábrica, a Oficina, a Loja. Com a ascendência dessas figuras e dessas instituições, a figura da mulher foi, por sua vez, libertando-se da excessiva autoridade patriarcal e, com o filho e o escravo, elevando-se jurídica e moralmente”.

Nossas feministas – que não costumam cultivar o conhecimento histórico – circulam por aí dizendo que, hoje, as coisas continuam péssimas para as mulheres... como sempre foram. É uma bobagem. O século XIX foi mesmo um tempo de grandes mudanças também aqui na Bahia. Na centúria anterior, sim, a situação era barra pesada. Nosso já citado Pedro de Almeida Vasconcelos dá um bom exemplo disso: “O poder dos chefes de família era imenso no período: os maridos podiam solicitar ao rei o ‘recolhimento’ de suas esposas nos conventos, como no caso de Manuel de M. O. Serpa, em 1765, considerando a ‘impossibilidade de manter a vida conjugal por causa do gênio irritante de sua mulher...’, solicitou o seu recolhimento a um convento, juntamente com a filha de cinco anos”.

O que não quer dizer que as mulheres não pintassem e bordassem, mesmo dentro dos quadros mais repressivos. De fato, elas sempre aprontaram por aqui, como podemos ver já nos depoimentos reunidos em *Confissões da Bahia*, resultado da “visita” que nos fez o Santo Ofício da Inquisição, em 1591. No século XVIII, quando ainda podiam ser recolhidas a um convento, elas continuaram aprontando. Em 1798, o marquês do Lavradio, então governador da Bahia, falava da existência de mulheres que “têm infinita liberdade, todas saem à noite sós e andam quase nuas”.

Na década seguinte, outro governador, Fernando José de Portugal, se referiu por escrito à “devassidão das mulheres casadas”, citando casos de adultério que considerava escandalosos. E não nos esqueçamos de que, já na segunda metade do século XIX, o próprio imperador Pedro II, em visita à Bahia, observou que, no Convento do Desterro, “o vestuário das freiras descobre-lhes parte do peito e das costas”. Ecos dos amores freiráticos de que falava Gregório de Mattos? Não sei. De qualquer sorte, exagerando ou não, Gentil de la Barbinais dizia que as mulheres virtuosas da Bahia eram aquelas cuja desordem era menos pública.

A casa de Frei Miguel do Sacramento Lopes Gama, em 1923

***MAS NÃO SÓ A CIDADE E A CASA SE MODERNIZAVAM. A MULHER, TAMBÉM. EM PRINCÍPIOS DO SÉCULO XIX, A IAIÁ TRADICIONAL COMEÇOU A SER SUBSTITUÍDA POR UM TIPO DE MULHER MENOS SERVIL E MAIS MUNDANA.***

New male personalities and new institutional situations have been undermining the patriarchal power of the plantation owner and his Big house and, therefore, franchising new perspectives to rich women. More Freyre, the great Brazilian scholar of the subject: ¶ “The absolutism of pater familias in Brazilian life... was dissolving as other male figures created prestige in slave society: the doctor, for example; the royal master; the school principal; the provincial president; the police chief; the judge; the commercial correspondent. As other institutions grew around the big house, diminishing it, discrediting it, opposing it to the influence: the Church, by the most independent voice of the bishops, the Government, the Bank, the College, the Factory, the Workshop, the Shop. With the ascendancy of these figures and these institutions, the figure of the woman was, in turn, freeing herself from excessive patriarchal authority and, with the son and the slave, raising herself legally and morally”. ¶ Our feminists – who don’t usually cultivate historical knowledge – go around saying that, today, things continue to suck for women... as they always have been. It’s nonsense. The 19th century was really a time of great change also here in Bahia. In the previous century, yes, the situation was heavy. Our already mentioned Pedro de Almeida Vasconcelos gives a good example of this: “The power of the heads of the family was immense in the period: husbands could ask the king to ‘gather’ their wives in the convents, as in the case of Manuel de M. O. Serpa, in 1765, considering the ‘impossibility of maintaining marital life because of the annoying genius of his wife...’, he requested her gathering to a convent, together with his five-year-old daughter”. ¶ Which does not mean that women did not sneak up, even within the most repressive situations. In fact, they have always been up to something here, as we can already see in the testimonies gathered in Confissões da Bahia, the result of the “visit” that the Holy Office of the Inquisition made to us in 1591. In the eighteenth century, when they could still be collected in a convent, they continued to do so. In 1798, the Marquis of Lavradio, then governor of Bahia, spoke of the existence of women who “have infinite freedom, all go out at night alone and walk almost naked”. ¶ In the following decade, another governor, Fernando José de Portugal, referred in writing to the “debauchery of married women”, citing cases of adultery that he considered scandalous. And let us not forget that, already in the second half of the nineteenth century, the emperor Pedro II himself, on a visit to Bahia, observed that, in the Convent of Desterro, “the clothing of the nuns discovers part of their chest and back”. Echoes of the frenzied loves of which Gregório de Mattos spoke? I don’t know. In any case, exaggerating or not, Gentil de la Barbinais said that the virtuous women of Bahia were those whose disorder was less public.

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 121



Corredor da Vitória. Final do século XIX / Corredor da Vitória. In the late 19<sup>th</sup> century

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 122



Palacete do comerciante Cerqueira Lima, no Corredor da Vitória / Palacete of the merchant Cerqueira Lima, in the Corredor da Vitória



Corredor da Vitória no final do século XIX / Corredor da Vitória in the late nineteenth century

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 123

▶ OUÇA A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 124



Avenida Sete de Setembro, 399. Residência da família Maria Dulce e Benjamim da Rocha Salles, no período de 1939 a 1976. Os móveis foram adquiridos na França para o Palácio do Governo da Bahia. Contudo, em razão da indisponibilidade de recursos por parte do erário foram comprados por Eudoro Tude de Souza, avô de Maria Dulce. Avenida Sete de Setembro, 399. Residence of the Maria Dulce and Benjamim da Rocha Salles family, from 1939 to 1976. The furniture was acquired in France for the Government Palace of Bahia. However, due to the unavailability of resources on the part of the treasury, they were purchased by Eudoro Tude de Souza, Maria Dulce's grandfather.



▶ OUÇA A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 126

▶ OUÇA A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 125



Avenida Sete de Setembro, 286. Residência da família Jorge da Nova Moreira / Avenida Sete de Setembro, 286. Residence of the Jorge da Nova Moreira family

▶ OUÇA A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 127

Voltemos, no entanto, às casas. Outros tipos e modelos de moradia irão se mostrando com o tempo, entre fins do século XIX e princípios do século XX. Como, entre outros, os chamados chalés. Quando falo que atravessamos um tempo de contrafações na produção arquitetural brasileira do século XIX, o chalé é exemplo disso. Não por acaso Machado de Assis, que queria ser branco e europeu, vivia num deles, no Rio de Janeiro. Era como se nevasse no Cosme Velho, no Flamengo, em Santa Teresa, na Glória. Fingia-se que estávamos na Europa (um século mais tarde, os bangalôs de Copacabana não deixarão de repetir esses deslocamentos: casas em “estilo normando” na beira da praia tropical).

Ao lado de chalés, tivemos também a adoção baiana da casa neocolonial, moda que tomou conta de todo o país e ainda hoje perdura. E o neocolonial foi uma reação nacionalista justamente contra o ecletismo que importávamos da Europa durante o século XIX. Uma reação que acendia a luz sobre antigas casas de fazendas e de chácaras, com seus belos alpendres e madeiramentos, ou de lugares como o Pátio do Colégio, o Pelourinho e Ouro Preto. E que pretendia trazer de volta à cena princípios e elementos de nossa primeira arquitetura civil e religiosa, de extração mais claramente lusitana: arquitetura de igrejas, conventos, casas-grandes, sobrados urbanos senhoriais. Mas o interessante (ou irônico) é que tal reação nacionalista e até mesmo xenófoba contra o cosmopolitismo arquitetônico também deve ser vista, logicamente, como um ramo ou subvariante do próprio ecletismo historicista.

Mas deixemos tipos de parte e vamos nos aproximar mais da casa institucionalmente pós-escravista e do lar burguês, com sua ideologia de intimidade e conforto domésticos. Na Europa, este lar burguês se manifesta no século XVII – em espaço *neerlandês*, principalmente – para se consolidar adiante. Com relação ao Brasil e à Bahia, vamos caminhar seguindo o resumo feito pela equipe de Eugênio de Ávila Lins. Na dimensão europeia, o século XVIII já exhibe a transformação: a partir das últimas décadas daquela centúria, a moradia dos segmentos sociais privilegiados passa a se estruturar sob os conceitos de intimidade, privacidade e conforto. “A absorção destes, intimamente ligados àqueles higienistas, propiciou a criação de um novo modelo de moradia, condicionado aos novos códigos sociais. A ordem da vida privada burguesa passou a ser estabelecida pelos ritos que compartimentam o tempo em espaços apropriados da casa, o que rapidamente se difundiu junto a outros países”.

Salvador, como outras cidades brasileiras, foi atingida pela maré da mudança. A partir de meados do século XIX, quando o Campo Grande e o Corredor da Vitória ainda eram iluminados por lampiões, as casas ricas começaram a se concentrar em zonas específicas da cidade e a não mais se erguerem em cima da linha da rua, do limite do lote, mas recuadas com relação à via pública. E procuraram se organizar espacialmente com o propósito de prescindir da mão de obra escrava, então a caminho de ser legalmente extinta. Mas estas mudanças não aconteceram de repente. A moradia burguesa, durante algum tempo, se fez sob o signo da transição, figura contraditória vinculada à modernidade e, ao mesmo tempo, atrelada ao passado colonial-escravista.

Interessante notar, neste passo, que a medicina orientou tanto as intervenções públicas realizadas na cidade, quanto as mudanças por que passaram as casas baianas. “A arquitetura passou a ser vista como um instrumento didático do processo de civilização. Neste contexto, a habitação tradicional se prestou a todo tipo de críticas: foi condenada por apresentar limitados e ultrapassados sistemas construtivos, por estar ao rés do

*Let us return, however, to the houses. Other types and models of housing will show themselves over time, between the end of the nineteenth century and the beginning of the twentieth century. Like, among others, the so-called chalets. When I say that we are going through a time of counterfeiting in 19th century Brazilian architectural production, the chalet is an example of this. Not by chance Machado de Assis, who wanted to be white and European, lived in one of them, in Rio de Janeiro. It was like snowing in Cosme Velho, in Flamengo, in Santa Teresa, in Gloria. It was pretended that we were in Europe (a century later, the bungalows of Copacabana will not fail to repeat these displacements: houses in “Norman style” on the edge of the tropical beach). Next to chalets, we also had the Bahian adoption of the neocolonial house, a fashion that took over the entire country and still persists today. And the neocolonial was a nationalist reaction precisely against the eclecticism that we had imported from Europe during the nineteenth century. A reaction that lit up the old houses of farms and farms, with their beautiful porches and woods, or places like the Pátio do Colégio, Pelourinho and Ouro Preto. And that he intended to bring back to the scene principles and elements of our first civil and religious architecture, of more clearly Lusitanian extraction: architecture of churches, convents, big houses, manor houses. But the interesting (or ironic) is that such a nationalist and even xenophobic reaction against architectural cosmopolitanism must also be seen, logically, as a branch or subvariant of historicist eclecticism itself. But let's leave types aside and let's get closer to the institutionally post-slavery house and the bourgeois home, with its ideology of domestic intimacy and comfort. In Europe, this bourgeois home manifests itself in the seventeenth century – in Dutch space, mainly – to consolidate itself further. Regarding Brazil and Bahia, we will walk following the summary made by the team of Eugênio de Ávila Lins. In the European dimension, the eighteenth century already shows the transformation: from the last decades of that century, the housing of privileged social segments starts to be structured under the concepts of intimacy, privacy and comfort. “The absorption of these, closely linked to those hygienists, led to the creation of a new housing model, conditioned to the new social codes. The order of bourgeois private life began to be established by the rites that compartmentalize time in appropriate spaces of the house, which quickly spread to other countries”. Salvador, like other Brazilian cities, was hit by the tide of change. From the middle of the nineteenth century, when Campo Grande and Corredor da Vitória were still illuminated by lamps, the rich houses began to focus on specific areas of the city and no longer rise above the street line, from the boundary of the lot, but retreated in relation to the public road. And they sought to organize themselves spatially for the purpose of dispensing with slave labor, then on their way to being legally extinct. But these changes did not happen suddenly. The bourgeois dwelling, for some time, was made under the sign of transition, a contradictory figure linked to modernity and, at the same time, linked to the colonial-slave past. It is interesting to note, in this step, that medicine guided both the public interventions carried out in the city and the changes that the Bahian houses underwent. “Architecture has come to be seen as a didactic instrument of the civilization process.*



Antiga sede do Clube Fantoches da Euterpe, no Corredor da Vitória, em postal do início do século XX. Atualmente é o Solar Cunha Guedes  
Former headquarters of Clube Fantoches da Euterpe, in Corredor da Vitória, in a postcard from the beginning of the 20<sup>th</sup> century. It is currently Solar Cunha Guedes

In this context, traditional housing lent itself to all kinds of criticism: it was condemned for presenting limited and outdated construction systems, for being grounded, in direct contact with miasmas, for not having satisfactory lighting and aeration and, mainly, for lack of exclusive spaces for the development of different functions. Many of the medical recommendations regarding housing, made in the period, can be compared to real construction manuals, which range from the procedures for choosing the site, the sizing of the foundations and walls, to the materials that should be used, thickening the pressure of acculturation with the European model.” ¶ And still, with respect to Bahia City: “The new programs, required by the new rituals of domestic life, developed a zoning of the house, defining three basic parts: the spaces of representation, of reception, which are privileged in the architectural composition; the spaces of intimacy, which are isolated from those outside the domestic nucleus, usually located on another floor; and the spaces of service, which distance themselves from the social area, being more rationally incorporated into the housing. The residences – sometimes with billiard rooms, fumoir, offices and other elements that made their program complex – began to receive several denominations that informed the status of their owners in the urban space, such as villas, mansions, palaces or manors. All these transformations suggest a curious dialectic between the bourgeois idealizations of the time and a daily life still impregnated with the practices inherited from the colonial period.”

chão, em direto contato com os miasmas, por não possuir iluminação e aeração satisfatórias e, principalmente, por falta de espaços exclusivos para o desenvolvimento das diferentes funções. Muitas das recomendações médicas relativas à habitação, feitas no período, podem ser comparadas a verdadeiros manuais de construção, nas quais constam desde os procedimentos para a escolha do sítio, o dimensionamento das fundações e paredes, até os materiais que deveriam ser empregados, engrossando a pressão da aculturação com o modelo europeu”.

E ainda, com relação à Cidade da Bahia: “Os novos programas, exigidos pelos novos rituais da vida doméstica, desenvolveram um zoneamento da casa, definindo três partes básicas: os espaços de representação, de recepção, que são privilegiados na composição arquitetônica; os espaços de intimidade, que passam a ser isolados daqueles alheios ao núcleo doméstico, geralmente situados em outro pavimento; e os espaços de serviço, que se distanciam da área social, sendo incorporados de forma mais racional à moradia. As residências – acrescentadas, por vezes, de sala de bilhar, fumoir, gabinetes ou escritórios e outros elementos que tornavam complexo seu programa – passaram a receber várias denominações que informavam o status de seus proprietários no espaço urbano, como vilas, mansões, palacetes ou solares. Todas estas transformações sugerem uma curiosa dialética entre as idealizações burguesas de então e um cotidiano ainda impregnado das práticas herdadas do período colonial”.

Referindo-se especificamente ao Corredor da Vitória, Maria do Carmo Baltar observa: “No Corredor da Vitória, assim como nos demais trechos do distrito ocupados pelas classes abastadas, a arquitetura residencial privilegia os espaços de representação que, na maioria das vezes, chegam a ocupar todo um piso da moradia. O projeto do engenheiro Julio Conti para ampliação e reforma da casa de Pedro Tenório Velloso Gordilho, em 1919, situada à Rua da Vitória 85, é um dos exemplos mais destacados desta valorização, dedicando dois pavimentos (uma superfície superior a 500 m<sup>2</sup>) a uma sucessão de salas, que se distribuem a partir de um hall com uma escadaria monumental, destinadas à recepção. [...] Na organização espacial da casa burguesa, são os salões, as salas de visitas, que têm um papel de destaque: possuir um salão significa mundanidade e sociabilidade, um simbolismo que é a marca da classe”. É o privilégio conferido aos espaços públicos da casa.

Mas há mais: “Também no Corredor da Vitória, os programas arquitetônicos se tornam mais complexos para atender às novas exigências da burguesia. Acrescentam-se elementos atestando a vida mundana permanente e o luxo permitido por consideráveis possibilidades financeiras. As salas de bilhar, geralmente situadas próximas àquelas de jantar, são presenças indispensáveis e, juntamente com o fumoir, demarcam os espaços exclusivamente masculinos da casa. Também os gabinetes (ou escritórios), tantas vezes assimilados nas habitações da pequena classe média, e que revelam o status do trabalho masculino no âmbito familiar, possuem no agenciamento doméstico um local preciso, próximo às salas de visitas e do hall ou sala de espera, tendo muitas vezes uma entrada independente. Para as mulheres, além da sala das senhoras (às vezes, chamada boudoir), uma sala de costura, para as crianças e suas preceptoras, salas de estudo, outras específicas para o almoço e o jantar, uma sala de música, contígua ao salão principal, e uma infinidade de saletas formam cenários de um novo ritual doméstico”.

De todo modo, nenhuma mudança foi radical. Nem poderia ser. Como toda a humanidade come, dorme e faz sexo, as casas permanecem estruturalmente semelhantes. Em nosso século XIX, mudou certamente o programa das atividades cotidianas dos moradores, alterando assim o partido arquitetônico. Mas, afora gabinetes, fumoir e outros acréscimos de luxo, o zoneamento da casa, no essencial, permaneceu. A diferença maior, até onde consigo ver, estava no afastamento dos escravos (no polo oposto ao da promiscuidade dos antigos casarões patriarcais da sociedade escravista), que logo mais não existirão, e no cultivo, mais confortável, da privacidade das pessoas dentro do próprio espaço interno das casas. Este é o traço distintivo da casa no mundo burguês: privacidade. Assume o centro do palco, assim, o individualismo moderno.

Referring specifically to the Corredor da Vitória, Maria do Carmo Baltar observes: “In the Corredor da Vitória, as well as in the other parts of the district occupied by the affluent classes, residential architecture privileges the spaces of representation that, most of the time, occupy an entire floor of the house. The project of the engineer Julio Conti to expand and renovate the house of Pedro Tenório Velloso Gordilho, in 1919, located at Rua da Vitória 85, is one of the most outstanding examples of this valorization, dedicating two floors (an area of more than 500 m<sup>2</sup>) to a succession of rooms, which are distributed from a hall with a monumental staircase, intended for reception. [...] In the spatial organization of the bourgeois house, it is the halls, the visiting rooms, that have a prominent role: to have a hall means worldliness and sociability, a symbolism that is the mark of the class”. It is the privilege given to the public spaces of the house. ¶ But there is more: “Also in the Corredor da Vitória, architectural programs become more complex to meet the new demands of the bourgeoisie. Elements are added attesting to the permanent mundane life and the luxury allowed by considerable financial possibilities. The billiard rooms, usually located close to those for dinner, are indispensable presences and, together with the fumoir, demarcate the exclusively masculine spaces of the house. Also the offices, so often assimilated in the homes of the small middle class, and which reveal the status of male work in the family environment, have in the domestic agency a precise place, close to the living rooms and the hall or waiting room, often having an independent entrance. For women, in addition to the ladies’ room (sometimes called boudoir), a sewing room, for children and their governesses, study rooms, others specific for lunch and dinner, a music room, adjacent to the main hall, and a multitude of halls form scenarios of a new domestic ritual.” ¶ In any case, no change was radical. It couldn’t be. As all mankind eats, sleeps and has sex, the houses remain structurally similar. In our nineteenth century, it certainly changed the program of the residents’ daily activities, thus changing the architectural party. But apart from offices, fumoir and other luxury additions, the zoning of the house essentially remained. The biggest difference, as far as I can see, was in the removal of slaves (in the opposite pole to the promiscuity of the old patriarchal mansions of the slave society), which soon will no longer exist, and in the more comfortable cultivation of the privacy of people inside the internal space of the houses. This is the distinctive feature of the house in the bourgeois world: privacy. It takes center stage, thus, modern individualism.



**14** CIDADE DE  
EXTREMOS



*CITY OF EXTREMES*



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 129



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 130



Antigo mercado da Praia da Preguiça, próximo ao Solar do Unhão / Former market at Praia da Preguiça, close to Solar do Unhão

**DO FAUSTO À MENDICÂNCIA** – são termos que, definindo um espectro social, vêm definindo, durante os séculos, esta nossa cidade. Cidade de extremos, desde sempre.

Aqui, ao lado de todas as encenações de riqueza, a miséria, o sofrimento e a fome foram sempre cruelmente reais. A corrupção e a anarquia, também. A região vivia em estado de permanente crise de abastecimento, consequência, entre outras coisas, do sistema da monocultura, com as vastas plantações exclusivistas de cana-de-açúcar e tabaco, que não deixavam espaço para o plantio de gêneros que pudessem alimentar a população. Havia, é certo, a alternativa do pescado. Mas, no século XVIII, o peixe já não era assim tão fácil. A pesca predatória e a especulação comercial, ativada pelos “atravessadores”, iam fazendo do peixe um produto cada vez mais caro.

Como se fosse pouco, a Cidade da Bahia tinha de abastecer os navios que aqui aportavam. E o movimento marítimo era considerável. Para que se tenha uma ideia, Thales de Azevedo lembra que, quando Lourenço de Almada chegou aqui, em maio de 1710, havia nada menos que 90 navios em nosso porto, carregando mais de 9 mil pessoas. Alimentar toda essa gente representava um sacrifício enorme para o povo baiano. A comida era tirada de sua boca e servida à frota. Já no século XVII, Gregório de Mattos protestava contra tal prática:

*Se dizem que o marinheiro  
nos precede a toda a lei,  
porque é serviço del-rei,  
concedo que está primeiro;  
mas tenho por mais inteiro  
o conselho que reparte  
com igual mão, igual arte  
por todos jantar, e ceia.  
Mas frota co a tripa cheia  
e o povo com a pança oca?  
Ponto em boca!*

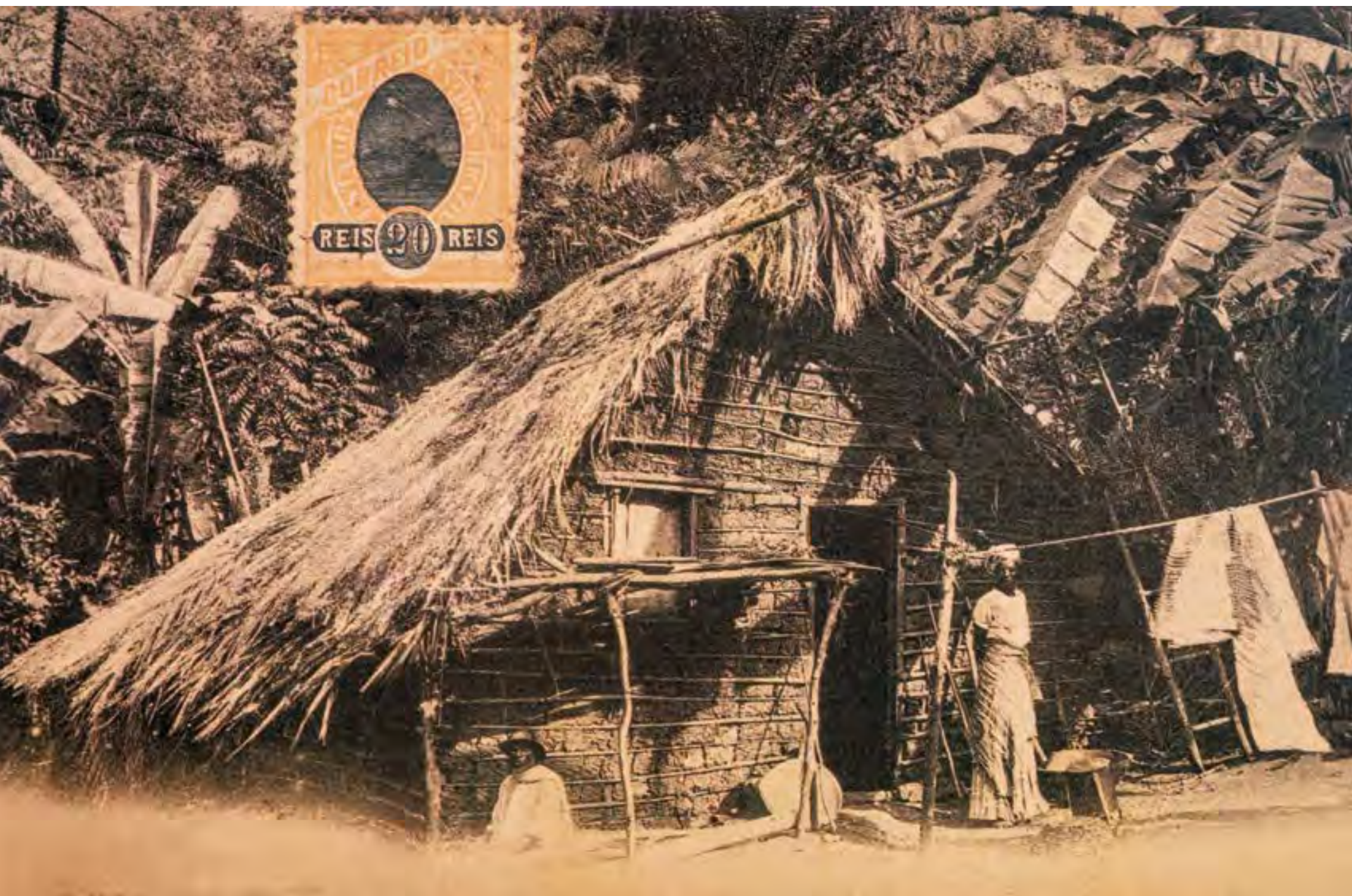
E a população reagia. Em 1711, por exemplo, tivemos a chamada “revolta do maneta”, resposta popular às taxas fiscais que haviam tornado o sal um artigo inacessível. Casas comerciais de portugueses foram então depredadas e saqueadas. Do mesmo modo, quando o preço da carne deu um salto, a população arrombou açougues. A arrogância e o ânimo arruaceiro dos soldados, por sua vez, haviam se tornado habituais, gerando pânico, agressões e mortes. Na verdade, a agitação popular – manifestando-se em badernas, food riots, motins militares etc. – foi uma constante na vida da Salvador setecentista: “a cidade transpira indisciplina, informalismo, despreço às normas e prescrições”, escreveu István Jancsó, em *Na Bahia, contra o Império*.

Era uma cidade suja, corrupta, violenta, cheia de mendigos, vadios e delinquentes. Uma cidade onde funcionários públicos só se moviam sob o combustível de gorjetas, juízes respiravam propinas, conventos se convertiam em focos de promiscuidade sexual, militares promoviam arruaças, bandidos tomavam conta das vias públicas e o povo virava a mesa, na base do quebra-quebra. Contribuindo para o desequilíbrio e a balbúrdia, sucessivas administrações coloniais apresentavam pelo menos um ostensivo e insuperável ponto em comum: a carência de planos mínimos de governo e programas de ação. E as coisas continuaram assim.

*From faust to begging – these are terms that, defining a social spectrum, have been defining, over the centuries, our city. City of extremes, always. ¶ Here, alongside all the scenes of wealth, misery, suffering and hunger have always been cruelly real. Corruption and anarchy, too. The region was in a state of permanent supply crisis, a consequence, among other things, of the monoculture system, with the vast exclusive sugarcane and tobacco plantations, which did not leave room for the planting of foodstuffs that could feed the population. There was, of course, the alternative to fish. But in the 18th century, fish was not that easy. Predatory fishing and commercial speculation, activated by the “middlemen”, were making fish an increasingly expensive product. ¶ As if it were little, the City of Bahia had to supply the ships that docked here. And the maritime movement was considerable. To give you an idea, Thales de Azevedo recalls that when Lourenço de Almada arrived here in May 1710, there were no fewer than 90 ships in our port, carrying more than nine thousand people. Feeding all these people represented a huge sacrifice for the people of Bahia. Food was taken from their mouth and served to the fleet. Already in the seventeenth century, Gregório de Mattos protested against this practice: ¶ If they say the sailor / precedes us to all the law, / because it is a del-rei service, / I grant you that you are first; / but I have all / the advice that distributes / with equal hand, equal art / for all dinner, and supper. / But fleet with a full gut / and the people with the hollow belly? / Stitch in mouth! [Free translation] ¶ And the population reacted. In 1711, for example, we had the so-called “revolta do maneta”, a popular response to the tax rates that had made salt an inaccessible article. Commercial houses of Portuguese were then depredated and looted. Similarly, when the price of meat took a leap, the population broke into butchers. The arrogance and rowdy spirits of the soldiers, in turn, had become habitual, generating panic, aggression, and death. In fact, popular unrest – manifesting itself in riots, food riots, military riots, etc. – was a constant in the life of the eighteenth-century Salvador: “the city exudes indiscipline, informalism, disregard for norms and prescriptions”, wrote István Jancsó, in “Na Bahia, Contra o Império”. ¶ It was a dirty, corrupt, violent city, full of beggars, vagrants and delinquents. A city where public officials only moved under the fuel of tips, judges breathed bribes, convents became foci of sexual promiscuity, military promoted riots, bandits took over the public roads and the people turned the table at the base of the break-up. Contributing to the imbalance and turmoil, successive colonial administrations had at least one ostensible and insurmountable thing in common: the lack of minimum government plans and action programs. And things went on like this.*



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 131



Tijupá, típica habitação de taipa e sapé, em 1903. Foto de Guilherme Gaensly / Tijupa, a typical mud and thatch house, in 1903. Photo by Guilherme Gaensly

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 132



Palacetes do Campo Grande, em 1890. Foto de G. Gaensly e R. Lindemann / Palaces of Campo Grande, in 1890. Photo by G. Gaensly and R. Lindemann



Em *Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX*, o historiador Walter Fraga Filho observa que a riqueza baiana, naquela época, era inseparável da pobreza da maioria da população. Salvador era a expressão concentrada disso. Cidade senhorial, sim, mas também cidade lumpem – cidade de párias, onde pobres e libertos muitas vezes só viam, à sua frente, as velhas e vis vielas da mendicância. Por isso mesmo, logo na introdução do seu livro, Fraga Filho pode fazer o seguinte relato:

“Por volta das 9 horas da noite de 5 de setembro de 1832, uma patrulha da Guarda Nacional deu algumas batidas em lugares suspeitos da Cidade Baixa. Ao entrar em uma construção abandonada na freguesia da Conceição da Praia, lugar perfeito para esconderijo de ladrões, escravos fugidos e desertores, os guardas perceberam o vulto de um homem que se preparava para fugir. Tratava-se de Antônio de Araújo Silva, que inicialmente disse ser carpina, mas diante da suspeita de ser vadio, preferiu dizer que era mendigo. Mesmo assim foi preso. Prosseguindo nas buscas, os guardas encontraram outro indivíduo, um tal Farias, que confessou ser desertor da fragata Sete de Abril. No entanto, um segundo de descuido dos guardas foi suficiente para ele se lançar ao mar e nadar para distante do porto.

“João da Fonseca, capitão da Companhia da Guarda que comandava a operação policial, não se deu por satisfeito e resolveu fazer outras buscas. Retornando ao mesmo local, desta vez munidos de archotes, os guardas conseguiram encontrar mais cinco homens escondidos entre o capim que crescia próximo à construção. Verificou-se depois que se tratava dos portugueses João Pedro e João Duarte, do pardo forro Francisco Gomes, do cabra José Antônio e do alemão Pedro Crihl (sic). O cabra José Antônio resistiu à prisão avançando contra a patrulha com uma baioneta, que não atingiu seu alvo. Atracou-se com os policiais e antes que fosse contido aplicou uma mordida no peito do capitão da Guarda”.

*In “Mendigos, Moleques e Vadios na Bahia do Século XIX”, historian Walter Fraga Filho observes that Bahia’s wealth, at that time, was inseparable from the poverty of the majority of the population. Salvador was the concentrated expression of this. Manor town, yes, but also city lumpen – a city of pariahs, where the poor and freed often only saw, in front of them, the old and vile alleys of begging. Therefore, right in the introduction of his book, Fraga Filho can make the following account: ¶ “Around 9 o’clock on the night of September 5, 1832, a National Guard patrol raided some suspicious places in the Lower City. Upon entering an abandoned building in the parish of Conceição da Praia, a perfect place for hiding thieves, runaway slaves and deserters, the guards noticed the figure of a man preparing to flee. It was Antonio de Araújo Silva, who initially said he was a carpine, but in view of the suspicion of being a stray he preferred to say that he was a beggar. He was still arrested. Continuing the search, the guards found another individual, a Farias, who confessed to being a defector of the frigate Sete de Abril. However, a second of carelessness from the guards was enough for him to launch himself into the sea and swim away from the harbor. ¶ “João da Fonseca, captain of the Guard Company that commanded the police operation, was not satisfied and decided to do other searches. Returning to the same place, this time armed with torches, the guards managed to find five more men hidden among the grass growing near the building. It was later verified that it was the Portuguese João Pedro and João Duarte, the brown freed Francisco Gomes, José Antonio and the German Pedro Crihl (sic). José Antonio resisted arrest by advancing against the patrol with a bayonet, which did not hit its target. He docked with the policemen and before he was restrained, he bit the captain’s chest.*

Casas na Gamboa de Baixo e ao fundo edifícios do Corredor da Vitória

*Houses in Gamboa de Baixo and buildings in Corredor da Vitória in the background*

“That same night, the guards found a group of Irish already well known by the police authorities of the parish of Conceição da Praia. It was João Cavenk, Ricardo Dalton and Patrik Lee, who were often found at night wandering the streets of Comércio and sleeping under the arches of the Santa Barbara Market, at the Preguiça shipyard or in ruined harbor houses. They were remnants of a group of Irishmen sent into the province in yet another failed attempt to settle European settlers. They had already been involved in fights with other groups of poor men who gathered in those places, forcing the police to intervene frequently. For this reason they had been arrested several times by the authorities of Conceição da Praia. It was probably the same Irishmen who, in January 1831, got involved in fights with Portuguese in the convent of São Francisco, perhaps in the dispute for alms or for sleeping points.” ❗ Salvador, in the observation of the foreign visitor James Prior, was a city where street children wandered, “half-naked children begging for charity”. Or, in the view of Anna Ribeiro de Góes Bittencourt, in “Longos Serões do Campo”, a city of “blackened houses, tortuous streets frequented by ragged or dirty boys, ragged blacks, in short, people of the tiniest common”. City, too, of unemployment. In “A Província da Bahia”, Durval Vieira de Aguiar wrote in 1888, the same year of the Golden Law and the abolition of the slave system, that “the biggest and most harmful defect of the city is the lack of work and the progressive increase of the proletarian population”. Fraga Filho: “Recent studies on nineteenth-century Bahia reveal a very unequal society from the point of view of wealth distribution. And, even more, they offer us the dimension of the distance that separated rich from poor. Only a little more than 5% of the population, when dying, left goods worthy of being inventoried”. ❗ In “Bahia: Salvador e seu Mercado”, Katia Mattoso, in turn, reports that 90% of Salvador’s population then lived on the “poverty line”. Thus, while the old Caminho do Conselho, now Corredor da Vitória, assumed the position of chic neighborhood of the city, with its spectacular mansions, most of the residents of Bahia City lived in slums, rented rooms and, at the opposite end of the mansions, in miserable huts. To stay in the area of the old district-parish of Nossa Senhora da Victória, it is worth remembering that, in 1830, the houses (mocambos, in fact) that existed in the current Mariquita, in the Rio Vermelho, were all clay and pieces of wood, with straw cover.

“Nessa mesma noite, os guardas encontraram um grupo de irlandeses já bastante conhecido pelas autoridades policiais da freguesia da Conceição da Praia. Tratava-se de João Cavenk, Ricardo Dalton e Patrik Lee, que frequentemente eram encontrados à noite vagando pelas ruas do Comércio e dormindo debaixo dos arcos do Mercado de Santa Bárbara, no estaleiro da Preguiça ou em casas arruinadas do porto. Eram remanescentes de um grupo de irlandeses mandados para o interior da província em mais uma fracassada tentativa de assentamento de colonos europeus. Eles já haviam se envolvido em brigas com outros grupos de homens pobres que se recolhiam naqueles locais, obrigando a polícia a intervir frequentemente. Por esse motivo tinham sido por diversas vezes presos pelas autoridades da Conceição da Praia. Provavelmente eram os mesmos irlandeses que, em janeiro de 1831, se envolveram em brigas com portugueses na portaria do Convento de São Francisco, quem sabe na disputa por esmolos ou por pontos de dormida”.

Salvador, na observação do visitante estrangeiro James Prior, era cidade por onde perambulavam meninos de rua, “crianças semi-nuas suplicando caridade”. Ou, na visão de Anna Ribeiro de Góes Bittencourt, em *Longos serões do campo*, cidade de “casas enegrecidas, ruas tortuosas frequentadas por moleques esfarrapados ou sujos, negros maltrapilhos, enfim, gente da mais ínfima plebe”. Cidade, também, do desemprego. Em *A Província da Bahia*, Durval Vieira de Aguiar anotava, em 1888, ano mesmo da Lei Áurea e da abolição do sistema escravista, que “o maior e o mais prejudicial defeito da cidade é a falta de trabalho e o aumento progressivo da população proletária”. Ainda Fraga Filho: “Estudos recentes sobre a Bahia do século XIX revelam-nos uma sociedade muito desigual do ponto de vista da distribuição da riqueza. E, mais ainda, oferecem-nos a dimensão da distância que separava ricos de pobres. Apenas pouco mais de 5% da população, ao morrer, deixavam bens dignos de serem inventariados”.

Em *Bahia: Salvador e seu mercado*, Katia Mattoso, por sua vez, informa que 90% da população de Salvador vivia então no “limiar da pobreza”. Assim, enquanto o antigo Caminho do Conselho, agora Corredor da Vitória, assumia o posto de bairro chique da cidade, com seus casarões entre espetaculares e espetaculosos, a maioria dos moradores da Cidade da Bahia vivia em cortiços, em cômodos alugados e, no extremo oposto ao das mansões, em casebres miseráveis. Para ficar na área do antigo distrito-freguesia de Nossa Senhora da Victória, não custa nada lembrar que, em 1830, as casas (mocambos, na verdade) que existiam na atual Mariquita, no Rio Vermelho, eram todas de barro e pedaços de pau, com cobertura de palha.



▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 134

*EM BAHIA: SALVADOR E SEU MERCADO, KATIA MATTOSO, POR SUA VEZ, INFORMA QUE 90% DA POPULAÇÃO DE SALVADOR VIVIA ENTÃO NO “LIMIAR DA POBREZA”. ASSIM, ENQUANTO O ANTIGO CAMINHO DO CONSELHO, AGORA CORREDOR DA VITÓRIA, ASSUMIA O POSTO DE BAIRRO CHIQUE DA CIDADE, COM SEUS CASARÕES ENTRE ESPETACULARES E ESPETACULOSOS, A MAIORIA DOS MORADORES DA CIDADE DA BAHIA VIVIA EM CORTIÇOS, EM CÔMODOS ALUGADOS E, NO EXTREMO OPOSTO AO DAS MANSÕES, EM CASEBRES MISERÁVEIS.*



Grupo de velhos carregadores africanos, em 1905 / Group of old African porters, in 1905

▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 135

*É CERTO QUE RECONHECEMOS EXPRESSÕES INCONFUNDÍVEIS DA DESIGUALDADE SOCIAL EM INÚMERAS COISAS QUE APARECEM DIANTE DE NÓS – SEJAM OBJETIVAÇÕES MATERIAIS OU CRISTALIZAÇÕES SÍGNICAS. MAS NÃO VEJO COMO DISCORDAR DE BUKHÁRIN E PREOBRAJENSKI (DOIS ESTUDIOSOS RUSSOS ASSASSINADOS DURANTE A DITADURA STALINISTA), QUANDO, NO ABC DO COMUNISMO, ELES SUBLINHAM QUE EM NENHUM OUTRO ASPECTO DA VIDA SOCIAL OS PRIVILÉGIOS DA “CLASSE DOMINANTE” APARECEM TÃO CLARA E ACINTOSAMENTE QUANTO NO CAMPO DA HABITAÇÃO.*

*If I insist on the comparison of dwellings it is for a very simple and very strong reason at the same time. Generally, it should be noted that it is in complex societies, divided into strata or social classes, that the types and styles of housing move away and are distinguished to the extreme from each other, from the point of view of size, the engineering contracted to execute the orders and the material value attributed to the elements used in construction. ¶ We can see this in the most varied historical-social circumstances, from medieval castles to mansions of the business bourgeoisie today scattered around the world, coexisting, respectively, with peasant huts reduced to the status of servants and slums also scattered around the planet. But we also see the housing imbalance manifest itself on a small scale, let alone a society that differs internally in economic terms. We find such distances even in the internal layout of Brazilian favelas, where it is not uncommon to find a cast of masonry houses surrounding a trading center and, farther away, wooden shacks that can barely stand. ¶ It is true that we recognize unmistakable expressions of social inequality in countless things that appear before us – whether material objectivations or sign crystallizations. But I do not see how I can disagree with Bukhárin and Preobrajenski (two Russian scholars murdered during the Stalinist dictatorship) when, in the “ABC do Comunismo”, they stress that in no other aspect of social life do the privileges of the “ruling class” appear as clearly and keenly as in the field of housing. ¶ A fisherman can eat as well as a banker, making his fish fried at a bonfire on the sea shore, but the distance between the straw hut and the solid bourgeois mansion is immense. And this is still not the sharpest contrast. Compare a wooden and plastic tent nailed to the edge of a sewage stream in a favela and an aristocratic palace or a luxurious apartment topping a building in Vila Nova Conceição, on Avenida Delfim Moreira in Leblon or in the Corredor da Vitória. Even in terms of means of transport, between the overcrowded bus and the expensive sedan, the difference is even so scandalous.*

Se insisto na comparação de moradias é por uma razão ao mesmo tempo muito simples e bastante forte. Genericamente, deve-se observar que é em sociedades complexas, repartidas em estratos ou classes sociais, que os tipos e estilos de moradias se vão afastando e se distinguindo ao extremo uns dos outros, do ponto de vista do porte, da engenharia contratada para executar as encomendas e do valor material atribuído aos elementos utilizados na construção.

Podemos ver isso nas mais variadas circunstâncias histórico-sociais, de castelos medievais a mansões da burguesia empresarial hoje espalhada pelo mundo, coexistindo, respectivamente, com choupanas de camponeses reduzidos ao estatuto de servos e favelas também disseminadas pelo planeta. Mas vemos também o desequilíbrio habitacional se manifestar em escala reduzida, quanto mais uma sociedade se diferencia interiormente em termos econômicos. Encontramos tais distâncias até mesmo na disposição interna de favelas brasileiras, onde não é raro encontrar um elenco de casas de alvenaria cercando um centro de comércio e, mais afastados, barracos de madeira que mal conseguem se manter de pé.

É certo que reconhecemos expressões inconfundíveis da desigualdade social em inúmeras coisas que aparecem diante de nós – sejam objetivações materiais ou cristalizações sígnicas. Mas não vejo como discordar de Bukhárin e Preobrajenski (dois estudiosos russos assassinados durante a ditadura stalinista), quando, no *ABC do Comunismo*, eles sublinham que em nenhum outro aspecto da vida social os privilégios da “classe dominante” aparecem tão clara e acintosamente quanto no campo da habitação.

Um pescador pode comer tão bem quanto um banqueiro, fazendo seu peixe frito numa fogueira na margem do mar, mas a distância entre a cabana de palha e a sólida mansão burguesa é imensa. E este ainda não é o contraste mais agudo. Compare-se uma tenda de pau e plástico pregada na beira de um córrego-esgoto numa favela e um palacete aristocrático ou um apartamento luxuoso encimando um prédio na Vila Nova Conceição, na avenida Delfim Moreira no Leblon ou no Corredor da Vitória. Nem em matéria de meios de transporte, entre o ônibus superlotado e o sedã caríssimo, a diferença chega a ser tão escandalosa.

Até porque o veículo existe somente no percurso – e o abrigo habitacional, por mais pobre que seja, ainda é o ninho e o refúgio onde o ser humano se recolhe para tentar se recompor física e espiritualmente. No extremo, topamos a carência habitacional, gente sem ter onde morar, adultos, crianças e jovens de rua, ocupando praças pelo meio da noite, procurando um canto menos desprotegido sob uma marquise qualquer. Na periferia, sim. Mas, até mais impressivamente, a denunciar uma perversão histórica, nos sítios mais antigos de nossas principais cidades. A exemplo de Salvador.

Como se fosse pouco, a disparidade social pode ser criminosamente incrementada pelo poder de governantes e pela ganância de donos de empresas imobiliárias. E isso não é de hoje. A propósito, cito sempre um dos *cantos* do poeta Ezra Pound, o “Canto XLV”, ataque virulento à organização exclusiva da sociedade segundo os preceitos cruéis do mercado, aos que fazem os moinhos sociais se moverem sob o signo da usura. Neste poema belo e forte, marcado pelo pensamento econômico de Tomás de Aquino e do catolicismo medieval, Pound escreveu a seguinte passagem:

*Com usura nenhum homem tem casa de boa pedra  
blocos lisos e certos  
que o desenho possa cobrir,  
com usura  
nenhum homem tem um paraíso  
pintado na parede de sua igreja  
harpes et luthes  
ou onde a virgem receba a mensagem  
e um halo se irradie do entalhe,  
com usura  
ninguém vê Gonzaga, seus herdeiros e concubinas  
nenhum quadro é feito para durar e viver conosco,  
mas para vender, vender depressa  
com usura, pecado contra a natureza,  
teu pão é mais e mais feito de panos podres  
teu pão é um papel seco  
sem trigo do monte, sem farinha pura  
com usura o traço se torna espesso  
com usura não há clara demarcação  
e ninguém acha lugar para sua casa.*

*Epecially because the vehicle exists only on the route – and the housing shelter, however poor it may be, is still the nest and refuge where the human being collects to try to recover physically and spiritually. In the extreme, we find the housing shortage, people with no place to live, adults, children and young people on the street, occupying squares in the middle of the night, looking for a less unprotected corner under a marquee. On the outskirts, yes, but even more impressively, to denounce a historical perversion in the oldest sites of our major cities. Like Salvador. ¶ As if it were little, social disparity can be criminally increased by the power of rulers and the greed of owners of real estate companies. And that’s not from today. By the way, I always mention one of the songs of the poet Ezra Pound, “Canto XLV”, a virulent attack on the exclusive organization of society according to the cruel precepts of the market, to those who make social mills move under the sign of usury. In this beautiful and strong poem, marked by the economic thought of Tomás de Aquino and medieval Catholicism, Pound wrote the following passage: ¶ With usury no man has a house of good stone / smooth and certain blocks / that the drawing can cover, / with usury / no man has a paradise / painted on the wall of his church / harpes et luthes / or where the virgin receives the message / and a halo radiates from the notch, / with usury / no one sees Gonzaga, his heirs and concubines / no picture is made to last and live with us, / but to sell, to sell quickly / with usury, sin against nature, / your bread is more and more made of rotten cloths / your bread is a dry paper / no wheat from the mound, no pure flour / with usury the trace becomes thick / with usury there is no clear demarcation / and no one can find room for your house. [Free translation]*



15

IGREJAS  
ABERTAS  
AO PADÊ



CHURCHES  
OPEN TO PADÊ



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 136



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 137



Festa em homenagem a Santa Bárbara / Party in honor of Santa Barbara

**EMPREGO AQUI A EXPRESSÃO IORUBANA “PADÊ”** não em seu sentido estritamente cultural, designando o rito onde se invoca e propicia o orixá Exu. “O padê, também chamado despacho de Exu, é a primeira obrigação de toda festa. Abre as festas públicas antes que a macumba se inicie pela noite. O padê é a invocação de Exu para que tudo saia bem na festa, sem haver nenhuma desarmonia. Exu, contente por ter sido homenageado, deixa que a festa se desenvolva com ordem e alegria”, anotou o grão-candomblezeiro Deoscóredes Maximiliano dos Santos, em seu livro *Axé Opô Afonjá*. Mas, como disse, não é nesta acepção cultural que emprego o vocábulo. E sim no seu campo semântico mais geral.

Em “Nomes: O Nome”, o antropólogo Vivaldo da Costa Lima esclarece: “A palavra *padê* – como tanta coisa no sistema simbólico dos terreiros da Bahia, é de claro étimo iorubá. O dicionário de Abraham, em *ipadê* (ipadê), remete para *pàdê* (padê), donde, então, o verbete, nos vários sentidos em que o termo é corrente na língua iorubá: ‘ipadê (a) (I) ato de encontro. (II) ibi ipadê, lugar de encontro: rendez-vous. (b) realização de uma reunião, ex. *ó pé ipadê* (ô pé ipadê) ele convocou uma reunião. (c) festa, ex. *ó n se ipadê* (ô’n xê ipadê), ele está dando uma festa’”. A palavra “padê” aponta sempre, portanto, para o encontro, a disposição para o convívio. Para realidades conviviais.

Pois bem. Se olharmos as coisas em amplo arco histórico, tendo a pensar que o que predominou, na postura da Igreja católica diante da multiplicidade cultural brasileira, foi a disposição para a convivência e mesmo o encontro. É claro que religiosos chegaram aqui para converter os outros. Mas é também fato que misturas aconteceram desde o início. E existem informações que falam de uma certa flexibilidade jesuítica diante de realidades do novo mundo tropical. Entre elas, uma definição menos rigorosa da própria prática do incesto, da qual teriam sido excluídos relacionamentos amorosos e sexuais entre tios e suas sobrinhas.

E mesmo o padre Manoel da Nóbrega adotou um procedimento surpreendente, ao que se diz, em sua atividade sacerdotal, no caso, com relação à confissão. Chegou a ser uma iniciativa ousada. Afinal, a confissão seria, em princípio, um rito solene, onde o fiel, ajoelhado solitariamente diante de um representante de Deus, relata as coisas condenáveis que andou fazendo, tanto em plano factual quanto na dimensão do desejo.

Pois bem: sem ter domínio algum do tupinambá ou tupi clássico, o jesuíta não teria como entender direito as confissões de indígenas convertidos. Como no caso da devota Catarina Paraguaçu, também conhecida como a Caramuru, por exemplo. Conta-se então que Nóbrega não hesitou, recorrendo a crianças índias, a curumins, como intérpretes na atividade do confessor. Penso que é uma cena delicada e muito bonita. Crianças inocentes traduzindo para o velho sacerdote os relatos de pecados de uma velha senhora. Aqui, o dogmatismo é deixado de parte, em favor do exercício religioso real.

*I use here the Yoruban expression “padê” not in its strictly cultural sense, designating the rite where the orixá Exu is invoked and propitiated. “The padê, also called the Exu dispatch, is the first obligation of every party. Open the public feasts before the macumba starts at night. The padê is Exu’s invocation for everything to go well at the party, without any disharmony. Exu, happy to have been honored, let the party develop with order and joy”, noted the grand-candomblé man Deoscóredes Maximiliano dos Santos, in his book “Axé Opô Afonjá”. But, as I said, it is not in this cultic sense that I use the word. It’s in its most general semantic field. ¶ In “Nomes: O Nome”, the anthropologist Vivaldo da Costa Lima clarifies: “The word padê – like so much in the symbolic system of the terreiros of Bahia, is of course etimo yorubá. Abraham’s dictionary, in ipadê (ipadê), refers to pàdê (padê), from where, then, the entry, in the various senses in which the term is current in the Yoruba language: ‘ipadê (a) (I) act of encounter. (II) ibi ipadê, meeting place: rendez-vous. (b) holding a meeting, e.g. ó pé ipadê (ô pé ipadê) he called a meeting. (c) party, e.g. ó n se ipadê (ô’n xê ipadê), he is giving a party’”. The word “padê” always points, therefore, to the encounter, the disposition for conviviality. For friendly realities. ¶ All right. If we look at things in a broad historical arc, we have to think that what predominated, in the posture of the Catholic Church in the face of the Brazilian cultural multiplicity, was the disposition for coexistence and even the encounter. Of course, religious people came here to convert others. But it is also a fact that mixtures happened from the beginning. And there is information that speaks of a certain Jesuit flexibility in the face of realities of the new tropical world. Among them, a less rigorous definition of the very practice of incest, from which romantic and sexual relationships between uncles and their nieces would have been excluded. ¶ And even Father Manoel da Nobrega adopted a surprising procedure, it is said, in his priestly activity, in this case, with regard to confession. It was a bold move. After all, confession would be, in principle, a solemn rite, where the believer, kneeling alone before a representative of God, reports the condemnable things he has been doing, both on a factual level and in the dimension of desire. ¶ Well, without having any mastery of tupinambá or classical tupi, the Jesuit would not have been able to understand the confessions of converted indigenous people. As in the case of the devout Catharina Paraguaçu, also known as Caramuru, for example. It is then said that Nóbrega did not hesitate, resorting to Indian children, to curumins, as interpreters in the activity of the confessional. I think it’s a delicate and very beautiful scene. Innocent children translating for the old priest the reports of sins of an old lady. Here, dogmatism is set aside, in favor of real religious exercise.*



▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 138

Outro exemplo de postura razoavelmente convivial será encontrado no âmbito das irmandades religiosas negras. Fenômeno tipicamente urbano de agremiação etnossocial, essas irmandades se constituíram em núcleos de luta contra a escravidão. É evidente sua importância sócio-política. Em *Devoção e escravidão*, Julita Scarano adverte que, além de oportunidade única para o escravo se fazer ouvir, estas confrarias religiosas católicas “serviram de veículo de transmissão de diversas tradições africanas, que se conservaram pela frequência dos contatos, pela conservação da língua e outras razões semelhantes”. O sociólogo francês Roger Bastide diz o mesmo: “...todas estas instituições, agrupando os oriundos de um mesmo país numa solidariedade estreita, permitiam a transmissão das civilizações africanas no continente americano”.

É certo que tais irmandades foram uma imposição senhorial, acionando o catolicismo como instrumento de controle social e abrandamento de antagonismos raciais. Mas é igualmente certo que os negros, escravos ou libertos, com a complacência da Igreja católica, as transformaram em instrumentos próprios. O movimento foi duplo. Os negros foram de fato assimilados e controlados. Aceitando a irmandade, se aculturavam. Em contrapartida, utilizavam a irmandade para desencadear ações que contrariavam o padrão escravista de organização social. Neste sentido, as “irmandades de cor” foram, simultaneamente, um apoio fundamental ao processo aculturativo e uma vigorosa reação contra-aculturativa.

*Another example of a reasonably convivial posture will be found in the context of black religious brotherhoods. A typically urban phenomenon of ethnosocial association, these brotherhoods were constituted as nuclei of struggle against slavery. Its socio-political importance is evident. In “Devoção e Escravidão”, Julita Scarano warns that, in addition to being a unique opportunity for the slave to be heard, these Catholic religious confraternities “served as a vehicle for transmitting various African traditions, which were maintained by the frequency of contacts, the preservation of the language and other similar reasons”. The French sociologist Roger Bastide says the same: “...all these institutions, grouping those from the same country in a close solidarity, allowed the transmission of African civilizations on the American continent”. It is true that such brotherhoods were a lordly imposition, triggering Catholicism as an instrument of social control and the softening of racial antagonisms. But it is equally certain that blacks, slaves or freedmen, with the complacency of the Catholic Church, have transformed them into their own instruments. The movement was twofold. Blacks were in fact assimilated and controlled. Accepting the brotherhood, they accumulated. In contrast, they used the brotherhood to trigger actions that contradicted the slave pattern of social organization. In this sense, the “brotherhoods of color” were both a fundamental support for the acculturation process and a vigorous counter-acculturation reaction.*

Festa da Lavagem da Igreja do Bonfim  
Church of Bonfim Party

The anthropologist Júlio Braga examined the subject, concentrating his study on the old Brotherhood of Nossa Senhora da Soledade Amparo dos Desvalidos, founded in 1832 by the malê Manoel Victor Serra, and still existing today, in Salvador, under the name Sociedade Protetora dos Desvalidos. He concludes that “it was with the intention of fighting against the current social structure that a group of freed blacks, using this same structure, organized themselves into a socially permitted institution and, under the aegis of the Catholic Church, fought in defense of their colored brothers”. ¶ That is: the brotherhoods were a channel of cultural whitening – even participating in the process that gave rise to Brazilian popular Catholicism –, but they were also an instrument of the fight against slavery. A place to strengthen ties of ethnic solidarity. A space for playful expansion. It is a “prestigious agency”, according to the expression of Júlio Braga, from the perspective of the project of social ascension of black people. On the one hand, the brotherhood favored the absorption of Catholic saints and other patterns and principles of the Western world. On the other hand, it allowed group ordinations centered on African values. ¶ This is how, in a black brotherhood of the Barroquinha Church, under the protective cloak of Catholicism, the former slave Iyá Nassô (who, in turn, became a rich slave mistress) created the first terreiro of candomblé jeje-nagô in Brazil... But, instead of making a historical excursion on the subject, we will limit ourselves to two examples of meetings, or of convivial connections between different religions: that of the relationship between Nanã Buruku and Mrs. Sant’Anna and that of the political-evangelical action of Dom Timóteo Amoroso Lima, abbot of the Monastery of São Bento. ¶ It can be said that the Terreiro do Gantois, the Ilê Axé Omi Iyamassê, was born in physical proximity to the Rio Vermelho site – and that, since its birth, it has established a relationship of also symbolic proximity to the place, in a connection with the church built there. Just as one can speak of a connection between the abbot of the Monastery of São Bento and candomblé. Let’s look at these two examples.

O antropólogo Júlio Braga examinou o assunto, concentrando o seu estudo na velha Irmandade de Nossa Senhora da Soledade Amparo dos Desvalidos, fundada em 1832 pelo malê Manoel Victor Serra, e ainda hoje existente, em Salvador, com o nome Sociedade Protetora dos Desvalidos. Ele conclui que “foi com o intuito de lutar contra a estrutura social vigente, que um grupo de negros libertos, usando dessa mesma estrutura, se organizaram em instituição permitida socialmente e, sob a égide da Igreja católica, lutaram em defesa dos seus irmãos de cor”.

Ou seja: as irmandades foram um canal de clareamento cultural – participando inclusive do processo que deu origem ao catolicismo popular brasileiro –, mas foram também instrumento de luta contra a escravidão. Um lugar de reforço dos laços de solidariedade étnica. Um espaço de expansão lúdica. E uma “agência de prestígio”, segundo a expressão de Júlio Braga, na perspectiva do projeto de ascensão social dos negro-mestiços. De um lado, a irmandade propiciava a absorção de santos católicos e de outros *patterns* e princípios do mundo ocidental. De outro lado, permitia ordenações grupais centradas em valores africanos.

Foi assim que, numa irmandade negra da Igreja da Barroquinha, sob o manto protetor do catolicismo, a ex-escrava Iyá Nassô (que, por sua vez, se tornou rica senhora de escravos) criou o primeiro terreiro do candomblé jeje-nagô no Brasil... Mas, em vez de fazer uma excursão histórica sobre o tema, vamos nos limitar a dois exemplos de encontros, ou de conexões conviviais entre religiões diversas: o da relação entre Nanã Buruku e a Senhora Sant’Anna e o da ação político-evangélica de dom Timóteo Amoroso Lima, abade do Mosteiro de São Bento.

Pode-se dizer que o Terreiro do Gantois, o Ilê Axé Omi Iyamassê, nasceu em proximidade física com o sítio do Rio Vermelho – e que, desde o seu nascimento, estabeleceu uma relação de proximidade também simbólica com o lugar, numa conexão com a igreja ali construída. Assim como se pode falar de uma conexão do abade do Mosteiro de São Bento com o candomblé. Vejamos esses dois exemplos.

*POIS BEM. SE OLHARMOS AS COISAS EM AMPLO ARCO HISTÓRICO, TENDO A PENSAR QUE O QUE PREDOMINOU, NA POSTURA DA IGREJA CATÓLICA DIANTE DA MULTIPLICIDADE CULTURAL BRASILEIRA, FOI A DISPOSIÇÃO PARA A CONVIVÊNCIA E MESMO O ENCONTRO.*



Festa em homenagem a Santa Bárbara / Party in honor of Santa Barbara





Irmandade da Boa Morte em procissão / Irmandade da Boa Morte in procession

*In the first case, the terreiro, implanted in the middle of the nineteenth century by Maria Júlia da Conceição (with the help of her husband, the jeje Francisco Nazareth, former slave who became master of slaves, also associated with the creation of the candomblé jeje do Bogum), was based, as it still sits today (despite something mutilated) on land of very own topographical design. The “plantation” (as the terreiros are also called) rose from the plain of the valley to the top of the current hill of the Federation, where the Rio Vermelho Road then passed. That is: it was easy to communicate between the point where the terreiro was located and the square of the old and simple church of the neighborhood.* ¶ In “Visitantes Estrangeiros na Bahia Oitocentista”, Moema Parente Augel tells us about the German doctor Friedrich Aschenfeldt who, in the 1840s, “comments on the good road that leads there [to the Rio Vermelho], the best of all the outskirts of Bahia, revealing that the locality is very sought after on the occasion of religious parties, when a large number of people come from the city”. By the way, there are very clear and precise realistic drawings, made with a pen and ink, of this Rio Vermelho Road – and even of a house of black ex-slaves, built – perhaps it is more correct to say: woven – with weed and straw, on the edge of that path. These are anonymous drawings from the 1830s, reproduced by Fernanda Terra in “Salvador: Uma Iconografia Através dos Séculos”. And what we see there is a wide and beautiful road, good, very good, and nice to walk.

No primeiro caso, o terreiro, implantado em meados do século XIX por Maria Júlia da Conceição (com a ajuda de seu marido, o jeje Francisco Nazareth, ex-escravo que se tornou senhor de escravos, associado também à criação do candomblé jeje do Bogum), assentava-se, como ainda hoje se assenta (apesar de algo mutilado) em terreno de desenho topográfico muito próprio. A “roça” (como também são chamados os terreiros) subia da planura do vale para o alto do atual morro da Federação, por onde então passava a Estrada do Rio Vermelho. Ou seja: era fácil a comunicação entre o ponto onde o terreiro se situou e o largo da antiga e singela igreja do bairro.

Em *Visitantes estrangeiros na Bahia oitocentista*, Moema Parente Augel nos fala do médico alemão Friedrich Aschenfeldt que, na década de 1840, “comenta a boa estrada que conduz até lá [ao Rio Vermelho], a melhor de todas dos arredores da Bahia, revelando que a localidade é bastante procurada por ocasião de festas religiosas, quando grande número de pessoas aí ocorre, vindas da cidade”. A propósito, existem desenhos realistas muito claros e precisos, feitos a bico de pena, dessa Estrada do Rio Vermelho – e, inclusive, de uma casa de negros ex-escravos, construída – talvez seja mais correto dizer: tecida – com sapé e palha, na beira daquele caminho. São desenhos anônimos da década de 1830, reproduzidos por Fernanda Terra em *Salvador: uma iconografia através dos séculos*. E o que vemos ali é uma estrada larga e bonita, boa, muito boa, e gostosa de andar.

As pessoas do Terreiro do Gantois (então conhecido como “o terreiro de tia Júlia”) se serviam para diversos fins dessa via que levava ao Rio Vermelho. Inclusive, promovendo eventos lúdicos em sua extensão. No estudo “O Terreiro do Gantois: redes sociais e etnografia histórica no século XIX”, por exemplo, a antropóloga Lisa Earl Castillo chama a nossa atenção, lateralmente, para um desses eventos, noticiado pelo jornal *O Alabama*, que desencava deus e o mundo na Bahia oitocentista.

O jornal fala de uma “procissão” (talvez fosse mais preciso dizer “cortejo”, um termo genérico, sem conotações obrigatórias de prática religiosa) promovida na Estrada do Rio Vermelho por “gente do terreiro de tia Júlia”. Interessante notar, aliás, que quem se destaca na folia é uma filha da ialorixá, a jovem Pulchéria, que se tornaria a segunda mãe de santo da casa. Adiante, ainda no século XIX, o circuito entre a cidade e o Rio Vermelho seria ainda mais facilitado, graças à implantação do serviço de bondes, veículos deslizando sobre trilhos. A linha 14 circulava pelas cumeadas, caminho conhecido como Rio Vermelho de Cima, e a 15 pelo Rio Vermelho de Baixo, seguindo pelos vales, via avenida Vasco da Gama.

Mas havia também, como disse, a conexão simbólica. Nas tramas sincréticas da vida religiosa baiana, Senhora Sant’Anna, venerável santa católica, mãe da Virgem Maria (e, portanto, avó do próprio Cristo), é associada a uma divindade jeje, Nanã Buruku, senhora dos pântanos e das águas paradas, mãe de Obaluaiê-Xapanã. Pois bem. Desde os tempos de Maria Júlia da Conceição Nazareth, em todo dia 26 de julho, dia da Senhora Sant’Anna, o Terreiro do Gantois mandava celebrar uma missa na igreja do Rio Vermelho – a Igreja de Sant’Anna. Uma missa em homenagem à Senhora Sant’Anna/Nanã Buruku. Missa que era seguida pela festa (batuque candomblezeiro) de Nanã, já no barracão do terreiro. Tudo como acontece ainda hoje, já que a tradição se manteve, chegando aos dias das ialorixás Cleuza (ela mesma, filha de santo de Nanã) e Carmen, ambas filhas biológicas de Menininha do Gantois, com quem, aliás, aprenderam a rezar a Ave-Maria em nagô.

Mas não vou deixar de assinalar, aqui, que a nossa Prefeitura, apesar da boa vontade, não entendeu nada, na reforma que fez no bairro do Rio Vermelho. Para se ter uma ideia, cercou a igreja, tão singela e silenciosa, com rabos de peixe espalhafatosos, gritantes. O contraste é lastimável: a discrição do pequenino templo e a barulheira visual do calçamento à sua volta. Pior: fizeram isso querendo realçar um sincretismo daquela igreja com Iemanjá... Mas a igreja nada tem a ver com Iemanjá – e sim com Nanã Buruku. Não, o prefeito, embora deva, não é obrigado a conhecer a história ou a realidade religiosa de sua gente. Mas podia ter pelo menos um pouco de humildade e feito as devidas perguntas a quem conhece o assunto – dos filhos de santo do Gantois a poetas, cronistas, jornalistas e historiadores locais.

Mas é evidente que as teias e aldeias do sincretismo afrocatólico não se limitam a isso. Um bom exemplo é o da Irmandade da Boa Morte, nascida na Barroquinha e depois levada a Cachoeira do Paraguaçu, cujos nexos com o catolicismo me parecem forte e profundamente orgânicos. A propósito, o sociólogo Gustavo Falcón escreveu: “Para serem aceitas [na Irmandade] as noviças, além de estarem vinculadas a alguma casa de candomblé – geralmente jeje, ketu ou nagô-batá, na região – e professarem o sincretismo religioso, deverão se submeter a uma iniciação que impõe um estágio preparatório de três anos, conhecido pelo nome de ‘irmã da bolsa’, quando é testada a sua vocação. Uma vez aceita, poderá compor algum cargo de diretoria e a cada três anos ascender na hierarquia da Irmandade”.

*The people of Terreiro do Gantois (then known as “the terreiro of Aunt Julia”) served themselves for various purposes on this road that led to the Rio Vermelho. Including promoting playful events in their extension. In the study “O Terreiro do Gantois: Redes Sociais e Etnografia Histórica no Século XIX”, for example, anthropologist Lisa Earl Castillo draws our attention, laterally, to one of these events, reported by the newspaper “O Alabama”, which unveils god-and-the-world in nineteenth-century Bahia. ¶ The newspaper speaks of a “procession” (perhaps it was more necessary to say “procession”, a generic term, without mandatory connotations of religious practice) promoted on the Rio Vermelho Road by “people from Aunt Júlia’s yard”. It is interesting to note, moreover, that those who stand out in the revelry is a daughter of the ialorixá, the young Pulchéria, who would become the second saint’s mother of the house. Later, still in the nineteenth century, the circuit between the city and the Rio Vermelho would be even easier, thanks to the implementation of the tram service, vehicles sliding on rails. Line 14 circulated through the ridges, a path known as Upper Rio Vermelho, and line 15 through Lower Rio Vermelho, following the valleys, through Avenida Vasco da Gama. ¶ But there was also, as I said, the symbolic connection. In the syncretic plots of Bahian religious life, Mrs. Sant’Anna, venerable Catholic saint, mother of the Virgin Mary (and therefore grandmother of Christ himself), is associated with a Jeje deity, Nanã Buruku, mistress of the marshes and still waters, mother of Obaluaiê-Xapanã. Well, since the time of Maria Júlia da Conceição Nazareth, on every July 26th, the day of Mrs. Sant’Anna, Terreiro do Gantois had a mass celebrated in the little church of Rio Vermelho – the Church of Sant’Anna. A Mass in honor of Mrs. Sant’Anna/Nanã Buruku. Mass that was followed by the feast (candomblé man batuque) of Nanã, already in the shed of the terreiro. Everything as it still happens today, since tradition has remained, reaching the days of the ialorixás Cleuza (herself, daughter of Saint of Nanã) and Carmen, both biological daughters of Menininha do Gantois, with whom, incidentally, they learned to pray the Hail Mary in Nagô. ¶ But I will not fail to point out, here, that our city hall, despite the good will, did not understand anything, in the reform it did in the neighborhood of Rio Vermelho. To get an idea, he surrounded the church, so simple and silent, with gaudy, screaming fish tails. The contrast is unfortunate: the discretion of the tiny temple and the visual noisiness of the pavement around it. Worse: they did this in order to highlight the syncretism of that little church with Iemanjá... But the little church has nothing to do with Iemanjá – but with Nanã Buruku. No, the mayor, though he must, is not obliged to know the history or religious reality of his people. But he could have at least a little humility and asked the right questions of those who know the subject – from the sons of Santo do Gantois to local poets, chroniclers, journalists and historians. ¶ But it is clear that the webs and villages of Afro-Catholic syncretism are not limited to this. A good example is that of the Irmandade da Boa Morte, born in Barroquinha and then taken to Cachoeira do Paraguaçu, whose links with Catholicism seem to me strong and deeply organic. By the way, the sociologist Gustavo Falcón wrote: “In order to be accepted [in the Brotherhood] the novices, in addition to being linked to some house of candomblé – usually jeje, ketu or nagô-batá, in the region – and professing religious syncretism, must undergo an initiation that imposes a preparatory internship of three years, known by the name of ‘sister of the bag’, when their vocation is tested. Once accepted, he may compose some board position and every three years ascend in the hierarchy of the Brotherhood”.*

## MAS VAMOS AO SEGUNDO CASO. É PERFEITAMENTE POSSÍVEL FALAR DE UMA CERTA TRADIÇÃO CONVIVIAL COMO CARACTERÍSTICA HISTÓRICA PREPONDERANTE DO ESPAÇO RELIGIOSO BRASILEIRO.

And yet: “The most incredible thing is that the belief system has absorbed with such functionality and creativity the values of the dominant culture, carrying out, in the name of life, complex processes of appropriation as evidenced in the descent of Nossa Senhora à Irmandade, every seven years, to direct in person the celebrations, invested with the figure of Attorney General, celebrating among the living the relativity of death. Such elements can be seen both in the symbolism of clothing and in the precept foods that show recurrent links between this (Aiyê) and the other world (Orum), to use here two expressions already incorporated into the popular language of Bahia”. ¶ That is to say, the organization requires the adherence of its members to syncretism. There is no sister who does not have her Catholic saints and her candomblé saints. The revered ialorixá Filhinha, whom I met in Cachoeira singing erotic sambas with her grandchildren, was syncretic from head to toe. Refusing to accept the current anti-syncretist fashion of neo-black racialism, he said: “I keep all my saints in my heart”. Here, Catholic and African traditions are added or merged variably. It is also believed, as has been said, that every seven years (the time of the Decá of Candomblé), Our Lady herself occupies the position of provider, that is, of maximum leader, assuming the command of the Brotherhood. ¶ But let’s go to the second case. It is perfectly possible to speak of a certain convivial tradition as a preponderant historical characteristic of the Brazilian religious space. We could give examples and more examples of this, in the wake of what we have just mentioned. But I’ll just add one more. The alliance between Cardinal Evaristo Arns and Rabbi Sobel was celebrated in São Paulo, especially around the assassination of journalist Vladimir Herzog by the military dictatorship. ¶ But this also happened in other parts of the country: rapprochement and alliance between figures and institutions of different creeds, from the plane of human and cultural interest to the plane of solidarity and alliance in the struggle against the dictatorship. In Bahia City, the great personality of these engagements was Dom Timóteo Amoroso Anastácio, abbot of the Monastery of São Bento (first Benedictine monastery of the Americas and true space of freedom and refusal of the military regime), who worked with Hélder Câmara, when he organized the CNBB – National Conference of Bishops of Brazil – in the 1950s. Also with Dom Hélder he participated in the group that prepared and accompanied sessions of the Second Vatican Council.

E ainda: “O mais incrível é que o sistema de crenças tenha absorvido com tamanha funcionalidade e criatividade os valores da cultura dominante, realizando, em nome da vida, complexos processos de apropriação como o evidenciado na descida da própria Nossa Senhora à Irmandade, a cada ciclo de sete anos, para dirigir em pessoa os festejos, investida da figura de procuradora-geral, celebrando entre os vivos a relatividade da morte. Tais elementos podem ser constatados tanto na simbologia do vestuário, quanto nas comidas de preceito que evidenciam recorrentes ligações entre este (Aiyê) e o outro mundo (Orum), para utilizar aqui duas expressões já incorporadas à linguagem popular da Bahia”.

Vale dizer, a organização exige a adesão de suas integrantes ao sincretismo. Não há irmã que não tenha seus santos católicos e seus santos candomblezeiros. A reverenciada ialorixá Filhinha, que conheci em Cachoeira cantando sambas de roda eróticos com seus netos, era sincrética da cabeça aos pés. Recusando-se a aceitar a moda antissincretista atual do racismo neonegro, dizia: “guardo todos os meus santos no coração”. So-mam-se ou se fundem variavelmente, aqui, tradições católicas e africanas. Acredita-se, também, como foi dito, que, de 7 em 7 anos (o tempo do decá do candomblé), a própria Nossa Senhora ocupa o cargo de provedora, isto é, de dirigente máxima, assumindo o comando da Irmandade.

Mas vamos ao segundo caso. É perfeitamente possível falar de uma certa tradição convivial como característica histórica preponderante do espaço religioso brasileiro. Poderíamos dar exemplos e mais exemplos disso, no rastro do que acabamos de mencionar. Mas vou apenas a mais um acréscimo. Ficou célebre a aliança, em São Paulo, entre o cardeal Evaristo Arns e o rabino Sobel, especialmente em torno do assassinato do jornalista Vladimir Herzog pela ditadura militar.

Mas isso aconteceu igualmente em outras partes do país: aproximação e aliança entre figuras e instituições de credos distintos, do plano do interesse humano e cultural ao plano da solidariedade e da aliança na luta contra a ditadura. Na Cidade da Bahia, a grande personalidade desses envolvimento foi dom Timóteo Amoroso Anastácio, abade do Mosteiro de São Bento (primeiro mosteiro beneditino das Américas e verdadeiro espaço de liberdade e recusa do regime militar), que trabalhou com Hélder Câmara, quando este organizava a CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil –, na década de 1950. Ainda com dom Hélder participou do grupo que preparava e acompanhava sessões do Concílio Vaticano II.

Veja-se, a propósito, o livro *Igrejas e ditadura militar na Bahia*, do cientista político Joviniano Neto. Em companhia do antropólogo Vivaldo da Costa Lima – o autor de *Família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia* e *Lessé Orixá*, entre outros trabalhos notáveis, e ele mesmo obá de Xangô no Axé do Opô Afonjá –, dom Timóteo estabeleceu relações com o candomblé, tornando-se muito próximo da ialorixá Olga de Alaketu. Quando o conheci pessoalmente, fazíamos ambos parte de uma Comissão de Defesa do Candomblé da Casa Branca, nome pelo qual é mais conhecido o Ilê Axé Iyá Nassô Oká. Mas não era só com o mundo candomblezeiro que dom Timóteo se relacionava. Tinha conexões, também, com o protestantismo tradicional, anterior ao surto “evangélico”.

Basta lembrar o episódio do documento “Eu ouvi os clamores de meu povo”, que teve repercussão na época, tanto no Brasil quanto no exterior. Este documento contra a ditadura e em defesa da liberdade e dos direitos humanos foi impresso secretamente na gráfica do Mosteiro de São Bento, mas um “espia” levou o documento à 6ª. Região Militar, na véspera do seu lançamento. A fim de evitar que os militares bloqueassem a ação, confiscando e destruindo os impressos, tudo foi empacotado e enviado ao pastor presbiteriano Celso Dourado, que escondeu o material do Colégio 2 de Julho. Celso, por sinal, foi um dos criadores de uma dissidência da Igreja Presbiteriana do Brasil, quando esta deu seu apoio ao ditador-general Garrastazu Médici e investiu contra o “progressismo” da Igreja católica. Foi a Igreja Presbiteriana Unida, que tinha sua base no Colégio 2 de Julho (onde estudei e fui seu aluno), cultivando o ecumenismo e a ação social, além de abrigar, no professorado e no alunato, gente de oposição ao regime.

Para encerrar, penso que devemos sublinhar a tradição convivial que marcou historicamente a paisagem das religiões no Brasil. É certo que chegamos a ter diversos atritos, disputas e conflitos neste espaço do sagrado. Mas não eram polarizações excludentes que visassem à eliminação do outro. Pelo contrário, sempre acabamos de alguma forma nos entendendo. Só bem mais recentemente é que uma forte intolerância religiosa irrompeu entre nós, praticamente transformando o campo religioso brasileiro num campo de batalha. Contra isso é que devemos retomar, avivar e celebrar a nossa tradição convivial.

See, by the way, the book “Igrejas e Ditadura Militar na Bahia”, by political scientist Joviniano Neto. In the company of the anthropologist Vivaldo da Costa Lima – the author of “Família de Santo nos Candomblés Jejes-Nagôs da Bahia e Lessé Orixá”, among other notable works, and he himself obá of Xangô in the Axé of Opô Afonjá – Dom Timóteo established relations with candomblé, becoming very close to the ialorixá Olga of Alaketu. When I met him personally, we were both part of a White House Candomblé Defense Commission, the name by which Ilê Axé Iyá Nassô Oká is best known. But it was not only the world of candomblé man that Dom Timothy related to. It also had connections with traditional Protestantism, prior to the “evangelical” outbreak. ¶ Just remember the episode of the document “Eu Ouvi os Clamores de meu Povo”, which had repercussions at the time, both in Brazil and abroad. This document against the dictatorship and in defense of freedom and human rights was secretly printed in the printing press of the Monastery of São Bento, but a “spy” took the document to the 6th Military Region, on the eve of its launch. In order to prevent the military from blocking the action by confiscating and destroying the printed matter, everything was packaged and sent to the Presbyterian pastor Celso Dourado, who hid the material from Colégio 2 de Julho. Celso, by the way, was one of the creators of a dissent of the Presbyterian Church of Brazil, when it gave its support to the dictator-general Garrastazu Médici and invested against the “progressivism” of the Catholic Church. It was the United Presbyterian Church, which had its base in Colégio 2 de Julho (where I studied and was its student), cultivating ecumenism and social action, in addition to housing, in teachers and students, people opposed to the regime. ¶ In closing, I think we should underline the friendly tradition that historically marked the landscape of religions in Brazil. It is true that we have come to have various frictions, disputes and conflicts in this space of the sacred. But they were not exclusive polarizations aimed at eliminating the other. On the contrary, we always end up somehow understanding each other. Only much more recently has a strong religious intolerance broken out among us, practically transforming the Brazilian religious field into a battlefield. It is against this that we must resume, revive and celebrate our convivial tradition.



**16** A VITÓRIA  
CONTEMPORÂNEA

*THE CONTEMPORARY VITÓRIA*

 CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 141



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRÇÃO DA IMAGEM 142



Imagem aérea do Corredor da Vitória / Aerial image of the Corredor da Vitória

**NAS DÉCADAS DE 1930 E 1940, A VITÓRIA NÃO TINHA UM SÓ ARRANHA-CÉU.** Era espaço privilegiado de chácaras com seus casarões, mansões de moradores que integravam o clube dos habitantes mais ricos da cidade.

O movimento na avenida Oceânica era então bem reduzido. Havia ainda quem fosse de Brotas ao Rio Vermelho a cavalo, a fim de visitar amigos. Brotas, aliás, permanecia uma espécie de bairro semirural, com ruas de terra, sítios, pequenas roças, onde se compravam frutas e verduras. Era possível até comprar leite em algum estábulo ou curral. Assim como era possível nadar, mergulhar e pescar no rio Lucaia. O topônimo Rio Vermelho, por sinal, vinha do cambará, arbusto de flores perfumadas e frutos vermelhos que vicejava nas margens do rio a que os Tupinambás deram o nome de Camarajipe. Estudando o assunto, o historiador e tupinólogo alemão Frederico Edelweiss escreveu: “Camará ou Cambará é uma flor vistosa, de matizes amarelo-vermelhos, que deram o nome português [Rio Vermelho] ao Camarajy dos índios por atapetarem as suas margens” – uma planta nativa do Brasil, que ganhou o nome científico de Lantana Cambara ou Lantana Brasiliensis. Amaralina e Pituba, por sua vez, nessa época, ainda não eram nada.

Mas as coisas vieram mudando. Na própria década de 1930, assistimos à construção da supramencionada avenida Oceânica (oficialmente, avenida Getúlio Vargas; os baianos realmente parecem gostar de passar ao largo das denominações oficiais das coisas – mesmo mais recentemente, todos dizem avenida Paralela, e a maioria da população local nem sequer sabe que seu nome oficial é avenida Luiz Viana Filho; e a rua Adhemar de Barros, nome do famigerado político do “rouba, mas faz”, virou “a praça das gordinhas”, denominação, aliás, infinitamente mais simpática).

Abriu-se assim a ligação asfáltica entre o Farol da Barra e a Praia da Paciência, no Rio Vermelho. Vemos aqui, com clareza, uma *escolha urbana* destinada a reger o destino futuro da cidade ainda hoje, nessas primeiras décadas do século XXI. Foi a nossa *opção litoral*. Induzida pelo governo. Basta pensar sobre o fato de que, quando a avenida Oceânica foi inaugurada, não havia uma ocupação imobiliária contínua entre o atual Morro do Cristo e o Rio Vermelho. (Por falar no atual Morro do Cristo é bom lembrar que existia o antigo, onde ficava uma estação de radiotelegrafia. Era ali que ficava a estátua do Cristo, depois removida para a Praia do Farol – e o antigo acabou ocupado, sabe-se lá por quais caminhos, pela Aeronáutica, depois do golpe militar de 1964).

A cidade não contava ainda nem com 300 mil habitantes – e a área onde hoje se estende o bairro de Ondina (a antiga Fazenda da Areia Preta) era praticamente deserta. Gente, gente mesmo, só era encontrável no Morro da Sereia, do lado da praia, e, do outro lado, na Vila Matos, atravessada por bondes. Cerca de uma década depois, a abertura da avenida Octávio Mangabeira, avançando adiante pela orla e, também, varando vazios, no sentido norte, confirmaria aquela *opção litoral*.

Aconteceu por aí a primeira onda de verticalização da Vitória, de que é exemplo o Edifício Manoel Victorino, examinado pelo arquiteto Márcio Correia Campos, em *Minha vaga, minha morada – Arquitetura para pessoas e automóveis em Salvador, Bahia*. De fato, concordando com Márcio, podemos falar, em termos gerais, de três ondas de verticalização da cidade. Mas vamos, em primeiro lugar, colocar as coisas em perspectiva histórica.

In the 1930s and 1940s, Vitória did not have a single skyscraper. It was a privileged space of farms with their mansions, mansions of residents who were part of the club of the richest inhabitants of the city. The movement on the Avenida Oceânica was then greatly reduced. There were also those who went from Brotas to the Rio Vermelho on horseback in order to visit friends. Brotas, moreover, remained a kind of semi-rural neighborhood, with dirt streets, places, small farms, where fruits and vegetables were bought. It was even possible to buy milk in a stable or corral. Just as it was possible to swim, dive and fish in the Lucaia River. The toponym Rio Vermelho, by the way, came from the cambará, a shrub of fragrant flowers and red fruits that thrived on the banks of the river that the Tupinambás called Camarajipe. Studying the subject, the German historian and tupinologist Frederico Edelweiss wrote: “Camará or Cambará is a showy flower, of yellow-red hues, which gave the Portuguese name [Rio Vermelho] to the Camarajy of the Indians for carpeting their banks” – a plant native to Brazil, which gained the scientific name of Lantana Cambara or Lantana Brasiliensis. Amaralina and Pituba, in turn, at that time, were still nothing. But things have been changing. In the 1930s itself, we witnessed the construction of the aforementioned Avenida Oceânica (officially, Avenida Getúlio Vargas; the Bahians really seem to like to go beyond the official denominations of things – even more recently, everyone says Avenida Paralela, and the majority of the local population does not even know that its official name is Avenida Luiz Viana Filho; and Rua Adhemar de Barros, name of the notorious politician who steals, but works, became “Praça das Gordinhas”, a denomination, in fact, infinitely more sympathetic. Thus, the asphalt connection between Farol da Barra and Praia da Paciência, in Rio Vermelho, was opened. We see here, clearly, an urban choice designed to govern the future destiny of the city even today, in these first decades of the 21st century. It was our coastal option. Government-induced. Just think about the fact that, when the Avenida Oceânica was inaugurated, there was no continuous real estate occupation between the current Morro do Cristo and the Rio Vermelho. (Speaking of the current Morro do Cristo, it is good to remember that there was the old one, where there was a radio-telegraphy station. It was there that the statue of Christ was, then removed to Praia do Farol – and the old one ended up occupied, who knows which way, by the Air Force, after the military coup of 1964). The city did not even have 300 thousand inhabitants – and the area where the Ondina neighborhood (the former Fazenda da Areia Preta) now extends was practically deserted. It was only possible to find people in Morro da Sereia, on the beach side, and, on the other side, in Vila Matos, crossed by trams. About a decade later, the opening of Avenida Octávio Mangabeira, advancing forward along the waterfront and also sweeping empty, in the north direction, would confirm that coastal option. The first wave of verticalization of Vitória took place, such as the Manoel Victorino Building, examined by architect Márcio Correia Campos, in “Minha Vaga, Minha Morada – Arquitetura para Pessoas e Automóveis em Salvador, Bahia”. In fact, agreeing with Márcio, we can speak, in general terms, of three waves of verticalization of the city. But let us, first of all, put things in historical perspective.

Contrary to popular belief, verticalization is not a modern process. Rome, even before the time of Julius Caesar, was a city of more or less tall buildings, as Peter Hall reminds us in “Cities in Civilization”. A predominantly vertical city, where the traditional house, *domus*, was surmounted by buildings of three to six floors, which became the most common type of Roman residential construction, reproducing by the thousands. Architectural type that has been growing upward over time. “Apartment buildings reaching up to ten stories high already existed in the final period of the Roman Empire,” Joseph Rykwert informs in one of his books. ¶ In Brazil, the old manor houses of Recife, as well as the buildings of baroque complexes such as those of Cais das Amarras, in Salvador, had up to half a dozen floors. That is to say: the process of verticalization of our main cities began even during colonial times. And this from the moment that materials and construction techniques allowed a pavement to be placed on another, making the richest houses rise towards the sky, here and there rivaling in height the towers of the churches of that ostensibly Catholic world – and the Iberian kind of Catholicism. Sobrados that did not rise higher for the simple reason that, at that time, among other things, there were no elevators. But if the region of the oldest center of Salvador became vertical from an early age, as we can still see today in the space that extends between the Terreiro de Jesus, the Cruzeiro de São Francisco and the Church of Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, other points of the city remained creeping, with buildings guided by horizontality. ¶ As happened, for example, with Campo Grande, Garcia and Corredor da Vitória. These are places that will only know verticalization with the arrival of the twentieth century. I see the first advance of verticalization, in the Corredor da Vitória, as a residential extension of the waves of the new buildings built just before in the central region of the city. Milton Santos points out that “throughout the Upper City, before 1940, there was only one property with eight floors: it was a hotel, on Rua Chile”. But, at the beginning, the transformation expanded, initially establishing itself in the port area and, above, in the area where luxury retail trade began to concentrate, signaling that the Upper City had definitively lost its exclusively residential function. ¶ “The first skyscrapers appear timidly [sic – I can’t imagine how a building of eight or ten floors can be “timid”], on the landfills of the port, in the Lower City, built by banks and large commercial companies and, in the Upper City, along the most important roads, in order to house public services, hotels, newspapers, etc.”. Still the same Milton Santos, in his pioneering study of what we now treat as the “historic center” of Salvador: ¶ “In this street [Chile] there was also a property with five floors (another hotel), three with four floors and eight with three floors. On Rua Ruy Barbosa, there were seven properties with three floors and the others were lower. In Rua da Ajuda, currently Rua Padre Vieira, there was a property with four floors and seven with three. In 1957, the situation is different. On Rua Chile, there are two properties with ten floors, one with nine, one with eight, three with seven, one with five, two with four, nine with three, and four with two. The transformation of Rua Ruy Barbosa is over; several buildings with eight and nine floors appear: there were seven already in 1957. One side of Rua da Ajuda benefits from the modernization of Rua Chile, as the establishments usually have two facades, one on each street (sometimes three, if there is a cross street, as in the case of the South America Building).

Ao contrário do que se costuma pensar, a verticalização não é um processo moderno. Roma, antes mesmo da época de Júlio César, foi uma cidade de prédios mais ou menos altos, como nos lembra Peter Hall em *Cities in Civilization*. Uma cidade predominantemente vertical, onde a casa tradicional, *domus*, foi sobrepujada por prédios de três a seis pavimentos, que se tornaram o tipo mais comum de construção residencial romana, reproduzindo-se aos milhares. Tipo arquitetural que foi crescendo para cima com o passar do tempo. “Prédios de apartamentos alcançando até dez andares de altura já existiam no período final do Império Romano”, informa Joseph Rykwert, num de seus livros.

No Brasil, os antigos sobrados senhoriais do Recife, assim como os edifícios de conjuntos barrocos como os do Cais das Amarras, em Salvador, apresentavam até meia dúzia de andares. Vale dizer: o processo de verticalização de nossas principais cidades começou ainda durante os tempos coloniais. E isso a partir do momento em que materiais e técnicas de construção permitiram que um pavimento fosse colocado sobre outro, fazendo as casas mais ricas subirem em direção ao céu, aqui e ali rivalizando em altura com as torres das igrejas daquele mundo ostensivamente católico – e da espécie ibérica de catolicismo. Sobrados que não se elevaram mais alto pela simples razão de que, naquela época, entre outras coisas, não existiam elevadores. Mas, se a região do centro mais antigo de Salvador se verticalizou desde muito cedo, como ainda hoje podemos ver no espaço que se estende entre o Terreiro de Jesus, o Cruzeiro de São Francisco e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, outros pontos da cidade permaneceram rasteiros, com construções pautadas pela horizontalidade.

Como aconteceu, por exemplo, com o Campo Grande, o Garcia e o Corredor da Vitória. São lugares que só conhecerão a verticalização com a chegada do século XX. Vejo o primeiro avanço da verticalização, no Corredor da Vitória, como um prolongamento residencial das ondas dos novos prédios construídos pouco antes na região central da cidade. Milton Santos assinala que, “em toda a Cidade Alta, antes de 1940, havia apenas um imóvel com oito andares: era um hotel, na rua Chile”. Mas, ao começar, a transformação se expandiu, firmando-se inicialmente na zona portuária e, acima, na zona onde passou a se concentrar o comércio varejista de luxo, sinalizando que a Cidade Alta perdera definitivamente sua função exclusivamente residencial.

“Aparecem, timidamente [sic – não consigo imaginar como um prédio de oito ou dez andares pode ser “tímido”], os primeiros arranha-céus, sobre os aterros do porto, na Cidade Baixa, construídos por bancos e grandes empresas comerciais e, na Cidade Alta, ao longo das mais importantes vias de circulação, com o objetivo de abrigar serviços públicos, hotéis, jornais etc.”. Ainda o mesmo Milton Santos, em seu estudo pioneiro sobre o que hoje tratamos como o “centro histórico” de Salvador:

“Nessa rua [Chile] havia ainda um imóvel com cinco andares (outro hotel), três com quatro andares e oito com três andares. Na rua Ruy Barbosa, havia sete imóveis com três andares e os outros eram mais baixos. Na rua da Ajuda, atual rua Padre Vieira, havia um imóvel com quatro andares e sete com três. Em 1957, a situação é diferente. Na rua Chile, há dois imóveis com dez andares, um com nove, um com oito, três com sete, um com cinco, dois com quatro, nove com três, e quatro com dois. Termina-se a transformação da rua Ruy Barbosa; aparecem vários prédios com oito e nove andares: eram sete já em 1957. Um dos lados da rua da Ajuda se beneficia da modernização da rua Chile, pois os estabelecimentos têm geralmente duas fachadas, uma sobre cada rua (algumas vezes três, se há uma rua transversal, como no caso do Edifício Sul-América). Do outro lado da

▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 143



Edifício Monsenhor Marques, construído pelo arquiteto japonês Yoshiakira Katsuki  
*Monsenhor Marques building, built by Japanese architect Yoshiakira Katsuki*

▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 144



Primeiro edifício residencial do Corredor da Vitória, construído por Arezo da Fonseca  
*First residential building in the Corredor da Vitória, built by Arezo da Fonseca*

▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 145



Residência da família Emília e Severo de Albuquerque, no período de 1939 a 1970  
*Residence of the Emília and Severo de Albuquerque family, from 1939 to 1970*



Prédio que abriga o Museu de Arte da Bahia, em estilo neocolonial, datado de 1674  
*Building that houses the Museum of Art of Bahia, in neocolonial style, dating from 1674*

▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 147

▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 146



Casarão em estilo colonial que serviu de moradia da família Costa Pinto, construído em 1958  
*Colonial-style house that served as the home of the Costa Pinto family, built in 1958*



Casarão Cunha Guedes, do século 19, foi a antiga sede do tradicional Clube Fantoche da Euterpe  
*Cunha Guedes House, from the 19th century, was the former seat of the traditional Clube Fantoche da Euterpe*

▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 148

rua, os imóveis com mais de sete andares são em número de cinco, cifra considerável em relação à extensão da rua, que é pequena. [...]. O núcleo do centro alto começou a perder seu aspecto linear, pois o comércio e os serviços públicos desbordaram sobre as ruas da Ajuda, Padre Vieira [não é a mesma d'Ajuda?] e Ruy Barbosa, ladeadas, agora, por edifícios com vários andares. Na rua Carlos Gomes, paralela à avenida Sete de Setembro, altos edifícios surgiram. Mais recentemente, a Praça da Sé também está conhecendo os inícios de sua transformação, pois grandes e belos arranha-céus constroem-se aí”.

Ao me aproximar de Salvador e contemplar a cidade do mar, vindo da Ilha de Itaparica na barca que sai do Mar Grande, diviso logo a continuidade existente entre os prédios da Carlos Gomes e os do Corredor da Vitória. Por isso mesmo, vejo a primeira onda de verticalização da Vitória como um prolongamento residencial da onda que vem do centro antigo da cidade. Mas os primeiros e mais fortes signos da modernização arquitetônica, fora já do centro, mas ainda não na Vitória, não são vistos do mar, nem possuem natureza residencial. Estão no Campo Grande. São o prédio estreito, longo e colorido do Hotel da Bahia, do final da década de 1940, e o Teatro Castro Alves, projetado por Bina Fonyat, cuja ousadia neobarroquista levou o poeta e crítico Clarival Valladares a entrever o estabelecimento de um diálogo de formas entre o teatro e os templos barrocos da Bahia antiga.

Mas deixemos o Campo Grande de parte. Em troca de e-mails comigo, o arquiteto Márcio Correia Campos situa a primeira onda de verticalização da Vitória, em termos cronológicos, entre a década de 1950 e inícios da de 1970. Na base da apreciação (ou leitura) tipológica, ele dá ressaltos a algumas características comuns dessa investida verticalizante. São elas: a ocupação longitudinal dos lotes, com edifícios de uma ou duas torres (nesse último caso, sem recuo lateral entre as torres), dois apartamentos por andar e a maior parte dos cômodos voltada para a lateral do lote – não para a rua, a Baía de Todos-os-Santos ou o Vale do Canela.

*Across the street, the properties with more than seven floors are in number of five, considerable in relation to the length of the street, which is small. [...]. The nodule of the upper center began to lose its linear aspect, as commerce and public services overflowed the streets of Ajuda, Padre Vieira [isn't it the same as d'Ajuda?] and Ruy Barbosa, now flanked by buildings with several floors. On Rua Carlos Gomes, parallel to Avenida Sete de Setembro, tall buildings emerged. More recently, Praça da Sé is also getting to know the beginnings of its transformation, because large and beautiful skyscrapers are built there.”* *As I approach Salvador and contemplate the city of the sea, coming from Itaparica Island on the boat that leaves the Mar Grande, I immediately divide the continuity between the buildings of Carlos Gomes and those of the Corredor da Vitória. For this reason, I see the first wave of verticalization of Vitória as a residential extension of the wave that comes from the old center of the city. But the first and strongest signs of architectural modernization, outside the center, but not yet in Vitória, are not seen from the sea, nor do they have a residential nature. They're in Campo Grande. They are the narrow, long and colorful building of the Hotel da Bahia, from the late 1940s, and the Castro Alves Theater, designed by Bina Fonyat, whose neo-baroque boldness led the poet and critic Clarival Valladares to glimpse the establishment of a dialogue of forms between the theater and the Baroque temples of the ancient Bahia.”* *But let's leave Campo Grande out of it. In exchange for emails with me, architect Márcio Correia Campos places the first wave of verticalization of Vitória, in chronological terms, between the 1950s and the beginning of the 1970s. On the basis of typological appreciation (or reading), it highlights some common characteristics of this verticalizing attack. They are: the longitudinal occupation of the lots, with buildings of one or two towers (in the latter case, without lateral retreat between the towers), two apartments per floor and most of the rooms facing the side of the lot – not the street, the Bay of All Saints or the Vale do Canela.*

*A CIDADE NÃO CONTAVA AINDA NEM COM 300 MIL HABITANTES – E A ÁREA ONDE HOJE SE ESTENDE O BAIRRO DE ONDINA (A ANTIGA FAZENDA DA AREIA PRETA) ERA PRATICAMENTE DESERTA. GENTE, GENTE MESMO, SÓ ERA ENCONTRÁVEL NO MORRO DA SEREIA, DO LADO DA PRAIA, E, DO OUTRO LADO, NA VILA MATOS, ATRAVESSADA POR BONDES. CERCA DE UMA DÉCADA DEPOIS, A ABERTURA DA AVENIDA OCTÁVIO MANGABEIRA, AVANÇANDO ADIANTE PELA ORLA E, TAMBÉM, VARANDO VAZIOS, NO SENTIDO NORTE, CONFIRMARIA AQUELA OPÇÃO LITORAL. ACONTECEU POR AÍ A PRIMEIRA ONDA DE VERTICALIZAÇÃO DA VITÓRIA, DE QUE É EXEMPLO O EDIFÍCIO MANOEL VICTORINO.*

*This would be the predominant model among the buildings of the period, which extend from the beginning of Corredor to the mansion that today houses, in a curious and suspicious architectural salad (with the bars of the jacaranda staircase, for example, uprooted from the Church of Santo Antonio do Paraguaçu, in Recôncavo), the Art Museum of Bahia. Márcio also notes that, in this first verticalizing wave, the land occupancy index is higher than in the following two waves – which means that, although the buildings have a lower height, the population density tends to be higher. An example of this first wave is the aforementioned Manoel Victorino Building, another beautiful project by Bina Fonyat. Let’s see his “file”, in the book by Márcio Correia Campos: ¶ “Like other buildings built in the first wave of verticalization of Vitória, the Manoel Victorino Building occupies the land longitudinally, corresponding to two units of vertical circulation united without lateral recoil from each other, marked externally in volume by the sculptural water tanks on the roof. Its implementation establishes a much larger lateral setback than the other, allowing space for the smooth ramp to access the garage and for parking. The volume of the garage occupies only the projection of the building and the level below the ramp, presenting a reduced size and an insertion in the cut of the land that reserve the formal protagonism for the pure volume above the street level. Massive, of horizontal predominance, this volume [what we normally treat as “the building”] is marked by the elegance and refinement of the design of the frames, whose marking through the marquees underlines the modernist conception of windows in tape and free façade.” ¶ But let’s go to a value judgment: Manoel Victorino, in spite of this not very attractive name, is a building thought and made with refinement, unlike other excavated buildings of the street, which display very expensive apartments, with strong sunstroke and aesthetic and functionally smaller. ¶ The second wave of verticalization of the Vitória Broker happens from the mid-1970s. I think that what is at the very center of this second wave is the transformation, into merchandise, of the landscape outside the architectural object. The great guiding principle is now the sudden (and enormous) appreciation of what then came to be routinely treated as “the view”, which opens outside the residential unit. As far as I know, never before had one attributed such high material, commercial value to the landscape uncovered through the openings of the house to the outside, such as windows and balconies. ¶ “View” became a commodity, synonymous with privilege, luxury and even “quality of life”. Real estate advertising put a full emphasis on that. To apartments that were distinguished, in the urban space, by their “view” to a certain valley or forest. And then, mainly, to the top of the apartment “overlooking the sea”. It would be very interesting to follow this process, but this is not where we are going to do it. At the moment, I must limit myself to saying that the aesthetic and financial valuation of the “view” – and the “sea view” – is recent. ¶ Just think, regarding the history and space of a city like Salvador, in the neighborhood of Santo Antonio Além do Carmo, entirely facing the sea. At the time that city segment was built, the “view” did not exist as a real estate value and a sign of social distinction. In Santo Antonio, the houses are facing the street, not the Bay of All Saints. Our great blue gulf is seen from the “service area” and the yard, not from the “social area” of the house (note how absurdly prejudiced this label “social area” is, as if it were not “social” the area of housing occupied by current domestic slaves).*

Este seria o modelo predominante entre os prédios do período, que se estendem do início do Corredor ao casarão que hoje abriga, numa curiosa e suspeita salada arquitetônica (com as grades da escadaria de jacarandá, por exemplo, arrancadas da Igreja de Santo Antônio do Paraguaçu, no Recôncavo), o Museu de Arte da Bahia. Márcio observa ainda que, nesta primeira onda verticalizante, o índice de ocupação do solo é maior do que nas duas ondas seguintes – o que significa que, embora os prédios tenham altura menor, a densidade populacional tende a ser maior. Exemplar dessa primeira onda é o já mencionado Edifício Manoel Victorino, outro belo projeto de Bina Fonyat. Vejamos sua “ficha”, no livro de Márcio Correia Campos:

“Como outros edifícios construídos na primeira onda de verticalização da Vitória, o Edifício Manoel Victorino ocupa o terreno longitudinalmente, correspondendo a duas unidades de circulação vertical unidas sem recuo laterais entre si, marcadas externamente no volume pelas escultóricas caixas d’água na cobertura. Sua implantação estabelece um recuo lateral bem maior que o outro, possibilitando espaço para a rampa suave de acesso à garagem e para estacionamento. O volume da garagem ocupa tão somente a projeção do edifício e o nível abaixo da rampa, apresentando uma dimensão reduzida e uma inserção no corte do terreno que reservam o protagonismo formal para o volume puro acima do nível da rua. Maciço, de predominância horizontal, este volume [o que normalmente tratamos como “o prédio”] está marcado pela elegância e refinamento do desenho das esquadrias, cuja marcação através das marquises sublinha a concepção modernista de janelas em fita e fachada livre”.

Mas vamos a um juízo de valor: o Manoel Victorino, em que pese este nome não muito atrativo, é um prédio pensado e feito com requinte, diversamente de outros edifícios espantosos da rua, que exibem apartamentos caríssimos, com forte insolação e feito estética e funcionalmente menor.

A segunda onda de verticalização do Corredor da Vitória acontece a partir dos meados da década de 1970. Penso que o que está no centro mesmo desta segunda onda é a transformação, em mercadoria, da paisagem externa ao objeto arquitetônico. O grande princípio norteador é agora a súbita (e enorme) valorização do que então passou a ser rotineiramente tratado como “a vista”, que se abre fora da unidade residencial. Até onde eu saiba, nunca antes se tinha atribuído tão alto valor material, comercial, à paisagem descortinável através das aberturas da casa para o exterior, como janelas e varandas.

A “vista” se converteu em mercadoria, como sinônimo de privilégio, luxo e até “qualidade de vida”. A publicidade imobiliária deu ênfase total a isso. A apartamentos que se distinguiam, no espaço urbano, por sua “vista” para determinado vale ou bosque. E depois, principalmente, ao suprássimo do apartamento “com vista para o mar”. Seria até bem interessante acompanhar este processo, mas não é aqui que vamos fazê-lo. Devo de momento me limitar a dizer que é recente a valorização estético-financeira da “vista” – e da “vista para o mar”.

Basta pensar, com relação à história e ao espaço de uma cidade como Salvador, no bairro de Santo Antônio Além do Carmo, inteiramente de costas para o mar. Na época em que aquele segmento cidadão foi construído, a “vista” não existia como valor imobiliário e sinal de distinção social. No Santo Antônio, as casas estão voltadas para a rua, não para a Baía de Todos-os-Santos. Nosso grande golfo azul é visto da “área de serviço” e do quintal, não da “área social” da casa (note-se como é absurdamente preconceituoso, aliás, este rótulo “área social”, como se não fosse “social” a área da moradia ocupada pelos atuais escravos domésticos).

*A SEGUNDA ONDA DE VERTICALIZAÇÃO DO CORREDOR DA VITÓRIA ACONTECE A PARTIR DOS MEADOS DA DÉCADA DE 1970. PENSO QUE O QUE ESTÁ NO CENTRO MESMO DESTA SEGUNDA ONDA É A TRANSFORMAÇÃO, EM MERCADORIA, DA PAISAGEM EXTERNA AO OBJETO ARQUITETÔNICO. O GRANDE PRINCÍPIO NORTEADOR É AGORA A SÚBITA (E ENORME) VALORIZAÇÃO DO QUE ENTÃO PASSOU A SER ROTINEIRAMENTE TRATADO COMO “A VISTA”, QUE SE ABRE FORA DA UNIDADE RESIDENCIAL.*

E isso também se pode dizer dos casarões oitocentistas do Corredor da Vitória. O mar só será de fato privilegiado, transformado em mercadoria, em valor imobiliário, na segunda onda verticalizante daquele recanto. Agora, voltando a Márcio Correia Campos, os edifícios passam a ocupar lotes maiores. Impõe-se a tendência à construção de prédios com apenas um apartamento por andar. E a “área social” – vale dizer, o espaço de convívio dos integrantes da família e dos seus visitantes igualmente ricos – passa a se voltar para o poente da Baía.

Entre as décadas de 1980 e 1990, finalmente, surge mais um traço distintivo desta nova onda de verticalização: a preservação de casarões/mansões, tanto os mais antigos quanto os mais modernos, que existiam nos terrenos da construção de novos prédios. Transformados em entidades culturais ou em salão de festas, são um elemento precioso do *marketing* imobiliário, a sinalizar tanto o *pedigree* do lote, quanto uma suposta preocupação com a memória urbana, também hoje assumindo aspecto comercial. Coisa de consumo chique, “aristocrático”, para encantar *nouveau riche*.

De qualquer sorte, motivações marqueteiras à parte, este preservacionismo teve sua consequência positiva, como no caso da preservação da casa projetada pelo arquiteto Diógenes Rebouças, onde hoje se encontra instalado o Museu Carlos Costa Pinto, com, entre muitas outras coisas, sua pequena e preciosa coleção das chamadas “joias de crioula”, belas e refinadas peças que a ourivesaria baiana produziu nos séculos XVIII e XIX – e que, embora não ostentassem motivos africanos, eram usadas exclusivamente por pretas e mulatas da Cidade da Bahia e do Recôncavo, algumas das quais se tornaram personalidades de relevo em nossa vida cultural e religiosa, como as fundadoras da Irmandade da Boa Morte ou de Marcelina Obatossí, primeira mãe de santo do terreiro da Casa Branca do Engenho Velho.

O fascinante, nessa história, é que essas mulheres – algumas africanas, como Iyá Nassô e Otampê Ojaró (a fundadora do terreiro do Alaketu), outras já brasileiras – alcançaram o que à primeira vista seria considerado impossível. Numa sociedade escravista como a nossa, conseguiram ganhar dinheiro, comprar suas cartas de alforria ou “de liberdade” e, já devidamente capitalizadas, passaram a investir preferencialmente na compra de escravos, imóveis e joias. Ou seja: eram escravas que se converteram em senhoras de escravos, integrando a elite econômica negra que deu origem ao candomblé jeje-nagô da Bahia.

*And the same can be said of the 19th-century houses of the Corredor da Vitória. The sea will only be privileged, transformed into merchandise, in real estate value, in the second verticalizing wave of that nook. Now, returning to Márcio Correia Campos, the buildings now occupy larger lots. There is a tendency to build buildings with only one apartment per floor. And the “social area” – that is to say, the living space of family members and their equally wealthy visitors – now turns to the west of the Bay. ¶ Between the 1980s and 1990s, another distinctive feature of this new wave of verticalization emerges: the preservation of mansions, both the oldest and the most modern, that existed on the land of the construction of new buildings. Transformed into cultural entities or a ballroom, they are a precious element of real estate marketing, signaling both the pedigree of the lot, as well as a supposed concern with urban memory, also today assuming a commercial aspect. Fancy consumer thing, “aristocratic”, to delight nouveau riche. ¶ In any case, market motivations aside, this preservationism had its positive consequence, as in the case of the preservation of the house designed by the architect Diógenes Rebouças, where the Carlos Costa Pinto Museum is located today, with, among many other things, its small and precious collection of so-called “creole jewels”, beautiful and refined pieces that the Bahian jewelry industry produced in the eighteenth and nineteenth centuries – and which, although not bearing African motifs, were used exclusively by blacks and mulattos from the City of Bahia and Recôncavo, some of which became prominent personalities in our cultural and religious life, such as the founders of the Irmandade da Boa Morte or Marcelina Obatossí, the first saint’s mother of the terreiro of Casa Branca do Engenho Velho. ¶ What is fascinating, in this story, is that these women – some Africans, such as Iyá Nassô and Otampê Ojaró (the founder of the Alaketu terreiro), others already Brazilian – achieved what at first sight would be considered impossible. In a slave society like ours, they managed to make money, buy their freedom letters and, already properly capitalized, started to invest preferentially in the purchase of slaves, real estate and jewelry. That is: they were slaves who became slave ladies, integrating the black economic elite that gave rise to the jeje-nagô candomblé of Bahia.*





*But the great architectural achievement with which we must have, in this brief period, is not the bourgeois house of Diógenes Rebouças, the author of the wonderful “Salvador da Bahia de Todos os Santos no Século XIX” – but the building designed by Katsuki – the Japanese Yoshiaki-ra Katsuki – in Largo da Vitória. Built between 1974 and 1976, in the middle of the decade, therefore, the building was baptized with the name of Residential Building Monsenhor Marques. It is a building of luxury apartments, imposing and bold, standing remarkably on its pillars in Y and the Portuguese stone floor of the ground floor, designed by Juarez Paraíso, Bahian artist. In this project as in others, Katsuki embodied a mixture of technique and very rare innovative disposition to find himself in the massive production of buildings for the real estate market, from the 1970s. ¶ In fact, architects Carlos Lemos and Jorge Wilhelm coincide in stating that entrepreneurs and real estate agents do not take architects and architectures seriously. “It is not a good idea to live, but rather to invest based on numerous subjective pretexts that investors detect with the utmost ease. These aspirations of the bourgeoisie are translated into armed concrete, without a well identified direct responsible, and certainly the architects are heard last, when they are heard”. Here, Katsuki’s building in Largo da Vitória is certainly an exception. Because only recently, in the passage to the 21st century, some architects returned to the cards, as we can see in the new buildings erected in very slender lots, in Vila Madalena, in São Paulo. ¶ From another angle, we must remember that there was a moment when the richest abandoned the Corredor da Vitória. (I talked about it with the architect Márcio Correia Campos and the entrepreneur Pedro Novis). I do not know exactly what different directions they have taken, although I always have the impression that the rich Bahians circulate in the herd way, in spasmodic movements through urban space. Some of them, at least, seem to have ended up in Morro do Ipiranga. The site was urbanized and was already entirely taken over by buildings in the late 1960s, some of them designed by the architects Assis Reis and Diógenes Rebouças (in fact, it dates back to 1952 a mansion signed by Diógenes, the architect who designed, among other things, the Avenida de Contorno, the Escola Parque, the Hotel da Bahia and the expansion of the old Fonte Nova stadium). ¶ There was then a process of real estate devaluation of Vitória. A process of classemedianization of that residential area, which undoubtedly affected the quality of the built environment. A building like Apollo 28, with bedroom and living room apartments, should be seen as the most acute expression of this classemedianization process – which was not even of the traditional middle class of the city, but of a well classemedian middle class. ¶ Only later, on the way to the 1990s, will we have a movement to reverse the process. It happens with return to (or arrival at) the multi-millionaire Vitória of varying caliber. Old rich – or new rich from, among other things, politics, advertising–electoral marketing, the entertainment sector (the great life dream of the current new Bahian rich is to have an apartment in Vitória, a partner title of the Yacht Club and, if possible, a beach house in a closed condominium on the north coast of the city, between Interlagos and Sauípe). ¶ The milestone of this “black money” turnaround, so to speak, is the implementation of the Costa Pinto Mansion building, in the mid or second half of the 1980s. Considered the best apartment building so far built in Bahia,*

Mas a grande realização arquitetônica com que temos de nos haver, nesse breve período, não é a casa burguesa de Diógenes Rebouças, o autor do maravilhoso *Salvador da Bahia de Todos os Santos no século XIX* – e sim o prédio projetado por Katsuki – o japonês Yoshiakira Katsuki – no Largo da Vitória. Construído entre os anos de 1974 e 1976, meados da década, portanto, o prédio foi batizado com o nome de Edifício Residencial Monsenhor Marques. É um prédio de apartamentos de luxo, imponente e ousado, erguendo-se de modo marcante sobre seus pilares em Y e o piso em pedra portuguesa do térreo, desenhado por Juarez Paraíso, artista plástico baiano. Nesse projeto como em outros, Katsuki encarnou uma mescla de técnica e disposição inovadora muito rara de se encontrar na produção massiva de prédios para o mercado imobiliário, a partir da década de 1970.

Aliás, os arquitetos Carlos Lemos e Jorge Wilhelm coincidem na afirmação de que empresários e agentes imobiliários não levam arquitetos e arquiteturas a sério. “Não se pensa bem em morar, mas sim em investir a partir de inúmeros pretextos de ordem subjetiva que os investidores detectam com a maior facilidade. Esses anseios da burguesia são traduzidos em concreto armado, sem que haja um responsável direto bem identificado, e certamente os arquitetos são ouvidos por último, quando são ouvidos”. Aqui, o prédio de Katsuki no Largo da Vitória é certamente uma exceção. Porque só recentemente, na passagem para o século XXI, alguns arquitetos voltaram a dar as cartas, como podemos ver nos novos prédios erguidos em lotes bem esguios, na Vila Madalena, em São Paulo.

De outro ângulo, não devemos deixar de lembrar que houve um momento em que os mais ricos abandonaram o Corredor da Vitória. (Conversei sobre o assunto com o arquiteto Márcio Correia Campos e o empresário Pedro Novis). Não sei exatamente quais os diversos rumos que tomaram, embora tenha sempre a impressão de que os ricos baianos circulam à maneira de manada, em movimentos espasmódicos pelo espaço urbano. Uma parte deles, ao menos, parece ter ido parar no Morro do Ipiranga. O local foi urbanizado e já estava inteiramente tomado por construções no final da década de 1960, algumas delas projetadas pelos arquitetos Assis Reis e Diógenes Rebouças (na verdade, data já de 1952 uma mansão assinada por Diógenes, o arquiteto que projetou, entre outras coisas, a avenida de Contorno, a Escola Parque, o Hotel da Bahia e a ampliação do antigo estádio da Fonte Nova).

Ocorreu então um processo de desvalorização imobiliária da Vitória. Um processo de classemedianização daquela zona residencial, que sem dúvida afetou a qualidade do ambiente construído. Um prédio como o Apollo 28, com apartamentos de quarto e sala, deve ser visto como a expressão mais aguda desse processo de classemedianização – que não foi sequer da classe média tradicional da cidade, mas de uma classe média bem classemediana mesmo.

Só mais tarde, a caminho da década de 1990, teremos um movimento de reversão do processo. Ele acontece com retorno à (ou a chegada na) Vitória de multimilionários de calibre variado. Ricos antigos – ou novos ricos provenientes, entre outras coisas, da política, do *marketing* publicitário–eleitoral, do setor de entretenimento (o grande sonho de vida do atual novo- riquismo baiano é ter apartamento na Vitória, título de sócio do Yacht Club e, se possível, casa de praia em condomínio fechado no litoral norte da cidade, entre Interlagos e Sauípe).

O marco dessa reviravolta “grana preta”, por assim dizer, está na implantação do Edifício Mansão Costa Pinto, de meados ou da segunda metade da década de 1980. Considerado o melhor prédio de apartamentos até

então construído na Bahia, o Costa Pinto exibia unidades bem espaçosas, com mais de 450 m² de área construída, cujas “piscinas alternadas em balanço marcaram a arquitetura residencial da cidade”. Foi também este prédio que inaugurou a moda dos novos edifícios de luxo preservarem mansões preexistentes nos lotes de onde se erguiam, alguns deles ganhando a inesperada e algo ridícula maquiagem arquitetural de frontões definitivamente *kitsch*.

Mas vamos adiante. Teríamos por fim, ainda segundo a periodização sugerida por Márcio Correia Campos, uma terceira onda de verticalização da Vitória. Diz o arquiteto que a principal diferença, entre os prédios da segunda e da terceira ondas, estaria no aumento do número de andares dos edifícios mais novos, em comparação com os da fase anterior. Tudo bem. Mas, aqui, juntando segunda e terceira ondas, há uma coisa a ser devidamente negritada: o desenho original da cidade, com os seus dois andares que encantavam visitantes do mundo inteiro, foi desfigurado. Destruído. Hoje, quando olhamos Salvador do mar, já não vemos uma cidade dividida em alta e baixa. Temos agora um terceiro e mesmo um quarto andar, detonando a geografia e o desenho histórico do lugar.

Aqui chegando, do ponto de vista privilegiado do presente, podemos ter uma visão global da nossa peripécia – e dela extrair alguma lição fundamental. Escrevendo entre os anos de 1817 e 1818, Louis–François Tollenare falava dos “vales românticos que se avizinham da Vitória”. Cerca de mais ou menos um século e meio depois, esses vales tinham sido estuprados e devastados. Duas *razzie* predatórias vão promover a devastação ambiental na Barra e no Corredor da Vitória.

Na Barra, Clemente Mariani, político e banqueiro multimilionário, devastou parte considerável do bairro ao implantar um loteamento com seu nome, entre 1958 e 1962. O que a atual chácara na parte de cima tem de bela, o loteamento embaixo é um projeto medíocre e, além disso, um delito ambiental. Ele desarticulou o conjunto, desmembrando a parte baixa do terreno para fazer o loteamento – lotes que, em sua maioria, foram comprados por membros da colônia galega na Bahia, responsáveis então pela construção dos prédios.

*MAS A GRANDE REALIZAÇÃO ARQUITETÔNICA COM QUE TEMOS DE NOS HAVER, NESSE*

*BREVE PERÍODO, NÃO É A CASA BURGUESA DE DIÓGENES REBOUÇAS, O AUTOR DO*

*MARAVILHOSO SALVADOR DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS NO SÉCULO XIX – E SIM O*

*PRÉDIO PROJETADO POR KATSUKI – O JAPONÊS YOSHIAKIRA KATSUKI – NO LARGO DA*

*VITÓRIA. CONSTRUÍDO ENTRE OS ANOS DE 1974 E 1976, MEADOS DA DÉCADA, PORTANTO,*

*O PRÉDIO FOI BATIZADO COM O NOME DE EDIFÍCIO RESIDENCIAL MONSENHOR MARQUES.*

*É UM PRÉDIO DE APARTAMENTOS DE LUXO, IMONENTE E OUSADO, ERGUENDO-SE DE*

*MODO MARCANTE SOBRE SEUS PILARES EM Y E O PISO EM PEDRA PORTUGUESA DO TÉRREO,*

*DESENHADO POR JUAREZ PARAÍSO, ARTISTA PLÁSTICO BAIANO.*

*Costa Pinto exhibited very spacious units, with more than 450 m² of built area, whose “alternate pools in balance marked the residential architecture of the city”. It was also this building that inaugurated the fashion of the new luxury buildings to preserve pre–existing mansions in the lots from which they stood, some of them gaining the unexpected and somewhat ridiculous architectural make-up of pediments definitely Kitsch. ¶ But let’s go ahead. Finally, according to the periodization suggested by Márcio Correia Campos, we would have a third wave of verticalization of Vitória. The architect says that the main difference between the second and third wave buildings would be in the increase in the number of floors of the newer buildings, compared to those of the previous phase. OK. But here, joining second and third waves, there is something to be properly bolded: the original design of the city, with its two floors that enchanted visitors from all over the world, was disfigured. Destroyed. Today, when we look at Salvador from the sea, we no longer see a city divided into high and low. We now have a third and even a fourth floor, detonating the geography and historical design of the place. ¶ Here, arriving from the privileged point of view of the present, we can have a global view of our peripetia – and draw some fundamental lesson from it. Writing between the years 1817 and 1818, Louis–François Tollenare spoke of the “romantic valleys approaching Victoria.” About a century and a half later, these valleys had been raped and devastated. Two predatory razzie will promote environmental devastation in Barra and the Corredor da Vitória. ¶ In Barra, Clemente Mariani, a politician and multi–millionaire banker, devastated a considerable part of the neighborhood by establishing a subdivision with his name, between 1958 and 1962. What is beautiful about the current farm at the top, the subdivision below is a mediocre project and, in addition, an environmental crime. He dismantled the complex, dismembering the lower part of the land to make the subdivision – lots that, for the most part, were bought by members of the Galician colony in Bahia, responsible for the construction of the buildings.*





Na Vitória, o Estado e a iniciativa privada promoveram, cada um de sua parte, a destruição. O Estado dentro do projeto de implantação das chamadas “avenidas de vale”, que eram necessárias, mas cujas consequências não foram devidamente pensadas e prevenidas pelos governantes. Além do desleixo com o (da desregulamentação do) entorno, vingou também aqui a péssima prática de canalizar rios, para eles se converterem em esgotos, como vemos, por exemplo, na avenida Centenário, em área ainda hoje guardada espiritualmente pela paróquia da Vitória. A iniciativa privada, por seu turno, não poupou quintas e quintais, predando verdes até para fazer estacionamentos de automóveis. Destruição que se prolongaria em outros espaços antes verdantes do antigo distrito, como no caso do desbarate e aniquilamento do belo morro onde hoje se ergue o prédio do Shopping Barra, inteiramente de costas para a cidade; e da ocupação ostensiva do morro da praia do Boqueirão, no Rio Vermelho etc. etc.

Enfim, como costumava dizer um escritor católico baiano, andamos mesmo carentes de uma Nossa Senhora dos Verdes. Na sua ausência, não custa nada pedir a Nossa Senhora da Vitória, que, ao lado de tudo que já nos ofertou, ela dê também à nossa cidade, agora, um pouco de luz ecológica.

*In Vitória, the State and private initiative each promoted destruction. The State within the project to implement the so-called “valley avenues”, which were necessary, but whose consequences were not properly thought out and prevented by the rulers. In addition to the sloppiness with and (the deregulation of) the surroundings, it also avenged here the bad practice of channeling rivers, for them to become sewers, as we see, for example, in Avenida Centenário, in an area still today spiritually guarded by the parish of Vitória. Private initiative, for its part, has spared no farms and backyards, even predating greens to make car parks. Destruction that would last in other previously verdant spaces of the old district, as in the case of the desbarate and annihilation of the beautiful hill where today stands the building of Shopping Barra, entirely with its back to the city; the ostensive occupation of the hill of Boqueirão beach, in Rio Vermelho, etc., etc. Anyway, as a Catholic writer from Bahia used to say, we are really in need of a Nossa Senhora dos Verdes. In her absence, it does not hurt to ask Nossa Senhora da Vitória, next to everything she has already offered us, to give our city, now, a little ecological light.*



**17** NO LARGO,  
UMA IGREJA



*IN LARGO, A CHURCH*

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 153



Igreja da Vitória, à frente o largo e linhas de bondes / Vitória Church, in front of the square and tram lines

**OLHANDO ALGUMAS FOTOS ANTIGAS DO LUGAR**, daquele diminuto recanto da cidade, a gente se encanta. O Largo da Vitória, num certo sentido, era um contraponto do Campo Grande da Vitória. O que este tinha de grande, como diz o nome, aquele tinha de pequeno. Era realmente um pequenino pedaço de terra, singelo até. Essas fotos, confesso, até me fazem lembrar de uns versos do poeta modernista Oswald de Andrade, escritos em seu livro *Pau-Brasil*, de décadas atrás:

DITIRAMBO

*Meu amor me ensinou a ser simples  
Como um largo de igreja  
Onde não há nem um sino  
Nem um lápis  
Nem uma sensualidade*

Ergueu-se lá, há muito tempo, provavelmente ainda no primeiro século da povoação e colonização do Brasil, uma capela ou ermida filha da própria simplicidade. Simpleza obrigatória, de resto, até pela precariedade dos materiais construtivos então à disposição em suas redondezas, na periferia mais próxima da capital colonial, em comparação, por exemplo, com o distante Rio Vermelho e seus índios, onde os jesuítas fizeram uma “Casa de Nossa Senhora”, na qual o padre Manoel da Nóbrega morou e da qual fala ao padre Inácio já em 1557, numa das suas *Cartas do Brasil*. Capela erguida no alto do Caminho do Conselho, logo alguns casebres ou casinholas devem se ter distribuído ao seu redor, como sempre acontecia, fazendo nascer o embrião de uma pequena póvoa. O problema é uma certa insegurança para falar do assunto, devido à pobreza e mesmo à falta de documentação.

Mas vamos caminhar aos poucos, seguindo umas poucas pistas, em meio à carência documental. Pelo que se diz, a paróquia da Vitória é bem antiga. Nasceu ligada à Diocese de Funchal, pertencendo, portanto, ao âmbito da organização eclesiástica lusitana. Em 1551, dois anos depois da vinda de Tomé de Sousa e da implantação do governo-geral, o papa Júlio III criou a Diocese da Bahia, através da bula *Super Specula Militantis Ecclesiae*. Data de então a nomeação do bispo Pero Fernandes Sardinha, que logo veio para cá, chegando no dia 22 de junho de 1552. E aqui teria diversos e sérios desentendimentos com o citado padre Manoel da Nóbrega e seria servido em repasto canibal pelos índios caetés. Aliás, Nóbrega andava tão aporrinhado com o bispo que, ao receber a notícia da farra antropofágica, disse que o ocorrido devia ter sido castigo divino...

Para ninguém pensar que estou brincando com coisa séria, cito uma carta que o superior dos jesuítas escreveu a seu muito amigo Tomé de Sousa em 1559, queixando-se de que Pero Fernandes Sardinha se via somente como bispo dos brancos, nunca como bispo dos índios (ou “gentios”, como estes também eram chamados), em cuja conversão ao cristianismo os padres da Companhia de Jesus estavam totalmente empenhados em sua incansável prática catequética, peregrinando pelas terras do Brasil:

*Looking at some old photos of the place, from that tiny corner of the city, we are enchanted. Largo da Vitória, in a certain sense, was a counterpoint to Campo Grande da Vitória. What was great about this one, as the name says, was small. It was really a tiny piece of land, simple even. These photos, I confess, even remind me of some verses by the modernist poet Oswald de Andrade, written in his book “Pau-Brasil”, from decades ago: † DITTIRAMBO / My love taught me to be simple / Like a church square / Where there’s not even a bell / Not a pencil / Not a sensuality [Free translation] † There, a long time ago, probably in the first century of the settlement and colonization of Brazil, a chapel was erected, the daughter of simplicity itself. It is mandatory, moreover, even due to the precariousness of the construction materials then available in its surroundings, on the outskirts closest to the colonial capital, in comparison, for example, with the distant Rio Vermelho and its Indians, where the Jesuits made a “House of Our Lady”, in which Father Manoel da Nóbrega lived and of which he speaks to Father Inácio already in 1557, in one of his “Cartas do Brasil”. Chapel erected on the top of the Council Way, soon some huts or small houses must have been distributed around them, as always happened, giving birth to the embryo of a small population. The problem is a certain insecurity to talk about it, due to poverty and even lack of documentation. † But we will walk slowly, following a few clues, in the midst of the documentary shortage. From what they say, the parish of Vitória is very old. She was born linked to the Diocese of Funchal and therefore belongs to the scope of the Lusitanian ecclesiastical organization. In 1551, two years after the coming of Tomé de Sousa and the establishment of the General Government, Pope Julius III created the Diocese of Bahia, through the bull *Super Specula Militantis Ecclesiae*. Then the appointment of Bishop Pero Fernandes Sardinha, who soon came here, arrived on June 22, 1552. And here there would be several and serious disagreements with the aforementioned priest Manoel da Nóbrega and would be served in cannibal repast by the Caetés Indians. In fact, Nobrega was so crowded with the bishop that, upon receiving the news of the anthropophagic spree, he said that what happened should have been divine punishment. † For no one to think that I am playing with something serious, I quote a letter that the superior of the Jesuits wrote to his very friend Tomé de Sousa in 1559, complaining that Pero Fernandes Sardinha saw himself only as bishop of the whites, never as bishop of the Indians (or “Gentiles”, as these were also called), in whose conversion to Christianity the priests of the Companhia de Jesus were fully engaged in their tireless catechetical practice, pilgrimaging through the lands of Brazil. † “Our Lord brought Bishop D. Pero Fernandes [Sardinha], so virtuous as Your Grace knew, and very zealous for the reformation of the customs of Christians, but as for the Gentile and his salvation, he gave himself little, because he did not take himself for his Bishop, and they seemed incapable of all doctrine for his brutality and bestiality,*



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 154



Largo da Vitória, por volta de 1915 / Largo da Vitória, around 1915



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 155



Largo da Vitória cerca dos anos 1920 / Largo da Vitória circa 1920s

*nor did he take them for sheep from his corral, nor that Christ Our Lord would deign to take them for such; but in this help Your Grace to praise Our Lord in His providence, which allowed him to flee from the Gentiles and the earth, having few desires to die in their hands, to be eaten by them, and to me who always desired him [to be feasted anthropophagically] and asked Our Lord, and meddling in the occasions more than he, was denied me. What I judge in this, since I was not a counselor of Our Lord, is that whoever did this [that is, devour the bishop], perhaps wanted to pay him his virtues and great goodness, and punish him together for his carelessness and little zeal for the salvation of the Gentile. He punished him, giving him in penalty of death that he did not love, and remunerated him in her being as glorious as they would already tell Your Grace that she was, for it was in the power of Infidels with as many and as good circumstances as she had". ¶ But let us leave aside the admirable Father Nobrega and let us resume our path. Apparently, the construction of the little church today called Vitória, on that top of the Council Way, is subsequent to the event that led us to the first bishop. But little is known for certain. And this is perhaps the reason why nothing is said about the temple in a book like "Bahia: Signos da Fé", which, from the Church and Convent of Nossa Senhora da Lapa, jumps to the chapel of Santo Antonio da Barra, simply removing the Church of Nossa Senhora da Vitória from the path. For this reason, it is worth reproducing here – in full – the "historical summary" related to the Church, printed in the "Pequeno Guia das Igrejas da Bahia", an anonymous script published a few years ago by the state government:*

“Trouxe Nosso Senhor o bispo d. Pero Fernandes [Sardinha], tal e tão virtuoso qual o Vossa Mercê conheceu, e mui zeloso da reformation dos costumes dos Cristãos, mas quanto ao gentio e sua salvação se dava pouco, porque não se tinha por seu bispo, e eles lhe pareciam incapazes de toda doutrina por sua bruteza e bestialidade, nem as tinha por ovelhas de seu curral, nem que Cristo Nosso Senhor se dignaria de as ter por tais; mas nisto me ajude Vossa Mercê a louvar a Nosso Senhor em sua providência, que permitiu que fugindo ele dos gentios e da terra, tendo poucos desejos de morrer em suas mãos, fosse comido por eles, e a mim que sempre o desejei [ser banqueteadado antropofagicamente] e pedi a Nosso Senhor, e metendo-me nas ocasiões mais que ele, me foi negado. O que eu nisso julgo, posto que não fui conselheiro de Nosso Senhor, é que quem isto fez [isto é, devorar o bispo], porventura quis pagar-lhe suas virtudes e bondade grande, e castigar-lhe juntamente o descuido e pouco zelo que tinha da salvação do gentio. Castigou-o, dando-lhe em pena a morte que ele não amava, e remunerou-o em ela ser tão gloriosa como já contariam a vossa mercê que ela foi, pois foi em poder de infieis com tantas e tão boas circunstâncias como teve”.

Mas deixemos de parte o admirável padre Nóbrega e vamos retomar nosso caminho. Ao que tudo indica, a construção da igreja hoje dita da Vitória, naquele alto do Caminho do Conselho, é posterior ao evento que nos levou o primeiro bispo. Mas pouco se sabe ao certo. E esta será talvez a razão pela qual nada se diz sobre o templo num livro como *Bahia: signos da fé*, que, da Igreja e Convento de Nossa Senhora da Lapa salta para a ermida de Santo Antônio da Barra, simplesmente suprimindo do percurso a Igreja de Nossa Senhora da Vitória. Por isso mesmo, vale a pena reproduzir aqui – na íntegra – o “resumo histórico” relativo à Igreja, estampado no *Pequeno Guia das Igrejas da Bahia*, roteiro anônimo publicado há uns bons anos atrás pelo governo estadual:

*ERGUEU-SE LÁ, HÁ MUITO TEMPO, PROVAVELMENTE AINDA NO PRIMEIRO SÉCULO DA POVOAÇÃO E COLONIZAÇÃO DO BRASIL, UMA CAPELA OU ERMIDA FILHA DA PRÓPRIA SIMPLICIDADE. SIMPLEZA OBRIGATÓRIA, DE RESTO, ATÉ PELA PRECARIIDADE DOS MATERIAIS CONSTRUTIVOS ENTÃO À DISPOSIÇÃO EM SUAS REDONDEZAS, NA PERIFERIA MAIS PRÓXIMA DA CAPITAL COLONIAL.*



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 157



Ladeira da Barra, com o Cemitério Inglês, ao lado. No alto está a Igreja da Vitória. Ilustração do artista britânico William Gore Ouseley, em 1852  
*Ladeira da Barra, with the Cemitério Inglês (English Cemetery), next door. At the top is the Vitória Church. Illustration by British artist William Gore Ouseley, in 1852*

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 158



Cemitério Inglês (à direita) por Guilherme Gaensly, por volta de 1870  
*Cemitério Inglês (English Cemetery) (right) by William Gaensly, circa 1870*



*“To this day it has not been possible to fix the time of the lifting of the first chapel of Nossa Senhora da Vitória. Nor who erected it. There are those who claim to have been made by Diogo Álvares, the same that he had previously built that of Nossa Senhora da Graça, anticipating the arrival of Pereira Coutinho, attributing, others, to the unfortunate donatory of the Captaincy of Bahia, the survey of the oratory of Vila Velha. With that invocation, Frei Agostinho de Santa Maria, who wrote in 1634 the ‘Marian Shrine’, admits to having been raised by Tomé de Sousa, the first governor, as it reads from this elucidating excerpt: ‘El Rey D. John III sent Tomé de Sousa to found in his name the City of Bahia; so he was the first who laid his foundations for it, which was in the years 1549. And the first Church he founded dedicated to the Queen of Anjos Maria Santíssima, who was later given the title of Vitória, as will be said below. ¶ “The truth is that there is no historical basis for this alleged old age, especially knowing, according to the Jesuit Simão de Vasconcelos, that the children of Caramuru were baptized in the church of Graça and that their descendants were married there, evidencing that the situation of the primitive chapel, only transformed into a church in 1666, had not passed from the world of conjecture, although the parish had been created in 1552. ¶ “Luiz dos Santos Vilhena, author of the famous ‘Soteropolitan Letters’ written in 1798, when describing the suburbs of the City of Salvador, spoke about the area of Graça and Vitória: ¶ ‘What is found there of greater antiquity is the grave of Catharina Álvares in the Monastery of Nossa Senhora da Graça de Religiosos Beneditinos and the Church of Nossa Senhora da Victória, where I saw the following inscriptions, which I write as a monument of antiquity that I discovered there. ¶ Entering through the main door of the Church of Nossa Senhora da Victória is the stone of a grave that reads: ¶ Here lies Affonso Rodrigues, a native of Óbidos, the first man who married in this land; he died in 1561. ¶ In the middle of the Chapel there is the following inscription: ¶ S. do Cap. Francisco de Barros founder of this Chapel and Church, and his heirs, died on November 19, 1625. ¶ On the frontispiece of the same Church on the door it is difficult to read: ¶ This Church began Joan Correa de Britto, and Manoel de Figueredo Gramaz, his nephew and heir, Cavaleiro do Hábito de São Bento, Capitão de Mar e Guerra do Galeão N. Sra. Do Populo, continued and ended on January 10, 1666’.*

“Até hoje não se pôde fixar a época do levantamento da primeira ermida de Nossa Senhora da Vitória. Nem tampouco quem a erigiu. Há os que afirmam ter sido feita por Diogo Álvares, o mesmo que construíra, anteriormente, a de Nossa Senhora da Graça, antecipando-se à chegada de Pereira Coutinho, atribuindo, outros, ao desventurado donatário da Capitania da Bahia, o levantamento do oratório de Vila Velha”. Com aquela invocação, frei Agostinho de Santa Maria, que escreveu em 1634 o ‘Santuário Mariano’, admite ter sido levantada por Tomé de Sousa, o primeiro governador, conforme se lê desse elucidativo trecho: ‘El Rey D. João o III mandou a Tomé de Sousa a fundar em seu nome a Cidade da Bahia; assim ele foi o primeiro que lhe abriu os seus alicerces, o que fora pelos anos de 1549. E a primeira igreja que fundou dedicou à Rainha dos Anjos Maria Santíssima, a quem depois se deu o título de Vitória, como adiante será dito’.

A verdade é que não há base histórica dessa pretensa ancianidade sobretudo sabendo-se, segundo o jesuíta Simão de Vasconcelos, terem sido batizados os filhos de Caramuru na igreja da Graça e nela se terem casado os seus descendentes, evidenciando não passar do mundo das conjecturas a situação da primitiva ermida, só transformada em igreja em 1666, embora se houvesse criado a freguesia em 1552.

Luiz dos Santos Vilhena, autor das afamadas *Cartas Soteropolitanas* escritas em 1798, ao descrever os arrabaldes da Cidade do Salvador, assim falou sobre a zona da Graça e da Vitória:

“O que ali se acha de maior antiguidade é a sepultura de Catarina Álvares no Mosteiro de Nossa Senhora da Graça de Religiosos Beneditinos e a Igreja de Nossa Senhora da Victória, onde vi as inscrições seguintes, que escrevo como monumento de antiguidade que ali descobri”.

“Ao entrar pela porta principal da Igreja de Nossa Senhora da Victória está a pedra de uma sepultura em que se lê”:

“Aqui jaz Affonso Rodrigues, natural de Óbidos, o primeiro homem que casou nesta terra; faleceu em 1561”.

“No meio da capela-mor se lê numa sepultura a seguinte inscrição”:

“S. do Cap. Francisco de Barros fundador desta Capela e Igreja, e de seus herdeiros, faleceu a 19 de novembro de 1625”.

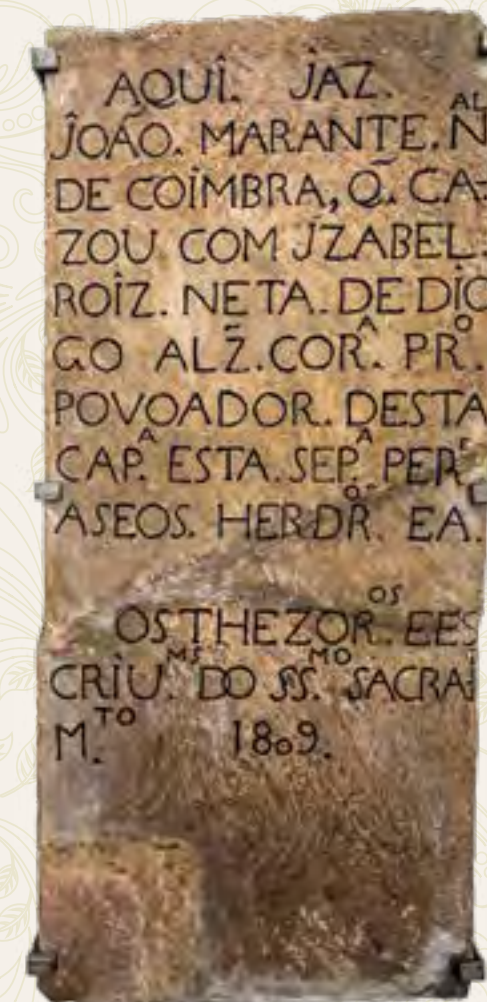
“No frontispício da mesma igreja sobre a porta se lê com dificuldade”:

“Esta Igreja principiou Joan Correa de Britto, e Manoel de Figueredo Gramaz, seu sobrinho e herdeiro, Cavaleiro do Hábito de São Bento, Capitão de Mar e Guerra do Galeão N. Sra. Do Populo, continuou e acabou em 10 de janeiro de 1666”.

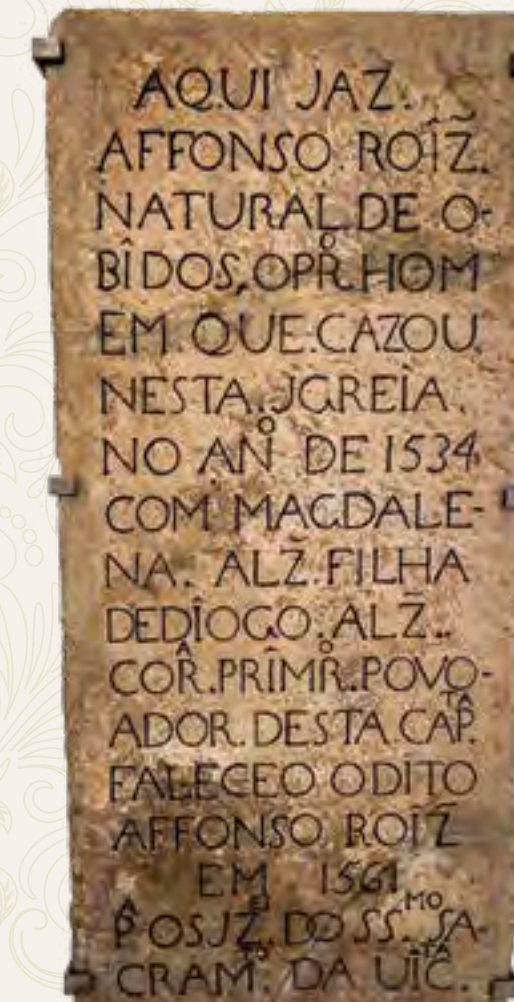


CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA PÁGINA 255

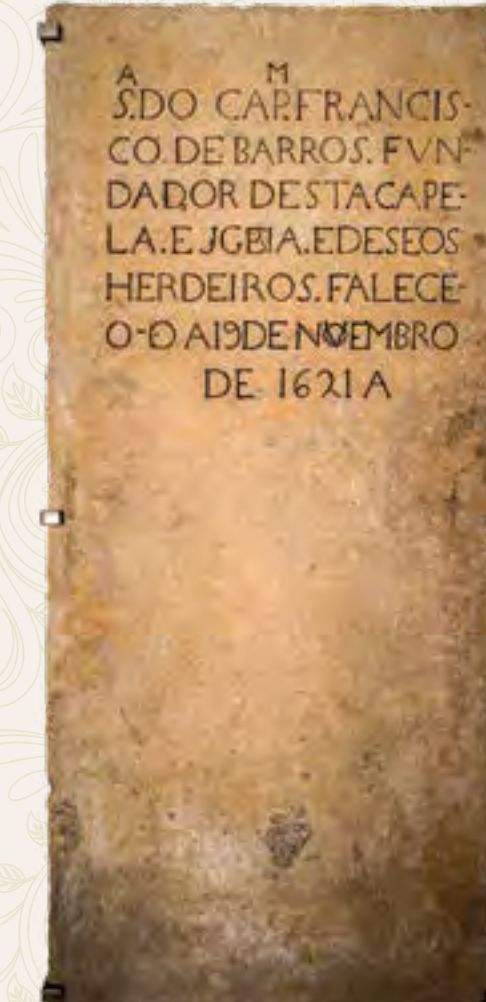
*A HISTÓRIA GUARDOU, ENTRETANTO, ATRAVÉS DE LÁPIDES DE AUTENTICIDADE INCONTESTE, TER SIDO FUNDADA EM 1620 A CAPELA E IGREJA POR FRANCISCO DE BARROS, IGREJA QUE EM 1666 FOI TOTALMENTE REEDIFICADA POR JOÃO CORREIA DE BRITO, QUE LHE MUDOU A POSIÇÃO PRIMITIVA.*



AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 159



AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 160

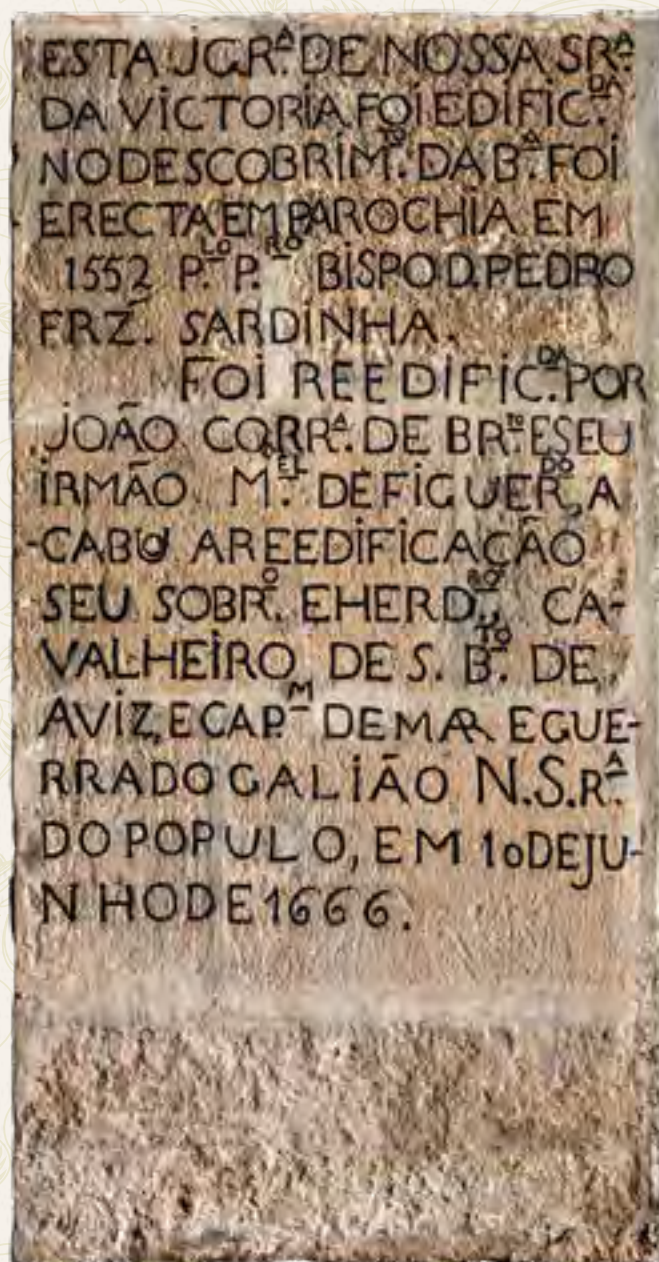


AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 161

CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA PÁGINA 256



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 162



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 163

Tais inscrições, em lápides, foram lidas por Santos Vilhena em 1798, indicando os lugares em que elas estavam colocadas. Entretanto, em 1866 o historiador Mello Moraes [em *Brasil Histórico*], descrevendo a Igreja da Vitória, assim registrou o epitáfio da sepultura de Affonso Rodrigues, situada, não próximo à porta principal, mas em um corredor de ligação do altar-mor à sacristia, ao lado da epístola, tal como está hoje, divergente da de 1798:

“Aqui jaz Affonso Rodrigues de Óbidos o primeiro homem que se casou nesta Igreja no ano de 1534 com Madalena Alvarez, filha de Diogo Alvarez Correia, primeiro povoador desta Capitania. Faleceu o dito Affonso Rodrigues em 1561”.

Num simples cotejo dos dizeres da lápide funerária de Affonso Rodrigues registrados por Vilhena (1798) e Mello Moraes (1866), verifica-se ter sido feita grosseira adulteração, certo com o propósito de fixar-se prioridade, que hoje se contesta, praticada quando da reedificação de 1810, o que deu ensanchas ao historiador Theodoro Sampaio, quando da investigação das origens da Igreja, afirmar com sutil discrição que ‘algo de confuso existe nos primórdios da Igreja da Vitória’.

Mas não só a contrafação de lápides fere a verdade histórica, porque falam mais alto cronistas que viveram o drama da catequese no século do descobrimento. Segundo Ayres de Casal, os primeiros casamentos realizados na Bahia foram celebrados na ermida da Graça em 1531, pelos capelães da armada de Martim Afonso de Sousa, quando se consorciaram Affonso Rodrigues, natural de Óbidos, e o fidalgo genovês Paulo Dias Adorno, com filhas de Catarina e Caramuru. Tais acontecimentos confirmam o jesuíta Simão de Vasconcelos e Jaboatão, este apenas divergindo de Ayres de Casal no ano do casamento, que seria em 1534.

Também merece registrar não ter Gabriel Soares, autor do *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, feito uma só referência à Igreja da Vitória, certo inexistente nesse ano, por isso que só foi levantada, em 1625, por Francisco de Barros, em ação congratulatória pela expulsão dos holandeses.

De um bloco de cimento granitado, colocado num canto da sacristia, à direita, foi copiada a inscrição que Santos Vilhena declarara encontrar-se no alto da porta da Igreja e que Mello Moraes vira encravada ‘no pilar do lado do Sul, que sustenta o campanário’. Ao que parece, o mármore se partira na reconstrução de 1910, substituído pela inscrição da sacristia, que não reproduz fielmente a primitiva.

*A ATUAL IGREJA, NA RECONSTRUÇÃO SOFRIDA EM 1666, TEVE MUDADA A POSIÇÃO PRIMITIVA PASSANDO A SUA FACHADA, QUE ERA PARA O POENTE, ISTO É, FRENTE PARA O MAR, PARA O NASCENTE, FORMANDO UMA DAS FACES DA PRAÇA DA VITÓRIA [MELLO MORAES]. EM 1722 POR CARTA RÉGIA MANDOU-SE CONSTRUIR PELA 3ª. REAL: A ‘TORRE SINEIRA’. FOI REEDIFICADA EM 1809; EM 1910 E 1934 FOI RADICALMENTE REFORMADA, SEM QUE SOFRESSE O INTERIOR DA IGREJA MODIFICAÇÕES QUE ALTERASSEM O DESCRITO POR MELLO MORAES.*

“These inscriptions, on tombstones, were read by Santos Vilhena in 1798, indicating the places where they were placed. However, in 1866 the historian Mello Moraes [in *Brasil Histórico*], describing the Church of Vitória, recorded the epitaph of the grave of Affonso Rodrigues, located, not near the main door, but in a corridor connecting the altar to the sacristy, next to the epistle, as it is today, different from that of 1798: ‘Here lies Affonso Rodrigues de Óbidos the first man who married in this Church in the year 1534 with Madalena Alvarez daughter of Diogo Alvarez Correia first settler of this Captancy. The so-called Affonso Rodrigues died in 1561’. ‘In a simple comparison of the sayings of the burial tombstone of Affonso Rodrigues recorded by Vilhena (1798) and Mello Moraes (1866), it appears that gross adulteration was made, certain with the purpose of setting itself a priority, which today is contested, practiced during the reedification of 1810, which gave stains to the historian Theodoro Sampaio, when investigating the origins of the Church, to affirm with subtle discretion that ‘something confusing exists in the early days of the Church of Vitória’. ‘But not only the counterfeiting of tombstones hurts the historical truth, because they speak louder, chroniclers who lived the drama of catechesis in the century of discovery. According to Ayres de Casal, the first marriages held in Bahia were celebrated at the chapel of Graça in 1531, by the chaplains of the armada of Martim Affonso de Sousa, when Affonso Rodrigues, a native of Óbidos, and the Genoese nobleman Paulo Dias Adorno, with daughters of Catarina and Caramuru, were consorted. Such events confirm the Jesuit Simão de Vasconcelos and Jaboatão, this only diverging from Ayres de Casal in the year of marriage, which would be in 1534. ‘It is also worth noting that Gabriel Soares, author of the *Tratado descritivo do Brasil em 1587*’, made a single reference to the Church of Vitória, a fact that did not exist this year, which is why it was only raised in 1625 by Francisco de Barros, in a congratulatory action for the expulsion of the Dutch. ‘From a block of granite cement, placed in a corner of the sacristy, on the right, was copied the inscription that Santos Vilhena had declared to be at the top of the door of the Church and that Mello Moraes had seen embedded ‘in the pillar on the south side, which supports the bell tower’. Apparently, the marble was broken in the reconstruction of 1910, replaced by the inscription of the sacristy, which does not faithfully reproduce the primitive.”

*“The current church, in the reconstruction suffered in 1666, had its primitive position changed, passing its façade, which was to the west, that is, front to the sea, to the east, ‘forming one of the faces of the square of Victória’ [Mello Moraes]. In 1722, by royal charter, he had the 3rd royal built: the ‘bell tower’. It was rebuilt in 1809; in 1910 and 1934, it was radically reformed, without the interior of the church undergoing modifications that altered what was described by Mello Moraes. All these works are recorded in abundant documentation distributed on tombstones placed in the sacristy. ¶ “From what is read above, there is no element on which it can be conclusively based that there was a hermitage, oratory or chapel in the vicinity of the place where the Church of Vitória is raised today, built by the donatory Pereira Coutinho, Diogo Álvares or Tomé de Sousa, nor will the parish of Nossa Senhora da Vitória, which is said to have been created by the first bishop in 1552, even functioned in its own Chapel. The story kept, however, through tombstones of undisputed authenticity, having been founded in 1620 the Chapel and Church by Francisco de Barros, church that in 1666 was totally rebuilt by João Correia de Brito, which changed its primitive position. ¶ “Apart from this quarrel that defies researchers, the Church of Victória lacks tourist curiosity: the temple is poor, without implements or gildings, in a shocking contrast to its situation in a rich neighborhood. Perhaps this, the most uplifting characteristic of this house of prayer, because, in truth, ostentation hurts Christian modesty.”*

A atual igreja, na reconstrução sofrida em 1666, teve mudada a posição primitiva passando a sua fachada, que era para o poente, isto é, frente para o mar, para o nascente, ‘formando uma das faces da Praça da Victória’ [Mello Moraes]. Em 1722 por carta régia mandou-se construir pela 3ª. real: a ‘torre sineira’. Foi reedificada em 1809; em 1910 e 1934 foi radicalmente reformada, sem que sofresse o interior da igreja modificações que alterassem o descrito por Mello Moraes. Todas essas obras estão registradas em farta documentação distribuída em lápides colocadas na sacristia.

Pelo que se lê acima, não há nenhum elemento em que se possa basear conclusivamente ter havido ermida, oratório ou capela nas proximidades do local onde hoje está levantada a Igreja da Vitória, edificada pelo donatário Pereira Coutinho, Diogo Álvares ou Tomé de Sousa, nem mesmo se funcionara em capela própria a paróquia de Nossa Senhora da Vitória, que se diz criada pelo primeiro bispo em 1552. A história guardou, entretanto, através de lápides de autenticidade incontestada, ter sido fundada em 1620 a Capela e Igreja por Francisco de Barros, igreja que em 1666 foi totalmente reedificada por João Correia de Brito, que lhe mudou a posição primitiva.

A não ser esta querela que desafia os pesquisadores, a Igreja da Vitória carece de curiosidade turística: o templo é pobre, sem alfaias ou douraduras, num contraste chocante com a sua situação em bairro rico. Talvez esta, a característica mais edificante desta casa de oração, porque, em verdade, a ostentação fere a modéstia cristã.



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 164



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 165

Next, it is also worth reproducing, also in full, the “script of the church”, of the same “Pequeno Guia das Igrejas da Bahia”. ¶ “The interior of the Church, poor in decoration, with its marble floor in two colors, is all painted in light colors in a uniformity only broken in the enclosure of the main chapel, whose walls are lined with two large murals in bicolor Portuguese tile, reproducing the biblical episodes of Christmas (right) and the flight to Egypt (left)”. ¶ “In the lining, as a central motif, we see Our Lady, painted in the first half of the last century [XIX], by José Raymundo, who died in 1856, who presented her with the scepter and the Child Jesus on his lap, surrounded by angels and veiled by a flaming custody. Comparing the church described by Mello de Moraes in 1866 with the current one, we conclude that there has been no modification in the structure, except change of images, on the altars, which we will record below. As a just tribute to the patrician historian [Bahian historian and great-uncle of the poet Vinicius de Moraes], we reproduce what he wrote about it: ¶ ‘Upon entering the church, one sees, on the left side, under a vault, the baptismal sink, and then two pulpits, one on each side, eight tribunes, two side doors and two altars, the one on the right side is occupied by the image of Sant’Anna, São Gonçalo, Santa Quitéria and Senhor dos Passos; and, on the left side, by Nossa Senhora do Rosário, Santo Antonio and São Miguel, having in addition the Holy image of the Crucified Lord, one on each of the altars.

A seguir, vale igualmente reproduzir, também na íntegra, o “roteiro da igreja”, do mesmo *Pequeno Guia das Igrejas da Bahia*:

“O interior da igreja, pobre na decoração, com seu piso de mármore em duas cores, é todo pintado em cores claras numa uniformidade só quebrada no recinto da capela-mor, cujas paredes são revestidas por dois grandes murais em azulejo português bicolor, reproduzindo os episódios bíblicos do Natal (direita) e da fuga para o Egito (esquerda)”.

“No forro, como motivo central, vê-se Nossa Senhora, pintada na primeira metade do século passado [XIX], por José Raymundo, falecido em 1856, que a apresentou com o cetro e o Menino Jesus no colo, cercada por anjos e velada por uma custódia flamante”. Comparando a igreja descrita por Mello de Moraes em 1866 com a atual, concluímos não ter havido modificação na estrutura, a não ser mudança de imagens, nos altares, o que adiante registraremos. Como justa homenagem ao historiador patricio [historiador baiano e tio-avô do poeta Vinicius de Moraes], reproduzimos o que escreveu a respeito:

“Ao entrar na igreja, vê-se, ao lado esquerdo, embaixo de uma abóbada, a pia batismal, e, em seguida, dois púlpitos, um de cada lado, oito tribunas, duas portas laterais e dois altares, o do lado direito é ocupado pela imagem de Sant’Anna, São Gonçalo, Santa Quitéria e Senhor dos Passos; e, do lado esquerdo, por Nossa Senhora do Rosário, Santo Antônio e São Miguel, tendo ademais a sagrada imagem do Senhor Crucificado, estando um em cada um dos altares”.

“Na capela-mor, está o altar principal, onde se venera a sagrada imagem de Nossa Senhora da Victória, com o Senhor Menino no braço esquerdo, tendo na mão direita uma palma dourada florida de pedras. Este altar está regularmente ornado, sendo a obra de talha simples, bem assim o dourado das molduras. Tem a capela-mor duas portas laterais, deitando uma para a sacristia e a outra para o consistório com simples molduras sobre os cordões de talha dourada”.

Posteriormente à publicação de Mello Moraes, modificações foram feitas, porquanto no altar da epístola (direita) imagens de massa substituíram as pequenas figuras de madeira que enchiam os altares, sendo mantida no altar, ao lado da epístola, o simulacro de Nossa Senhora do Carmo dos Pretos [“servida por uma devota irmandade de pretinhos que com fervorosa devoção lhe assistem e a festejam com muita grandeza” – escreveu frei Agostinho de Santa Maria em 1720] e, no da esquerda, colocado o do Coração de Jesus.

“No altar-mor”, tal como o descreveu Moraes, acha-se entronizada a bela imagem de Nossa Senhora da Victória, ressaltada do fundo por uma rosácea de *vitraux* modernos.

Merece ser vista, na sala do consistório, hoje transformada em sala de aula e de recreação da escola paroquial, a imagem de São Gonçalo do Amarante, trabalho de touretas portuguesas, do século XVII, e a que se refere Mello Moraes (pai), cujo tríduo era continuado com festejos profanos pelos colonos portugueses no átrio da igreja, substituídos mais tarde pela 2ª. feira do Bonfim. Era o protetor das solteiras maiores de 40 anos aspirantes ao casamento.

In the Main Chapel, there is the main altar, where the sacred image of Our Lady of Victória is venerated, with the Child Jesus on his left arm, having in his right hand a golden palm flowering with stones. This altar is regularly adorned, with the work of simple carving, as well as the gold of the frames. It has the main chapel two side doors, lying one for the sacristy and the other for the Consistory with simple frames on the golden carved cords’. ¶ “After the publication of Mello Moraes, modifications were made, because on the altar of the epistle (right) mass images replaced the small wooden figures that filled the altars, being kept on the altar, next to the epistle, the simulacrum of Nossa Senhora do Carmo dos Pretos [“served by a devout brotherhood of blacks who with fervent devotion watch and celebrate it with greatness” – wrote Friar Agostinho de Santa Maria in 1720] and, on the left, placed that of the Heart of Jesus. ¶ “On the main altar”, as Moraes described it, the beautiful image of Nossa Senhora da Victória is enthroned, highlighted from the bottom by a modern vitraux rosacea. ¶ “It is worth seeing, in the Consistory room, now transformed into a classroom and recreation room of the parish school, the image of São Gonçalo do Amarante, work of Portuguese bullfighters, from the 17th century, and referred to by Mello Moraes (father), whose triduum was continued with profane festivities by Portuguese colonists in the church lobby, later replaced by the Monday of Bonfim. He was the protector of unmarried women over 40, aspiring to be married.

▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 166

▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 167

▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 168

▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 169





INNOVATION  
IN THE  
ARTS

INNOVATION  
IN THE  
ARTS

INNOVATION  
IN THE  
ARTS



Pintura central do teto realizada pelo artista José Raimundo, em 1810  
Central ceiling painting, by the artist José Raimundo, in 1810

*EM 1552, QUANDO CHEGOU O BISPO PERO FERNANDES SARDINHA, É QUE A IGREJA DA VITÓRIA FOI ERETA MATRIZ DA VILA VELHA, E A CIDADE DO SALVADOR PASSOU A TER A FREGUESIA DA SÉ, FUNCIONANDO SUA MATRIZ, ATÉ À CONSTRUÇÃO DA SÉ, NA IGREJA DA AJUDA.*

A mais recente reforma da igreja de tão controvertida história data de 1934, orientada pelo vigário da freguesia Monsenhor Paiva Marques, consagrado orador sacro de sua época. Uma placa colocada na sacristia assim registra o fato: ‘Esta igreja matriz de Nossa Senhora da Vitória foi totalmente restaurada em 1934, concorrendo para esse fim os seus paroquianos’.

Em outro livro, *Conhecendo a história da Bahia da Pré-História a 1815*, a pesquisadora Antonieta d’Aguiar Nunes acrescenta mais alguma coisa com uma que outra inexatidão, ao falar da arquitetura religiosa entre nós:

“Matriz de N. Sra. da Vitória (1536) – Sufragânea ao bispado de Funchal, seu primeiro capelão teria possivelmente sido o padre João Bezerra, que mais tarde se indis pôs com o donatário Francisco Pereira Coutinho, conseguindo afastá-lo do cargo e indiciá-lo perante o Santo Ofício. Foi depois a primeira matriz, que tinha como paróquia toda a Cidade do Salvador e suas imediações; seu vigário fundador foi o padre Manoel Lourenço, que veio com Tomé de Sousa. Ele, junto com os jesuítas, construiu a Igreja da Ajuda na cidade fortificada e para ela se transferiu. Em 1552, quando chegou o bispo Pero Fernandes Sardinha, é que a Igreja da Vitória foi ereta matriz da Vila Velha, e a Cidade do Salvador passou a ter a freguesia da Sé, funcionando sua matriz, até à construção da Sé, na Igreja da Ajuda. A Igreja de Nossa Senhora da Vitória foi reedificada em 1666 por João Correia de Brito e seu irmão Manoel Figueiredo. No ano de 1722 frei Agostinho de Santa Maria diz existir nesta igreja uma imagem de Nossa Senhora do Rosário, servida por uma devota irmandade de pretinhos. Em 1809 foi totalmente reconstruída. A frente do templo, primitivamente voltada para o mar, foi mudada e agora ela se volta para a praça. [...] No ano de 1853 o entalhador Cipriano Francisco de Sousa foi chamado para fazer o retábulo da capela-mor da matriz da Victória e, em 1857, o retábulo do forro da igreja”.

*“The most recent reform of the church of such controversial history dates from 1934, guided by the vicar of the parish Monsignor Paiva Marques, consecrated sacred speaker of his time. A plaque placed in the sacristy thus records the fact: ‘This mother church of Nossa Senhora da Vitória was fully restored in 1934, competing for this purpose its parishioners’”. In another book, “Conhecendo a História da Bahia da Pré-História a 1815”, researcher Antonieta d’Aguiar Nunes adds something more with one than another inaccuracy, when talking about religious architecture among us: “Headquarters of N. Sra. da Vitória (1536) – Suffragan to the bishopric of Funchal, his first chaplain would have possibly been Father João Bezerra, who later became indisposed with the donatory Francisco Pereira Coutinho, managing to remove him from office and indict him before the Holy Office. It was then the first headquarters, which had as its parish the entire City of Salvador and its surroundings; its founding vicar was Father Manoel Lourenço, who came with Tomé de Sousa. He, together with the Jesuits, built the Church of Ajuda in the fortified city and transferred to it. In 1552, when Bishop Pero Fernandes Sardinha arrived, it was that the church of Vitória was erect, the head office of Vila Velha, and the City of Salvador started to have the parish of Sé, functioning its head office, until the construction of Sé, in the Church of Ajuda. The Church of Nossa Senhora da Vitória was rebuilt in 1666 by João Correia de Brito and his brother Manoel Figueiredo. In the year 1722 Friar Agostinho de Santa Maria says that there is in this Church an image of Nossa Senhora do Rosário, served by a devout Brotherhood of blackies. In 1809 it was completely rebuilt. The front of the temple, primitively facing the sea, was changed and now it turns to the square. [...] In 1853, the carver Cipriano Francisco de Sousa was called to make the altarpiece of the main chapel of the Victória headquarters and, in 1857, the altarpiece of the church lining.”*



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 172



*PÁROCOS DO SÉCULO XX  
IGREJA NOSSA SENHORA DA VITÓRIA*

*PRIESTS OF THE 20TH CENTURY NOSSA SENHORA DA VITÓRIA CHURCH*

*MONSENHOR SOLANO GARCIA PEDREIRA (1900-1924)*

*MONSENHOR FRANCISCO DE PAIVA MARQUES (1924-1940)*

*PE. JOÃO GOMES (1940-1956)*

*CÔNEGO EDGAR BRITO (1956-1968)*

*MONSENHOR GASPAR SADC DA NATIVIDADE (1968-2002)*

*PE. LUÍS MOREIRA SIMÕES DE OLIVEIRA (2002-)*

▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DAS PÁGINAS 268 A 271



▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 173



▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 174



▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 175



▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 176



▶ OUÇA A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 177



▶ OUÇA A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 178



▶ OUÇA A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 181



▶ OUÇA A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 182



▶ OUÇA A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 179



▶ OUÇA A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 180



▶ OUÇA A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 183



▶ OUÇA A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 184





Já no verbete sobre a matriz de Nossa Senhora da Vitória, constante em um guia de arquitetura coordenado por Eugênio de Ávila Lins, lemos:

“São imprecisos os dados referentes à construção da primeira igreja erigida neste local. Possivelmente, foi construída pelo capitão Francisco de Barros, aí sepultado em 1621, como informa lápide existente na sacristia. O templo passou por duas grandes reedificações: a primeira, em 1666, e a seguinte, em 1809. Na realização desta última – que contou com a colaboração de d. João VI, que a visitara no ano anterior – o frontispício, originalmente voltado para o mar, foi invertido para o continente. Em 1910, em consonância com o processo de modernização do bairro, a igreja teve sua fachada novamente modificada. O projeto de F. Ferraro & Irmão e E. Fermi [mais arquitetura italiana por aqui] propunha uma composição de inspiração neoclássica, marcada por pilastras que distinguem o corpo central, este com três portas no nível do térreo e três janelas, na altura do coro, encimada por platibanda com frontão triangular. A igreja possui nave com capela-mor e sacristia lateral. No seu interior, merecem destaque os altares neoclássicos e o acervo de imagens barrocas da escola baiana do século XVIII, dispostas em seu altar mor”.

Enfim, como acabamos de ver, com relação aos primórdios da história da Igreja de Nossa Senhora da Vitória, tudo ou quase tudo são hipóteses. O já citado padre Nóbrega – que chegou aqui achando que a terra era de paz, mas logo ficou atordoado com a violência indígena – fala de uma igreja, uma capela na Vila Velha do donatário Pereira Coutinho, o Rusticão. Está na primeira carta que ele enviou da Bahia para Portugal, endereçada ao padre mestre Simão Rodrigues de Azevedo, onde se lê (itálicos meus): “Chegamos a esta Bahia a 29 dias do mês de março de 1549. Andamos na viagem oito semanas. Achamos a terra de paz e quarenta ou cinquenta moradores na povoação que antes era; receberam-nos com grande alegria e achamos *uma maneira de igreja*, junto da qual logo nos aposentamos os padres e irmãos em umas casas a par dela, que não foi pouca consolação para nós para dizermos missa e confessarmos. E nisso nos ocupamos agora”.

Mas aquela “maneira de igreja” ficava ali pela enseada (ou porto) da Barra. Não há mesmo nada que comprove uma antiguidade maior da Igreja da Vitória, situando-a na primeira metade do século XVI. Até mesmo a invocação de Nossa Senhora da Victória é passível de controvérsia. Quem levanta o assunto, aliás, é o próprio padre Luís Simões, o atual pároco da Vitória. Porque o que se diz é que a paróquia foi criada em 1561, mas acontece que a invocação a Nossa Senhora da Victória ainda não existia, é posterior a esta data.

*NÃO HÁ MESMO NADA QUE COMPROVE UMA ANTIGUIDADE MAIOR DA IGREJA DA VITÓRIA, SITUANDO-A NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XVI. ATÉ MESMO A INVOCAÇÃO DE NOSSA SENHORA DA VICTÓRIA É PASSÍVEL DE CONTROVÉRSIA. QUEM LEVANTA O ASSUNTO, ALIÁS, É O PRÓPRIO PADRE LUÍS SIMÕES, O ATUAL PÁROCO DA VITÓRIA. PORQUE O QUE SE DIZ É QUE A PARÓQUIA FOI CRIADA EM 1561, MAS ACONTECE QUE A INVOCAÇÃO A NOSSA SENHORA DA VICTÓRIA AINDA NÃO EXISTIA, É POSTERIOR A ESTA DATA.*

*In the entry on the matrix of Nossa Senhora da Victória, contained in the architectural guide coordinated by Eugênio de Ávila Lins, we read: ¶ “The data regarding the construction of the first church erected in this place are inaccurate. Possibly, it was built by Captain Francisco de Barros, buried there in 1621, as reported by the tombstone in the sacristy. The temple underwent two major rebuilds: the first in 1666, and the next in 1809. In the realization of the latter – which had the collaboration of King John VI, who had visited it the previous year – the frontispiece, originally facing the sea, was inverted for the continent. In 1910, in line with the process of modernization of the neighborhood, the church had its facade changed again. The project of F. Ferraro & Irmão and E. Fermi [more Italian architecture around here] proposed a composition of neoclassical inspiration, marked by pilasters that distinguish the central body, this with three doors at ground level and three windows, at the height of the choir, surmounted by platibanda with triangular pediment. The church has a nave with a main altar and a lateral sacristy. Inside, the neoclassical altars and the collection of baroque images of the Bahian school of the eighteenth century, arranged on its main altar, deserve to be highlighted.” ¶ Finally, as we have just seen, in relation to the early history of the Church of Nossa Senhora da Vitória, everything or almost everything is hypotheses. The aforementioned Father Nóbrega – who arrived here thinking that the land was peaceful, but was soon stunned by indigenous violence – speaks of a little church, a chapel in Vila Velha of the donatory Pereira Coutinho, Rusticão. It is in the first letter he sent from Bahia to Portugal, addressed to the priest master Simão Rodrigues de Azevedo, where it reads (italics mine): “We arrived in Bahia 29 days from the month of March 1549. We’ve been on the road for eight weeks. We found the land of peace and forty or fifty inhabitants in the village that it used to be; they welcomed us with great joy and we found a way of church, next to which we retired the priests and brothers in some houses beside it, which was not little consolation for us to say Mass and confess. And in that we now occupy ourselves.” ¶ But that “church way” was there by the Barra cove (or port). There is even nothing to prove a greater antiquity of the Church of Vitória, placing it in the first half of the sixteenth century. Even the invocation of Nossa Senhora da Victória is subject to controversy. In fact, it is Father Luís Simões himself, the current parish priest of Vitória, who raises the issue. Because what is said is that the parish was created in 1561, but it turns out that the invocation to Nossa Senhora da Victória did not yet exist, it is later than this date.*



[CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 186](#)



[CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 187](#)

EM 21 DE FEVEREIRO DE 1808, D. FERNANDO JOZÉ DE PORTUGAL ENVIA UMA CARTA PARA O CONDE DA PONTE, COMUNICANDO QUE O PRÍNCIPE REGENTE CONCEDEU A QUANTIA DE TRÊS MIL CRUZADOS, PARA AJUDAR NA REEDIFICAÇÃO DA CAPELA MOR DA IGREJA E MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA VITÓRIA.

TRANSCRIÇÃO PALEOGRÁFICA

Tendo consideração a elle requerer a Confraria do Satissimo Sacramento de Nossa Senhora da Victoria desta Cidade huma Ajuda de Custo para reedificação da mesma Igreja, que em razão da sua antiguidade e de ser a primeira que no anno de mil quinhentos vinte e hum se erigio nesta Cidade, se achava deteriorada e nos termos de se não poder continuar nella os exercicios Parochiaes a que he pertencente, e conformando com os exemplos e informações a que a respeito desta pertença Mandeí proceder: Hei por bem que pelos Cofres da Minha Real Fazenda desta Capitania, se assista para a Reedificação da Capela Mor da dita Igreja com huma ajuda de custo de três mil cruzados , que serão pagos durante a mesma obra com a commodidade e segurança que a Junta da Real Fazenda achar conveniente. O Conde da Ponte do Meu Conselho Governador e Capitão Geral desta Capitania o tenha assim entendido, e passe as ordens necessárias. Bahia 20 de Fevereiro de 1808.

On February 21, 1808, D. Fernando Jozé de Portugal sent a letter to the Conde da Ponte, informing him that the Prince Regent had granted the sum of three thousand cruzados to help rebuild the Mor Chapel of the Igreja and Matriz de Nossa Senhora da Vitória. / Palaeographic Transcript: Taking into account it to request the Confraternity of the Blessed Sacrament of Our Lady of Victoria of this City for an allowance for the rebuilding of the same Church, which due to its antiquity and being the first in the year fifteen hundred twenty-e He was built in this City, was deteriorated and in terms of not being able to continue in it the Parochial exercises to which he belongs, and conforming to the examples and information that I have ordered regarding this belonging: I would like to see the Vaults of Mine Royal Treasury of this Captaincy, assist in the Rebuilding of the Main Chapel of the said Church with an allowance of three thousand cruzados, which will be paid during the same work with the comfort and security that the Royal Treasury Board deems convenient. The Conde da Ponte of my Governing Council and Captain General of this Captaincy has so understood and given the necessary orders. Bahia February 20, 1808.

▶ OUÇA A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 189



▶ OUÇA A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 190



Aqui, a história nos remete ao pontificado de Pio V, que se estendeu de 1566 a 1572. Líder do Concílio de Trento e do movimento da contrarreforma, Pio V organizou a Liga Sagrada, uma aliança de Estados católicos para barrar o avanço dos infiéis do Império Otomano. A liga, embora numericamente inferiorizada, derrotou os otomanos na célebre Batalha de Lepanto, em 1571. Pio V atribuiu a proeza à intercessão da Virgem Maria – e instituiu, então, a festa de Nossa Senhora da Vitória. Ora, se a invocação à Senhora da Vitória é de 1571, não poderia obviamente ter dado nome a uma freguesia/paróquia baiana criada dez anos antes.

“Se a paróquia foi criada em 1561, é impossível ter se chamado originalmente Nossa Senhora da Vitória”, reafirma o padre Luís Simões, acrescentando que já ouviu dizer que o primeiro nome da paróquia foi Nossa Senhora dos Anjos. Em todo caso, o pároco fala de uma invocação da Senhora da Vitória que teria existido em Portugal, entre os séculos XII e XIV. Se isto for verdade, se houver uma invocação lusitana anterior à batalha e ao concílio de Lepanto, a origem do nome da paróquia pode estar aí. Mas nada se sabe ao certo. “Eu não tenho nada que comprove esta informação”, confessa padre Luís.

Do pouco que sabemos, guardemos alguma coisa. Cinthia Santiago encontrou, no Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento, um documento que faz referência à igreja, que já se chamava Nossa Senhora da Vitória, em 1577 (“no ano de nosso Senhor digo do nascimento de nosso Senhor Jezus Xp.o de mil quinhentos e setenta e sete anos aos vinte e hum dias do mês de agosto”). Trata-se de uma “Escritura pela qual foram dadas em dote uns chãos e casas sitos na Vila Velha a Ayres da Rocha as que ao depois ouve a compra do padre vigário Matheus Vaz detrás de N. S. da Vitoria digo do padre vigário Niculao Glz”.

Here, history brings us back to the pontificate of Pius V, which stretched from 1566 to 1572. Leader of the Council of Trent and the counter-reform movement, Pius V organized the Holy League, an alliance of Catholic states to stop the advancement of the Ottoman Empire's infidels. The league, though numerically inferior, defeated the Ottomans at the celebrated Battle of Lepanto in 1571. Pius V attributed the feat to the intercession of the Virgin Mary – and then instituted the feast of Nossa Senhora da Vitória. Now, if the invocation to Senhora da Vitória is from 1571, it obviously could not have given name to a Bahian village/parish created ten years earlier.

“If the parish was created in 1561, it is impossible to have been originally called Nossa Senhora da Vitória”, reaffirms Father Luís Simões, adding that he has heard that the first name of the parish was Nossa Senhora dos Anjos. In any case, the parish priest speaks of an invocation of Senhora da Vitória that would have existed in Portugal, between the twelfth and fourteenth centuries. If this is true, if there is a Lusitanian invocation prior to the battle and the council of Lepanto, the origin of the name of the parish may be there. But nothing is known for sure. “I have nothing to prove this information,” Father Luís confesses. “From what little we know, let's save something. Cinthia Santiago found, in the “Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento”, a document that refers to the Church, which was already called Nossa Senhora da Vitória, in 1577 (“in the year of our Lord I say the birth of our Lord Jezus Xp.o of one thousand five hundred and seventy-seven years on the twenty-first day of August”). It is a “Scripture by which were given in dowry some floors and houses located in Vila Velha to Ayres da Rocha which later heard the purchase of the vicar priest Matheus Vaz behind N. S. da Vitoria I say of the vicar priest Niculao Glz”.

▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 188



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 191

Há, ainda, referências à Igreja de Nossa Senhora da Victória em outros documentos antigos, um pouco mais tardios, encontráveis neste Livro Velho do Tombo, como numa medição dos limites de propriedade entre os padres de São Bento e Antônio Borges, em 1636. Assim como, em 1658, encontramos uma “ESCRITURA DE VENDA que fez Ignes Machado Veua aos Reverendos Padres de Sam Bento desta cidade de humas terras sitas junto da Sra. da Vitoria da p.te esquerda da estrada publica indo p.a a da Igreja de d.a Sra.”.

Mas vamos adiante. Sem passar ao largo, aliás, de muito prováveis roubos de peças de arte sacra daquele templo. Afinal, depois que Mello Moraes descreveu a igreja na década de 1860, sumiram obras do templo. No *Pequeno Guia das Igrejas da Bahia*, topamos com uma frase que não é levável a sério: “imagens de massa substituíram as pequenas figuras de madeira que enchiam os altares”. Ora, “substituíram” é um eufemismo chinfrim. A palavra certa é *roubaram*. Do mesmo modo, furtaram a palma de prata cravejada de esmeraldas que a própria imagem de Nossa Senhora da Victória carregava em sua mão direita. E isto foi também depois da década de 1860, provavelmente já no século XX.

Afinal, escrevendo no século XVII, frei Agostinho de Santa Maria assim descreve a imagem: “É esta Santíssima Imagem de escultura de madeira, preciosamente obrada, sua estatura são quatro palmos e tem o Menino Deus sentado sobre o seu braço esquerdo. Na mão direita tem a Senhora uma palma de prata sobredourada, adornada de esmeraldas, ou pedras verdes e vermelhas. Sobre a cabeça tem uma rica coroa de prata sobredourada de muito rico feitio”. Já no século XIX, Mello Moraes fala que Nossa Senhora da Vitória levava na mão direita “uma palma dourada florida de pedras”. Do século XX para cá, ninguém mais viu esta palma cravejada de pedras.

*There are also references to the Church of Nossa Senhora da Victória in other old documents, a little later, found in this Old Book of the Tomb, as in a measurement of the property limits between the priests of São Bento and Antonio Borges, in 1636. Just as, in 1658, we find a “DEED OF SALE that Ignes Machado Veua made to the Reverend Fathers of Sam Bento of this city of a few lands located next to Mrs. da Vitoria of the left part of the public road going to the Church of Mrs.”. ¶ But let’s move on, without passing off, by the way, the most likely thefts of sacred art from that temple. After all, after Mello Moraes described the church in the 1860s, works of the temple disappeared. In the “Pequeno Guia das Igrejas da Bahia”, we came across a phrase that is not taken seriously: “mass images replaced the small wooden figures that filled the altars”. Now, “replaced” is a bad euphemism. The right word is stolen. Likewise, they stole the silver palm studded with emeralds that the very image of Nossa Senhora da Victória carried in her right hand. And this was also after the 1860s, probably as early as the 20th century. ¶ After all, writing in the seventeenth century, Friar Augustine de Santa Maria describes the image like this: “It is this Holy Image of wooden sculpture, preciously made, its stature is four feet and has the boy God sitting on his left arm. In her right hand is a palm of silver, overgrown with emeralds, or green and red stones. On the head there is a rich crown of overgrown silver of very rich temperament”. Already in the nineteenth century, Mello Moraes says that Nossa Senhora da Vitória carried in her right hand “a golden palm flowering with stones”. From the 20th century to now, no one else has seen this stone-studded palm.*



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 192



▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 193

Onde ela foi parar? Muito provavelmente, foi surrupiada e vendida, juntamente com as pequenas “figuras de madeira”, a algum traficante de imagens sagradas e outras peças de arte sacra. Era e ainda é uma coisa comum, corriqueira, nesta nossa Bahia. Conheço inúmeras histórias sobre a matéria, com a folha corrida de personagens ilustres. Mas, como não tenho como provar (nem as testemunhas que conheço dariam qualquer depoimento), vou citar apenas um exemplo sagrado e outro profano. No sagrado, saquearam recentemente a igreja matriz itaparicana, dedicada a São Lourenço. No profano, levaram a velha carranca da fonte do Solar do Unhão – fonte que, de resto, existiu pelo menos até a década de 1970; depois... quem sabe onde foi parar? Enfeita hoje o jardim de alguma mansão particular? Não sei. Regra praticamente geral entre nós, galeristas, colecionadores e antiquários não são pessoas que primem pela ética ou o espírito público. O Museu de Arte Sacra foi criado, entre outras coisas, para tentar reduzir o volume da roubalheira.

Algumas reformas parecem ter sido prejudiciais ou pouco louváveis dos pontos de vista arquitetônico e artístico, mas também da inserção ambiental do templo. Na verdade, o prédio da igreja atravessou demolições e reconstruções. Em 1809, como foi dito, mudou-se inclusive a posição da igreja. Sua fachada, que era voltada para o mar, voltou-se para o largo. Perdemos, então, isso: uma igreja de cara para o mar, que a cidade conheceu até ao final do século XVIII. O que aconteceu aí não foi simplesmente uma reforma. Demoliram a antiga igreja e construíram a atual.

Em 1910, outra reforma – desta vez, segundo o padre Luís Simões (cujas informações não coincidem com as do verbete supracitado), conduzida pelo historiador, engenheiro e planejador urbano Theodoro Sampaio, mulato brilhante de Santo Amaro da Purificação, filho de mãe escrava que acabou virando nome de rua em São Paulo. Padre Luís Simões fala que em 1910 Theodoro concluiu a reforma da fachada da igreja. E opina: “Ele fez a fachada da frente e a do lado direito. A do lado esquerdo, olhando do altar para a frente, não foi mexida. Ficou como era em 1809, que eu acho até mais bonita, é mais trabalhada, com um aspecto neoclássico”.

A reforma de 1934 parece ter sido especialmente prejudicial, embora, em última análise, não destrutiva. É o que concluímos apreciando o livrinho (*folder* de uma exposição, na verdade) *Preciosidades da Igreja de Nossa Senhora da Vitória*, resultado do restauro do templo, realizado entre 2013 e 2015. Apresentando a exposição, o curador Justino Marinho tocou no assunto: “Nosso objetivo é chamar a atenção do grande público que frequenta ou visita este templo para os magníficos objetos e detalhes abrigados por ele e que, por muito tempo, estiveram escondidos, sob camadas de tinta colocadas em restaurações anteriores. A penúltima restauração aconteceu em 1934, com recursos dos seus paroquianos, quando as técnicas de restauro, na Bahia, ainda eram bastante precárias”. Em texto para a mesma exposição, padre Luís confirma: “A restauração da Igreja de Nossa Senhora da Vitória ocasionou a descoberta de preciosidades que, durante muito tempo, permaneceram ocultadas sob muitas camadas de tintas ou guardadas para impedir a ação de vândalos”.

Mas o que realmente importa, para todos nós, é que a Igreja de Nossa Senhora da Vitória ainda reina no seu largo, embora este, coitado, esteja praticamente asfixiado pelos prédios ali construídos. Um largo singelo, um espigão espantoso. Mas a Virgem, Mãe Maria, a Senhora da Vitória está lá, para a nossa devoção.

*Where did she end up? Most likely, it was stolen and sold, along with the small “wooden figures”, to some trafficker of sacred images and other pieces of sacred art. It was and still is a common thing, commonplace, in our Bahia. I know countless stories about the subject, with the running sheet of illustrious characters. But, as I have no way of proving (nor would the witnesses I know give any testimony), I will mention only one sacred example and another profane one. In the sacred, they recently sacked the Itaparican mother church, dedicated to São Lourenço. In the profane, they took the old frown from the source of Solar do Unhão – a source that, moreover, existed at least until the 1970s; then... who knows where it ended up? Do you decorate the garden of any private mansion today? I don’t know. Practically general rule among us gallerists, collectors and antique dealers are not people who excel by ethics or public spirit. The Sacred Art Museum was created, among other things, to try to reduce the volume of the robbery. ¶ Some reforms seem to have been detrimental or not very laudable from the architectural and artistic points of view, but also from the environmental insertion of the temple. In fact, the church building went through demolitions and reconstructions. In 1809, as has been said, the position of the church was even changed. Its facade, which was facing the sea, turned to the wide. We lost, then, this: a church facing the sea, which the city knew until the end of the eighteenth century. What happened there was not simply a reform. They demolished the old church and built the current one. ¶ In 1910, another reform – this time, according to Father Luís Simões (whose information does not match the aforementioned entry), led by historian, engineer and urban planner Theodoro Sampaio, brilliant mulatto of Santo Amaro da Purificação, son of a slave mother who ended up becoming a street name in São Paulo. Father Luis Simões says that in 1910 Theodoro completed the renovation of the facade of the church. And he opines: “He made the front facade and the one on the right side. The one on the left side, looking from the altar to the front, was not moved. It was as it was in 1809, which I think is even more beautiful, it is more worked, with a neoclassical aspect.” ¶ The 1934 reform appears to have been particularly damaging, though ultimately non-destructive. This is what we conclude by appreciating the booklet (folder of an exhibition, in fact) “Preciosidades da Igreja de Nossa Senhora da Vitória”, result of the restoration of the temple, carried out between 2013 and 2015. Presenting the exhibition, the curator Justino Marinho touched on the subject: “Our goal is to draw the attention of the general public that attends or visits this temple to the magnificent objects and details sheltered by him and that, for a long time, have been hidden under layers of paint placed in previous restorations. The penultimate restoration took place in 1934, with the resources of its parishioners, when the restoration techniques in Bahia were still quite precarious”. In a text for the same exhibition, father Luís confirms: “The restoration of the Church of Nossa Senhora da Vitória led to the discovery of precious things that, for a long time, remained hidden under many layers of paints or kept to prevent the action of vandals”. ¶ But what really matters, for all of us, is that the Church of Nossa Senhora da Vitória still reigns in its square, although this, poor thing, is practically asphyxiated by the buildings built there. A simple square, a scabby spike. But the Virgin, Mother Mary, the Senhora da Vitória is there, for our devotion.*



▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 194



▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 195



▶ CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 196



**CRÉDITO  
DAS IMAGENS**

*IMAGE CREDIT*



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM 197



**Capa:**

Fachada da Igreja Nossa Senhora da Vitória. Foto de Tarcísio Albuquerque

**Páginas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13 e 16:**

Detalhes do interior e de obras sacras da Igreja Nossa Senhora da Vitória. Fotos de Alberto Lyra

**Página 18:**

Padre Luis Moreira Simões de Oliveira. Foto de Tarcísio Albuquerque

**Página 21:**

Detalhe do interior da Igreja Nossa Senhora da Vitória. Foto de Alberto Lyra

**Página 23:**

Padre Luis Moreira Simões de Oliveira. Foto de Tarcísio Albuquerque

**Página 26:**

Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro em 1500, pintura de Oscar Pereira da Silva (1865–1939). Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a6/Desembarque\_de\_Pedro\_%C3%81lva-res\_Cabral\_em\_Porto\_Seguro\_em\_1500\_by\_Oscar\_Pe-reira\_da\_Silva\_%281865%E2%80%931939%29.jpg

**Página 28:**

O planisfério de Cantino (1502). Disponível em: https://i1.wp.com/santoantonio.live/wp-content/uploads/2019/01/Cantino\_planisphere\_1502.jpg?ssl=1

**Página 28:**

Martim Afonso de Sousa (1500–1571). Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Martin\_Afonso\_de\_Sousa\_-\_Diario\_da\_navegacao\_da\_armada\_que\_foi\_a\_terra\_do\_Brasil\_em\_1530.jpg

**Página 29:**

Mapa de Waldseemüller. Disponível em: https://pt.wikipe-dia.org/wiki/Mapa\_de\_Waldseem%C3%BCller

**Página 31:**

Capitanias Hereditárias em Mapa do cartógrafo português Luís Teixeira (cerca de 1574). Disponível em: https://historiadorio-paratodos.com.br/timeline/1534-capitanias-hereditarias/

**Página 32:**

Índios Tupinambás observados por Hans Staden durante sua viagem ao Brasil (1552). Disponível em: https://commons.

wikimedia.org/wiki/File:Tupinamba\_Indians\_observed\_by\_Hans\_Staden\_during\_voyage\_to\_Brazil\_(1552).png

**Página 36:**

Xilogravura retratando Diogo Álvares Correia, o Caramuru. CARAMURU. Caramurú. [S.l.: s.n.]. 1 xilogravura, col., 9,7x7 cm em papel 15,5x8,5. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo\_digital/div\_iconografia/icon255684/icon255684.jpg. Acesso em: 24 set. 2021. Disponível em: http://objdi-gital.bn.br/acervo\_digital/div\_iconografia/icon255684/icon255684.htm. Acesso em: 24 set. 2021.

**Página 39:**

Dança religiosa e guerreira dos Tupinambás. DENIS, Fer-dinand. Danse guerrière et religieuse des Tupinambas = Kriegerisch religiöser Tanz der Tupinambas. Paris [Fran-ça]: Firmin Didot frères et Cie, 1846. 1 grav, pb, 21 x 12,8. Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo\_sophia=12052. Acesso em: 24 set. 2021.

**Página 41:**

Exploração do Pau-Brasil em período pré-colonial. Disponí-vel em: https://beduka.com/blog/exercicios/historia-exer-cicios/exercicios-sobre-colonizacao-portuguesa-no-brasil/

**Página 42:**

Terra Brasilis. Disponível em: https://www.reddit.com/r/brasil/comments/75cmwp/terra\_brasilis\_do\_atlas\_mil-ler\_um\_atlas\_portugu%C3%AAs/

**Página 44:**

Caboclo. Gravura francesa. Viagem pitoresca através do Brasil, de Jean-Baptiste Debret. MOTTE, Charles Étienne Pierre. Cabocle, (Indien Civilisé). Paris [França]: Firmin Didot Frères, 1834. 1 grav, litografia, col, 24,5 x 34,6cm em 23,1 x 33,1. Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo\_sophia=14535. Acesso em: 8 nov. 2021.

**Página 48:**

Página do livro de registro dos atos do Governo Geral, aberto em 1º de janeiro de 1549, onde se lê “Da fortaleza do Salva-dor na baya de todo los Santos nas terras do brasil”. Livro A Fortaleza do Salvador na Baía de Todos os Santos. Salvador: Ed. Secretaria da Cultura e Turismo, 2004.

**Página 50:**

Mapas elaborados por Theodoro Sampaio, publicados em seu livro História da Fundação da Cidade do Salvador (1959). Livro A Fortaleza do Salvador na Baía de Todos os Santos. Salvador: Ed. Secretaria da Cultura e Turismo, 2004.

**Página 51:**

Baía de Todos os Santos e adjacências, 1636. Desenho de autor não identificado. Original manuscrito do Algemeen Rijksarchief, Haia, extraído do livro “Imagens de vilas e ci-dades do Brasil Colonial”, de Nestor Goulart Reis. Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado 2001.

**Página 52:**

“Pranta da Cidade do Salvador”. Cópia manuscrita, incluída no códice “Livro que dá Reção”, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro. De autoria de Diogo de Campos Moreno. 1626.

**Página 53:**

Tomé de Sousa. História da Fundação da Cidade do Salvador, de Theodoro Sampaio. Salvador: Ed. ALBA. Coleção Ponte da memória. 2016.

**Página 54:**

PLAN de la ville de St. Salvador: capitale du Bresil. [17--]. 1 mapa, 19 x 30. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\_digital/div\_cartografia/cart527121/cart527121.jpg. Acesso em: 1 set. 2021. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\_digital/div\_cartografia/cart527121/cart527121.html. Acesso em: 1 set. 2021.

**Página 56:**

“Bahia de todos os Santos aufgenommen nach der Natur”. NAEHER, Julius. Bahia de todos os Santos aufgenommen nach der Natur. [18 -]. 1 mapa ms, col, 65,5 x 83,0cm. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo\_digital/div\_cartografia/cart511913/cart511913.jpg. Acesso em: 1 set. 2021. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo\_digital/div\_cartografia/cart511913/cart511913.html. Acesso em: 1 set. 2021.

**Páginas 58 e 60:**

Pintura digital de Floro Freire sobre fotografia original de Guilherme Gaensly do final do século XIX.

**Página 64:**

Colegio dos Salesianos. SILVA, Pedro Gonsalves da. Colegio dos Salesianos. Salvador, BA: [s.n.], [entre 1912 e 1919]. 1 foto, Cópia fotográfica de gelatina e prata, p&b, 16,8 x 23,2 cm em cartão suporte: 29,7 x 35,7 cm. Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo\_so-phia=56536. Acesso em: 1 set. 2021.

**Página 65:**

CLERGET, Hubert. Église de Bomfim a Bahia. Paris [França]: Lemercier, Imprimeur-Lithographe, 1861. 1 grav, litografia, pb. Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/in-dex.asp?codigo\_sophia=6819. Acesso em: 1 set. 2021.

**Página 66:**

EGLISE de la Victoria, à Bahia. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], [1836-1839]. 1 desenho, nanquim, pb, 5,3 x 11,6. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo\_digital/div\_iconografia/icon372201\_95/icon372288.jpg. Acesso em: 1 set. 2021. Dispo-nível em: http://objdigital.bn.br/acervo\_digital/div\_iconogra-fia/icon372201\_95/icon372288.htm. Acesso em: 1 set. 2021.

**Página 67:**

AUBRUN, Louis. Piédade a Bahia. Paris [França]: Lemer-cier, Imprimeur-Lithographe, 1861. 1 grav, litografia, pb. Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo\_sophia=6817. Acesso em: 1 set. 2021.

**Página 68:**

Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. istockphoto.com / Fred Pinheiro.

**Página 69:**

Igreja da Misericórdia. istockphoto.com / Brazil Photos.

**Página 70:**

Catedral Basílica do Salvador. istockphoto.com / Pocholo Calapre.

**Página 72:**

Igreja da Vitória, em 1910. Autor desconhecido. Acervo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Extraído do fascí-culo “Salvador: História Visual”. Salvador: Correio da Bahia, 2001.

**Página 72:**

Igreja Nossa Senhora da Graça. Extraído do livro “...vou pra Bahia”, de Marisa Vianna. Salvador: Bigraf, 2004.

**Página 73:**

Igreja Nossa Senhora da Conceição da Praia. “...vou pra Bahia”, de Marisa Vianna. Salvador: 2004.

**Página 73:**

Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, em 1913. Acervo do Ins-tituto Geográfico e Histórico da Bahia. Extraído do fascículo “Salvador: História Visual”. Salvador: Correio da Bahia, 2001.

**Página 74:**

Catedral Basílica do Salvador. Foto de Tarcísio Albuquerque

**Página 77:**

Jóias de crioula. Acervo da Fundação Instituto Feminino da Bahia.

**Página 78:**

Baiana com jóias, em fotografia de Rodolfo Lindemann. Extraído do livro “Bahia: velhas fotografias 1858/1900”, de Gilberto Ferrez.

**Página 80:**

Antigo Convento de Santa Teresa. Foto de Fabio Marconi.

**Página 84:**

Capitania da Bahia de Todos os Santos, doada a Francisco Pereira Coutinho, em 1534. Fonte: Mosteiro de São Bento. Extraído do livro “Uma história da Cidade da Bahia”, de Antonio Risério. Salvador, Omar G., 2000

**Página 85:**

Primitiva Cidade do Salvador – Ilustração de Paulo La-chenmayer. – Extraído da Revista Fiscal / Álbum comemora-tivo do 4º centenário.

**Página 86:**

A Cidade do Salvador [1823-1832]. Litografia de Thomas Abiel Prior, com base em desenho de Augustus Earle. Extra-ído do livro Iconografia Baiana do século XIX na Biblioteca Nacional.

**Página 87:**

Ladeira de São Bento. Ladeira de São Bento – Salvador – AHMS/ SECULT, RBC\_pasta.038 – P. 1272. Extraído do livro “A cidade da Bahia”. Salvador: P55 Edição, 2017.

**Página 90:**

SALATHÉ, Friedrich. [Bahia]. [S.l.: s.n.], [18--]. 1 grav, água-tinta aquarelada, col, 20,1 x 100,3cm; suporte: 25 x 103,3. Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo\_sophia=11098. Acesso em: 1 set. 2021.

**Página 92:**

Arredores da Bahia, 1852. Litografia. Fonte: William Gore Ouseley. Extraído do livro “Iconografia Baiana do Século XIX na Biblioteca Nacional”. Pesquisa e texto de Ana Cecília Martins, Marcela Miller e Monique Sochaczewski. Editora Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 2005.

**Página 96:**

Monumento ao Dois de Julho. Disponível em: http://www.salvador-antiga.com/campo-grande/fotografia.htm

**Página 99:**

Forte do Monte Serrat. Óleo sobre tela de Presciliano Silva, 1926. Extraído do livro “Nordeste Histórico e Monumen-tal”, de Clarival do Prado Valladares. Salvador: Odebrecht, 1990.

**Página 100:**

Planta das fortificações de Salvador, cerca de 1638. Extraído do livro “Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial”. São Paulo: Uspiana, 2001.

**Página 102:**

Gamboa, de William Gore Ouseley. Início do século XVIII. Aquarela sobre papel. Pinacoteca do Estado de São Paulo.

**Página 104:**

Antigo Campo Grande, 1870. Fotografia de Guilherme Gaensly. Extraído do livro “Bahia: velhas fotografias 1858/1900”, de Gilberto Ferrez.

**Página 105:**

Casarão do médico Antônio Pacífico Pereira, local onde se construirá o Teatro Castro Alves. Extraído do fascículo “Salvador: História Visual”. Salvador: Correio da Bahia, 2001.

**Página 105:**

Inauguração do Monumento ao 2 de julho, em 1895. Fotó-grafo anônimo. Acervo Ewald Hackler. Extraído do livro “...vou pra Bahia”, de Marisa Vianna. Salvador: Bigraf, 2004.

**Página 107:**

Vista da rua e casarios do Campo Grande. Campo Grande – Salvador AHMS/ SECULT, RBC\_pasta.029 – P. 3616. Ex-traído do livro “A cidade da Bahia”. Salvador: P55 Edição, 2017.

**Página 107:**

Igreja dos Ingleses, no Campo Grande. Fotografia de Gui-lherme Gaensly e Rodolfo Lindemann. Extraído do livro “Bahia: velhas fotografias 1858/1900”, de Gilberto Ferrez.

**Página 108:**

Monumento ao 2 de Julho, inaugurado em 1895. Acervo Ewald Hackler. Extraído do livro “...vou pra Bahia”, de Mari-sa Vianna. Salvador: Bigraf, 2004.

**Página 112:**

Panorama da Cidade Baixa vista da Praça Municipal. Acervo Ewald Hackler. Extraído do livro “...vou pra Bahia”, de Mari-sa Vianna. Salvador: Bigraf, 2004.

**Página 114:**

Negros no Fundo do Porão, obra do pintor alemão Johann Moritz Rugendas, 1835. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Navio\_negreiro\_-\_Rugendas\_1830.jpg

**Página 117:**

Castigos em escravos. Desenho a bico de pena de autoria do artista Seth, aproximadamente em 1940. SETH. [Castigos em escravos]. [S.l.: s.n.], [1940?]. 1 reprod. fotom., p&b, 14,6 x 20,2 cm. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\_digital/div\_iconografia/icon1548012/icon1548012.jpg. Acesso em: 9 out. 2021. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\_digital/div\_iconografia/icon1548012/icon1548012.html. Acesso em: 9 out. 2021.

**Página 118:**

Escravos operando uma pequena moenda, obra de Jean-Baptiste Debret. Arquivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Extraído do livro “Uma história da Cidade da Bahia”, de Antonio Risério. Salvador, Omar G., 2000.

**Página 120:**

A Praça Marechal Deodoro após sua primeira grande urbanização, cerca de 1912. Extraído do livro “...vou pra Bahia”, de Marisa Vianna. Salvador: Bigraf, 2004.

**Página 122:**

Água de Meninos e Avenida Jequitaia, na década de 1930. Av. Jequitaia – Salvador – AHMS/ SECULT, RBC\_pasta.025 – P.0589. Extraído do livro “A cidade da Bahia”. Salvador: P55 Edição, 2017.

**Página 123:**

A Casa da Alfândega recém construída, em 1860, e inaugurada no ano seguinte. Fotografia de Camillo Vedani. Salvador – AHMS/ SECULT, RBC\_pasta.A05 – P. 2867.

**Página 126:**

Chegada da família real à Bahia em 1808. Óleo sobre tela de Cândido Portinari, 1952. Pertencente ao acervo artístico do Banco BBM S.A., depositado na Pinacoteca da Associação Comercial da Bahia, desde março de 1978. Foto Mateus Pereira, 2007. Extraído do livro “Abertura dos Portos – 200 anos” de Jorge Couto, Francisco Viana, Luiz Walter Coelho Filho. Salvador, Bahia. Usuport, 2008.

**Página 128:**

Antigo Cais Dourado. Praça Marechal Deodoro. Acervo Ewald Hackler. Extraído do livro “...vou pra Bahia”, de Marisa Viana. Salvador: Bigraf, 2004.

**Página 128:**

Banco dos Ingleses. Acervo Ewald Hackler. Extraído do livro “...vou pra Bahia”, de Marisa Vianna. Salvador: Bigraf, 2004.

**Página 130:**

Panorama de Salvador, tirado em 1873, pela expedição do HMS Challenger. Extraído do site http://www.cidade-salvador.com/seculo19/hms-chalenger/carmo.htm

**Página 132:**

O Porto de Salvador em 1873. Fotografia registrada pela expedição britânica do HMS Challenger. Extraído do site http://www.cidade-salvador.com/seculo19/hms-chalenger/cais.htm

**Página 136:**

Corredor da Vitória por volta do final do século XIX. Acervo Ewald Hackler. Extraído do livro “...vou pra Bahia”, de Marisa Vianna. Salvador: Bigraf, 2004.

**Página 139:**

Cemitério Inglês, por Benjamin Mulock, em 1860. Disponível em: http://www.salvador-antiga.com/barra/antigas-ladeira.htm

**Página 140:**

O Corredor da Vitória, por volta de 1925. Disponível em: http://www.salvador-antiga.com/vitoria/antigas.htm

**Página 141:**

Corredor da Vitória na década de 1920. Disponível em: http://www.salvador-antiga.com/vitoria/bonde-vitoria.htm

**Página 143:**

O Corredor da Vitória, por volta de 1920. Disponível em: http://www.salvador-antiga.com/vitoria/salvador-antiga.htm

**Página 148:**

Rua Chile por volta do início do século XX. Disponível em: http://www.salvador-antiga.com/rua-chile/rua-antiga.htm

**Página 151:**

Rua Chile por volta dos anos 1930. Rua Chile – AHMS/ SECULT, RBC\_pasta.045 – P.0561. Extraído do livro “A cidade da Bahia”. Salvador: P55 Edição, 2017.

**Página 152:**

Imagens da fachada e acervo do Instituto Feminino da Bahia. Fotos de André Portugal.

**Página 154:**

Monumento a Cristo – Av. Oceânica – Salvador – AHMS/ SECULT, RBC\_pasta.A06 – P. 2807. Extraído do livro “A cidade da Bahia”. Salvador: P55 Edição, 2017.

**Página 154:**

Monumento ao 2 de Julho. Fotografia de Rodolfo Lindemann. Extraído do livro “Bahia: velhas fotografias 1858/1900”, de Gilberto Ferrez.

**Página 155:**

Avenida Oceânica. Coleção Toscano de Britto. Extraído do livro “Uma história da Cidade da Bahia”, de Antonio Risério. Salvador, Omar G., 2000.

**Página 158:**

Praia do Farol. Praia do Farol, início do século XX. Coleção Ewald Hackler. Bahia, 1911. Extraído do livro “...vou pra Bahia” de Marisa Vianna. Salvador: Bigraf, 2004.

**Página 161:**

Praia da Barra, em litografia de Hubert Clerget publicada em Paris, em 1861. Disponível em: http://www.salvador-antiga.com/barra/barra-frond.htm

**Página 162:**

Praia da Vitória, Baía de Todos-os-Santos. Foto de Tarcísio Albuquerque.

**Página 165:**

Praia da Vitória. Década de 1930. Disponível em: http://www.salvador-antiga.com/barra/barra-av-oceanica.htm

**Página 167:**

Enseada da Mariquita, Rio Vermelho, em 1908. Acervo Ewald Hackler. Extraído do livro “...vou pra Bahia”, de Marisa Viana. Salvador: Bigraf, 2004.

**Página 170:**

Palhoças de pescadores no Morro Ipiranga. Fotografia de Guilherme Gaensly e Rodolfo Lindemann. Extraído do livro “Bahia: velhas fotografias 1858/1900”, de Gilberto Ferrez.

**Página 173:**

Campo Grande, 1890. Fotografia de Rodolfo Lindemann. Extraído do livro “Bahia: velhas fotografias 1858/1900”, de Gilberto Ferrez.

**Página 176:**

Casa de fazenda do Recôncavo baiano. Fotografia de Camillo Vedani. Extraído do livro “Bahia: velhas fotografias 1858/1900”, de Gilberto Ferrez.

**Página 178:**

Solar Amado Bahia, no Porto dos Tainheiros. Acervo Ewald Hackler. Extraído do livro “...vou pra Bahia”, de Marisa Vianna. Salvador: Bigraf, 2004.

**Página 182:**

Gamboa. Fotografia de Guilherme Gaensly. Extraído do livro “Bahia: velhas fotografias 1858/1900”, de Gilberto Ferrez.

**Página 182:**

Casario do Rio Vermelho, em 1885. Fotografia de Rodolfo Lindemann. Extraído do livro “Bahia: velhas fotografias 1858/1900”, de Gilberto Ferrez.

**Página 183:**

Casa de Thomaz Geremoabo. Acervo Ewald Hackler. Extraído de “...vou pra Bahia”, de Marisa Vianna. Salvador: Bigraf, 2004.

**Página 183:**

Sede do Clube Euterpe. Década de 1920. Disponível em: http://www.salvador-turismo.com/vitoria/cunha-guedes.htm

**Página 184:**

Aguadeiro, em um chafariz público. Coleção Ewald Hackler. Disponível em http://www.cidade-salvador.com/patrimonios/fontes/fonte-bonfim.htm

**Página 184:**

Aguadeiros no chafariz do Largo 2 de Julho. Final do século XIX. Acervo Fundação Gregório de Matos/Fundo Berbert de Castro. Extraído do livro “50 anos de urbanização”, de Consuelo Novais Sampaio. Rio de Janeiro: Versal, 2005.

**Página 188:**

Corredor da Vitória. Foto de Rodolfo Lindemann. Extraído do livro “Bahia: velhas fotografias 1858/1900”, de Gilberto Ferrez.

**Página 191:**

Palácio da Associação Comercial da Bahia, em 1860. Foto de Benjamin R. Mulock. Extraído do livro “Bahia: velhas fotografias 1858/1900”, de Gilberto Ferrez.

**Página 192:**

Casa no Campo Grande, em 1890. Foto de Guilherme Gaensly e Rodolfo Lindemann. Extraído do livro “Bahia: velhas fotografias 1858/1900”, de Gilberto Ferrez.

**Página 193:**

Palacete Comendador Bernardo Martins Catharino. Acervo pessoal da família Catharino. Extraído do livro “De Villa Catharino a Museu Rodin Bahia”. Salvador: Solisluna Design e Editora, 2006.

**Página 196:**

Corredor da Vitória. Acervo Ewald Hackler. Extraído do livro “...vou pra Bahia”, de Marisa Vianna. Salvador: Bigraf, 2004.

**Página 197:**

Corredor da Vitória no final do século XIX. Extraído do fascículo “Salvador: História Visual”. Salvador: Correio da Bahia, 2001.

**Página 198:**

Acervo particular de Emília Maria Salles Navarro de Britto.

**Página 200:**

Clube Fantoches da Euterpe, atualmente é o Solar Cunha Guedes. Disponível em: http://www.salvador-antiga.com/vitoria/casaroes-vitoria.htm

**Página 204:**

Antigo mercado da Praia da Preguiça. Acervo Ewald Hackler. Extraído do livro “...vou pra Bahia”, de Marisa Vianna. Salvador: Bigraf, 2004.

**Página 206:**

Tijupá, típica habitação de taipa e sapé, em 1903. Foto de Guilherme Gaensly. Extraído do livro “Bahia: velhas fotografias 1858/1900”, de Gilberto Ferrez.

**Página 208:**

Palacete do Campo Grande, em 1890. Foto de Guilherme Gaensly e Rodolfo Lindemann. Extraído do livro “Bahia: velhas fotografias 1858/1900”, de Gilberto Ferrez.

**Página 207:**

Casas na Gamboa de Baixo e ao fundo edifícios do Corredor da Vitória. istockphoto.com / NessaFlame Photos.

**Página 210:**

Negros baianos. Acervo Ewald Hackler. Extraído do livro “...vou pra Bahia”, de Marisa Vianna. Salvador: Bigraf, 2004.

**Página 211:**

Velhos africanos. Acervo Ewald Hackler. Extraído do livro “...vou pra Bahia”, de Marisa Vianna. Salvador: Bigraf, 2004.

**Páginas 216, 218, 221 e 222:**

Fotografias de Roberto Faria.

**Páginas 228, 231, 232, 236, 240 e 242:**

Fotografias de Tarcísio Albuquerque.

**Página 246:**

Igreja da Vitória. Acervo Fundação Gregório de Matos. Extraído do livro “50 anos de urbanização”, de Consuelo Novais Sampaio. Rio de Janeiro: Versal, 2005.

**Página 248:**

Igreja Largo da Vitória. Acervo Ewald Hackler. Extraído do livro “...vou pra Bahia”, de Marisa Vianna. Salvador: Bigraf, 2004.

**Página 249:**

Largo da Vitória cerca dos anos 1920. Disponível em: http://www.salvador-antiga.com/vitoria/bahia-antiga.htm

**Página 250:**

Fotografia de Tarcísio Albuquerque.

**Página 252:**

Ladeira da Barra. Aquarela de William Gore Ouseley, extraída do livro “Nordeste Histórico e Monumental”, de Clarival do Prado Valladares. Salvador: Odebrecht, 1990.

**Página 253:**

Ladeira Cemitério Britânico por Guilherme Gaensly, por volta de 1870. Disponível em: http://www.salvador-antiga.com/barra/cemiterio-ingles.htm

**Páginas 255 e 256:**

Fotografia de Alberto Lyra.

**Páginas 258, 259, 260, 261 e 262:**

Fotografias de Tarcísio Albuquerque.

**Página 264:**

Fotografia de Alberto Lyra.

**Páginas 266:**

Fotografia de Tarcísio Albuquerque.

**Páginas 268, 269, 270 e 271:**

Fotografias de Alberto Lyra.

**Página 272:**

Fotografia de Tarcísio Albuquerque.

**Páginas 274 e 275:**

Fotografias de Alberto Lyra.

**Páginas 276:**

Série - Cartas Régias. Maço nº 104. Arquivo Público do Estado da Bahia / Fundação Pedro Calmon / Secult - Bahia.

**Páginas 277, 278, 279 e 280:**

Fotografias de Tarcísio Albuquerque.

**Páginas 282 e 283:**

Fotografias de Alberto Lyra.

## ANTONIO RISÉRIO

Nasceu na Cidade do Salvador da Bahia de todos-os-Santos no mês de novembro do ano da graça de 1953. Poeta, tradutor, antropólogo e romancista, com uma atividade cultural múltipla e diversa, tem uma série de livros publicados, viajando por mares variados, da história à arquitetura, da política à sociologia, da estética à semiótica, do urbanismo à música. No campo poético-literário, trouxe à luz dois romances: o infanto-juvenil *A Banda do Companheiro Mágico* (São Paulo, 2007) e *Que você é esse?* (Rio de Janeiro, 2016). E dois livros de poemas: *Fetichê* (Bahia, 1996) e, juntamente com o poeta Frederico Barbosa, *brasibraseiro* (São Paulo, 2004). Tem poemas em antologias editadas no Brasil e no exterior, da *Antologia Comentada da Poesia Brasileira do Século 21* (São Paulo, 2006) à *Noirte y Sur de la Poesía Iberoamericana* (Madri, 1997). Composições suas, em muitas parcerias, foram gravadas em disco por diversas estrelas da música brasileira. No rastro da antigos índios tupinambás e missionários jesuítas, assim como de alguns romancistas modernos, vive na Ilha de Itaparica, na beira da praia, com a mulher Sara Victoria (designer e artista plástica, autora do livro de contos *Caralho A4*), em companhia de cinco cães e quatro gatos.

*He was born in the City of Salvador da Bahia de todos-os-Santos in November of the year of grace 1953. Poet, translator, anthropologist and novelist, with a multiple and diverse cultural activity, he has published a series of books, traveling through different seas, from history to architecture, from politics to sociology, from aesthetics to semiotics, from urbanism to music. In the poetic-literary field, he brought to light two novels: the juvenile A Banda do Companheiro Mágico (São Paulo, 2007) and Que você é esse? (Rio de Janeiro, 2016). And two books of poems: Fetichê (Bahia, 1996) and, together with the poet Frederico Barbosa, brasibraseiro (São Paulo, 2004). He has published emantology poems in Brazil and abroad, from the Commented Anthology of Brazilian Poetry of the 21st Century (São Paulo, 2006) to Noirte y Sur de la Poesía Iberoamericana (Madrid, 1997). His compositions, in many partnerships, were recorded on disk by several stars of Brazilian music. In the wake of ancient Tupinambá Indians and Jesuit missionaries, as well as some modern novelists, he lives on the island of Itaparica, on the beachfront, with his wife Sara Victoria (designer and plastic artist, author of the short story book Caralho A4), in company of five dogs and four cats.*

## P55 EDIÇÃO

Possui um conceito editorial diversificado com publicações nos segmentos de artes plásticas, cultura brasileira, literatura, antropologia e fotografia e um interesse especial em livros de autores inéditos e a disseminação e memória da cultura brasileira e democratização de acesso às publicações. A P55 Edição se destaca pela qualidade e design de suas publicações e pelo profissionalismo na execução de projetos próprios e/ou sob encomenda. Sob a coordenação de André Portugal e Marcelo Portugal, teve início em 2002, em Salvador, Bahia. Visite o site [www.p55.com.br](http://www.p55.com.br) e conheça mais sobre esta trajetória.

*It has a diversified editorial concept with publications in the fields of fine arts, Brazilian culture, prose, poetry, anthropology and photography. With a special interest in books by unpublished authors, dissemination and memory of Brazilian culture and democratization of access to publications, the P55 Edition stands out for the quality and design of its publications and for the professionalism in carrying out its own projects and/or on demand. Under the coordination of André Portugal and Marcelo Portugal, it began in 2002 in Salvador, Bahia. Visit the website [www.p55.com.br](http://www.p55.com.br) and learn more about this trajectory.*



CLIQUE PARA OUVIR A AUDIODESCRIÇÃO DA FICHA TÉCNICA

© Copyright P55 Edição, 2021 Direitos desta edição reservados  
Nenhuma parte pode ser duplicada ou reproduzida sem a expressa autorização.  
Rights of this edition reserved. No part may be duplicated or reproduced without express permission

COORDENAÇÃO GERAL / GENERAL COORDINATION  
P55 Edição / André Portugal e Marcelo Portugal

TEXTO E PESQUISA / TEXT AND RESEARCH  
Antonio Risério

PESQUISA / RESEARCH  
Cíntia Santiago

CONSULTORIA EDITORIAL / EDITORIAL CONSULTANCY  
Claudius Portugal

TEXTOS DE APRESENTAÇÃO / PRESENTATION TEXTS  
Jones Aranha de Sá  
Pe. Luís Moreira Simões de Oliveira

REVISÃO DE TEXTOS / PROOFREADING  
Renata Siqueira

TRADUÇÃO / TRANSLATION  
Opportunity Translations

FOTOGRAFIA / PHOTOGRAPHS  
Tarcísio Albuquerque  
Alberto Lyra

DIREÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO / ART DIRECTION AND PUBLISHING  
André Portugal

DESIGNERS ASSISTENTES / ASSISTANT DESIGNERS  
Howfenns Cavalcante  
Paulo Marcio Mettig

PRODUÇÃO E COORDENAÇÃO GRÁFICA / PRODUCTION AND GRAPHIC COORDINATION  
P55 Edição / André Portugal e Marcelo Portugal

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO / PRODUCTION ASSISTANT  
Laís Rocha

ÁUDIO DESCRIÇÃO / TRANSLATION  
Ednilson Sacramento  
Marília Adamy

ESCANEAMENTO / SCANS  
Objetiva Foto Filme

IMPRESSÃO E ACABAMENTO / PRINTING AND FINISHING  
Gráfica Coan

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C568 Uma cidade, uma rua, uma igreja : a paróquia da Vitória na cidade do Salvador / texto de Antonio Risério. – Salvador : P55 Edição, 2021. 292 p. : il. color.

Texto em português com tradução paralela em inglês.

ISBN: 978-65-88597-23-1

1. Paróquia Nossa Senhora da Vitória (Salvador, BA) – História.  
2. Bairro da Vitória (Salvador, BA). 3. Igreja Católica. I. Título.  
II. Risério, Antonio.

CDD 282

Ficha catalográfica – Karina Ribeiro Barbosa CRB-5/1783

Visite o site [www.livroparoadavitoria.com.br](http://www.livroparoadavitoria.com.br)  
e faça download de forma gratuita da versão digital  
do livro com recursos de audiodescrição



[www.p55.com.br](http://www.p55.com.br)

@p55edicao



Patrocínio:



Realização:

SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO

